

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

MÁRCIA KELMA DE ALENCAR ABREU

**A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS E O MOVIMENTO DA
IDENTIDADE PESSOAL: A LEITURA DO MUNDO E A
LEITURA DE SI NA TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE**

FORTALEZA

2006

MÁRCIA KELMA DE ALENCAR ABREU

A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS E O MOVIMENTO DA IDENTIDADE
PESSOAL: A LEITURA DO MUNDO E A LEITURA DE SI NA TRANSFORMAÇÃO
DA IDENTIDADE

Dissertação submetida à avaliação da Coordenação do Curso de Pós-Graduação - Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará e aprovada em 29 de Junho de 2006 como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Cezar Wagner De Lima Góis

FORTALEZA

2006

MÁRCIA KELMA DE ALENCAR ABREU

A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS E O MOVIMENTO DA IDENTIDADE
PESSOAL: A LEITURA DO MUNDO E A LEITURA DE SI NA TRANSFORMAÇÃO
DA IDENTIDADE

Dissertação submetida à avaliação da Coordenação
do Curso de Pós-Graduação - Mestrado em Psicologia
da Universidade Federal do Ceará e aprovada em 29 de
Junho de 2006 como requisito para a obtenção do grau
de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 29 / 06 / 2006

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cezar Wagner de Lima Góis (Orientador)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof^a Dr^a Verônica Moraes Ximenes
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof^a Dr^a Luciana Lobo Miranda
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof^a Dr^a Ana Ignês Belém Lima Nunes
Universidade Estadual do Ceará - UECE

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais – José Anselmo, meu pai, pelo exemplo de dignidade e honestidade, pelo dom da vida, pela admiração e amor que me fortalece e Maria de Lourdes, minha mãe, pelo carinho, cuidado, proteção e, principalmente, pela imensa fortaleza que transmite sua força de vida. A vocês agradeço por todas as possibilidades de construção que conquistei e que conquistarei.

Ao meu amado companheiro, Edgar, pelo intenso amor que se traduz em vida e crescimento, pela confiança e estímulo vitais neste processo. Pela compreensão e por sempre me fazer sentir maior do que eu sou ou poderei ser.

Ao meu filhinho Vinícius, pela alegria de cada momento, pela força, garra e coragem que trouxe com sua presença em minha vida e pela evolução singular do meu ser, só possível pela maternidade e pelo imenso amor que lhe dedico. Agradeço ainda por dividir seus momentos de vida mais preciosos com os meus momentos de estudo.

Às minhas tias: Eliane, pelo constante apoio, pelo exemplo de ser humano, Franci, pela acolhida e colaboração e Graça, pela amizade e altruísmo.

Aos professores e colegas de turma do Mestrado em Psicologia – UFC, pelo apoio, carinho e respeito à colega mestranda-gestante.

Ao meu orientador Cezar Wagner pelo compromisso, dedicação, paciência, amizade, carinho e, principalmente, pela confiança e por acreditar na minha capacidade constante de aprimoramento e superação.

À Nara Diogo, minha irmãzinha, pela lealdade de sua eterna amizade e pela constante disponibilidade de apoio, compreensão e diálogo que nortearam esta conquista desde a seleção do curso à defesa.

Aos meus compadres Marilane, comadre, prima e amiga por ter sempre com quem poder contar, pelo respeito e confiança e Zé Neto, pela carinhosa colaboração.

Às pessoas que colaboraram carinhosamente com os cuidados do meu filho, quando precisei dividi-lo com os estudos – Margarete Nascimento, Graça. Especialmente à minha comadre Socorro Maciel pela sua capacidade sobre-humana de doação e Geisa Lima, pela ajuda, amizade e presença.

Às amigas de mestrado – Aline Ribeiro, Adna Rabelo, Fátima Bertini, Carla Patrícia pela doce presença e carinho.

Aos meus colegas de graduação e do NUCOM – Núcleo de Psicologia Comunitária, cujas trajetórias foram a minha entrelaçadas, construindo a psicóloga que sou – Eugênia Bridget, Rozane Alencar, Luciana Nepomuceno, Rafaella Clancy, Fábio Porto, Alessandra Dias, Germana Kelly, Luiza Amélia, Roberto Dávila, Alexandre Quintela, Adriana Estácio.

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com dois alunos do EJA – Educação de Jovens e Adultos, que foram alfabetizados na vida adulta. O objetivo consistiu em desvelar o movimento da Identidade Pessoal durante este processo, compreendendo o trânsito de papéis e personagens e a história de vida, relacionado-a às possibilidades e impossibilidades de ser alfabetizando e dar continuidade aos estudos nesta fase da vida. O referencial adotado para a compreensão das relações entre alfabetização e desenvolvimento cognitivo foi o da Pedagogia da Libertação de Paulo Freire, da Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferrero e da Teoria Histórico Cultural da Mente de Vygotsky (1996; 2001) e Luria (1990). A Identidade Pessoal é compreendida como noção de si e metamorfose em Ciampa (1998) e como sentimento de si e presença em Góis (2003). A fim de apreender o movimento da Identidade Pessoal foi realizada uma pesquisa qualitativa, combinando a metodologia da história de vida e análise do discurso com a entrevista orientada. Discutiu-se que o analfabetismo é reflexo de várias mazelas sociais, expressas na história de vida dos participantes e que a mesma sociedade que o gera, produz a discriminação e exclusão dele decorrentes, expressos nos sentimentos de vergonha e na construção interiorizada de uma imagem negativa do ser analfabeto. Foram analisados os diversos papéis e personagens produzidos na vida dos participantes, relacionando-os aos caminhos e descaminhos que levaram ao analfabetismo e às tentativas bem sucedida ou fracassada de superação desta condição. Os aspectos de transformação positiva da Identidade Pessoal a partir do processo de alfabetização e suas conquistas foram também identificados e comentados. Concluiu-se que a Identidade Pessoal de nossos participantes foi significativamente metamorfoseada durante o processo de alfabetização, de modo diferenciado e singular para cada um deles, frente aos sucessos e fracassos de suas trajetórias.

Palavras-chave: Identidade Pessoal; Alfabetização de Adultos; Valor Pessoal; Poder Pessoal; Consciência.

RESUMÉN

Palabras-clave: Identidad Personal; Alfabetización de Adultos; Valor Personal; Poder Personal; Consciencia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. OBJETIVOS.....	25
2.1. Objetivo Geral.....	25
2.2. Objetivos específicos.....	25
3. ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS, LINGUAGEM E COGNIÇÃO.....	27
3.1. Alfabetização de Adultos e a Construção da Escrita em Vygotsky e Luria.....	27
3.2. A contribuição de Emília Ferrero (1990) para a Alfabetização de Adultos.....	35
3.3. Paulo Freire e a Alfabetização de adultos	39
3.3.1. Consciência em Paulo Freire.....	41
4. IDENTIDADE PESSOAL.....	44
4.1. Identidade como metamorfose e noção de si mesmo.....	47
4.2. Identidade como presença e sentimento de si.....	50
5. METODOLOGIA.....	53
5.1. Contexto e população.....	55
5.2. Participantes da Investigação.....	57
5.3. Instrumentos	58
5.4. Procedimento.....	61
6. O ANALFABETO QUE SE TRANSFORMOU EM CIDADÃO.....	63
7. POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES DE SER ALFABETIZANDA.....	80
8. DISCUTINDO O MOVIMENTO DA IDENTIDADE DO SER ALFABETIZANDO	95
8.1. Identidade Pessoal: o desvelar das histórias de vida dos adultos analfabetos refletindo os dilemas da sociedade.....	95
8.2. Vivendo como analfabeto: um “papel vergonhoso” para um adulto.....	103
8.3. Papéis e Personagens na construção da Identidade de Alfabetizando.....	106
8.4. Ser alfabetizando: Identidade positivamente metamorfoseada.....	110

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
10.REFERÊNCIAS IBLIOGRÁFICAS.....	117
ANEXOS.....	122

1. INTRODUÇÃO

“ Pela estrada da vida nós seguimos
Cada qual procurando melhorar
Tudo aquilo que vemos e que ouvimos
Procuramos na mente interpretar (...) ”
(ASSARÉ, 1999)

A pesquisadora deste projeto no momento da problematização da pesquisa era professora de escola pública. Apesar das muitas dificuldades, causava-lhe emoção e encantamento encontrar alunos que há muitos anos não estudam – ou até nunca estudaram e decidem reiniciar – ou iniciar os estudos. Percebia que a identidade pessoal deles era positivamente modificada em vários aspectos e que o entusiasmo pelo conhecimento, pela descoberta, transformava muitos dos seus aspectos subjetivos.

As melhorias no acesso à escola pública proporcionaram a muitos jovens e adultos analfabetos o ingresso na educação formal e a realização do sonho de aprender a ler e escrever, bem como a ampliação da possibilidade de alfabetização de tantos brasileiros analfabetos.

O analfabetismo sempre foi usado como instrumento de controle político da população menos favorecida, pois quanto mais alienação e falta de conhecimento, mais facilmente seria realizado o domínio ideológico da classe opressora sobre a classe oprimida.

Ele é reflexo da grande dívida social para com a classe oprimida, excluída econômica e socialmente do sistema produtivo, da participação política efetiva e do exercício pleno da cidadania.

Para os analfabetos ficou a chaga do analfabetismo, a dificuldade de acesso à leitura e compreensão do mundo, cuja grande parte está implicada na escrita como sistema de representação da realidade.

A realidade do analfabetismo pela via de sua diminuição pode ser vista sob vários prismas, um deles são os dados estatísticos que revelam aspectos importantes dessa realidade em mudança. Assim explicitaremos alguns dados sobre o analfabetismo e sua redução no Brasil com o fim de contextualizar o tema que iremos propor.

Segundo dados da FIEC (Federação das Indústrias do Estado do Ceará), o índice de analfabetismo no Ceará chega a 26,54% e este índice vai para 37,49% para pessoas acima de 15 anos.

Entretanto, no Brasil, o analfabetismo caiu quase 30% entre 1993 e 2003. O declínio foi maior para as mulheres (31,7% contra 26,9% dos homens) e nas regiões Sul (34,7%), Centro-Oeste (32,1%) e Sudeste (31,3%). No Nordeste, o analfabetismo caiu 27%: no Maranhão, caiu 35% nos últimos 10 anos, e em Alagoas, apenas 10,1%.

Em nossa região, também houve queda dos índices de analfabetismo, embora este declínio tenha sido menor que nas outras.

A taxa de escolarização dos jovens de 15 a 17 anos aumentou cerca de 33% nos últimos 10 anos e atingiu, em 2003, 82,4%. Mas o maior crescimento na frequência escolar foi no grupo de 20 a 24 anos: dos 18,3%, em 1993, para 26,8%, em 2003.

Esses dados nos mostram que houve uma maior procura de adultos em voltar aos estudos devido às pressões do mercado de trabalho cada vez mais competitivo e às maiores exigências de qualificação.

Outro prisma a considerar reside no fato de que o processo de alfabetização permite uma abertura fenomenal da mente, uma vez que esta passa a trabalhar através de uma nova linguagem de códigos que a instrumentaliza ao desenvolvimento de formas cada vez mais complexas de pensamento. O acesso à leitura e escrita – um refinamento na utilização de símbolos da linguagem – pode proporcionar, portanto, um alargamento da consciência através da maior capacidade de reflexividade e criticidade. Assim, a palavra aprendida reflete-se em construção do mundo e reconstrução de si.

Considerando o avanço da escolarização em nosso país e a importância da alfabetização na importância da formação e desenvolvimento dos processos de cognição e afeto, temos como proposta avaliar a relação entre alfabetização de adultos e Identidade Pessoal, o que nos remete à busca de estudos sobre a relação entre este processo e os aspectos subjetivos relacionados à cognição.

Alguns autores estudam o tema da cognição sob o olhar da escolarização, como Durante (1998), que faz algumas reflexões sobre o desenvolvimento cognitivo na fase adulta e suas implicações para a alfabetização: para ele, Vygotsky entende o desenvolvimento

cognitivo como fruto do processo de aprendizagem do indivíduo, decorrente das interações como o meio sócio-cultural, através do processo de mediação.

Para Durante (idem), esta concepção leva a um redimensionamento da compreensão do desenvolvimento na idade adulta. Essa tem sido considerada pela Psicologia do Desenvolvimento como uma fase de estabilidade psicológica, com ausência de mudanças e um processo de decadência.

Somente no final dos anos 70, esta compreensão do processo de desenvolvimento para além da adolescência foi ampliada, passando a idade adulta e a velhice a serem consideradas como fases que comportam mudanças e processos de adaptação, negando o estigma da estabilidade. (PALÁCIOS, 1995 apud DURANTE, 1998).

Esse autor relaciona três grandes fatores ao processo de desenvolvimento: a etapa da vida em que a pessoa se encontra; as circunstâncias sociais, históricas e culturais em que ela vive e o modo como ela singulariza estas experiências.

Faz-se necessário, portanto, considerar a fase adulta como passível de mudanças que dão continuidade ao desenvolvimento psicológico, decorrente da aprendizagem mediada pela interação do indivíduo com o meio sócio-cultural, estando diretamente ligado à experiência do coletivo.

Daí resultam, segundo Durante (1998), algumas implicações:

- A interação dos adultos não alfabetizados com o conhecimento construído (saber derivado da prática cognitiva de gerações precedentes) é o ponto nevrálgico para se refletir sobre como ocorre o desenvolvimento e a aprendizagem.
- É preciso compreender que o adulto não alfabetizado já tem suas experiências de interação com o contexto social, fator determinante para o processo de aprendizagem. A escola deve considerar a experiência prévia, saber popular, senso comum ao facilitar a construção do conhecimento científico.
- As mudanças cognitivas estão mais relacionadas com as diversas contextualizações e utilizações da escrita do que com a escrita em si.
- A alfabetização escolar necessita trabalhar para além da aquisição da linguagem escrita, orientando para o modo de pensar e refletir sobre esta linguagem.

- Agem nas suas mais diversas formas de utilização. Esta mudança de concepção visa à formação de um sujeito consciente, crítico e transformador, participante “do poder da língua escrita na sociedade letrada”.

Kleiman (2001) estuda a dimensão de poder envolvida no processo de alfabetização de jovens e adultos, considerando-a um fenômeno de aculturação, onde o sujeito abandona as práticas culturais primárias de compreensão do mundo de seu grupo subalterno para adquirir a prática de letramento dos grupos dominantes. Esse processo envolve conflito e pode levar à aceitação ou ao desafio e rejeição desta nova aquisição.

Afirma também que a escola assume o papel de criar condições para transformar social e subjetivamente a identidade dos alunos através da atribuição de identidades institucionais¹. Por fim, este autor conclui com a necessidade de se construir identidades institucionais que permitam ao aluno ser bem-sucedido no processo de aculturação. Para tanto, avalia como positivas as pesquisas que descrevem os espaços microsociais como coerentes na busca de soluções locais para as campanhas e programas de alfabetização de jovens e adultos.

Kleiman (Idem) enfatiza o tema da identidade institucional nos contextos microsociais, não aprofundando a influência das relações de poder a nível pessoal no processo de alfabetização de adultos.

Macedo (2000) em seu estudo sobre alfabetização, linguagem e ideologia, descreve como condição para que haja alfabetização emancipadora o fato de os alfabetizados serem sujeitos e não simples objetos, considerando esta como um dos veículos mais importantes de possibilidade de transformação histórica pelo povo oprimido.

Para tanto, faz-se necessária a compreensão crítica não só do texto, como do contexto sócio-histórico. O ato de aprender a ler é visto como um ato criativo, implicando uma compreensão crítica da realidade. Nesse ato, o homem se reapropria de sua história, cultura e práticas lingüísticas. A alfabetização só pode ser crítica e emancipadora se usar a língua do povo para a reconstrução social e política.

¹ A legitimação do aprendiz não acontece apenas em nível macrosocial, mas também nas atividades cotidianas da escola através da interação professor-aluno, na qual se constituem identidades através da construção conjunta de significados que perpassam as relações de poder implícitas no processo de alfabetização.

Compreendo que estes autores estudaram as relações entre alfabetização e processo cognitivo, relações de poder, ideologia, conscientização, humanização, desenvolvimento das funções psicológicas superiores sem aprofundar questões referentes à Identidade Pessoal.

Porém, partindo do embasamento de que a alfabetização provoca grandes mudanças subjetivas que se dão com a aquisição de novas capacidades complexas de pensamento, conscientização e compreensão da realidade e de que estas mudanças devem ser consideradas no estudo do processo de alfabetização, pretendo investigar estes aspectos à luz da categoria Identidade Pessoal, de forma a contribuir com os estudos nesta área.

Ao nos propormos a trabalhar com alfabetização de adultos, tema da área da educação, tomamos o cuidado de aprofundar a evolução deste conceito e de suas políticas na história da educação, contextualizando-o nos vários momentos pelos quais passou a sociedade brasileira nas últimas décadas.

Esse cuidado deve-se à necessidade de melhor compreensão e familiarização a fim de não nos sentirmos estrangeiros ao navegar por este tema.

Diferentemente da alfabetização infantil, a alfabetização de adultos tem sido alvo de diferentes lutas e interesses na história da educação, promovendo um embate político e ideológico em torno da reivindicação de políticas públicas.

Ao longo das últimas décadas, a elevação das taxas de alfabetização nos grupos etários mais jovens reflete a democratização das oportunidades educacionais na infância e adolescência, democratização esta que tem sido menor no campo da educação de adultos.

Os objetivos e diretrizes de alfabetização têm variado de acordo com os diferentes interesses dos grupos implementadores das políticas públicas e os modelos sócio-econômicos a eles interligados.

Segundo Moura (1999), as fases são as seguintes:

- Do período colonial até finais dos anos 50:

No período colonial, dado o interesse de dominação dos conquistadores em difundir a cultura e religião aos nativos, a alfabetização possuía fins religiosos ligados à catequização dos povos conquistados e ao ensinamento da língua portuguesa.

No império, já aconteciam as primeiras experiências de escolas noturnas para adultos.

A partir da república até a Revolução de 30, o país anteriormente agrário passa a desencadear o seu intenso processo de industrialização, cresce a necessidade de mão-de-obra qualificada frente a estas novas exigências produtivas. Nesse período, iniciam-se campanhas de alfabetização curtas e inconstantes que apelam à sociedade civil para promover a alfabetização de adultos, revelando a falta de compromisso do poder público. A partir da Revolução de 30, com as mudanças políticas e econômicas, consolidou-se o sistema de ensino regular público. A crescente urbanização e industrialização geraram a demanda de ampliar a escolarização para adolescentes e adultos analfabetos.

A década de 40 consolidou-se como “período áureo para a educação de adultos”, surgindo inúmeras iniciativas políticas e pedagógicas: FNEP (Fundo Nacional de Ensino Primário); INEP (Instituto Nacional de Ensino Primário); ensino supletivo; lançamento da CEAA (Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos).

Porém, as práticas do ensino supletivo eram semelhantes às desenvolvidas para ensinar crianças, não sendo consideradas as peculiaridades do desenvolvimento cognitivo do adulto. As experiências desse período não provocaram uma reformulação teórico-metodológica que possibilitasse mudanças no desenvolvimento da prática pedagógica da alfabetização de adultos.

Pierrô (2001) afirma que o início dos anos 50 foi fortemente induzido pelo governo federal com suas campanhas e programas de alfabetização que geraram estímulos para os estados e a sociedade civil investirem no ensino elementar de adultos.

Até esse período, a alfabetização era compreendida pelos formuladores das políticas públicas como a aquisição do sistema de código alfabético, instrumentalizando a população com os rudimentos da leitura e da escrita.

As lições partiam de palavras-chaves selecionadas e organizadas segundo suas características fonéticas. A função dessas palavras era remeter aos padrões silábicos, estes sim o foco do estudo [...] (RIBEIRO, 1997)

- Final dos anos 50:

O II Congresso Nacional de Educação de Adultos (1958) constituiu um marco histórico para a área. Paulo Freire defendeu uma alfabetização de adultos que estimulasse a colaboração, participação, decisão e responsabilidade social e política. O ponto de partida de

sua pedagogia seria o saber construído existencialmente, o senso comum fruto das experiências vividas pelo sujeito.

Essas idéias geraram polêmicas que marcaram um “divisor de águas”: de um lado, uma educação neutra, alienante e universalizante e, de outro, uma pedagogia que partia do cotidiano político-existencial. Surgiu um novo período de contraposição às práticas tradicionais a partir destas novas idéias e indicações metodológicas.

A produção prática e intelectual de Paulo Freire é imensa e preciosa. Trataremos dos principais momentos e pontos da sua teoria, que servirá de referencial teórico para compreendermos a relação entre desenvolvimento cognitivo, consciência e alfabetização.²

- Anos 60 e 70:

Surgiu neste período o Movimento de Educação de Base, o MEB, projeto de ensino à distância lançado pela CNBB em 1961, baseado em experiências bem-sucedidas na Colômbia e em afinidade com o pensamento de Paulo Freire:

[...] o analfabetismo era visto como efeito de um cenário sócio-histórico de desigualdade de condições que condenava à nulidade e à opressão os que não se apropriaram do código escrito; portanto, o processo educativo que seja de construção da cidadania deve interferir na estrutura social que produz o analfabetismo. (GERHARDT, 2004)

Este movimento foi financiado pelo governo federal até o golpe de 64, depois do qual passou a receber recursos cada vez menores, e teve de apelar ao apoio internacional e

² Moura (1999) aponta três momentos da teoria de Paulo Freire:

O 1º momento vai desde 1940 até o golpe militar em 1964, onde foi expulso do país. Foram os 20 anos de experiência no Nordeste quando o movimento de democratização da cultura encontrou uma grande abertura institucional que permitiu o ensaio de valiosas experiências em educação popular, ainda sem base teórico-metodológica sistematizada.

Já o 2º momento consiste nos anos de exílio (1964-1979) onde houve grande produção teórica das práticas vivenciadas no Brasil e experiências com diferentes culturas.

O 3º período compreende a sua volta para o Brasil, finalizando com a sua morte em 1997. Neste último período ele dedica-se ao movimento político partidário, ao ensino superior, assessorias, consultorias e eventos. Contribuiu para a Secretaria de Educação de São Paulo e continua a sua intensa produção teórica.

procurar sobreviver diante da perseguição da ditadura, pois era considerado uma ameaça ao sistema.

Na segunda metade dos anos 60, Paulo Freire inicia a sua sistematização teórica e a coloca em prática através do Plano Nacional de Alfabetização (PNA). Em 1964, explicita a sua concepção de alfabetização e formula o seu método, tendo como ponto de partida a realidade, como caminho metodológico, o diálogo e como ponto de chegada, a conscientização e intervenção (transformação da realidade).

Este método constituiu-se como uma revolução epistemológica e um referencial teórico-epistemológico próprio para a alfabetização de adultos. É considerado “a pedra angular” nesta área.

Em janeiro de 1964, O PNA (Plano Nacional de Alfabetização) é aprovado, impulsionando a disseminação de seu método em todo o País. Este plano foi interrompido alguns meses depois pela ditadura militar.

Com a ditadura militar, há a proibição da utilização da obra de Paulo Freire e as práticas de alfabetização passam a refletir as preocupações políticas, econômicas e ideológicas do período. A alfabetização passa a ser utilizada como estratégia de alienação política, suavizadora de conflitos na sociedade e preparadora para a mão-de-obra que iria fomentar o desenvolvimento econômico.

As práticas de alfabetização passam a ser desenvolvidas de forma mecânica e simplista e os educadores carregam uma imagem “pobre” cognitiva, social, cultural e lingüisticamente do adulto analfabeto, imagem apoiada na ideologia capitalista e consumista.

O MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), implementado durante o regime militar (1971-1985), ilustra este momento. Ele era centralizado no plano político-pedagógico e territorialmente difuso.

Propunha-se a alfabetização a partir de palavras-chave, retiradas da “vida simples do povo”, mas as mensagens a elas associadas apelavam sempre ao esforço individual dos adultos analfabetos para sua integração aos benefícios de uma sociedade moderna, pintada sempre de cor-de-rosa. (RIBEIRO, 1997)

Até os anos 80, prevaleceram propostas pedagógicas das campanhas, projetos e programas que refletiam a alfabetização como prática de aquisição do código alfabético.

Paralelamente, alguns grupos dedicados à educação popular continuam a desenvolver experiências, mantendo as idéias de Paulo Freire.

- Anos 80 e 90:

É um período onde surgem interessantes e novas experiências. O poder público passa a ser pressionado pelas exigências econômicas nacionais e internacionais. No início dos anos 80, acontece a “abertura democrática”, permitindo o retorno ao Brasil de vários intelectuais, entre eles Paulo Freire, com novas formulações teóricas que proporcionaram novas experiências de caráter popular baseadas em seu método, trazendo valiosas contribuições para a alfabetização de adultos.

Em 1980, o governo federal assumiu o desenho das metodologias dos programas e os estados assumiram a implementação, em regime de co-financiamento, com os municípios e sociedade civil. O governo federal deteve a regulação e controle: MEC (Ministério da Educação e Cultura) - Referências curriculares e programas de formação de educadores - que, na prática, são compulsórias, pois condicionam transferência de recursos federais.

Os programas de alfabetização configuram ações compensatórias no combate à pobreza, refletindo a ausência de políticas públicas de ensino básico para jovens e adultos. Estes são realizados em regime de parcerias com órgãos governamentais e não-governamentais (escolas particulares, igrejas, centros de educação popular, empresas, sindicatos, federações, centrais e cooperativas de trabalhadores).

A constituição de 1988 passa a estender a obrigatoriedade do ensino para a educação de jovens e adultos.

Haddad & Pierrô (2000) realizaram estudo avaliando a última década das políticas públicas na educação de jovens e adultos. O acesso à alfabetização e ao ensino básico é um dos direitos básicos da cidadania. Estes direitos constitucionais foram legitimados e reformulados ao longo desta década:

- Art. 208 (out/88) – população jovem e adulta passa a ter direito à educação fundamental, o poder público torna-se responsável legal pela oferta universal e gratuita desta modalidade de ensino.

- Art. 50 – Disposições Constitucionais Transitórias de 1988 – prazo de 10 anos para a universalização do Ensino Fundamental e erradicação da pobreza.
- LDB (Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional/ 1998) – Art. 4 – Reiteraram os direitos constitucionais da população jovem e adulta ao Ensino Fundamental, porém a emenda 14 (quase na mesma data) alterou a redação do Art. 208 da Constituição, desobrigando jovens e adultos da frequência à escola e o poder público da oferta do Ensino Fundamental para esta faixa etária.

Essa emenda alterou também a redação do Art. 50, substituindo o compromisso decenal assumido por um mecanismo de operacionalização do regime de cooperação entre as esferas de governo - FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério). As matrículas de jovens e adultos foram excluídas dos cálculos para redistribuição de recursos vinculados entre estas esferas de governo, desestimulando-os a expandir este nível educativo.

Os autores concluem:

Embora o marco legal vigente assegure o direito universal à educação fundamental em qualquer idade, as políticas públicas em curso tendem a deslocar a escolarização de jovens e adultos para o terreno dos programas assistenciais que visam atenuar os efeitos perversos da exclusão social. Nesse deslocamento, a responsabilidade pública pela oferta da educação básica à população jovem e adulta vem sendo progressivamente transferida do aparato governamental para a sociedade civil, especialmente por meio de estratégias de convênio com as mais variadas organizações sociais. (HADDAD &PIERRÔ, 2000, p.9)

Paradoxalmente, no início dos anos 90, a influência do neoliberalismo impõe ao poder público um corte de gastos que se reflete na educação. É ressaltada a importância da educação básica para crianças e adolescentes, ao mesmo tempo em que a Educação de Jovens e Adultos é considerada cara e sem retorno para a economia a partir da compreensão de que os adultos não terão mais tempo para se qualificar para a produção, nem estrutura psicológica para se adaptar à ideologia dominante.

No entanto, os organismos internacionais passam a pressionar contra os índices de analfabetismo, incentivando a alfabetização a fim de formar mão-de-obra e consumidores para a economia globalizada.

Em vista disso, o governo federal assume a coordenação e articulação de projetos e programas de alfabetização, responsabilizando os estados e municípios pelo desenvolvimento destas ações de acordo com os seus interesses e necessidades, adequando as concepções teórico-metodológicas à sua demanda.

Pierrô (2001) analisa as tendências das políticas públicas da educação de jovens e adultos e relata que o objetivo da reforma educacional da segunda metade de 1990 foi racionalizar o gasto público, ampliando a cobertura, melhorando o fluxo escolar e aumentando os níveis de escolaridade.

Em 1990, observa-se uma nítida tendência à municipalização do atendimento escolar de jovens e adultos no Ensino Fundamental. No final de 1990, uma terça parte das matrículas de jovens e adultos era responsabilidade municipal. Em 2001, chegou a 49,6 %.

A extinção da Fundação Educar (sucessora do Mobral) representou a retirada do governo federal deste campo de educação, delegando a responsabilidade de continuidade aos parceiros locais sem prévia negociação.

Mas é preciso dizer que, bem ou mal, o MOBREAL foi o último projeto pedagógico realizado em nível federal. Os programas que lhe sucederam limitaram-se a financiar projetos alheios, geralmente de secretarias municipais de educação: foi o caso da Fundação Educar, que, lançado em 1985, logo depois do fim do MOBREAL, vigeu até 1990 [...] (GERDHAT, 1994)

Esse panorama político-econômico traz para si o conceito de alfabetização desenvolvido pela UNESCO, as concepções filosóficas idealista e empirista, as concepções psicológicas inatista e evolucionista direcionam a prática pedagógica a serem desenvolvidas através de métodos ecléticos a fim de instrumentalizar os sujeitos às novas exigências tecnológicas.

Em 1996, é criado o projeto Alfabetização Solidária, surgindo em tempos neoliberais. Algumas críticas são feitas quanto a esta iniciativa e sua vinculação com os ideais neoliberais.

[...] daí estar dissociado oficialmente do MEC, embora dele receba parte dos recursos (ainda hoje os recebe do governo Lula), que se somam aos da iniciativa

privada e também de pessoas físicas. Aliás, o Alfabetização Solidária segue à risca a cartilha neoliberal, que globaliza o trabalho e estatiza o capital, já que os elaboradores dos projetos pedagógicos – universidades, a rigor – e as prefeituras, que oferecem as salas de aula, não têm lugar no conselho que delibera sobre a gestão financeira do programa. Além disso, a campanha “Adote um analfabeto”, veiculada na TV com artistas famosos para atrair a contribuição de pessoas físicas, repisa a velha e tacanha concepção sobre o analfabeto, um ser frágil e dependente, que precisa ser adotado, como as crianças. (GERDHAT,2004)

Por outro lado, surgem movimentos que tentam incluir novos referenciais para a educação de adultos, como a teoria da Psicogênese da língua escrita de Emília Ferrero e a teoria histórico-cultural de Vygotsky.

Apesar desses novos referenciais, na década de 90 continua a inconsistência teórica e a pobreza de ações, gerando um grande paradoxo: enquanto as sociedades avançam e progridem teoricamente, há um retrocesso na educação, principalmente na alfabetização.

- **Cenário atual - Programa Brasil Alfabetizado**

O mais novo programa de alfabetização do governo federal, implantado em 2003 chama-se Brasil alfabetizado e apresenta a meta de garantir a alfabetização a todos os brasileiros acima de 15 anos que não puderam fazê-lo, diminuindo os índices de analfabetismo no país.

De acordo com o MEC (Ministério da Educação):

O Programa Brasil Alfabetizado representa um portal de entrada na cidadania, articulado diretamente com o aumento da escolarização de jovens e adultos e promovendo o acesso à educação como um direito de todos em qualquer momento da vida. [...]

Porque esse é um direito de todo cidadão. Só assim ele poderá exercer seu papel social. É uma questão de dignidade e de oportunidade. Um país alfabetizado cria mais possibilidades para o desenvolvimento. E mais que tudo isso, um país alfabetizado é um país mais justo e humano.

Este programa está sendo realizado através de parcerias com os governos estaduais e municipais, instituições de nível superior e organizações da sociedade civil que receberão recursos financeiros do MEC para viabilizar o projeto.

Uma de suas ações é oferecer cursos de capacitação para os alfabetizadores. O método de alfabetização utilizado será de acordo com a realidade local, desde que possibilite ao alfabetizando saber ler, escrever, compreender e interpretar textos, realizar operações básicas de matemática.

Para Gerdhat (2004), continuamos a observar claramente uma reprodução dos discursos dos programas anteriores que deixam de lado aspectos centrais do analfabetismo:

[...] reproduz os mesmos clichês dos programas anteriores, que enevoam conceitos como “papel social”, “direito”, “oportunidade”, “desenvolvimento”. O Governo Lula lança o Brasil Alfabetizado no seu site e na mídia, mas, além de insistir na marginalização do analfabeto, não define exatamente qual é a sociedade que idealiza, que direitos e papéis sociais terão seus cidadãos, e qual é o desenvolvimento que quer construir não apenas via projetos educacionais. Para o MOBREAL, os adultos que não sabiam ler e escrever tinham direitos: o de ficarem calados e de se contentarem em separar as sílabas das palavras dos burocratas. Também tinham papéis sociais: os subalternos. [...]

O Brasil continua carente de modelos teórico-metodológicos consistentes e de políticas governamentais comprometidas com a alfabetização de todos os cidadãos brasileiros – inclusive os adultos.

- **Educação de Jovens e Adultos (EJA)**

A investigação será realizada com alfabetizados matriculados no programa EJA. Trataremos a seguir da contextualização do surgimento desse programa e suas principais diretrizes.

O EJA nasce neste contexto: descentralização federal, inclusão de novos referenciais para a educação.

De acordo com Ribeiro (1997), este programa é baseado nos seguintes pressupostos:

- Legal: como direito dos cidadãos.
- Sócio-político: como instrumento de cidadania para a inclusão social, autonomia e participação.

A concepção de educação que o embasa é a de superação da visão deste processo como decodificação do código alfabético, onde esta passa a ser compreendida como um processo que necessita de continuidade e sedimentação, cuja ênfase é dada na construção do significado. Encontra forte embasamento nas concepções de Emília Ferrero.

O perfil dos alunos que freqüentam o EJA retrata a realidade social de nosso país, são alunos trabalhadores buscando uma melhor condição de vida através da continuidade dos estudos e do desenvolvimento de novas habilitações profissionais.

Estão inseridos em uma sociedade que exige qualificação para lidar com as novas tecnologias, bem como a participação política que necessita da aquisição da cultura letrada.

A LDB afirma que a Educação de Jovens e Adultos destina-se aos que em idade própria não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos Ensinos Fundamental e Médio.

Segundo Ribeiro (Idem), os principais objetivos do EJA são:

- Dominar instrumentos básicos da cultura letrada, que lhes permitam melhor compreender e atuar no mundo em que vivem.
- Ter acesso a outros graus ou modalidades de ensino básico e profissionalizante, assim como a outras oportunidades de desenvolvimento cultural.
- Incorporar-se ao mundo do trabalho com melhores condições de desempenho e participação na distribuição da riqueza produzida.
- Valorizar a democracia, desenvolvendo atitudes participativas, conhecer direitos e deveres da cidadania.
- Desempenhar de modo consciente e responsável seu papel no cuidado e na educação das crianças, no âmbito da família e da comunidade.
- Conhecer e valorizar a diversidade cultural brasileira, respeitar diferenças de gênero, geração, raça e credo, fomentando atitudes de não-discriminação.

- Aumentar a auto-estima, fortalecer a confiança na sua capacidade de aprendizagem, valorizar a educação como desenvolvimento pessoal e social.
- Reconhecer e valorizar os conhecimentos científicos e históricos, assim como a produção literária e artística como patrimônios culturais da humanidade.
- Exercitar sua autonomia pessoal com responsabilidade, aperfeiçoando a convivência em diferentes espaços sociais. (p. 48-49)

Um dos objetivos do EJA faz referência ao desenvolvimento pessoal, ressaltando e valorizando a importância da auto-estima. O programa, portanto, contempla em seus objetivos, questões referentes ao movimento da Identidade Pessoal, reconhecidamente fator de destaque no processo de alfabetização de adultos.

Interessou-me investigar como o “alargamento de consciência”, proporcionado pela alfabetização de jovens e adultos, reflete-se no movimento – atualizações e reatualizações - da identidade. Para tanto, pretendo entrevistar alunos de escola pública que estão em processo de alfabetização a fim de verificar como esta aquisição dos instrumentos da linguagem escrita modifica a sua forma de pensar e sentir a si mesmo e ao mundo que os rodeia, revelando novas facetas da identidade pessoal que daí derivam.

Quando os alunos adultos e jovens entram em processo de alfabetização, que mudanças acontecem em suas vidas? Que percepção acerca de si mesmo eles passam a ter? E os sentimentos que afloram? Como passam a se posicionar diante da sua vida familiar, profissional, sentimental, escolar? Como é o processo de descoberta? Como este influencia a sua trajetória, o seu projeto de vida?

Percorreremos o processo de alfabetização de adultos na ótica dos alfabetizados pesquisados a fim de compreendermos como a identidade pessoal deles se movimenta através dos papéis e personagens que vivenciam, abandonam e reassumem. Ampliaremos esta contribuição através da análise da história de vida para compreendermos como os vários aspectos da vida de cada um deles contribuem para o sucesso ou o fracasso da trajetória que eles traçam rumo à alfabetização.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral:

- Compreender a relação entre o processo de alfabetização de adultos e o movimento da identidade pessoal do alfabetizando.

O processo de alfabetização pode desenvolver várias potencialidades cognitivas que possibilitam melhor compreensão do mundo e de si mesmo, ocasionando possivelmente transformações significativas no movimento da Identidade Pessoal.

Compreendo que o processo de alfabetização facilite o movimento da Identidade Pessoal em direção ao *ser-para-si*, pois ao se apropriar da escrita como sistema de representação da realidade, o adulto analfabeto defronta-se com novas possibilidades de autodeterminação frente às determinações exteriores que passa a compreender melhor, adquirindo novas formas de representar a si mesmo e à sua realidade.

Pretende-se avaliar o reflexo da alfabetização de adultos na Identidade Pessoal através da singularidade dessas mudanças para o sujeito que é alfabetizado na vida adulta.

2.2. Específicos:

- Conhecer o processo de alfabetização de adultos na ótica de vida dos alfabetizados.

Faz-se necessário conhecer como se deu o processo de alfabetização a nível subjetivo, a fim de analisarmos em profundidade o movimento da identidade nesse processo. Para tanto, relacionaremos este processo com os vários momentos da história de vida por eles narrada a fim de facilitar a compreensão contextual dos caminhos e descaminhos que os levaram ao analfabetismo e dos significados e sentidos relacionados.

- Analisar o movimento da identidade pessoal do alfabetizando, a partir de seu processo de alfabetização.

Para que possamos analisar a Identidade dos adultos durante o processo de alfabetização, precisamos compreender como o impacto causado pelas mudanças que o sujeito alfabetizando vivencia é refletido nos papéis sociais e personagens por ele assumidos.

Relacionaremos o modo de posicionamento deles em relação ao mundo e a si mesmos às transformações ocasionadas nesse processo.

- Compreender os papéis e personagens vivenciados e abandonados pelos alfabetizados à luz da categoria Identidade Pessoal.

Partindo do princípio de que o processo de alfabetização refletirá mudanças subjetivas cruciais na Identidade dos alfabetizados, faz-se necessária a análise dos papéis e personagens decorrentes.

As transformações subjetivas durante o processo de alfabetização podem ser refletidas na Identidade Pessoal através dos papéis e personagens que possibilitam o seu movimento, perpassando as configurações e reconfigurações da identidade.

Os personagens constituem a via de acesso à análise da Identidade, compreender como eles surgem e se articulam com estas novas transformações fornece os instrumentais necessários para compreendermos esta relação.

Além de identificarmos o surgimento de novos personagens e sua relação com o processo de alfabetização, necessitamos compreender como eles são vivenciados, reconfigurados e abandonados. Só assim, conseguiremos traçar o caráter processual que se objetiva apreender: o seu movimento.

Estudar como os personagens se configuram e reconfiguram é necessário a fim de compreendermos esse movimento.

3. ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS, LINGUAGEM E COGNIÇÃO

“A instrução formal, que altera radicalmente a natureza da atividade cognitiva, facilita enormemente a transição das operações práticas para as operações teóricas. Assim que as pessoas adquirem instrução formal, fazem uso cada vez maior da categorização para exprimir idéias que refletem objetivamente a realidade.” (LURIA, 1990, p. 132-133)

A seguir será traçado o percurso seguido pelos teóricos que, ao meu ver, melhor trabalharam as questões sobre desenvolvimento cognitivo, linguagem escrita e alfabetização a partir de uma concepção de aprendizagem onde o alfabetizando é sujeito do seu processo de alfabetização. Estes teóricos foram tomados como referencial teórico por considerarem as dimensões sócio-histórico-culturais envolvidas neste processo

3.1. Alfabetização de Adultos e a Construção da Escrita em Vygotsky (1996; 2001) e Luria (1990)

Para a teoria histórico-cultural (Vygotsky, Luria, Leontiev, entre outros teóricos), o objeto de estudo da Psicologia é a consciência, a ser abordado através de pesquisas sobre os processos psicológicos superiores que se desenvolvem a partir dos naturais, processos elementares de base biológica, considerando a inserção dos sujeitos no contexto histórico e cultural em que vivem.

Para Silvestri & Blanck (1993), a consciência em Vygotsky pode ser compreendida como um reflexo ativo da realidade através da utilização de signos, mediadores de apreensão da realidade exclusivamente humanos.

O aspecto subjetivo do reflexo reside no fato de que quem reflete é o sujeito. Diferentes sujeitos refletem a realidade objetiva de diferentes formas, porém esta sempre está atrelada aos aspectos sociais, culturais, históricos e objetivos que lhe são constituintes.

A consciência possui natureza semiótica, sua realidade é a realidade dos signos, da linguagem. Só há consciência, quando há mediação semiótica. Os signos ao serem internalizados, convertem-se em instrumentos subjetivos que controlam e direcionam a própria conduta. Sua característica peculiar é sempre vincular um significado.

Góis (2005) analisa a concepção de consciência da teoria histórico-cultural da mente. Discorreremos a seguir sobre os principais aspectos por ele destacados.

Para Vygotsky, a consciência humana surge a partir da apropriação da realidade e do desenvolvimento cultural, possuindo bases histórico-culturais, desenvolvendo-se a partir da aprendizagem. A consciência é constituída basicamente pelos símbolos mediadores da linguagem e é a última das funções psicológicas superiores a se manifestar. A análise da consciência pode ser feita através dos sentidos.

Os sentidos constituem a consciência pessoal, são individuais, subjetivos, psicológicos. Refletem a apreensão dos significados pelos sujeitos, possibilitando o seu posicionamento quanto ao mundo externo e quanto a si mesmo. Possuem base afetiva e cognitiva que regulam as atitudes e idéias quanto à realidade externa e interna.

Os sentidos possuem dois aspectos diferenciados, porém inter-relacionados: o contextual, composto pelos sentidos compartilhados em uma situação comunicativa e o subjetivo, particular de cada indivíduo, originam-se a partir de suas experiências pessoais e inclui as dimensões afetivas. (SILVESTRI & BLANCK, 1993).

Já os significados, dizem respeito à consciência social, sendo construções coletivas a partir do sistema de relações objetivas. Eles possuem características mais estáveis e específicas. “O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala.” (VYGOTSKY, 2001, p.181)

Para compreendermos a importância do processo de alfabetização no desenvolvimento cognitivo é importante considerarmos alguns aspectos: como se dá o desenvolvimento, o papel dos instrumentos psicológicos, especificamente a linguagem escrita, e a importância da aquisição da linguagem escrita para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores em adultos analfabetos.

Vygotsky (2001) compreende o desenvolvimento em dois níveis: o nível de desenvolvimento real que consiste no amadurecimento de funções psicológicas que o sujeito

atinge após as etapas evolutivas, consistindo no que ele é capaz de realizar sozinho a partir do que já foi alcançado e o nível de desenvolvimento potencial que consiste no que o sujeito é capaz de realizar com a ajuda de um mediador.

O bom aprendizado seria o que consegue criar a Zona de Desenvolvimento Proximal³, na qual as situações de aprendizagem levam ao desenvolvimento de funções que ainda não foram atingidas.

Um bom processo de ensino considera o desenvolvimento real dos adultos (suas vivências, os instrumentos psicológicos já utilizados) ao facilitar o desenvolvimento potencial (níveis mais complexos de pensamento – abstrações e generalizações). Desenvolvimento este que resulta dos múltiplos e ativos confrontos com o mundo exterior e longa evolução cultural historicamente construída. A escola pode desempenhar um papel fundamental na transformação das funções naturais em culturais, consolidando o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

A boa aprendizagem, portanto, antecipa o desenvolvimento e atua na Zona de Desenvolvimento Proximal. Isso se dá através da mediação dos signos, entre eles a linguagem escrita.

As funções psicológicas superiores são produções humanas através dos símbolos que construímos e pelos quais somos construídos nas relações sociais. Ao longo do desenvolvimento, acontecem mudanças de relações entre as funções psicológicas superiores. Essas transformações se dão através de saltos qualitativos a partir da utilização de instrumentos psicológicos que facilitam o domínio dos próprios processos cognitivos.

As raízes do desenvolvimento na criança são: a fala humana e o uso dos instrumentos psicológicos, dispositivos sociais que, ao serem internalizados, modificam a evolução e a estrutura das funções psicológicas superiores, desenvolvendo novas funções, tornando uma série de processos naturais desnecessários e modificando e reconstruindo as propriedades dos processos psíquicos. Transformam o processo de desenvolvimento cultural.

Para Vygotsky (1996), a utilização do signo é análoga à utilização do instrumento quanto à sua função mediadora do comportamento humano. A diferença consiste em que o signo o orienta internamente, enquanto o instrumento orienta-o externamente. A combinação

³ A Zona de Desenvolvimento Proximal é o conceito utilizado pelo autor para explicar a distância entre o desenvolvimento real (o que se pode aprender sozinho, de acordo com a maturação) e o desenvolvimento potencial (o que se pode aprender com a ajuda de mediadores).

entre as funções de ambos leva ao surgimento das funções psicológicas superiores. Ele nos esclarece sobre a função planejadora da fala que, ao ser desenvolvida, muda radicalmente o campo psicológico do humano, diferenciando-o dos outros animais: “[...] a internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da Psicologia humana [...]” (Idem, p.76).

Para Vygotsky na compreensão de Gonçalves (2001), a subjetividade é construída através das mediações sociais, em que o plano intersubjetivo é convertido em um plano intrasubjetivo ao longo do processo de desenvolvimento. Entre essas mediações, é a função mediadora da linguagem que melhor representa a síntese entre objetividade e subjetividade:

[...] signo é, ao mesmo tempo, produto social que designa a realidade objetiva; construção subjetiva compartilhada por diferentes indivíduos através da atribuição de significados; e construção subjetiva individual, que se dá através do processo de apropriação do significado social e da atribuição de sentidos pessoais. (GONÇALVES, 2001, p.50).

A diferença entre a escrita e a fala é apontada pela completude e capacidade elaborativa da escrita, que ativa o desenvolvimento dos processos intelectuais de forma nova e complexa, sendo motivada pela abstração e intelectualização e exigindo um trabalho consciente de compreensão da estrutura sonora, reprodução em símbolos alfabéticos que necessitam ser estudados e rememorados.

A escrita é considerada como um sistema de representação do pensamento, linguagem verbal. Ocupa um lugar central na comunicação e nas funções mnemônicas, cuja apropriação requer funções comportamentais complexas, diferentemente da aprendizagem mecânica e externa. E cuja internalização implica generalização, abstração, aprendizagem e formação de conceitos científicos.

A linguagem escrita exerce um papel de consolidação do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois funciona como mediadora de todas estas funções e suas inter-relações.

Proporciona, portanto, o aperfeiçoamento da linguagem falada, a melhora dos processos comunicativos e a ampliação da concepção de mundo através do desenvolvimento de uma série de comportamentos conscientes.

Luria (1990) desenvolveu pesquisa sobre o desenvolvimento dos processos cognitivos, partindo da idéia de que estes são construídos a partir das condições sócio-históricas. O objetivo fundamental de sua pesquisa, realizada em vilarejos da Rússia durante a revolução soviética, quando foram implementadas novas técnicas de produção, trabalho coletivo e educação formal, consistiu em demonstrar que importantes alterações psicológicas ocorreram na consciência humana durante esse momento revolucionário.

Os grupos comparados em sua pesquisa eram de analfabetos e de pessoas que já haviam recebido algum tipo de educação formal ou instrução para o trabalho coletivo, portanto, podemos concluir que, embora o objetivo geral da pesquisa fosse verificar o impacto da revolução social e cultural, que resultou em mudanças radicais nas atividades básicas, entre elas, a aquisição da leitura, conclusões sobre a influência da alfabetização também podem ser tiradas, já que este marco revolucionário causou também impactos sobre a alfabetização dos povos do vilarejo e que a aquisição da linguagem escrita é para esses teóricos um instrumento que notadamente provoca mudanças inter-relacionais nas funções psicológicas superiores.

Para ele, um dos fatores desencadeantes destas alterações consistia no acesso à educação formal que permitiria o desenvolvimento de funções psicológicas mais complexas.

Todas estas transformações produzem mudanças na estrutura básica dos processos cognitivos, uma expansão enorme da experiência e a construção de um mundo muito maior no qual os seres humanos possam viver. Além da esfera da experiência pessoal, vemos aparecer a esfera abstrata da experiência humana em geral, tal como se encontra estabelecida na linguagem e nas operações do pensamento discursivo. O pensamento humano começa a apoiar-se no raciocínio lógico amplo; a esfera da imaginação criadora toma forma, o que por sua vez expande enormemente o mundo subjetivo do homem. (LURIA, 1990, p. 217)

Constatou-se que essas mudanças possibilitaram o desenvolvimento de operações teóricas do pensamento formal, discursivo e lógico, divorciados da experiência imediata, onde o pensamento opera de modo gráfico e funcional, baseado sempre em parâmetros concretos. A atividade cognitiva humana torna-se uma parte do sistema mais amplo da experiência humana em geral tal como foi estabelecido no processo histórico da sociedade, codificado na linguagem. (Idem, p. 216)

A pesquisa de Luria propõe-se a analisar também “[...] os processos de ampliação dos limites da consciência e da criação de códigos como resultantes da vida humana em sociedade.” (Ibidem, p. 25)

O autor ao analisar os processos de generalização e abstração, concluiu que existem dois tipos de pensamentos: o gráfico-funcional, preso à percepção gráfica e à experiência prática, onde a operação intelectual é baseada na memória e possui natureza gráfica, funcional, e o categorial que “[...] implica pensamento verbal e lógico complexo que explora o potencial da linguagem de formular abstrações e generalizações para selecionar atributos e subordinar objetos a uma categoria geral [...] é geralmente bastante flexível [...]” (Ibidem, p.65)

O grupo de analfabetos apresentou resultados de classificação de objetos referentes ao pensamento gráfico-funcional, relacionando os objetos sempre baseados na praticidade, na experiência cotidiana, de acordo com a necessidade e adequação.

Já o grupo de pessoas com algum tipo de instrução formal, apresentou resultados referentes à classificação categorial, empregando operações teóricas que exigiam pensamento verbal e lógico.

Conclui-se, portanto, que a aquisição da linguagem escrita possibilita a ascensão ao pensamento verbal e lógico, onde as operações podem ser baseadas na generalização e abstração. E que o pensamento gráfico-funcional não é adquirido geneticamente e sim determinado pelas condições sócio-históricas, assim como o analfabetismo.

“[...] quando muda o padrão de vida e se ampliam as dimensões da própria experiência, quando eles aprendem a ler e a escrever, a ser parte de uma cultura mais avançada, esta maior complexidade de sua atividade estimula novas idéias. Tais modificações, por sua vez, ocasionam uma reorganização radical de seus hábitos de pensamento, de modo que eles aprendem a usar e compreender o valor de procedimentos teóricos que anteriormente pareciam irrelevantes.” (Idem, 1990, p. 107)

A pesquisa também analisa como um de seus aspectos as mudanças ocorridas em relação à autoconsciência, considerada também como produto do desenvolvimento sócio-histórico, onde a reflexão da realidade externa surge primeiro para depois influenciar os mediadores de desenvolvimento da autoconsciência em suas formas mais complexas, quando

se adquire capacidade de análise objetiva das próprias peculiaridades subjetivas (ações, motivações etc), atingindo o nível superior da consciência social.

Foi constatado que a educação formal e o envolvimento com novas técnicas e a socialização do trabalho produtivo facilitavam uma maior compreensão e julgamento do sujeito sobre ele mesmo. Em estágios mais retrógrados, essa compreensão estava presa às necessidades materiais, externas, referenciadas pelo comportamento externo e, em estágios mais desenvolvidos, era relacionada às referências dos julgamentos das outras pessoas, onde se observava um maior desprendimento para julgar a própria identidade que estava sempre, e progressivamente, relacionada com a demanda da vida social.

Essas mudanças implicam a formação de novos sistemas psicológicos capazes de refletir a realidade externa, as relações sociais e o próprio mundo moldado nestas relações. “A formação de um novo mundo interior pode ser considerada uma das conquistas fundamentais do período tratado.” (LURIA, 1990, p. 213)

Podemos concluir que o domínio da escrita possibilita o domínio de funções que operam segundo leis complexas a partir do acúmulo de experiências e inferências a partir de generalizações. Quando não há este domínio, o pensamento não atua efetivamente como organizador e regulador das experiências práticas, trabalhando precariamente as lógicas dedutiva ou indutiva.

O instrumento representação da linguagem escrita é considerado fundamental para o acontecimento das mudanças que levam à consolidação do desenvolvimento humano das formas mais complexas de inteligência. A escolarização pode ser mediadora dos processos de internalização desse instrumento psicológico e produzir algo completamente novo no comportamento.

Conclui-se, portanto, que, se o desenvolvimento é produto das relações e mediações sociais, não possuindo caráter universal, inato, imutável, o analfabetismo é também um produto histórico-cultural.

A sociedade contemporânea demanda a busca, nos meios culturais e nas escolas, da apropriação de instrumentos que permitam lidar com a complexidade das novas exigências sociais.

Vygotsky (1996; 2001), contrapondo-se a outros teóricos da psicologia que consideram a vida adulta uma fase de estabilidade, onde não há mudanças significativas,

considera os adultos como inteiramente capazes de aprender ao afirmar que o homem desenvolve sua inteligência a partir do domínio dos meios externos de desenvolvimento cultural.

Moura (1999) elabora um valioso estudo relacionando a teoria de Vygotsky ao desenvolvimento cognitivo do adulto analfabeto. Para ele, esse autor compreende o analfabeto como alienado do sistema de representação da linguagem escrita, instrumento precioso, cuja apropriação é fundamental para que se dê a consolidação da aquisição de funções intelectuais ainda não atingidas que levam ao desenvolvimento de capacidades superiores.

O adulto analfabeto é compreendido como um homem histórico-cultural capaz de transformar seus modos de comportamento, modificando códigos e funções inatas, elaborando e recriando novas formas de comportamento especificamente cultural através da internalização de funções psicológicas superiores culturalmente elaboradas.

As funções utilizadas pelos analfabetos são baseadas na concretude, pois em suas histórias de vida, trabalho e relações comunitárias, não há exigências de formas complexas de pensamento e comportamento que levem à capacidade de generalizações e formação de conceitos científicos. Suas operações mentais geralmente baseiam-se na utilização de funções elementares, como, por exemplo, a atenção elementar que exige estímulos sensoriais, afetivos e motores.

A aquisição da linguagem escrita media a aprendizagem de vários outros conhecimentos que resultarão em modificação de comportamento. O adulto quando aprende a ler e escrever usa outros instrumentos – produção e interpretação de textos, resolução de problemas matemáticos – que acionam uma série de funções psicológicas superiores – memória lógica, formação de conceitos, capacidade de generalizações.

A alfabetização é compreendida não como a transcrição da língua oral, mas como um processo progressivo que leva ao domínio da escrita como um sistema de representação da realidade.

Vygotsky (Idem) relaciona a alfabetização à instrumentalização para o exercício pleno das funções psicológicas superiores, o que se dá através da interação com o outro – social – e com o culturalmente produzido, processo onde o sujeito atua ativamente, se apropriando, construindo sentidos, imprimindo sua marca pessoal aos significados. Processo

no qual o sujeito histórico-cultural sempre possui potencialidades a serem conquistadas e superadas.

Algumas considerações podem ser feitas em relação ao processo de alfabetização e ao desenvolvimento da consciência: se esta é a última das funções psicológicas a se desenvolver pressupõe-se que a instrumentalização que a linguagem escrita proporciona, como mediadora entre as relações das diversas funções anteriormente adquiridas, tenha um papel fundamental para a consolidação de seu desenvolvimento.

Se a consciência resulta do desenvolvimento cultural, o adulto analfabeto, por não ter se apropriado da linguagem escrita, encontra um obstáculo ao desenvolvimento pleno da consciência, a ser superado pela alfabetização que irá instrumentalizar o sujeito para a consolidação do desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Ao aprender a ler e escrever, o adulto analfabeto passa a dispor de uma série de mediadores do sistema de representação da linguagem escrita que possibilitará uma reorganização de suas funções psicológicas e de suas inter-relações de forma a dotá-lo de todos os instrumentos necessários ao desenvolvimento pleno da capacidade mais complexa do cérebro: a consciência.

Este domínio possibilitará ao sujeito uma relação mais reflexiva e consciente consigo mesmo e com a sua realidade externa, permitindo níveis cada vez mais complexos de reflexividade e criticidade, tornando-o mais apropriado a esta realidade e construtor de sua história.

3.2.. Contribuições de Emília Ferrero (1990) para a Alfabetização de adultos

Moura (1999) apresenta as contribuições de Ferrero ao estudo da aquisição da linguagem escrita com adultos que estão em processo de alfabetização, ressaltando que suas investigações constituem no primeiro conjunto sistematizado de dados sobre as concepções dos adultos não alfabetizados acerca do sistema de escrita, constituindo uma revolução conceitual e uma reformulação teórico-metodológica nesta área. Os principais fundamentos destas contribuições serão apresentados.

Ferrero (1990) ressalta a importância dos fatores sociais e culturais do desenvolvimento cognitivo do adulto, considerando o homem como sujeito do conhecimento em qualquer idade. Critica os métodos tradicionais de alfabetização, baseados em uma visão inatista e empirista, onde os processos considerados são basicamente a discriminação auditiva e visual e as coordenações sensoriais e motoras. Afirma que estes métodos (sintético e analítico, entre eles) carregam em si uma imagem empobrecida da realidade e dos sujeitos que aprendem, descuidando da competência lingüística e da capacidade cognoscitiva.

Foram sobre esses dois últimos aspectos que Ferrero desenvolveu seus estudos, partindo da Psicologia Genética de Jean Piaget ao considerar que se deve conhecer o desenvolvimento cognitivo e os processos de aprendizagem subjacentes do sujeito cognoscente, e da Psicolingüística de Chomsky, possibilitando o estudo dos processos de aquisição da língua escrita.

Ferrero deslocou a atenção ao método e às habilidades a serem adquiridas e centrou os seus estudos na visão que o sujeito tem da escrita. Concebe a aprendizagem como um processo pedagógico e epistemológico que deve possibilitar ao sujeito a apropriação do sistema de representação da linguagem escrita, sua reconstrução e utilização a fim de que proporcione a apropriação de novos conhecimentos e de um instrumento de intervenção nas diversas situações sociais. "[...] Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem [...]" (Idem, 1990, p. 40)

Marca, portanto, a diferença entre a sua concepção de linguagem escrita como representação da realidade, onde a aprendizagem é concebida como apropriação do conhecimento, e os métodos tradicionais que a concebem como codificação, que transcreve unidades sonoras em gráficas e onde a aprendizagem é concebida como a aquisição de uma técnica.

A escrita passa a ser compreendida como um produto cultural, construído ao longo da evolução da humanidade, ocorrendo na sua apropriação uma reconstrução interna a partir da compreensão da natureza do sistema de escrita e construções e reconstruções conceituais – interpretação, inferência. [...] há um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu. (Ibidem, 1990, p. 41)

Na construção destes esquemas conceituais, há interação entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível durante o processo de assimilação, onde o sujeito depara-se com conflitos e precisa modificar-se para incorporar o objeto e apropriar-se dele.

Considera estes sujeitos cognoscentes como desempenhadores de um papel ativo no processo de alfabetização ao pensar, construir e refazer este processo através da elaboração e superação de hipóteses e desafios.

O principal objetivo da psicogênese de Ferrero foi apontar a existência de sujeitos cognoscentes que se debruçam sobre a linguagem escrita como objeto de conhecimento e dela se apropriam e questionam, refletem, criam e recriam, problematizam e adquirem formas complexas de pensamento.

O processo de construção da escrita implica construções originais, nas quais os sujeitos ao elaborarem as informações, criam esquemas conceituais, modificando a configuração dos próprios esquemas para apropriarem-se do objeto de conhecimento.

Esse processo inclui a construção de hipóteses e conseqüentes esforços para interpretá-las. São os conflitos e desafios do sujeito que se apropria ativamente.

A alfabetização deve partir dos processos construtivos da linguagem escrita, da compreensão de sua natureza e função social. Ao estudar o processo de construção dos conhecimentos dos alfabetizandos no domínio da língua escrita, deve-se identificar os processos subjetivos relacionados, compreender naturezas das hipóteses e descobrir os conhecimentos específicos já trazidos pelos adultos. O objetivo deve ser a construção (pessoal) e a reconstrução (social, histórica e cultural) do sistema de escrita.

Ainda partindo da compreensão da alfabetização para Ferrero (1990), existem algumas peculiaridades para a alfabetização de adultos:

- A alfabetização deve partir das características sociais e culturais;
- Os adultos necessitam de conhecimentos sobre o sistema de escrita;
- É fundamental conhecer e estudar as condições sociais e existenciais, o

projeto de vida e o processo cognitivo desses adultos, bem como as representações que fazem acerca da escola, da sociedade e da aprendizagem como projeto de vida.

O analfabetismo é ocasionado por fatores sociais. Os analfabetos geralmente trazem uma história de exclusão dos usufrutos do sistema produtivo, de marginalização e desrespeito. A evasão no sistema educativo se dá por motivos econômicos (necessidade de

trabalhar) ou pedagógicos (escola inadequada às classes populares, o que gera a expulsão ou a formação de analfabetos funcionais).

A inadequação da escola e a vivência em comunidades onde predominam formas não-escritas de comunicação (não há exigência de instrumentos de memória e trabalho sofisticado) geram alienação quanto à apropriação do sistema de escrita e as implicações no desenvolvimento cognitivo daí decorrentes.

Os adultos convivem com o sistema de representação da escrita mesmo sem decodificá-lo em sua forma gráfica. A busca pela aquisição deste sistema pode estar relacionada às exigências externas e às mudanças que a alfabetização pode proporcionar: discurso elaborado, língua culta, comportamento fino, formas de pensar e mudança nas condições de trabalho. Ou seja, as expectativas quanto à alfabetização estão relacionadas ao projeto de vida.

Há também expectativas quanto aos processos subjetivos: fortalecimento da autoconfiança e auto-estima através da capacidade de expressão e da superação da vergonha de ser analfabeto.

Os adultos apresentam comportamentos diferentes em relação à apropriação da escrita, quando comparados às crianças: distinguem entre o que se pode ler, relacionam os nomes das letras e números aos seus diferentes usos, possuem condicionantes de antecipação significativa, os que vivem em espaços urbanos revelam conhecimentos sobre a função da escrita na sociedade.

Eles interpretam informações sobre a escrita produzida pela sociedade, transformando-as em sua própria escrita: com erros, conflitos e tentativas, que indicam reflexão sobre o objeto, construção de hipóteses e elaboração de esquemas de construção do conhecimento e complexificação do pensamento. Revelam uma autêntica aquisição do conhecimento.

Faz-se necessário desenvolver uma atitude de respeito com o adulto, conhecendo-o do ponto de vista intelectual (conhecimento que já possui sobre a linguagem escrita) e observando como é realizada a sua caminhada em direção ao conhecimento.

A alfabetização deve partir do que sabem e não do que não sabem, privilegiando os seus conhecimentos sobre formação de conceitos, condições de vida e experiências sócio-culturais. Objetiva levá-los a aprofundar suas concepções de leitura e escrita, instigando a

autonomia, o prazer e a busca pelo conhecimento e questionamentos, a instrumentalização da memória, o acesso às informações culturalmente produzidas.

Emília Ferrero apresenta uma revolução na compreensão da aquisição da leitura e da escrita, relacionando o desenvolvimento cognitivo do alfabetizando e suas peculiaridades sócio-culturais. Enfatiza que nessa relação, o alfabetizando é um sujeito cognoscente, participante ativo ao criar e recriar durante seu processo de alfabetização.

3.3. Paulo Freire e a Alfabetização de Adultos

Freire (1987) propõe uma educação libertadora, para a qual o conhecimento é construído coletivamente de forma dialógica e solidária, em oposição à educação bancária, onde os analfabetos são considerados mentes vazias, inferiores, sem conhecimento prévio, no qual devem ser “inculcados” os conhecimentos transmitidos verticalmente pelo educador, em posição de superioridade. Para este tipo de educação, o analfabetismo é compreendido como um mal a ser erradicado, o analfabeto deve ser domesticado e ajustado, tendo sua criatividade inibida.

O autor desenvolveu suas idéias voltando o processo educativo para os marginalizados, uma vez que considerava o analfabetismo uma injustiça, tanto quanto as implicações das idéias que julgavam os analfabetos inferiores e incapazes de participação política e social. Acreditava que a educação deveria promover a democracia e possibilitar o desenvolvimento da capacidade intelectual e de uma estrutura cognitiva que possibilitasse a problematização da realidade.

Afirma que o processo de marginalização no qual está envolvido o analfabetismo é fruto de relações opressoras que devem ser superadas. (FREIRE, 1980)

Ele se opõe terminantemente a esta concepção de educação, concebendo o analfabetismo como fruto de relações sociais injustas e opressoras, produzidas no contexto sócio-econômico vigente e o analfabeto como um sujeito que tem um conjunto de valiosíssimas experiências de vida, formas de conhecer e lidar com sua realidade que devem ser o ponto de partida para o trabalho pedagógico.

Para Freire (1987), o homem é um ser inacabado que possui uma essência transformadora e criativa, inserido em uma realidade histórica e social, na qual atua, construindo e sendo construído; como ser inconcluso está em permanente busca pela humanização e libertação, pelo *ser-mais*, sendo muitas vezes suprimido pela realidade opressora.

Propõe uma educação libertadora, onde, através do desvelamento da realidade, o homem se conscientize de suas contradições, problematizando-as, comprometendo-se com a sua transformação.

[...] servindo à libertação, se funda na criatividade e estimula a ação e reflexão verdadeiras dos homens sobre a realidade, responde à sua vocação, como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora.” Precisamente, porque os sujeitos vão apreendendo as razões da realidade, simultaneamente, também apreendem seus desafios, suas responsabilidades e determinações. Descobrimo os espaços de liberdade o sujeito pode dar-se conta de que o contexto histórico não é algo que somente nega, esmaga e subjuga o ser humano, mas algo que se realiza no jogo dialético dos contrários. [...] (Idem, 1987, p. 72)

Alfabetizador e alfabetizando são sujeitos cognoscentes que, juntos, através do diálogo, buscam formas de superação de conhecimentos do senso comum, do vivido, a fim de alcançarem níveis mais complexos de conhecimento científico. O diálogo permite a troca das experiências, dos diferentes saberes, da construção conjunta através de uma relação horizontal entre esses sujeitos.

Para o autor, o diálogo é a essência e a condição para o conhecimento. O ato de conhecer tem uma dimensão individual, porém ele acontece em um processo social onde o diálogo é o mediador imprescindível.

O método Paulo Freire é fundado na prática dialógica. Um exemplo disso é a forma como é organizado o conteúdo programático:

Consiste primeiramente na decodificação das situações existenciais dos alfabetizados e a percepção que eles têm sobre estas.

Em seguida, essas decodificações são codificadas através de gravuras, nestas os sujeitos decodificadores devem se reconhecer e elas devem representar desafios para a reflexão crítica.

Por fim, são realizados “círculos de investigação temática”, que geram decodificações a serem analisadas e transformadas em novas codificações. Estaria, portanto, organizado o programa.

A teoria e o método de Paulo Freire possuem o mérito de basearem-se em uma visão de homem como sujeito de sua história, de sua alfabetização, sendo capaz de torná-la um instrumento de libertação, de compreensão e transformação da realidade. Sua obra é fundamentada em um respeito profundo ao homem como sujeito cognoscente. Através da alfabetização, o sujeito pode desenvolver sua consciência, humanizar-se, *ser-mais*.

É na leitura do mundo que o sujeito amplia a compreensão da sociedade e de si mesmo. Para Freire, a alfabetização não compreende somente a leitura das palavras, mas a leitura do mundo. O conhecimento do mundo nos provoca transformações, a leitura do mundo implica a leitura e compreensão de si mesmo.

O mundo não se modifica pelo simples fato de o conhecermos, nós é que somos modificados no ato de conhecê-lo. Para modificar o mundo é necessária uma ação transformadora que só é possível através da conscientização.

3.3.1. Consciência em Paulo Freire

Se a conscientização indica o processo de inserção crítica dos seres humanos na ação transformadora da realidade, ligam-se a ela duas tarefas fundamentais: desmitificar a realidade e agir sobre ela para modificá-la. Portanto, não se pode prescindir da ação, porque alcançar um conhecimento crítico da situação opressora na qual estamos inseridos nem sempre é suficiente para libertar. (DAMKE, 1995, p. 97)

Para Freire, o homem é o único ser capaz de conhecer, porque está aberto para lançar-se às coisas, conhecendo-as e objetivando-as. A consciência é produzida na relação

com outras consciências e em seu desenvolvimento encontramos a possibilidade de autonomia e libertação (GÓIS, 2005).

Paulo Freire concebe a alfabetização como propiciadora de novas formas de pensar e agir conscientemente de forma a possibilitar o engajamento e intervenção para a transformação social. A aquisição da leitura e da escrita seria mais um meio do que um fim. O fim seria a conscientização e humanização. O caminho é o diálogo que proporcione o desvelamento crítico e consciente do mundo, através do qual os sujeitos se apropriem do domínio da leitura e da escrita.

O autor coloca a importância da superação da dialética opressor-oprimido e, para que esta aconteça, torna-se necessária a conscientização crítica. O caminho é seu método dialógico, valioso instrumento de facilitação do *desvelamento da realidade* na qual os sujeitos estão inseridos, a fim de problematizá-la, discuti-la e transformá-la coletivamente através da *práxis libertadora* – constante ação e reflexão do homem sobre a realidade.

Esse autor, ao falar da *ação dialógica*, afirma que o processo começa na investigação do *universo temático* da realidade em que vivem os homens, ou seja, do modo como a sua linguagem e o seu pensamento refletem o mundo em que vivem, os seus níveis de percepção da realidade, as suas visões de mundo. Assim, encontra-se os *temas-geradores* que propiciam o diálogo nos *Círculos de Cultura*, instrumento valioso que deve proporcionar, ao mesmo tempo, a apreensão dos temas geradores e a tomada de consciência, partindo da premissa de que o *desvelamento da realidade* se dá a partir da *decodificação da situação existencial*.

Freire (1980) caracteriza a consciência em 03 tipos de apreensão da realidade, Góis (2005) ressalta que estes níveis se originam a partir dos condicionantes histórico-culturais e que implicam em um maior ou menor trânsito indivíduo – mundo:

Consciência mágica ou intransitiva: o homem explica o mundo a partir de mitos e crenças fatalistas, sobre as quais não reflete, adquirindo uma posição de conformismo diante à imutabilidade da realidade.

Consciência semitransitiva: é uma transição entre a mágica e a crítica, nela consegue-se perceber a realidade a partir dos fatores condicionantes que a determinam, porém não se consegue obter uma postura de sujeito agente desta realidade, criticando-a por criticar, sem um engajamento que vise a sua transformação.

Consciência crítica: o homem é capaz de perceber os fatores condicionantes do mundo em que vive, sua reflexão sobre o mundo o leva a uma postura ativa de compromisso com a transformação da sua realidade. O mundo é compreendido através de processos complexos da razão que analisa e problematiza profundamente. É o nível da consciência crítica que a Conscientização quer alcançar, onde o homem realize sua *práxis libertadora*.

A mobilidade entre estes tipos se dá através da atividade prática reflexiva que leva ao progressivo distanciamento da alienação. A passagem do primeiro ao segundo nível consiste na tomada de consciência e do segundo para o terceiro consiste na conscientização ou no aprofundamento da tomada de consciência. (GÓIS, 2005).

A conscientização possibilita ao homem posicionar-se como sujeito de sua história, problematizando a realidade e realizando uma prática transformadora sobre ela. Assim, o homem se reconhece como agente de transformação e apreende a realidade como processual e sócio-culturalmente construída, por isso, passível de modificação. Esse nível implica a ação transformadora sobre a realidade, que remete não só a desmitificação desta, como também ao reconhecimento de que ela é modificável e de si mesmo como sujeito capaz de realizar o processo de transformação.

O desenvolvimento da consciência permite ao homem exercer sua liberdade e autonomia. A educação para a liberdade visa romper as barreiras de opressão pessoal e social.

A transformação da realidade não se dá tão somente a nível individual, ela implica uma ação coletiva onde o diálogo e a solidariedade são fundamentais. Não tenho como me unir ao outro sem reconhecer nele a minha parcela de humanidade, o que implica um compromisso não só com a minha libertação enquanto indivíduo que quer sair do papel de oprimido para o de opressor, mas na libertação da humanidade, onde a opressão seja vencida não só por mim, mas por todos, gerando uma postura solidária, afetiva e humanizadora.

Freire nos fala da necessidade de romper com a dialética opressor-oprimido para que possamos viver em uma sociedade justa e solidária.

O adulto ao alfabetizar-se de forma crítica e problematizadora ascende a formas mais complexas e elaboradas de pensamento sobre a realidade em que vive, pois ao se apropriar do conhecimento da linguagem escrita pode aprofundar a sua tomada de consciência, tornando-se sujeito desta realidade e engajando-se na luta pela sua transformação.

4. IDENTIDADE PESSOAL

Antes de fundamentar o referencial teórico de Identidade pessoal que será adotado, apontaremos algumas considerações sobre o estudo da evolução desta categoria em Psicologia Social a partir das idéias de Laurenti & Barros (2000). A identidade evoluiu do conceito de personalidade, onde havia uma forte ênfase nos aspectos biológicos e individuais, compreendida como uma estrutura psíquica fundada na dicotomia entre homem e sociedade.

A teoria de Erikson (1976, p.92) ilustra bem esta concepção, sendo compreendida a partir da noção de fases pré-definidas de desenvolvimento da personalidade: “[...] pode-se dizer que a personalidade se desenvolve de acordo com uma escala predeterminada na prontidão do organismo humano para ser impelido na direção de um círculo cada vez mais amplo de indivíduos e instituições significantes [...]”.

A fim de superar as dicotomias contidas no conceito de personalidade (homem-sociedade, interno-externo, objetivo-subjetivo), a psicologia social adotou a categoria Identidade que tomaremos como referencial neste estudo, partindo da concepção de homem como sujeito social que se desenvolve em um contexto sócio-histórico. A Identidade é compreendida como metamorfose, não sendo constituída a partir de um plano básico e passando por estágios pré-determinados, porém construindo a si mesma através da atividade e consciência: “[...] A identidade humana é como semente que cresce no solo da atividade, alimentada pela vivência cujo fruto é a consciência.[...]” (BARBOSA, 1994, p.74).

Jacques (1998) destaca que uma dessas dicotomias refere-se a existente entre homem e sociedade, onde a identidade pessoal é compreendida quanto aos atributos do indivíduo e a identidade social quanto aos atributos que assinalam a pertença a grupos ou instituições. A compreensão para a superação dessa dicotomia consiste em considerar que o homem encontra suas alternativas e possibilidades no contexto sócio-histórico, onde a identidade é determinada e determinante. Para tanto, a Identidade precisa ser compreendida como forma sócio-histórica de individualidade, singularidade construída na relação com os outros homens.

Compreender a Identidade Pessoal a partir da concepção materialista-histórico-dialética significa reconhecer sua base material, sujeita às mesmas propriedades da matéria:

transformação, realidade posta como possibilidades a serem concretizadas. A verdadeira natureza da Identidade é a metamorfose.

A Identidade é compreendida a partir da visão de homem como ser sócio-histórico-cultural. Nas palavras de Lane (1986, p.12): “O ser humano traz consigo uma visão que não pode ser descartada, que é a sua condição social e histórica [...] o homem fala, pensa, aprende e ensina, transforma a natureza; o homem é cultura, é história.[...]” .

Em relação ao aspecto histórico, Seve considera que “[...] o modo de ser do indivíduo humano não é um invariante natural, mas uma variável histórica [...]” e afirma que a principal característica que possibilitou o desenvolvimento da subjetividade humana consiste em sua constituição histórico-social. Sobre esse aspecto, Leontiev (1978, p. 161) se pronuncia: “Todo o destino histórico da humanidade provém do fato de que a base histórico-social tomou progressivamente o lugar da base biológica, doravante reduzida ao papel de suporte”.

Implica também concebê-la em sua dialeticidade, como superação de contradições: A identidade se define ainda pela unidade entre objetividade e subjetividade, entre individual e coletivo, unidade e totalidade, pois nos autodeterminamos a partir das transformações das determinações exteriores. Nossa identidade é a forma de nos particularizarmos na universalidade do mundo. A Identidade é igualdade e diferença. Nos constituímos através de sucessivas identificações, porém precisamos imprimir marcas de nossa singularidade ao nos diferenciarmos.

Para que possamos analisar o movimento da Identidade, como nos propomos a fazer neste estudo, faz-se necessário que compreendamos o seu processo de produção.

Araújo (1999) destaca três aspectos importantes da produção da Identidade em Ciampa: primeiro, o representacional, onde cada pessoa aparece perante o outro sempre como representante de si mesmo; o segundo seria o aspecto operativo, onde o homem representa papéis pré-estabelecidos socialmente que o permite conviver em sociedade; o terceiro é o aspecto constitutivo, “[...] cada um re-apresenta-se num processo contínuo de identificação do que tem sido diante do mundo. [...]”. (1999, p. 93)

Em nossa sociedade, a Identidade é sempre vista do ponto de vista representacional, deixando de lado o aspecto constitutivo de sua produção.

Goffman (1975) também compreende a Identidade em seu aspecto representativo. O autor compreende a expressividade do indivíduo como se envolvendo em dois tipos de atividades significativas: da expressão que transmite – aspetos verbais, informativos – e da expressão que emite – aspetos contextuais, onde se envolvem várias ações de representação do eu nas relações sociais.

Compara essas representações à atividade cênica, ressaltando as intencionalidades nas construções da imagem de si mesmo diante os outros, bem como à importância da sociedade no julgamento destas encenações e sua relevância no desempenho destes personagens que concretizam os papéis sociais, construindo-se através das mediações com o público.

A representação significa a inversão da atividade, a má-infinitude: primeiro, represento-me como representante de mim mesmo, segundo, represento-me como desempenhadora de papéis sociais; terceiro, reponho no presente a representação de mim mesma, reiterando-a, deixando de representar o outro-outro que também sou eu.

A superação da Identidade pressuposta onde me represento sempre como diferente de mim mesma implica a metamorfose.

Quando uma personagem torna-se fetichizada, atua como identidade-mito, barrando a condição de *ser-para-si* e passa a ter poder sobre o indivíduo, mantendo e reproduzindo sua identidade na mesmice, má-infinitude (não superação das contradições). A identidade pressuposta passa a ser sempre re-posta, anulando o caráter processual, através da prescrição de condutas corretas, re-produção do social.

As condições sociais e econômicas desumanas impedem o homem de se transformar, sustentando-o na mesmice. Nas palavras de Ciampa (1998):

[...] De qualquer forma, é o trabalho de re-posição que sustenta a mesmice. Outros são levados a essa situação involuntariamente, quando o seu desenvolvimento é de alguma forma barrado, impedido, na nossa sociedade encontramos milhões de exemplos de pessoas submetidas a condições sócio-econômicas desumanas [...]
(Idem, p. 165)

Comprendemos assim, que as identidades refletem a estrutura social, sendo afetadas por ela e, ao mesmo tempo, construindo-a, ora conservando e reproduzindo, ora

transformando. “No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela.” (Ibidem, 1998)

Os indivíduos encarnam as situações sociais em que vivem e em nossa sociedade todos somos explorados e violentados, pois as nossas possibilidades de concretizar a nossa humanidade são constantemente barradas.

Ser-para-si significa transformar as determinações exteriores em autodeterminações através de uma prática transformadora de si mesmo e do mundo.

4.1. Identidade como metamorfose e noção de si mesmo.

Ciampa (1998) desenvolve a categoria *Identidade pessoal* em seus estudos na sua tese de doutoramento em Psicologia Social da PUC/SP. O autor nos faz repensar este conceito a partir da base materialista-histórico-dialética, o que traz algumas implicações.

A análise da Identidade Pessoal neste estudo tomará como referencial o conceito de identidade como metamorfose, construída através da materialização do universal, das condições concretas de vida, das possibilidades e impossibilidades daí advindas, onde o universal se singulariza.

É no último aspecto da Identidade, constitutivo, que encontramos o principal mérito da obra de Ciampa (Idem), que é reconhecer a identidade como metamorfose, constante devir. Nas palavras de Jacques (1998, p.163-164):

[...] A interpenetração entre os vários personagens (que nossa identidade representa) que, por sua vez, interpenetram-se com outros personagens no contexto das relações sociais, garantem a processualidade da identidade enquanto repetição diferenciada, emergindo um outro que também é parte da identidade. O autor emprega o termo metamorfose para expressar este movimento.

A Identidade configura-se através do desempenho de papéis e personagens. Estes nos dão acesso à sua análise e à análise de seu movimento. Para que possamos compreendê-la, necessitamos apreender o seu próprio processo de produção partindo da diferenciação da personagem enquanto dar-se e não como dado, precisamos avaliar como se dá o dado e como o produto é produzido.

Precisamos considerar não só o aspecto representacional, onde a Identidade é vista como dada, como produto, mas também o aspecto constitutivo, levando em conta como esta é produzida em um dar-se constante que expressa o movimento do social.

O personagem expressa a singularidade subjetiva assumida pela Identidade Pessoal, constituindo a sua base empírica. “[...] O personagem se refere à Identidade empírica que é a forma que a Identidade se apresenta no mundo [...] Os papéis sociais são abstrações construídas nas relações sociais e que se concretizam em personagens [...]” (Idem, p. 163)

O personagem é a expressão empírica da identidade e enquanto tal nos remete à compreensão das atividades nas quais os personagens são forjados e no sentido social em que são simbolizados e construídos.

Porém, no cotidiano, a identidade não se apresenta a nós como atividade, mas como predicação da atividade. Nos identificamos e somos identificados através dessas predicações, formas sob as quais a atividade é coisificada. Os personagens resultam da predicação da Identidade.

A identidade revela-se pela articulação entre as diversas personagens, os diferentes modos como estes se estruturam representam seus diferentes modos de produção. Para Ciampa (1998), o papel tem a ver com o conjunto de atribuições instituídas socialmente, podendo existir também como predicação da identidade.

A Identidade pessoal é configurada através do desempenho de papéis e personagens, porém os papéis são construções sociais, apenas os personagens encarnam os aspectos subjetivos, constituindo a base empírica que se deseja apreender. Portanto, a análise destes personagens possibilita a compreensão da Identidade, já que estas constituem a sua base material.

Enquanto o papel é uma atividade padronizada socialmente e previamente, o personagem se constitui pela atividade, este aspecto é ocultado através da visão quotidiana de

personagem, onde este aparentemente se manifesta como “traço estático de que o indivíduo é dotado” e que se expressaria através dele, subsistindo independentemente da atividade que a engendrou.

Berger & Luckmann (1999) entendem papéis como institucionalização da conduta através da tipificação de comportamentos em um acervo objetivado de conhecimentos comuns a uma coletividade de atores. É através do desempenho de papéis que o homem participa do mundo social e ao internalizá-los o mundo subjetivo se torna real para ele.

Os papéis seriam construídos coletivamente através dos significados sociais compartilhados na dimensão da sociedade, orientando as relações e condutas

Penso que seja possível traçar um paralelo entre a base empírica da consciência e da Identidade Pessoal a partir dos estudos de Vygotsky (1996;2001) e Ciampa (1998), pois os personagens seriam construídos através do sentido pessoal que o sujeito dá aos significados e papéis sociais, revelando-se como a singularização subjetiva e peculiar de posicionamento do ser nas relações sociais, o que o individualiza e o diferencia dos demais.

Quadro 1 - Paralelo entre consciência (VYGOTSKY, 1996; 2001) e Identidade Pessoal (CIAMPA, 1998).

CATEGORIA	DIMENSÃO SUBJETIVA	DIMENSÃO SOCIAL
Consciência	Sentido pessoal	Significado
Identidade	Personagens	Papéis

A Identidade pessoal é construída a partir das marcas individuais que o sujeito imprime nos sentidos pessoais que são forjados em seu interagir com os diversos significados. Estas marcas são vivenciadas pelos personagens que subjetivam e singularizam o desempenho dos papéis determinados socialmente,

A Identidade será aqui tomada como categoria de análise da relação entre o processo de alfabetização e o fenômeno subjetivo.

4.2. Identidade como presença e sentimento de si.

A Identidade pessoal tomada como referencial é aqui entendida não só como noção de si, representação de si, acessível através da narração da própria história, da reflexão (Ciampa, 1998). Ela é também sentimento de si (Góis, 2002), sentimento de estar vivo, vivenciado no momento presente, no instante vivido, na forma de expressão imediata do vivido. (DIOGO, 2003).

“A identidade como presença não se pensa, se vive no aqui-agora - Presente Eterno. Ela é inacessível a qualquer forma de compreensão e visível frente ao outro. É acessível ao outro e também à própria pessoa somente na vivência. Só em seus aspectos parciais se constitui como significações ou noções de si mesmo, como história e cultura.

A identidade é a vida acontecendo singularmente, a vida se revelando em sua imediaticidade e beleza” (GÓIS, 2002, p.57)

Góis (Idem) compreende que a Identidade se constitui como fenômeno histórico-cultural a partir do desdobramento do fenômeno natural. Apresenta uma nova dimensão para a compreensão da Identidade, tendo como ponto de partida o sentir-se vivo, onde ela é concebida como expressão da totalidade, só possível de realizar-se na imediaticidade do viver, na corporeidade vivida e só acessível através da vivência.

O sentimento de estar vivo, a corporeidade amorosa, a vinculação afetiva com o mundo e consigo mesmo mobiliza o homem a continuar lutando pela vida, mesmo em condições adversas. Esse sentimento não nega a Identidade em sua materialidade sócio-histórica, mas apresenta-se como uma força de mobilização do ser em direção a sua auto-realização, potencializando-o em direção à busca constante da vida e do crescimento pessoal.

O potencial de vida expresso através do sentimento de estar vivo é o que nos mobiliza para as múltiplas possibilidades da vida. A fonte da Identidade é o potencial de vida

a ser projetado em múltiplas possibilidades reais e simbólicas. A vivência⁴ permite o desvelar da Identidade e o sentir-se vivo, o sentimento de si mesmo, a expressão das emoções e dos afetos, a alegria do viver. É o caminho de acesso ao encontro consigo mesmo, dimensão não possível de ser alcançada apenas através da reflexão. A conexão com a vida é alcançada através do voltar-se à atividade pré-reflexiva. A identidade como presença não é pensada, mas vivida no aqui-agora.

O sentimento de si é refletido na auto-estima, no Valor Pessoal e Poder Pessoal (GÓIS, 1994; 2003). Para Diogo (2003), o Valor pessoal e o Poder pessoal são os motores da Identidade, possibilidades de superação da opressão na sociedade de exploração em que vivemos. Estes conceitos foram sistematizados por Góis (1994; 2003) partindo da idéia de potencial natural de vida que impele ao crescimento e desenvolvimento do ser de Carl Rogers, onde os homens percebem em si mesmos e nos outros o potencial de transformação pessoal e coletiva.

O Valor Pessoal (GÓIS, 1994; 2003) consiste no potencial de estabelecer relações sociais positivas nos âmbitos familiar, escolar, profissional, amoroso que propiciem o crescimento de si mesmo e do outro. Consiste na capacidade de aprimoramento pessoal em uma esfera coletiva de vinculação afetiva e envolvimento existencial a partir do reconhecimento de si como ser capaz de se relacionar satisfatoriamente.

Já o Poder Pessoal (GÓIS, 1994; 2003), para Diogo (2003), é o efeito do Valor Pessoal. O Poder Pessoal implica no desenvolvimento das potencialidades de atuação e transformação da realidade opressora em benefício de si mesmo e da coletividade. Além de reconhecer-se como um ser capaz de estabelecer vínculos afetivos positivos (Valor Pessoal), o sujeito é consciente de sua capacidade de ação, reconhecendo também que pode transformar condições adversas de vida, porém partindo de um envolvimento não só com os próprios interesses, mas também com as causas coletivas.

Os instantes vivenciados pelo adulto durante o processo de alfabetização o levam a uma nova forma de relacionar-se com a realidade e consigo mesmo através do

⁴ Para Bomfim (1999), as vivências *promovem a reflexão e ação* através do contato com sentimentos e emoções autênticas, integrando as categorias consciência, afetividade e atividade, facilitando *a diminuição de ideologias de dominação e alienação social*, buscando a integração entre racionalidade e irracionalidade, onde as emoções e os sentimentos possam *integrar a totalidade do ser humano*. (p. 108).

aprofundamento da compreensão de si, porém esse processo não acontece apenas a nível racional, mas também a nível vivencial, possibilitando um encontro mais autêntico e profundo consigo mesmo.

São expressos através da alegria de ler uma mensagem, de escrever uma palavra, de partilhar com os colegas, de ser elogiado pelo professor, do prazer da conquista dos primeiros passos, das primeiras letras, das primeiras palavras, da alegria de poder decifrar o mundo, da emoção da descoberta, do amor ao ato genuíno de poder conhecer...

A consideração da Identidade como presença, sentir-se vivo, sentimento de si é uma importantíssima faceta a ser avaliada, a fim de compreendermos o seu movimento em um processo de mudanças qualitativas intensas, como a alfabetização de adultos.

5. METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa foi escolhida como abordagem metodológica deste projeto devido à especificidade de seu objeto, o movimento da identidade humana, tornando assim possível uma análise profunda e processual desta categoria subjetiva e singular.

O objeto de pesquisa das Ciências Sociais, segundo Minayo (2002), é essencialmente dinâmico, histórico e ideológico, ou seja, essencialmente qualitativo. A pesquisa social trabalha com as expressões humanas inseridas em uma realidade extremamente rica e complexa, o que requer uma metodologia apropriada para tal abrangência.

A pesquisa qualitativa trabalha com significados, motivos, crenças, valores e atitudes compreendidos em espaços complexos de fenômenos e processos, os quais não podem ser reduzidos à esfera quantitativa. Ao aprofundar-se no mundo dos significados de ações e relações humanas, a abordagem qualitativa considera a importância das determinações e transformações dadas pelos sujeitos no processo social.

Gonzalez Rey (2002) relata a importância da metodologia qualitativa no estudo dos processos subjetivos em sua complexidade e diversidade. Afirma que definir a pesquisa qualitativa dos fenômenos psicológicos é “[...] uma opção epistemológica, teórica e ideológica diante das práticas qualitativas dominantes em psicologia [...]”. (2002, p.51).

Aponta algumas implicações metodológicas acerca destas considerações (FURTADO & GONZALEZ REY, 2002):

- O sujeito pesquisado é considerado uma instância ativa e criativa.
- Relaciona o lugar da teoria como centro de gravidade dos processos de construção do conhecimento. Diferentemente das teorias fechadas e apriorísticas, concebe a teoria como processo em desenvolvimento e construção.
- O momento empírico é considerado como condição de confrontação onde a teoria se desenvolve e o pesquisador atua como “*sujeito concreto da construção teórica*”.

A metodologia de análise de pesquisa escolhida foi a análise de discurso.

Uma análise de discurso é uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e funções do discurso. [...] a análise de discurso é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado. (GILL, 2003, p.266)

Empregaremos neste projeto a análise de discurso devido à necessidade de analisarmos as especificidades das falas para melhor compreendermos o movimento da identidade, nosso objeto.

A análise de discurso nos possibilita captar melhor a produção de sentido que o objeto requer e ela será combinada à metodologia da História de Vida (HAGUETTE, 1987), uma vez que, para compreendermos o movimento da Identidade durante o processo de alfabetização, necessitamos contextualizá-la com todos os momentos da vida dos participantes.

O desafio de compreender o movimento da identidade pessoal sem perder de vista a sua dimensão socialmente construída e a diversidade das suas inúmeras configurações e contradições requer uma metodologia como a história de vida devido à eficácia na apreensão de um objeto processual (Idem) e devido à possibilidade de vislumbrar as experiências subjetivas mescladas no contexto social em que são forjadas, captando a interseção do individual com o social, constituindo-os em objeto privilegiado de análise e interpretação (FRANCO, S/D).

A entrevista semidirigida foi escolhida como instrumento de coleta de dados a fim de possibilitar uma análise das questões propostas em uma perspectiva individual, profunda, que busque dar conta da complexidade e processualidade da compreensão do mundo da vida dos sujeitos pesquisados.

Esse tipo de entrevista é indicada como instrumento quando há necessidade de se estudar detalhadamente as experiências individuais, escolhas e biografias pessoais (BAUER & GASKELL, 2003).

Esse instrumento também foi escolhido por nos permitir pesquisar como uma determinada experiência produz mudanças na vida das pessoas. (RICHARDSON, 1999).

5.1. Contexto e População:

A população a ser pesquisada foram os alunos da Escola de Ensino Fundamental Henriqueta Galeno, da rede municipal de educação da cidade de Fortaleza. Encontra-se situada à Rua Major Montenegro, 917, no bairro da Vila Manuel Sátiro.

O corpo discente é formado por 1.329 alunos do Ensino Fundamental e EJA I, II e III, distribuído nos três turnos, no total de 39 salas de aula (16 pela manhã, 13 à tarde e 10 à noite).

Os alunos do turno da noite, período no qual funcionam as turmas dos EJA'S, são em sua maioria trabalhadores e donas-de-casa.

A escola pública foi escolhida como local de pesquisa pelo fato de possibilitar aos adultos analfabetos a oportunidade de serem alfabetizados, além do que é concebida como um espaço privilegiado na formação do cidadão, o que se reflete no movimento da identidade a partir do processo de alfabetização, objeto deste estudo.

Pinsky (1999) questiona se a escola teria uma outra função maior além de formar cidadãos. A escola “[...] enquadra, ajusta, integra desestimula atitudes anti-sociais, ajuda a transformar o educando num ser social” (p.96). Passa valores sociais, comportamentos e facilita o acesso ao patrimônio cultural da humanidade, incluindo os direitos e obrigações da cidadania.

Mesmo reconhecendo a escola como reflexo de uma sociedade de classes, com função de manutenção da ordem social injusta, através do inculcamento ideológico dominante, consideramos a possibilidade de construção dos sujeitos conscientes e transformadores a partir do questionamento do material ideológico que veicula. (PATTO, 1990)

Considerando o acesso à alfabetização como um direito do cidadão e o “alargamento da consciência” daí resultante como fundamental ao questionamento crítico e ao exercício da cidadania, temos na escola pública um lugar privilegiado de facilitação da construção da identidade dos adultos em processo de alfabetização.

O acesso à alfabetização de adultos nas escolas públicas municipais é feito através do EJA – Educação de Jovens e adultos.

A escolha do contexto foi realizada através de visitas a duas escolas públicas, uma municipal e outra estadual. As duas escolas contatadas foram locais nos quais a pesquisadora trabalhou como professora, o que facilitou o acesso aos professores, gestores e secretaria. Foi constatado que na escola municipal visitada havia mais turmas de EJA, com níveis mais elevados de aprendizado, o que nos possibilitou um maior espectro de escolha dos participantes dentro do perfil estabelecido.

5.2. Participantes da investigação

A pesquisa qualitativa dispensa amostras com padrões de representatividade estatística, já que o material a ser analisado deve ser compreendido em sua complexidade e profundidade, características peculiares e singulares que requerem o estudo dos processos subjetivos.

Porém os critérios de escolha sempre devem ser explicitados, detalhados e justificados. (GASKEL, 2003).

Os participantes da investigação foram 02 alunos da Educação de Jovens e Adultos, programa das escolas públicas, em processo de alfabetização, um do sexo feminino e outro do sexo masculino.

Os entrevistados foram escolhidos com base nos seguintes critérios: adultos acima de 30 anos de idade, de forma a caracterizar pessoas que não estão na adolescência, que estejam matriculados há pelo menos quatro meses no EJA I, já que o índice de desistência é alto, o que poderia inviabilizar a pesquisa.

Procurou-se obter material dos dois sexos, por entender as peculiaridades subjetivas de cada um deles e suas influências na construção da identidade.

A escolha dos participantes foi feita através de orientação dos professores das turmas que apontaram quais se encaixariam no perfil de só ter sido alfabetizado durante a vida adulta e de estar dominando os processos de leitura e escrita efetivamente para que fossem caracterizados como alfabetizados, de forma que estivessem dentro do processo de alfabetização.

A maior dificuldade foi encontrar alunos que não tivessem sido alfabetizados durante a infância, perfil da maior parte daqueles que buscam o EJA para dar continuidade aos estudos.

5.3. Instrumentos de coleta e análise de dados:

Neste estudo, combinaremos a entrevista com a história de vida e analisaremos os dados mediante a análise de discurso.

Para os fins desta pesquisa, a entrevista semidirigida como instrumento de coleta de dados possibilitará que esta análise seja feita a nível individual, da experiência de vida de cada sujeito entrevistado.

“A compreensão do mundo de vida dos entrevistados [...] é condição sine qua non da entrevista qualitativa [...]” (GASKELL, 2003). Esse autor aponta caminhos para a preparação e o planejamento das entrevistas:

- O que perguntar – confecção do tópico guia que deve dar conta dos objetivos da pesquisa, permitindo a orientação da entrevista. Deve-se atentar também para a flexibilidade do tópico guia a fim de não comprometer a complexidade da fala do entrevistado.

- A quem perguntar – como selecionar os entrevistados, que na pesquisa qualitativa não deve obedecer aos procedimentos da pesquisa quantitativa, haja vista que sua finalidade é explorar o material expresso e não contabilizá-lo.

Segundo Gaskel (Idem), a entrevista qualitativa pode ser combinada com outros métodos, desempenhando um papel vital nesta combinação.

A opção pelo instrumento entrevista semidirigida se deu pela possibilidade de proporcionar além dos aspectos já ressaltados, a combinação com a metodologia história de vida, facilitando a processualidade e contextualização do movimento da identidade e com a metodologia de análise de discurso, a fim de orientar o material produzido e analisado aos aspectos de interesse, facilitando a confrontação com a teoria.

A metodologia de estudo escolhida foi a história de vida, pois nela o relato de vida é contado por quem o vivenciou, permitindo ao pesquisador compreender o ponto de vista do sujeito a partir dos sentidos pessoais que constrói e rememora ao relatar as experiências por ele vividas.

A história de vida nos possibilita também caracterizar a dimensão social da Identidade, pois revela valores, atitudes e comportamentos dos grupos aos quais o indivíduo

pertence. Esses relatos são sempre relatos sociais, revelando o modo como o sujeito atua, sente e compreende a realidade em que vive.

Outro aspecto interessante na história de vida, segundo Paulilo (1999), é a função descritiva e avaliativa da narração, pois, ao relatar a sua experiência de vida, o sujeito não só seleciona e reorganiza coerentemente as suas lembranças, como também reflete o que narra e a si mesmo.

A autora também ressalta as dimensões que esta metodologia apreende: histórica (pois a temporalidade vivida pelo sujeito o remete ao momento histórico); dinâmico (rede de relações sociais e possibilidades); dialético (onde a teoria e a prática são constantemente confrontadas).

Para Maningueneau (1997), a análise do discurso diferencia-se da análise de conteúdo, pois, ao invés de recorrer aos textos para codificá-los, exige uma “leitura do texto verdadeira”.

Para os fins de nossa pesquisa, dada a necessidade de apreendermos um fenômeno subjetivo como a Identidade pessoal, optamos pela análise do discurso como instrumento de análise que nos dará uma verificação mais complexa e contextual do material coletado.

Gill (2003) descreve a Análise de discurso como tendo quatro temas principais: Uma preocupação com as próprias características do discurso, seu conteúdo e organização e não como forma de acesso para outra realidade subjacente ao discurso; A linguagem é pensada como construtora (criadora) e construída; A visão de todo discurso como prática social, onde há uma preocupação com a função do discurso, com a análise do discurso e do contexto onde ele é produzido; A ênfase na retórica do texto, nos seus constituintes que o tornam persuasivos.

Bardin (1977) também compreende a análise do discurso como fundamentada nas suas condições de produção e o sujeito produtor do discurso como situado em um espaço social.

Para Gill (2003), a análise do discurso compreende as seguintes fases:

- transcrição das falas, minuciosa e literal, na qual já podem ser feitas algumas notas analíticas;

- a leitura cética, na qual precisa ser criada “uma mentalidade analítica” que supere o questionamento dos nossos sentidos e valores, a fim de compreendermos o texto com os seus próprios parâmetros;
- a codificação iniciada com a leitura flutuante e cujas categorias são orientadas pelas questões de interesse que podem surgir inicialmente ou durante o processo;
- a análise em si que consiste na análise do discurso e seu contexto a partir das características e detalhes, buscando coerência e consistência.

A metodologia adotada possibilita, pois, apreender o fenômeno subjetivo da Identidade Pessoal, contextualizando-o com as dimensões sociais na qual está sendo forjada, o que só é possível através de uma abordagem metodológica dinâmica que permita dar conta da complexidade e movimento do objeto pesquisado.

5.4. Procedimento

Anteriormente às entrevistas foi realizado um pré-teste para adequação do instrumento aos objetivos da pesquisa. Para tanto, foram realizadas duas entrevistas, uma com um participante do sexo masculino e outra com um do sexo feminino.

As alterações foram realizadas quanto a linguagem utilizada para a construção das perguntas, tornando-as mais fáceis de serem compreendidas pelos participantes.

A entrevista orientada foi realizada em 03 momentos, em intervalos de no mínimo 01 mês a fim de acompanhar o movimento da identidade durante o processo de alfabetização.

Esse intervalo se fez necessário, haja vista que o objeto a ser analisado é processual e se propõe a desvelar este movimento.

As primeiras entrevistas foram realizadas na escola e as perguntas estavam relacionadas a infância, juventude e trabalho, a vivência do analfabetismo, embora não se restringissem a isto e explorasse a fala dos participantes.

Já as segundas e terceiras foram realizadas nas residências dos participantes, possibilitando uma conversa mais tranquila, na segunda as perguntas pretendiam explorar o processo de alfabetização, relacionando-o com as outras fases da vida. Já na terceira, foram exploradas as transformações relatadas e a construção de sentido.

De forma a garantir a viabilidade da pesquisa, pois sabemos que pode haver desistências durante percurso, foram entrevistados 06 participantes, 03 de cada sexo, dos quais foram selecionados 02, cujos materiais tornaram a análise da pesquisa mais rica e profunda, tomando como critérios a coerência, consistência, qualidade e riqueza do material.

O tópico-guia conteve alguns pontos que orientaram a entrevista a fim de torná-la mais proveitosa ao objeto de estudo. Porém, os aspectos relevantes que surgiram durante o processo também foram colocados no foco da análise.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, foram codificadas adotando os seguintes códigos: A1.1.1 (1ª entrevista do sujeito A. 1ª resposta, 1ª linha).

Após e durante a transcrição e codificação, foi realizada a leitura flutuante do material, onde foi possível a familiarização com os aspectos textuais e dos principais pontos do discurso que nortearam a análise e a discussão dos resultados.

Durante a análise, buscou-se estabelecer os nexos entre a história de vida dos alfabetizados e os aspectos relacionados ao analfabetismo. Também obteve destaque o processo de alfabetização, desde as impossibilidades de estudar à oportunidade de voltar a fazê-lo, as dificuldades e avanços, as mudanças observadas na compreensão do mundo e na compreensão de si, o significado de ser alfabetizado e as transformações decorrentes para o movimento da Identidade Pessoal.

A análise dos dados deste estudo foi feita buscando os nexos entre os personagens e papéis vivenciados, abandonados e reassumidos pelos participantes da pesquisa durante o processo de alfabetização.

A história de vida dos participantes foi comentada durante a análise, com o intento de compreendermos a trajetória que cada um deles traça em relação ao processo de alfabetização, o que não remete apenas a este momento específico, mas a toda a vida deles.

Na discussão dos resultados, foram confrontados os resultados obtidos com os objetivos do trabalho e o referencial teórico adotado.

Na conclusão, esse confronto foi finalizado com a avaliação dos aspectos aos quais os trabalho se propunha a pesquisar.

6. O ANALFABETO QUE SE TRANSFORMOU EM CIDADÃO

Neste capítulo, comentaremos a história de vida de P. na tentativa de relacioná-la ao seu processo de alfabetização e de compreender os condicionantes sociais que o levaram ao analfabetismo e os motivadores da superação desta condição.

Esta é a história de vida de P. e somente através dela poderemos compreender o movimento de sua identidade de alfabetizando durante o processo de alfabetização, os caminhos trilhados e não trilhados, as personagens assumidas e vivenciadas, outras abandonadas e aquelas que gostaria de ter assumido, o que foi e está sendo, o que não foi e não está sendo e, principalmente, o que não foi e está sendo: alfabetizando.

P. nasceu em Tambureto, mas se identifica mesmo é com o lugar onde se criou, Ipu, local de poucas possibilidades para as famílias menos favorecidas. É assim que ele relata o lugar onde nasceu:

Eu sou do Rio Grande, de Ipu, eu sou de lá, aí eu cheguei lá menino, com 01 ano, eu nasci mesmo em Tambureto, aí tudo era difícil, lá colégio era só pra aqueles que era rico, tinha o ginásio, pobre não podia estudar [...] (P1.7.1-3)

[...] não tive uma oportunidade, não é mole não, você ser filho... não ter pai, não ter pai, filho de uma mulher que também não podia [...] (P1.1.19-20)

Era um **filho-sem-pai** e atribui também a isso o motivo de não ter tido a oportunidade de estudar. Para ele, não ter pai tirava-lhe uma possibilidade de se viver plenamente a sua infância, de ter vivenciado um futuro diferente, sendo obrigado a trabalhar para sobreviver, um filho-sem-pai que se obriga a tornar-se uma **criança-trabalhadora**, **criança-que-não-teve-oportunidade de estudar**.

[...] Ele (o avô dizia “você tem que trabalhar para comer que eu não vou dar de comer a vagabundo não!” Agora o vagabundo, 8 anos, né? [...] (P2.1.27-28)

O **filho-sem-pai** foi criado pelos avós que não tinham a compreensão da importância do estudo e obrigaram-no a tornar-se uma **criança-trabalhadora**, que trabalhava pesado, sem direito a descanso.

Era, na idade de 8 anos, em 58 eu tinha parece que era 10 ou era 12 anos, era igual a hoje que tem tudo [...] (P1.5.1-2)

[...] só trabalho, dia de domingo quando eu tinha folga eu tinha que ir atrás dos animal pra botar água [...] (P1.6.2-3)

Ao relatar a sua infância, P. sempre faz referência ao momento histórico em que viveu sua infância, onde foi um **menor-que-não-tinha-vez** e um **pobre-que-não-tinha-vez**, comparando-se ao momento atual. Na época em que ele era criança, pobre não tinha vez, de menor não tinha vez, não havia quem desse um prato de comida para ninguém, o colégio era só para os ricos e essa situação de pobreza e a exclusão social, segundo ele, agravou-se ainda mais com a ditadura militar.

[...] tudo não é como hoje não, você, todo mundo dá um prato de comer à gente, o de menor naquela época não tinha vez não, aí chegou o regime militar, aí pronto acabou com tudo, pobre não tinha vez. (P1.1.20-23)

[...] não era igual a hoje que tem tudo, um colégio bom, tudo de bom, por exemplo todo dia aqui eu não preciso jantar, eu venho e janto aqui [...] (P1.5.2-3)

[...] hoje não, eu vejo o pessoal chamarem e que ninguém quer ir. Moça, eu chamo tanta gente pra estudar, porque eu não quero só pra mim não, eu quero pra todo mundo, “umbora, gente, estudar!” E eu ainda fui meio vaiado no começo, o pessoal dizia “tu vai estudar, tu é doido, tu não aprendeu no tempo de novo, vai aprender no tempo de velho”, eu digo “mas só eu não tive essa oportunidade quando eu era novo e tá surgindo essa oportunidade e eu vou aproveitar”. (P2.2.15-20)

Hoje ele analisa outra perspectiva de políticas públicas voltadas para a pobreza, onde há escola para pobre, escola que até dá merenda, onde se pode arranjar um prato de comida sem ter de trabalhar tão duramente. Se P.tivesse nascido atualmente, ele poderia ter assumido outra identidade, diferente da de **um-pobre-que-não-podia-estudar**.

Para Góis (2005), ao compreender os condicionantes sociais e históricos que norteiam a realidade em que vive, o homem caminha para o aprofundamento da consciência e caminha para a conscientização ao reconhecer-se como sujeito capaz de atuar e transformar o mundo em que vive. A sua consciência de mundo e de si mesmo partem de uma compreensão crítica, não fatalista, que não nega o que poderia ter sido se tivesse “outra oportunidade”, e não deixa de reconhecer o seu Valor pessoal e seu Poder pessoal (Góis,

1994; 2003), sua capacidade de, em outras condições, ter transformado o seu destino e sua trajetória em algo diferente do que foi. No seu discurso, compreende que P. se fez e continua se fazendo em um dado contexto sócio-histórico-cultural que, outrora, lhe limitou as oportunidades, bem como as condições de estudo e, agora, lhe possibilita o acesso à alfabetização.

[...] Já pensou se eu tivesse começado no começo, hein? Bem novinho, hein? É, mas tá bom né? Talvez eu fosse outra coisa porque meu sonho desde menino era ser oficial do exército, eu era doido pra ser um coronel, um oficial com a farda do exército (choro), mas infelizmente eu não tive essa oportunidade, o que é que eu posso fazer? É o que Deus quer né? Eu era doido pra ter a farda, quando eu via a farda do exército, aquela farda verde, ah meu Deus, se eu fosse uma autoridade, né? Mas infelizmente eu não tive o direito que os outros teve, o que é que eu posso fazer? (choro) (P2.20.8-15)

[...] Mas se eu tivesse aquela oportunidade agora desses meninos que tem de hoje, eu tinha certeza que eu era um bichão desse do exército aí. (P2.21.6-8)

[...] Se eu tivesse a oportunidade que os meus filhos tiveram, teve, eu era formado, eu cheguei aqui e fui me apresentar no Exército, quando cheguei lá, passei em todos os exames, mas como eu era analfabeto, não podia, aquele pessoal tudin lá porque na época, era o científico, “quem tem o segundo científico?” Era só separando e quem tinha pouco estudo botava pro outro lado e eu lá passei em tudo e esperando, “tá dispensado!” e eu era um negão bem forte, marra mesmo, mas cadê o estudo do homem? Eu não sabia fazer nem o meu nome direito. (P3.1.72-79.)

P. demonstra a sua tristeza e decepção ao ser dispensado do Exército por falta de estudo, apesar de ser um jovem forte e saudável, um **negão-marra**, mas sem estudo para realizar o seu sonho. O **jovem-dispensado** deixa claro o quanto ele acredita em suas potencialidades para aprender e em sua capacidade de poder ter sido um **oficial-do-exército-que-não-foi**. Faltou apenas a oportunidade de estudar.

P. foi um **jovem-que-nunca-teve-mordomia**, um **jovem-que-sempre-trabalhou**, que era **novão, bem parecidão**, mas que era **analfabeto**, que “não tinha condições não”.

Esse mesmo jovem se apaixonou por uma moça que trabalhava na mesma firma que ele e que tinha escolaridade bem superior a dele. Ela incentivou P. a estudar, o **jovem-**

trabalhador tornou-se também o **jovem-estudante**. Porém, ele só pôde estudar por pouco tempo, pois o trabalho demandava muito esforço e ele teve que abandonar os estudos.

[...] Eu tava trabalhando uma firma e eu arranjei uma namorada lá, eu tinha 18 anos, e ela era formada já, eu não sei o que ... ela foi olhar no meu livro de, não tem que a gente assina, né? Ela disse assim: “P. tu não sabe fazer o teu nome direito não?”, aí ela foi atrás de uma escola pra mim estudar, mas só que eu não agüentei não, só um pedaço, trabalhava e ia de noite, agüentei só uns três me e não fui mais não, eu nem aprendi a fazer meu nome direito, às vezes eu me lembro, já pensou se eu chegasse a encontrar com ela, “rapaz, eu já sei ler e escrever um pouco”, como ela ia ficar satisfeita, né? (P3.3.18-25)

O **jovem apaixonado-meio-ignorante** não pôde viver o seu romance com a moça formada. Ele atribui isso à diferença de instrução entre os dois, o que refletiria no relacionamento como fator desvalorizador para ele. Se hoje a encontrasse, teria uma novidade: diria que não mais era um analfabeto! Talvez poder falar isso para ela fosse muito importante.

Foi também um jovem que sofria ao ser chamado de analfabeto pela sua família e que queria mostrar que podia deixar de ser analfabeto. Ao sentir-se humilhado, o jovem encontra mais uma motivação, mostrar a sua capacidade de superação.

A minha juventude foi uma juventude... eu nunca tive mordomia na minha vida não
[...] (P1.6.1-2)

[...] eu era um cara bem parecido né, novão né, mas dizia o cara é analfabeto, não tem condições não. (P1.8.1-2)

Quando analfabeto, sentia-se uma **pessoa-que-não-sabe-de-nada**, era como se fosse **mesmo-que-um-animal**, uma **pessoa-que-não-tinha-jeito-de-conversar-com-ninguém**. Sentia-se como **um índio, um burro**.

[...] quando eu não tava no colégio, era índio, não falava com ninguém, era todo tempo com aquela carona, magoado, agora não, isso tudo foi embora, é como diz aquela música manda a tristeza ir embora, qualquer um cumprimento todo mundo,

todo tipo de pessoa “oi, tudo bem? Bom dia! Tudo bom? Beleza e tal” eu lá fazia isso no passado, agora não! (P3.21.12-16)

P. enfrentou também preconceito racial, que acabou internalizando, gerando uma autoconsciência de desvalorização e sentimentos de inferioridade daí decorrentes. Hoje, considera o preconceito consigo mesmo superado e adquire uma outra postura diante de sua cor, manifesta-se como negro com orgulho e conhece os seus direitos, que preconceito racial é crime e que as pessoas que o têm são limitadas. Ele transformou-se de um **negro-ruim-envergonhado-que-não-vale-nada** para um **negro-orgulhoso**.

[...] Antigamente, eu tinha preconceito, vergonha, eu era muito cheio de preconceito! Eu fui criado numa família muito pequeno, né e teve a época do regime militar, muita gente me chamava de nego e eu era moreno, era muito criticado no interior, agora hoje não tem mais isso, eu era muito desligado do povo porque eu peguei aquela época ainda que o nego não valia nada né, hoje não, né, é tudo direito, nós é de outra era, né, de outra geração, mudou muito, né! (P3.22.2-7)

É porque as pessoas diziam “isso é um nego ruim”, “um nego desse aí é muito ruim mesmo”, mas como tudo mudou, eu nem esquento não, eu sei que dá processo, mas eu nem liguei não, eu tenho é prazer de dizer “chegou o negão aí”, antigamente eu chorava, sofria e não podia, mas hoje nem, não vale nada, hoje tá tão bom que a gente só vale o que tem, antigamente o negro ele podia ser cheio de dinheiro, ele era negro, ela não tinha valor nessa época. [...] (P3.23.1-6)

Veio para Fortaleza como **imigrante** em 1968 e assumiu a personagem **padeiro**. Nesse momento de sua vida, pôde se afirmar como um trabalhador que se considerava bem sucedido, apesar do analfabetismo, e, trabalhando em melhores condições, chegou a ganhar três salários mínimos, mesmo sem saber escrever o próprio nome, fato que se deve a sua arte, como ele o diz:

[...] Eu recebia mais que os outros, eu tava trabalhando com um patrão lá e eu cheguei a ganhar três salários e um cara lá chegou e disse “rapaz, tá errado, o cara que não sabe fazer nem o nome dele ganhar três salários?” Até que bancário na época não ganhava esse dinheiro, só que eu tinha uma profissão, né? Era a arte! [...] (P2.22.21-25)

Ao falar de sua profissão, P. se identifica ainda como padeiro, mesmo que não tenha continuado atuando. O substantivo predominou sobre a atividade e o personagem **padeiro** cristalizou-se e continua a dizer da identidade dele, o substantivo o define como padeiro, e não a ação de trabalhar nessa profissão. Talvez, ser padeiro tenha significado uma separação da condição de **criança-trabalhadora**, de **jovem-que-nunca-teve-mordomia**, de um **filho-sem-pai-que-trabalhava-como-um-animal** e que, segundo ele, teve sorte devido a sua arte. O **padeiro-artista** superou o seu destino de pobre e analfabeto que só poderia trabalhar como um animal, trabalho duro e com pouco retorno. O fato é que ele orgulha-se de sua profissão e de sua arte e que esta atividade transformou a sua vida e por isso a marcou profundamente, substantivou-se devido à grande dimensão do sentido pessoal que adquiriu.

Para Codo (1993), a relação do homem com seu trabalho, o afeto que lhe é vinculado ou desvinculado, a satisfação ou o sofrimento que daí advém, interferem na dinâmica da subjetividade do sujeito. Talvez por isso, P fala de forma tão diferenciada e vincula afetos distintos ao relatar o seu trabalho no interior e o seu trabalho de padeiro. Houve uma transformação significativa e positiva da sua identidade de trabalhador.

Porém, o padeiro-artista já não mais exerce essa profissão e deixar de vivenciar o personagem padeiro lhe possibilitou ficar **parado, aposentado** e poder ser **alfabetizando**.

[...] aí em 1968 eu vim pra Fortaleza, comecei a trabalhar em padaria, que eu sou padeiro [...] (P1.1.4-5)

quando passou uma temporada, eu vim pra Fortaleza, aí eu arranjei o emprego de padeiro, trabalhei em padaria e em padaria, não tem esse negócio de estudo porque é um de dia e outro de noite, aí fiquei por ali [...] (P2.1.29-31)

[...] é que eu trabalhava em padaria e padaria... agora não, porque tá completamente diferente, tinha uns tabuleiro lá, tabuleiro era onde botava o pão, aí fica uns resto isolado por lá, eu dormia por cima, aí eu peguei aquela doença do rato que chamava antigamente, agora é ranseniana, ransenia... (P1.14.1-4)

[...] eu pegar um caderno aqui e tá lendo aqui, eu saber sem pedir uma pessoa pra ler, pode até uma coisa de errado e a gente acreditar, né? Moça, pra mim era o sonho da minha vida, eu não esperava não ter essa oportunidade não e graças a Deus surgiu esta oportunidade e eu vou até o fim porque não tinha no passado, não tinha não! (P1.19.1-5)

[...] Agora surgiu essa oportunidade muito grande e eu, Deus ter dado essa oportunidade a mim no colégio aí, ó, porque a gente chegar no colégio sem saber de

nada e deixar a pessoa ficar né, é muita sorte, eu acho que foi muita sorte minha. [...] (P3.3.27-30.)

Relata ter sido movido pela vontade que tinha de deixar de ser analfabeto. Um estudante que sempre esperou uma oportunidade para estudar e que acha até que foi sorte, como se o fato de não saber de nada não lhe desse o direito de permanecer na escola. Tal pensamento reflete os sentimentos de desvalorização e inferiorização que vivenciou em toda a sua vida ao se defrontar com a realidade de ser analfabeto.

Para Jodelet (2001), o estigma da exclusão reflete-se no próprio excluído com o não reconhecimento dos seus direitos, que são compreendidos como favor. Esse estigma é fruto das relações de clientelismo e servilismo que dominaram e ainda dominam a história de constituição da sociedade brasileira.

A oportunidade de estudar veio ao adoecer, ao ser **portador de hanseníase**, e assim conseguir se aposentar. Ao assumir a personagem de **aposentado-parado**, sem abandonar a personagem de **padeiro**, pois hoje em dia ainda se afirma assim, pôde deixar de trabalhar “um de dia e outro de noite”, ficar **aposentado-parado** e retomar o grande sonho de aprender a ler e escrever. Pediu à esposa que procurasse uma vaga na escola e mais uma vez foi impedido de estudar, pois não tinha o quarto ano, no entanto, o sonho foi apenas adiado.

[...] quando foi em 96, eu falei pra minha esposa pra arranjar uma vaga pra mim porque eu tava parado, mas só podia se tivesse o quarto ano, quando foi agora esse ano que passou aí eu tive essa oportunidade que tava dando, o EJA, né? Aí eu mandei brasa e graças a Deus eu tô muito feliz porque eu já tô sabendo ler que eu não sabia de nada [...] (P1.1.7-11)

No ano de 2004, surgiu a oportunidade que precisava, o EJA, que matriculava jovens e adultos ainda não alfabetizados. Atualmente, apresenta-se um **alfabetizando-muito-satisfeito**, um **alfabetizando-que-nunca-pensou-em-ter-essa-oportunidade**, que sempre teve um sonho de um dia aprender, saber, mas que achava difícil, e que hoje quer estudar não para arranjar emprego, nem somente para realizar o sonho de ler jornal, mas para não passar mais vergonha.

[...] Graças a Deus, tô aí, e eu vou a frente, o meu sonho era ler um jornal, eu achava “Ah meu Deus, ah se eu pudesse ler um jornal!”, agora eu não quero mais o jornal, eu já quero terminar a oitava e até mais né? [...] (P2.1.45-48)

[...] me ajeito todin e quando é seis e meia eu venho embora pra cá pro colégio, porque eu tenho amor, eu tenho certeza de que vou chegar lá [...] (P1.7.6-7)

Revela-se ao início do processo de alfabetização como um **alfabetizando nervoso-e-com-medo, alfabetizando-papagaio-cego**, ao iniciar o processo de alfabetização, e foi aprendendo, ganhando confiança, até abandonar essa personagem e assumir a de um **alfabetizando-que-se-garante**. Durante esse processo, foi fundamental o reconhecimento dos outros (família, professores e alunos).

Bom, quando eu cheguei lá o primeiro dia, eu fiquei muito nervoso, né? Porque eu vi aquela multidão de gente, aquele pessoal que tudo sabia e eu sem saber de nada naquela sala. [...] (P2.1.1-3)

E depois daquilo ali, eles começaram a botar fé em mim, né? Eu comecei a perder aquele medo, quando a gente chega no começo, a gente é nervoso e aí depois que começa a se soltar mesmo, a se garantir, aí pronto, o medo acaba. [...] (P2.5.1-3)

[...] E aí a mulher começou a conversar comigo “rapaz, sabe que tu é do tipo de homem inteligente” e quase que não deixa mais de conversar comigo né? [...] (P2.5.8-10)

[...] Já pensou quando eu tô na aula e o pessoal diz “esse cara é inteligente demais, ele é um gênio”. [...] (P2.12.5-7)

[...] Diz, diz, todo mundo diz, eu fiz aí um dever do, do como é o nome dele, Cezar Andrade, parece que é, eu peguei o texto lá e eu leio todinho, aí a professora que tava lá, tava estagiando, disse “ele sabe mesmo!” Eu tava ouvindo ela dizendo essas palavra aí e aí que eu fiquei mais cheio mesmo, né? Mas cheio não é com orgulho não, né? É emocionado de saber porque é muito bom a gente saber das coisas, né? [...] (P2.13.1-6)

Vygotsky (2001) afirma que a linguagem escrita proporciona o aperfeiçoamento da linguagem falada, melhorando os processos comunicativos. Esse aperfeiçoamento auxiliou P. na auto-afirmação de si mesmo. Aspecto para o qual Ferrero (1990) também faz a consideração de que, ao melhorar o processo comunicativo, o alfabetizando fortalece a sua auto-estima e a capacidade de expressar a si mesmo.

Em sua trajetória escolar, precisou enfrentar o preconceito dele mesmo que ganhava força com o preconceito de algumas pessoas que perguntavam o que ele queria estudando, se já era velho e se mesmo quem já havia terminado estava desempregado, imagina ele que tinha acabado de começar. Precisou se fortalecer contra as críticas dessas pessoas e ressignificar o seu próprio conceito, para reafirmar o seu propósito de “pular dentro” quando tiver uma oportunidade.

[...] todo mundo diz: “Rapaz, tu é muito inteligente”, já muita gente que diz assim: “rapaz pra que é que tu quer estudar? Se tanta gente já terminou e não tem emprego”, eu digo: “Rapaz, eu quero aprender porque eu quero aprender” [...] (P1.20.13-15)

[...] E eu ainda fui meio vaiado no começo, o pessoal dizia “tu vai estudar, tu é doido, tu não aprendeu no tempo de novo, vai aprender no tempo de velho”, eu digo “mas só eu não tive essa oportunidade quando eu era novo e tá surgindo essa oportunidade e eu vou aproveitar”. (P1.10.23-25)

[...] Graças a Deus, eu já tive muito preconceito, não é mole não rapaz, você sair dum colégio e vê um pessoal tão besta porque todo mundo estuda, eu ir prum colégio, mas pra quê que você quer ir se não quer aprender? Eu ficava por ali mesmo, eu fui comprar uns pão, o rapaz perguntou pra mim “cadê, tá no colégio?”, aí uma mulher chegou e disse assim “pra quê véi estudando?”, aí veio assim dentro de mim eu lá vou dizer nada, eu já tenho um pouco de educação, aí eu não disse nada não, né, isto é a postura dela, quem tá perdendo é ela [...] (P3.17.12-19)

Por outro lado, é também nas relações sociais que se fortalece a sua vontade de aprender, no elogio de sua família ao valorizar os seus progressos.

E até uma menina que eu tenho aqui me deu uma força, “é pai pelo que eu tô vendo o senhor vai passar de nós!”, mas olha, aí eu achei graça, ó, né bom, graças a deus tudo tá me ajudando, tudo são bem vindo, me dá força, pois é, moça, eu não vou desistir não. (P3.19.15-18)

[...] Aí eu vou aqui pego a caneta assim aí eu boto aqui tantos quilos de arroz, tantos quilos de café, café, açúcar, aí boto tudin e aí digo “Olha aí, se tá certo.” E ela diz assim, na linguagem da gente : “Olha o bicho, rapaz, o bicho já sabe ler mesmo”, isso não é uma riqueza? Pra mim é, pra mim é mesmo, eu já sei fazer tudo isso! Né? (P1.18.3-7)

E há no reconhecimento e valorização de sua capacidade pelos professores uma significação positiva de sua identidade de alfabetizando e na sua capacidade de relacionar-se com as pessoas:

[...] a professora disse “não, pode ir para o três que você tem capacidade” aí eu disse: “eu!”, “você mesmo pode ir que eu sei que você tem” e os professor sabe mesmo da vida da gente, né? e eu tô aí no meio dos sabidão lá, claro! é só interesse que a pessoa começa [...]

O interesse dele foi reconhecido pela professora e ele foi remanejado para o EJA

II:

[...] tinha uma moça lá, aí eu tava no I, aí a moça foi, uma professora lá, uma coroa, aí pegou umas três palavrinhas, parece que era “casa”, “família” e parece que “doce”, qual é essa aqui?”, eu disse “família”, “e essa aqui?”, “casa”, “e essa aqui?”, “doce”, aí ela disse “você não é mais pra tá nessa sala aqui não e eu disse “por quê?”, aí parece que eu fiz foi dar um vôo assim, né, fiquei emocionadim né [...] (P3.11.7-12)

É, eu arranjei boas amizade lá, né, até os próprio professor, as professora gosta de mim fala comigo antes d`eu chegar lá, reparando em eu, né, todos eles eu respeitava eles, né, aprendi falar né, cumprimento todo mundo “Boa noite!” antes do colégio, eu lá cumprimentava ninguém, né, agora onde eu chego, antes do pessoal chegar eu já falo, né [...] (P3.20.1-5)

Esse relacionamento positivo com os professores e colegas são motivadores a mais para que ele continue estudando e o afirmam como **alfabetizando-inteligente-reconhecido-promovido**.

Eu não posso, eu não posso parar, por que o que eu vou fazer, ficar só aqui assistindo televisão, quando eu vou pra lá tem os colega, aquilo faz bem à gente, a gente desabafa, quando começa a conversar com um, conversar com outro, a gente diz “ó, rapaz, não é assim e tal”, por que o que é que eu vou ficar fazendo aqui, nada, eu vou porque eu quero aprender! Porque eu quero chegar lá se Deus quiser, eu quero sair daquela turma aplaudido lá no dia que eu receber meu certificado, igual a um que eu vi lá, eu não sei não se acontecer isso, o pessoal vai me chamar é de doido! Eu vou gritar lá, aplaudir, sabe! (P3.18.1-8)

É um **alfabetizando-interessado**, que tem capacidade de acompanhar um nível maior que o seu, que aprende em qualquer lugar, que está no meio dos “sabidão”, que é inteligente, que aconselha aos outros a aproveitar a oportunidade que ele não teve, que “quer aprender porque quer aprender”, que se interessa pelo conhecimento em si. Hoje, já tem jeito para conversar, procura falar o português correto, presta mais atenção, pesquisa e fala palavras que até o professor se admira.

[...] eu presto bem atenção quando as pessoas fala porque não é todo mundo que fala o português correto né, mas eu procuro ir bem devagarzinho quando eu dou fé tô lá, às vezes eu digo frase que o professor acha é graça mesmo né [...] (P1.10.7-10)

[...] Aí eu vou me soltando porque eu sou o tipo da pessoa que quando eu começo a conversar, começa a entrar idéia na minha cabeça, de repente, é como o professor falou “rapaz, você começa a escrever, de repente você vai criando, vai produzindo e você vai escrevendo”. [...] (P2.5.10 -13)

Seu Valor Pessoal (Góis, 1994; 2003) também se reflete no seu prazer de dar a sua opinião, falar para todos e se sentir bem com isso, revelando a sua Identidade, acreditando na importância de expor o que pensa e no reconhecimento da importância que isso tem para o seu crescimento pessoal. P. afirma o seu direito de ter vez e voz como fundamentais na busca da humanização, depois de tanta opressão e exclusão constantemente vividas.

[...] aí lá eu li, com aquela coragem, aquela garra, aquele multidão de gente, você pra chegar no lugar como eu tava que não era acostumado [...] (P2.1.17-18)

É a maior emoção do mundo! Aquele amor, aquela força, parece que dá vontade de soltar mais, o que eu puder dizer, eu digo. Aí eu fico me perguntando “puxa vida, como é que Deus é tão bom pra mim, poder falar com uma multidão de gente daquele”, porque não é todo mundo não, moça, que tem coragem de falar, a turma toda não tem, então eu me acho, não é, querendo ser melhor não, eu já sou melhor do que eles porque até isso, eu já tive coragem e eu não tinha no passado [...] (P2.3.1-6)

[...] se eu for falar naquele multidão de gente, disse assim “quem quer falar qualquer coisa aqui!”, “o que é que você acha”, tem gente que fica por ali, se escondendo, eu vou, eu vou mesmo logo de gaiato, eu vou, eu não deixo nem o pessoal querer ir não, eu sou desse jeito e eu não era assim. (P2.14.1-4)

Bom, depois que, antes d'eu começar a estudar eu era uma pessoa ignorante, não falava muito, não respondia o pessoal direito, quando eu comecei a botar os pé dentro daquele colégio, eu comecei a desenvolver e comecei falar com o pessoal, aprendi falar, aprendi respeitar, cumprimentar que eu não sabia, né? [...] (P3.1.1-4)

[...] eu era uma pessoa ignorante, não dava atenção a ninguém, não tava nem aí, agora não chega uma pessoa, eu digo “bom dia, tudo bem”, eu cumprimento, se não quiser cumprimentar, não tem problema, né? Já tenho toda a educação, peço licença, não leva a mal e por aí vai indo, eu não tinha isso, não, eu era um cara muito cheio de estupidez e hoje não, eu sou outra pessoa. [...] (P2.3.7-11)

Talvez, a oportunidade mesmo que tardia de ser alfabetizado tenha contribuído para o fortalecimento de seu Valor Pessoal, seja na confiança que adquiriu em si mesmo ao aprender coisas que ele nem esperava que aprendesse. A leitura do mundo e a leitura de si fazem aflorar um **alfabetizando vaidoso**, elogiado por todos. Ele sente-se mais rejuvenescido e assume a personagem **alfabetizando-garotão**.

[...] quando eu vou pro Centro passo ali, tiro a minha carteira, pago só meia, acontece que o pessoal fica olhando, aquilo ali você nem sabe, parece que eu fico é cheio, parece que encheram eu e eu fico do tamanho do mundo, é um amor muito grande, não é mole não! (P2.3.12-15)

[...] Agora eu tenho prazer de pegar a minha bolsa ali, boto as minhas coisa ali e saio, quando eu pego minha carteira e apanho o ônibus, faço só mostrar a minha carteira pro trocador, quando eu mostro minha carteira pra mim é uma felicidade muito grande [...] (P3.17.8-12)

Atualmente, P. foi promovido para uma turma de nível superior, em outra sala e com outra professora, a personagem **alfabetizando-nervoso-com-medo** reapareceu e com ela o medo de enfrentar o estranho, os novos colegas, as dificuldades. Pensou em voltar à turma inicial, mas decidiu enfrentar o novo desafio e as personagens **alfabetizando-inteligente-determinado-vaidoso-interessado** muito têm a lhe auxiliar nesse caminho.

Eu não tô com vergonha, eu não tô com vergonha, eu tô achando o ambiente, assim, o ambiente estranho! Mas mesmo assim já tem uma pessoa que chegou pra mim e conversa comigo, assim cumprimente, né, mas eu não tô nem aí não, tá certo, eu tô achando que eu sou e idade, então tem gente mais velho e tem gente novo, quem tem

que ter vergonha é eles, por que é que eles não aprenderam quando era novo pra tá no meio dos véi, né? O meu problema é só esse mesmo, mas vergonha lá eu não tem não, por que que eu vou ter vergonha? No começo, eu tinha. [...] (P3.17.1-8)

[...] Porque tem gente lá que sabe igual a mim e tem gente lá que não sabe nem igual a mim e eu tô sendo covarde na frente deles, agora é que eu vou mesmo, segunda-feira eu vou lá e pego o meu caderno, minha caneta e mando brasa, porque tudo o que passa lá na lousa eu sei fazer, por que é que eu vou bancar o covarde? Porque eu tava sendo covarde mesmo, agora eu tô com raiva de mim mesmo, agora! [...] (P3.19.6-10)

Outro aspecto do Valor Pessoal (GÓIS 1994; 2003) é a capacidade de desenvolver relações sociais positivas, o que P. revela como uma preocupação sua a partir do processo de alfabetização, uma vez que busca tratar bem as pessoas, demonstrando educação e cortesia e, assim, sentir-se um ser humano melhor.

O Poder Pessoal (GÓIS 1994; 2003) também se reflete na capacidade de reconhecer-se como ser capaz de transformar a realidade em benefício não só de si mesmo, como das outras pessoas no convívio social. P. deseja transformar a realidade do analfabetismo em seu país, em sua comunidade e em sua sala de aula.

E esse desejo de transformação parte de uma compreensão histórica do fenômeno do analfabetismo no Brasil como fruto de relações sociais injustas e opressoras. Para Ferrero (1990), os adultos analfabetos apresentam uma história de exclusão, marginalização e desrespeito, estando o analfabetismo longe de ser um fenômeno natural, mas sim produto de fatores sociais.

[...] eu chamo tanta gente pra estudar, porque eu não quero só pra mim não, eu quero pra todo mundo, “umbora gente, estudar!” Eu chamo todo mundo que eu vejo, pois moça, eu vi aí uma entrevista aí no jornal, no Brasil tem no sei quantos mil analfabetos e nós temos a nossa oportunidade e não aproveitamos. (P2.25.13-15)

[...] eu vejo muita gente ali enrolado mesmo, não sabe de nada e pra mim, agora no mês de novembro, uma senhora chegou pra nós e veio me pedir pra ensinar a fazer a conta dela, como é que pode? Não é uma benção muito grande, né? (P2.5.14-17)

[...] sinto o maior prazer do mundo, agora eu sou desse tipo de gente que eu gosto de ajudar [...] (P2.6.1-2)

[...] e eu faço até uma confusão por alguém que não quiser aprender, eu digo assim “rapaz, vamos aprender que é bom pra nós porque é a última herança que você não divide com ninguém”. [...] (P2.6.25-27)

[...] eu digo pro meus companheiro “umbora”, mas ninguém quer ir, o que é que eu posso fazer? Tô fazendo a minha parte, eu não quero só pra mim não, eu quero pra todos, tem um rapaz ali que é motorista, não sabe nem fazer o nome dele, tirou a carteira na marra aí, eu digo “vamo com a gente estudar aí”, “não, eu não sei”, “vamo macho, tu vai precisar” [...] (P2.25.14-19)

P. reconhece o significado da alfabetização em seu sentido mais complexo e se esforça para não ser um analfabeto funcional⁵. Sua consciência da importância da efetividade de seu aprendizado é surpreendente!

[...] agora eu assisti uma entrevista aí e foi bom pra mim essa entrevista, porque eu tava ouvindo ele dizendo no jornal nacional que o brasileiro ele é uma pessoa que ele é muito, ele sabe ler, mas não se garante, ele tá vendo uma palavra, mas não tá, tem que perguntar, ele tem que se garantir, ele dizendo e outro também que me deu mais uma força pra eu me interessar mais foi que eu assisti uma pesquisa aí que parece que 70% entendia e 30% não entendia nada, é por isso que eu não quero fazer dever de ninguém no colégio que é pra tá “ei, deixa eu fazer isso aqui?”, como é que eu vou aprender? (P3.14.7-15)

[...] Porque é interesse, força, garra, amor, por aquilo ali, a coisa que eu tinha a maior vontade no mundo era aprender a ler, e hoje eu pego um livro desse eu já sei leio, né? [...] (P2.2.3-5)

Ferrero (1990) considera a linguagem escrita como sistema de representação da realidade que deve proporcionar a aquisição de novos conhecimentos e um instrumento de intervenção em diversas situações sociais. As contribuições da escrita auxiliam a vida de P. e contribuem para que ele possa desenvolver novas habilidades em seu cotidiano.

A caneta, é claro! A caneta é igual a um computador, você nota aqui e acabou-se, você pode até ficar bebo, cair no chão, dormir aculá, quando é no outro dia, que você

⁵ O analfabetismo funcional caracteriza-se pela alfabetização onde há apenas a decodificação dos signos da linguagem, impossibilitando o alfabetizado a compreender os significados e a função comunicativa e social da língua escrita, daí a expressão “analfabeto funcional”, já que ele foi alfabetizado quanto aos códigos, mas continua analfabeto quanto ao funcionalismo.

chegar, você sabe tudo o que fez porque tá tudo notado, é uma diferença muito grande, não tem nem comparação, não tem não, não tem, você bota tudo de memória na cabeça, tudo bem, mas você esquece e no caderno não, tá tudo escrito, já pensou eu pegar um caderno e notar tudin, o nome da pessoa e tal e tal. “Carne, feijão”, que eu escrevo tudo isso aí. Às vezes quando eu vou pro mercantil, eu boto “arroz”, tudo, tudo, tudo mesmo, é melhor do que eu ir de cabeça que eu já sei o que eu vou comprar [...] (P2.25.1-9)

[...] na matemática, eu vou, antes de eu estudar, eu já sabia mais ou menos quanto dava em conta no mercantil, quando eu comecei a pegar a caneta mesmo foi que melhorou e eu tô aprendendo a comprar, a mulher ainda vai me ensinar ainda porque conta de mercearia é ruim, tem que ter o zero, né? [...] (P3.2.49-52)

[...] eu era uma pessoa que quase como um cego, já pensou uma pessoa ver um nome e não sabe nem fazer direito, né, hoje eu chego e se precisar assinar, eu já assino, no passado, eu não sabia direito, é muito bom quando a pessoa sabe ler, a pessoa que sabe ler é uma pessoa rica, porque ser rico não é só ter dinheiro não, pra mim o estudo, fora da saúde, pra mim é a maior riqueza do mundo, sabe a pessoa chega num canto “ei, assina aqui” e a pessoa não saber, tacar o dedo [...] (P3.1.38-44.)

Hoje, P. se considera uma pessoa rica, está aprendendo e assina em qualquer lugar, não precisa mais “tacar o dedo”, o que para ele seria uma situação embaraçosa. O ato de ser reconhecido socialmente como alguém que sabe assinar o próprio nome lhe dá mais dignidade

Em seu trabalho, também sentiu a necessidade de se alfabetizar para dominar as novas tecnologias. Hoje, sente-se capaz de fazê-lo sem o auxílio de outra pessoa. Aprender a ler e escrever possibilitaram a ele desenvolver novas relações no trabalho, diferentes da vergonha de ter que ser instruído por outras pessoas e de que ter que lançar mão apenas do recurso da memória para anotar recados. Essas mudanças refletem-se no desenvolvimento de uma maior autoconfiança, um dos aspectos do Valor Pessoal (Góis, 1994;2003)

Também é interessante notar como avalia a complexificação do trabalho cognitivo a partir do uso da linguagem escrita, ascendendo a formas superiores de trabalho intelectual. (Luria, 1990).

[...] Aí quando eu cheguei lá o forno chegou, forno bonito, parecia um computador, apertava num dedo a luz acendia, apertava num dedo o nome desliga, no outro o

vapor, acendia a luz e eu sem saber de nada, aí o cara me ensinou bem direitinho [...] (P2.22.29-32)

Para Ferrero (1990), também é importante compreender o alfabetizando em seu ponto de vista intelectual, haja vista que ele constrói hipóteses antes de ser propriamente alfabetizado numa escola e, durante a alfabetização, são elaboradas novas hipóteses acerca do sistema que está sendo apreendido, o que denota sua atuação como sujeito ativo no processo de apropriação da linguagem escrita.

[...] separando pras pessoas entenderem as palavras tudin, no começo eu ia escrever um negócio aqui e aí fazia tudo junto, aí não dava pra entender, às vezes quando uma pessoa fica perto, eu faço um quadradozinho pra pessoa saber que aquilo ali é uma palavra, tudo emendado não dá, só se a pessoa souber muito ler, mas tudo emendado não voga, né?. (P2.8.4-8)

Hoje, P. quer mostrar à sua família que não é mais um analfabeto-avergonhado. Um analfabeto que quando é chamado de analfabeto sente “uma dor muito grande”, uma “vergonha” que não quer mais passar. Agora, já alfabetizado-liberto, é elogiado pela família ao fazer uma lista de compras, pode escrever o próprio endereço para um amigo que queira visitá-lo, pode ler uma nota fiscal de uma bicicleta, pode pesquisar e descobrir palavras novas, compreende o que significa cidadania, democracia e já se sente um grande cidadão.

[...] sabe que assim mesmo eu não tem mágoa, não tem mágoa não, que graças a Deus eu sou muito feliz, tenho paz na minha vida, sou um grande cidadão, eu não devo nada a ninguém, sou limpo, eu não sou perfeito porque ninguém é perfeito, graças mas a Deus eu posso me considerar um cidadão e eu tô muito satisfeito, no começo eu tava com preconceito porque muita gente dizia assim “o que é que um véi desse quer estudar ?” E o que é que tem? É melhor aprender do que não saber de nada, né? Aprender a conversar, falar, né? Eu tava lendo um texto ali, né? Cidadania, eu tava lendo num livro, eu lá sabia o que era cidadania, né que tem aqui no livro, eu tava lendo, né? [...] (P1.9.11-19)

[...] porque você ser uma pessoa cidadão não é só a pessoa andar sem fazer desordem com ninguém e brigando não, eu me considero um cidadão porque eu sou uma pessoa que eu em tudo o que eu me envolver, eu já posso chegar em qualquer cidade e me garantir, é por isso que eu digo que eu sou um cidadão porque se eu

procurar qualquer um desse canto aí que fala na televisão, eu já vou bater em cima. Por quê? Porque eu já me acho um cidadão porque eu já olho lá e já sei ler, eu já sei ler e no passado eu não sabia [...] (P3.14.1-7)

Para o futuro, sonha em concluir o ensino fundamental. Pretende estudar enquanto vida tiver porque não desiste, é um alfabetizando-determinado.

[...] quero ver se eu termino e se der para continuar, eu vou, enquanto eu viver, eu vou, porque é a única coisa que a gente não divide com ninguém, a gente leva, né? Já pensou, moça, se eu terminar, agora que mudou a oitava, agora é outro né que tem? Chama agora outro nome, eu terminar a oitava e receber o certificado que pulo eu não vou dar, né? (P1.20.1-5)

A história de vida de P. nos mostra os principais papéis e personagens que surgiram durante a sua trajetória, possibilitando uma compreensão mais contextualizada do processo de alfabetização e da construção de sentidos do que está a ele relacionado.

7. AS POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES DE SER ALFABETIZANDA

Já neste capítulo, discorreremos sobre a história de vida de F. a fim de analisarmos sua trajetória, relacionando-a ao analfabetismo, as possibilidades e impossibilidades de superação deste e ao seu processo de alfabetização.

Sr^a. F. nasceu em Canindé, no interior do Ceará, vivenciando com sua família uma realidade de miséria e opressão na constante luta pela sobrevivência.

Seu pai, um trabalhador de fazendas, vivia se mudando de uma fazenda para outra, onde tinha que cuidar do gado e da plantação da propriedade. F. precisava ajudar o pai e ficava encarregada principalmente dos trabalhos domésticos. Ela era a única filha que trabalhava, o pai a tinha escolhido por considerá-la uma **menina esperta**. Ela era uma **menina-que-perambulava** e viveu a infância, *que não foi muito boa*, trabalhando.

Não, era assim... porque o pai parece assim que ele escolhia só eu pra ajudar, sabe? Porque achava que eu era a mais esperta, né, assim pra ajudar na... no interior, né, os menino ficava em casa, eu ajudava lá, aí depois a gente só vivia se mudando de fazenda em fazenda, aí eu ia também limpar mato mais ele [...] (F1.6.1-4)

[...] E esse negócio era só comigo, os outro não estudaram porque não queria, certo, o L. não estudou porque não queria, mas só a pessoa indicada, eu acho que era porque eu era uma pessoa muito esperta, ele achava que se falasse comigo pra fazer aquilo, eu fazia, né [...] (F2.18.4-7)

Desde muito cedo, teve que ajudar o pai e tornou-se uma criança trabalhadora. A **menina-trabalhadora** não teve uma infância muito boa, pois tinha de trabalhar nas casas das fazendas onde seu pai trabalhava, auxiliando nos serviços domésticos e, às vezes, até em trabalhos mais árduos, “limpando mato”, plantando e trabalhando com gado.

A **menina-que-perambuava** de morada em morada trabalhava auxiliando a patroa em todas as atividades domésticas, sendo explorada e violentada.

Minha infância foi... foi muito boa não, quer dizer tive que trabalhar, né, pra ajudar meu pai a sustentar em casa, nós morava na fazenda, aí eu tinha que trabalhar com uma mulher lá, patroa dele, aí não foi muito boa não, foi mais ou menos. (F1.1.1-4)

Eu trabalhava na casa, ajudava, varria né, lavava, fazia até comida lá, desde pequena, desde 11 anos. (F1.4.1-2)

[...] Aí eu fui lá pra casa dessa mulher, trabalhava o dia todin lá, à noite não podia estudar porque não tinha, lá eu era tão humilhada lá, eu lá fazia comida, eu com onze ano de idade, tu acha! 10, 11 anos, eu tinha idade de fazer comida? De fazer tudo? Não tinha! Aí queimava as coisa e ela se danava comigo. Um dia, mulher, ela jogou foi uma panela de caroço de jaca nos meus pés, com raiva porque eu tinha deixado queimar. Eu cozinava, eu varria, eu lavava, fazia tudo! Aí nós se mudamo pra outro canto, nesse mesmo canto eu tinha que trabalhar também na casa dessa pessoa, aí tinha a casa e tinha também uma mercearia, lá se vai eu trabalhar lá feito uma....não tinha tempo, né. (S2.18.15-23)

A condição de menina-que-perambulva, menina-trabalhadora, não pôde coexistir com a de menina-estudante. As mudanças de morada sempre atrapalhavam a continuidade no colégio, outras vezes as moradas eram em locais mais distantes, impossibilitando o acesso ao estudo.

O trabalho precoce e árduo não deixava tempo para a escola e F., apesar de ter começado várias vezes a estudar, nunca pôde dar continuidade, nem conseguiu ser alfabetizada durante a infância.

F. relata que não deixou de estudar por falta de interesse, à maneira de seus irmãos, mas sim em função da responsabilidade que lhe fora imposta pelas condições desfavoráveis de vida que enfrentou desde a infância.

[...] Quando eu era criança, né, era assim porque o meu pai botava a gente no colégio, quando dava fé, o pai dizia assim: “Eu vou embora! Arrumei outra morada!” Lá se vai a gente embora, aí lá se vai a gente sair do colégio e arrumar outro colégio, outras vez é porque o colégio era muito longe e ele tinha medo de deixar a gente ir: “Não, não vão não, porque é muito longe!” aí quando foi depois... (F2.14.8-13)

[...] eu sei que eu não pude estudar quando eu era pequena, eu nunca pude estudar. Assim, porque ele botou a gente no colégio, né. Aí quando o colégio não dava o material, né quando faltava, né, aí não tinha condições porque ele não tinha dinheiro

pra comprar, aí pronto, ficava parado, aí eu vi que não dava certo... e resolvi só trabalhar, eu já trabalhava né, trabalhar pra ajudar ele. [...] (F1.6.4-9)

[...] ficava só mudando de colégio, quando dava fé o pai dizia que a gente ia embora, “nós vamo embora daqui!”, antes do meio do ano, ele dizia que ia embora, aí eu perdia o ano, saia do colégio [...] (F3.9.3-5))

A **menina-que-perambulava-trabalhadora** era também uma **menina-que-nunca-pôde-estudar**, diz nunca ter podido estudar, o seu pai até demonstrava a preocupação de colocar os seus filhos para estudar na escola, possibilitando à criança ser uma **menina-estudante-trabalhadora**, mas não conseguiu arcar com os custos do material, nem permanecer numa mesma morada. Segundo F., isso dificultava muito a sua aprendizagem, além do que, o cansaço e o tempo dedicado ao trabalho, a fizeram desistir de ser uma **menina-estudante**, dedicando-se somente ao trabalho para ajudar os pais e fortalecendo a personagem de **menina-trabalhadora**.

Aos 13 anos, a **menina-trabalhadora** torna-se **imigrante** e vem para Fortaleza, continuando a ser uma **menina-que-trabalha-em-casa-de-família**. E que sofreu muita humilhação, inclusive violência física e tentativa de abuso sexual.

[...] com 13 anos eu vim pra casa da minha tia e aí trabalhava, né, pra ajudar, depois passei uns tempo lá no Maranguape, trabalhava em casa de família, foi a primeira casa de família que trabalhei foi no Maranguape, fora a casa da minha tia, né e fui muito homilhada lá, até apanhar, apanhei, porque o meu patrão queria fazer coisa comigo e eu não queria, aí ele me batia... (F1.6.10-14)

A **jovem humilhada e violentada** sai da casa onde trabalhava e deixa de ser uma menina-trabalhadora. Aos 17 anos, passa a assumir o personagem de **jovem-mãe** e de **jovem-esposa**. Essa mudança em sua vida poderia representar para ela, naquele momento de sua vida, a perspectiva de superação da condição de menina que sempre trabalhou na casa de outros para a de **jovem dona-de-casa**, que trabalha agora em sua própria casa, não mais recebendo ordens e agüentando humilhações, e superando também a condição de **menina violentada e humilhada** para a de **esposa-amada**. Porém, não foi bem assim:

[...] aí saí dessa casa e aí quando dei fé engravidei e aí tive a M., que agora já tem 17 anos. No começo, ele foi ruim comigo, ele e quando foi no fim, aí foi que ele piorou

e não deu mais certo, aí de lá voltei de novo pro Maranguape pra trabalhar [...] (F1.6.14-17)

Ele era bom no começo, a gente conhece uma pessoa depois que a gente vai morar com aquela pessoa, né, eu achava que ele era uma pessoa boa, né, aí depois que eu passei a morar com ele, foi que... ele saía, me deixava só, o dinheiro que ganhava, gastava com festa, quando era no outro dia que eu ia pedir dinheiro pra fazer as compra pras menina e pro menino, até o leite do menino que agora tem 15 anos, ele dizia que não tinha, não tinha dinheiro, quando eu ia falar, ele batia em mim e aí logo depois nós nos separamos. Nós vivemos 7 anos porque um ano eu namorei com ele e passei seis anos vivendo junto com ele. E eu não suportei mais ele e fui embora com dois menino pequeno [...] (F1.7.1-9)

E a **jovem-esposa** também reencontrou a vivência da humilhação e da violência física ao lado do companheiro e dentro de sua própria casa, assumindo a personagem de **esposa violentada e humilhada**, reaparecendo a marca da violência em sua vida de **menina-humilhada-violentada** e **jovem-humilhada-violentada**. Para negar mais uma vez essa personagem em sua vida, já vivenciada quando era uma **menina violentada e humilhada**, teve de assumir a de **mulher-separada-com-dois meninos-para-criar** e voltar a trabalhar em casa de família.

Depois de ter sofrido violência física em toda a sua vida, quando menina da patroa, quando jovem do patrão, ela queria romper com os maus tratos, encontrar carinho, amor, construir família e, mais uma vez, encontrou a violência e a humilhação, suas velhas conhecidas. Na tentativa de se resguardar e não mais ser violentada e humilhada, ela decide e paga o preço, prefere enfrentar a vida sozinha com dois filhos, e separa-se do marido. Este conseguiu afastá-la da filha mais velha que, durante muito tempo, não conviveu com ela.

[...] Aí com pouco tempo, ele foi lá no Canindé e fez uma briga medonha lá comigo, bateu no meu irmão e tomou a M. de mim e levou lá pra mãe dele, foi a mãe dele quem criou ela, ela terminou os estudos por causa da mãe dele porque se fosse por ele, aí o outro vai terminar ainda a terceira, quarta, a quinta, vai estudar à noite porque tá com 15 anos e não tem mais horário não, tem que tá o tempo todo com ele porque... Agora em Maranguape, eles tão morando em Maranguape, eu tô pagando aluguel né, eu não posso morar lá porque lá não tem emprego que pague bem porque pra gente pagar aluguel, a gente tem que ganhar ao menos um salário, né? Se não, não dá, aí eu tô trabalhando aqui e todo final de semana indo pra lá, eu vou sexta-

feira, passo sábado e domingo lá com eles e segunda tem que tá aqui de novo.
(F1.7.9-19)

A personagem **mulher-separada-com-dois meninos-para-criar** trouxe muitas dificuldades para a sua vida, pois não pôde acompanhar o crescimento dos filhos e teve de voltar a trabalhar em outra cidade para sustentá-los. Passou a vivenciar a personagem de **mãe-trabalhadora**.

Quando analfabeta, assumiu a personagem **analfabeta-envergonhada-que-sentia-mal**. F. relata ter tido vergonha de não saber ajudar os próprios filhos nas tarefas escolares, escondendo deles que não poderia orientá-los por não querer que eles descobrissem sua condição de analfabeta.

Omitiu também essa condição para um namorado, devido ao sentimento de vergonha e inferioridade pela sua condição de analfabeta, temia não ser aceita e nem valorizada pelo namorado.

[...] arrumar um emprego pra tu, mas tem que ter o segundo grau“. Aí outra vez, eu tava agora gostando de um rapaz lá em Fortaleza e ele tava trabalhando num negócio lá e ele disse que ia arranjar um emprego pra mim e eu disse pra ele que tinha terminado os estudo. Tu acredita que eu menti pra ele? [...] (F2.12.3-6)

Ela tinha dificuldade de assumir para as outras pessoas que não era alfabetizada, até mesmo nos momentos em que lhe ofereciam emprego.

F. convivia com vários sentimentos de desvalorização, medo de não ser aceita, compreendida, valorizada. Tinha vergonha de dizer que era analfabeta, preferia mentir, desse modo sentia-se melhor, assumia uma condição diferente da sua. Era uma **analfabeta-que-não-assumia**. O sentido pessoal (SILVESTRI E BLANCK, 1993) de ser analfabeta era vivenciado de forma depreciativa e vergonhosa.

Ao assumir o papel de **alfabetizanda**, relata os benefícios e sentimentos decorrentes da aquisição da leitura e da escrita. Para Ferrero (1990), essa aquisição deve capacitar o sujeito para lidar com diversas situações sociais. F. o faz, ampliando a sua autoestima e autoconfiança, revelando aspectos que reafirmam o seu Valor Pessoal (Góis, 1994; 2003) e Poder Pessoal (Idem).

[...] Aí eu fui, né, passei 6 mês, nós fomo até pra receber o diploma, lá no, foi tão bom! [...] (F2.28.4-5)

[...] ajuda quando tem que anotar um recado, né, fulano ligou. Tem que anotar bem direitinho pra entregar a patroa. Aí ajuda muito, né, eu acho que ajuda muito. Ajuda assim, você pode assinar seu nome sem ter que botar o dedo, vai num canto e sabe pegar um ônibus, fulano vai aqui ou ali, você vai, sabe ir no banco pagar uma coisa, aí você ta sabendo onde é que você vai né, aí você não sabendo de nada, pode resolver porque você não sabe de nada. Aí tendo, né, torna tudo mais fácil. (F1.18.1-7)

Eu acho assim que ler, escrever é muito bom porque mesmo que você não arranje um emprego bom, tudo, sabe, eu acho assim que se você quer escrever carta pra uma pessoa, certo, aí você não sabe escrever, aí tem que mandar uma outra pessoa escrever e é um assunto particular, aí você diz “fulano, escreve essa carta pra mim”, aí você tem que dizer tudo ali, eu acho que é uma boa, se você quer escrever uma carta, quer escrever um bilhete, uma coisa, aí se você não sabe, aí tem que mandar uma outra pessoa escrever. Uma carta, se você recebe uma carta e você não sabe ler, aí “fulano, leia essa carta aí pra mim”, uma coisa sua e você tem que mandar uma outra pessoa fazer, eu acho que a importância de ler e escrever é essa, tirando a pessoa saber ler e escrever, tirando assim negócio de emprego, né, que eu acho que também é muito importante um emprego bom! (F3.19.1-11)

Passou a assinar o seu nome *sem um pingo de vergonha*, recebeu o diploma de alfabetizada, o que relata com muito orgulho. Talvez para ela, aquele papel representasse a oficialização de sua nova condição.

Mostra-se uma **alfabetizanda-orgulhosa** que, ao assinar o nome, pode receber o diploma do curso e se afirmar *sem um pingo de vergonha*. Seu sentimento acerca de si mesmo é positivamente modificado. A **mãe-analfabeta-envergonhada** transforma-se em uma cidadã capaz de assinar o próprio nome.

Esses sentimentos de orgulho, de superação da vergonha, transformam positivamente a sua condição de adulta analfabeta.

Foi a professora do programa Brasil Alfabetizado que, ao procurar alunos para formar a sua turma, a convenceu a retomar a personagem de **menina-estudante**, que tinha deixado de vivenciar, através da nova personagem assumida de **adulto-estudante**, abandonando a do **adulto-analfabeto-que-não-pode-mais-aprender** para a de **adulto-alfabetizanda-que-pode-aprender**.

[...] eu pensei não vou aprender, “não vou me meter não”, aí a professora veio, falou, falou “vamo estudar, tu vai aprender”. (F1.9.1-2)

[...] Eu ficava naquela tristeza, né? Porque é muito triste, um diz uma coisa e outro diz outra, que eu não aprendia mais, fiquei meio confusa, né porque se eu tivesse começado no tempo que eu entrei aqui, né? (F1.11.1-3)

O adulto analfabeto, para começar a estudar, precisa enfrentar uma série de preconceitos e assumir que possui uma capacidade não só de aprender, mas de ousar em uma etapa da vida que é retratada com o estigma da estabilidade.

A conscientização e o fortalecimento dos aspectos do Poder Pessoal e Valor Pessoal possibilitaram a F. transformar positivamente sua identidade.

Mesmo lamentando o tempo que achava que tinha perdido por ter sido **uma menina-que-nunca-pôde-estudar**, F. decide recomeçar e assume a identidade de **adulto-alfabetizanda**.

No início, apresenta algumas dificuldades e vê colegas desistindo, mas tenta encorajá-los e determina-se a concluir a primeira etapa da alfabetização, revelando-se uma **alfabetizanda determinada** e uma **alfabetizanda-que-tem-força-de-vontade**.

No começo tava porque ela (a patroa) me dava a maior força, me dava a maior força mesmo, eu não sei o que foi que aconteceu, chegava cedo [...] (F2.20.1-2)

O começo foi muito difícil, muito difícil pra mim e pra outras porque tem uma colega minha que mora ali, acredita que ela chegava lá, ela ficava tão sem jeito que ela ia embora, eu dizia “vai não mulher, fica” e ela não ficava, ela dizia “é difícil demais!”. E muitas pessoas desistiram no meio do ano, no meio do ano não porque foi alfabetizado só em 6 meses, foi alfabetizado um bocado. (F1.12.1-5)

Depois de algum tempo, ela começou a encontrar várias dificuldades para continuar a estudar: problemas familiares, pois os filhos cresceram, entraram na adolescência e os familiares passaram a não mais assumir a responsabilidade da criação deles, problemas de saúde com a mãe e a morte do pai. Essas dificuldades a tornam uma **alfabetizanda-preocupada-depressiva**.

Os problemas da sua trajetória escolar levaram-na em alguns momentos abandonar os estudos.

Aí a minha cabeça com isso tudo, não dava pra estudo, tava trabalhando a força mesmo porque trabalhar a gente não pode parar, né? Aí eu cheguei a parar de vez mesmo de ir pro colégio, porque eu tava indo assim dois dia sim, três dia não, dois sim, três não. [...] (F1.20.28-31)

[...]. Aí eu passei a estudar no colégio Henriqueta Galeno, aí agora esse ano eu tive uns problema de família, fiquei com a cabeça muito cheia e aí quase desisti. (F1.9.5-6)

[...] Aí quando eu chegava em casa, já passava o dia trabalhando, aí juntava o cansaço com os problema na cabeça, né e aí não tinha vontade de fazer. (F1.19.20 - 21)

Aprendi um pouco, não aprendi muito, muito não porque lá no colégio Henriqueta, aí lá já aprendi menos porque já começaram os problema e eu passei um ano até mais ou menos, ia e fazia a tarefa. Sim, e quando chegava o dia das prova, lá se vai, ficava faltando, quando era de noite, a minha cabeça tava tão cheia de um jeito, cansada que eu ficava faltando direto, faltava, aí depois assim no outro dia eu ia, aí não conseguia recuperar, né, as notas da prova, aí não passava. (F3.11.1-7)

Surge também a dificuldade de horário no trabalho, pois sua patroa passa a não mais chegar a tempo de ela ir para a escola. Ela precisaria contar com o apoio da patroa para continuar estudando. As faltas frequentes acabam atrapalhando a sua aprendizagem, tornando-a uma **alfabetizanda-faltosa-desgostosa**. F. chega a desistir de estudar por um tempo com a expectativa de que os seus problemas fossem atenuados.

[...] mas depois foi que começou a história, eu chegava tarde e depois chegava mais tarde, ligava dizendo que não dava pra chegar cedo em casa, que ia chegar atrasada e que eu ia ter que faltar, aí eu fui me desgostando porque quando eu tava fazendo prova, ela não chegava, aí quando era no outro dia tinha que fazer um monte de prova, tudo de uma vez, as prova que era pra ter feito num dia, fazia tudo no outro, aí juntava, como é que eu podia continuar? Ficava mais difícil! (F2.20.4-10)

É porque de muito tempo, né, eu tô tendo problema né, muita coisa pra resolver no trabalho porque quando você é criança é diferente, né, porque é só estudo né, aí depois que a gente cresce, aí vem trabalho, vem filho e preocupação né e fica mais difícil, fica muito difícil... e também aqui eu comecei a estudar, comecei com a D. E., aí eu tava indo bem direitinho, todo dia eu ia na hora certa, né, aí depois eu passei pro colégio...pro grupo, né? Henriqueta Galeno! Aí atrasava, quando dava fé a A. chegava aqui depois de sete horas, sete e meia, ela chegava sete e meia, aí eu

chegava lá, batendo lá e não deixava eu entrar, dizia que era por causa da hora, aí eu levei o papel, como é que chama? Declaração! Aí ela demora mais ainda, quando dava fé eu chegava lá oito horas da noite, aí faltava, faltava, ia faltando, aí com os problema de casa, quando dava fé os menino ligava e dizia que tinha que ir, um ano estudei no Henriqueta, aí comecei o outro ano né até o meio do ano e quando foi no meio do ano eu não agüentei mais porque era muita coisa na minha cabeça, quando eu chegava lá, ficava sem saber, olhava assim, fazia era fechar o caderno, aí não escrevia nada e aí passava o tempo lá só pra dizer que tava presente, né, realmente eu acho que não tem... que não tem futuro, certo! Eu tinha um pensamento que se eu fosse estudar, que o povo falava que nunca é tarde pra começar, né, eu tinha o pensamento que se eu fosse, que pudesse dá certo, né, mas aí foi tudo diferente, né!
(F2.1.1-19)

Muitas vezes, o exemplo dos colegas que, mesmo com as dificuldades, continuavam a estudar e o incentivo do professor serviram como motivação para que ela concluísse que vale a pena continuar.

[...] a d. E. disse que Seu... tem um homem lá que ele tá ensinando, ele aprendeu, ele era tão interessado que ele tava ensinando os amigo dele lá de Canindé, o que ele aprendeu lá com a d. E., ele tá passando pros amigo dele. (F3.22.1-4)

Foi, ele aprendeu agora no tempo que eu entrei, ele era tão interessado que ele, o pessoal que dizia que, como é que se diz que “papagaio velho não aprende a falar”, né? Mas ele aprendeu e aprendeu muito! Ela disse que ele tá ensinando o pessoal lá no interior, ele viaja pro Canindé e quando chega lá, fica ensinando o pessoal lá e o pessoal diz que a gente só aprende quando é novo, né? (F3.23.1-5)

Kleiman (2001) fala de identidade institucional como um significado coletivamente construído entre os atores da escola que, quando trabalhado positivamente, funciona como uma dimensão de grande importância na valorização do aluno e de sua relação com a instituição. No caso de F., a identidade institucional foi construída satisfatoriamente.

E esse home, acho que ele tem uns quarenta e tanto já, ele disse que sabe escrever demais. E é por isso que eu vou continuar, é muito bom. E eu ainda vou aprender mais se Deus quiser. E é por isso que eu acho assim, vale a pena né, vale a pena você tentar. (F1.15.7-10)

[...] Várias vezes, ele (o professor) falou: “minha filha, você não desista! Não é porque você tem mais de 30 anos que vai desistir não, veja o exemplo do M.”, é um home que tem lá [...] (F1.19.17-19)

Ferrero (1990) afirma que o adulto analfabeto é um sujeito ativo na medida em que constrói e reconstrói hipóteses acerca do sistema de escrita. F. reconhece o avanço do seu aprendizado e cria estratégias para aprimorá-lo:

Eu já, acho que eu já aprendi já muito mesmo que eu não sabia de nada. Eu gosto muito de ler, agora escrever eu faço meio errado, eu peço pra uma pessoa fazer e aí eu vejo e faço. (F1.16.1-3)

[...] Pra falar a verdade, agora, eu não aprendi essas coisa, sabe, mas aprendi, a minha dificuldade mesmo é na escrita, né que chamam escrita, tenho dificuldade. Eu não sei porque eu consigo ler tudo, tudo, tudo, mas quando eu vou fazer uma carta, eu me atrapalho. (F2.15.1-4)

As dificuldades também existiram em relação à afinidade com os colegas de sala do colégio e à contratação inconstante dos professores do EJA:

[...] também porque aquela sala que eu estudava, tinha muita gente que eu não gostava, tinha muita gente chata, sabe e também tinha aquela história de mudar de professor, quando entrou o professor V. até que durou, né, ele ainda tá lá, mas era todo tempo mudando de professora, cada professora que entrava, já entrava ensinando de outro jeito, você já tá acostumada com uma coisa, aí já atrapalha tudo. Eu já tava assim com dois mês com um professor quando dava fé chegava outro, eu dizia “vala minha nossa senhora, a professora foi embora e já tem outra no lugar dela!” E já chegava ensinando diferente, certo? Aí o que você aprendeu com a outra, né já ficava tudo pra trás.(F3.30.1-9)

F. faz planos para o futuro, pretende continuar os estudos, pois reconhece a importância de ir além da alfabetização, o que demonstra que tem uma compreensão da aquisição da linguagem como significativa representação da realidade, onde a mecânica decodificação dos códigos não dá conta da complexidade de ampliação da compreensão do mundo.

[...] tem muita coisa pra aprender ainda. Esse ano eu quase desisti. Mas eu acho assim, que não é só alfabetizar e tá bom pra pessoa né, ser alfabetizado e ficar só na alfabetização, acho que tem que ir mais adiante, quem tem a força de vontade vai, quem não tem... eu conheço ali tem um rapaz ali que ele disse assim: “se eu aprendi a assinar meu nome, tô bem!” eu não acho que é assim não, acho que você tem que aprender mais. (F1.14.2-7)

Eu acho que com 35 anos dá pra fazer muita coisa ainda, ir mais além e eu vou mais adiante, mais adiante. (F1.15.1-2)

Mas ela tem pressa:

É, eu já tenho 36 anos, né, aí se eu começar agora, eu tava pensando um dia desse se eu começasse com 36, eu ia terminar com quanto? Agora tem um negócio aí que a gente faz logo os três anos, né, aí eu tava querendo ir pra isso aí né, porque é os três anos, se for assim, né, agora se for começar estudando do zero não dá, sempre eles querem começar do zero, eu tava pensando assim se fosse pra fazer os três anos junto, né, se eu tivesse um emprego assim que eu pudesse falar com a minha patroa pra eu continuar estudando [...] (F2.25.1-7)

Ao ser indagada em relação ao futuro, revela uma personagem, que gostaria de ter assumido e que ainda quer assumir. Revela o desejo de ser professora. Além da admiração pelo seu atual professor (na turma de EJA II), talvez a “vontade medonha” que sente de aprender tenha contribuído para a valorização e significação da profissão de professor em sua vida.

F. amplia o seu projeto de vida ao reconhecer-se como adulto que pode aprender, que é capaz e vislumbra a perspectiva de tornar-se professor, além de aprender, torna-se capaz de ajudar os outros a aprenderem também. O adulto incapaz de aprender transforma-se em adulto que pode aprender e que almeja no futuro contribuir para a aprendizagem dos outros. Isto é metamorfose!

Recentemente, F. soube pela patroa que seu salário seria reduzido pela metade, o que agravou a sua situação financeira e diminuiu os seus dias de trabalho, passando a trabalhar somente de segunda à quarta-feira, inviabilizando o seu horário de estudo, pois F. reside no interior e não teria onde ficar o restante da semana. Essa decisão coloca em risco o seu emprego, o sustento de sua família e a continuidade de seus estudos. Mais uma vez, ela

perde a esperança de poder estudar, o que a deixa triste e desgostosa. É o personagem **menina-que-nunca-pôde-estudar** reaparecendo com nova roupagem, somada à **mãe-preocupada** e à **adulta-trabalhadora**, negando a **adulta-alfabetizanda** e ressurgindo na **adulta-alfabetizanda-que-não-pode-mais-estudar**.

Porém, mesmo assim, ela tenta encontrar uma solução e voltar a estudar. Planeja uma forma de conciliar estudo e trabalho, em alguns momentos com esperança de que possa conseguir e, em outros, amargurada, depressiva e desiludida.

[...] eu com esse problema na minha vida, aí juntou tudo, uma coisa com a outra, aí eu não tinha vontade nem de sair de casa, aí pronto tive que parar porque agora não dá porque eu vou passar só a metade da semana aqui, né, eu vou pro colégio, estudo segunda, terça, mesmo que eu vá estudar quarta, né, aí eu venho pra cá, durmo, quinta-feira ainda vou pro Maranguape e nem estudo nem quinta, nem sexta, aí adianta ir pro colégio desse jeito, não adianta! [...] (F2.2.5-10)

[...] Aí eu pensei bem, sabe, eu acho que eu vou ficar por aqui mesmo e vou estudar estes três dias, segunda, terça e quarta, mas aí eu tô pensando já, se eu entrar nesse emprego (nova proposta de trabalho que recebeu em um bairro distante da escola) não vai dar mais pra mim estudar lá porque é lá no Bairro de Fátima, aí eu tô pensando bem se eu for pra lá mesmo, eu vou procurar lá porque em todo canto tem, né, aí chegar lá eu vou continuar [...] (F2.10.10-15)

No começo que eu entrei lá, eu achava tão bom, foi um tempo bom, aí não sei o que foi, começou as dificuldade de novo, né, aí eu já vi que não é pra mim mesmo não, sabe! (F2.27.1-3)

[...] E com todas essas dificuldade você fica, não tem mais aquela vontade e termina desistindo, você vê aquela coisa difícil, eu sei que na vida tudo é difícil, certo? (F2.27.12-14)

[...] Então eu não desisti ainda! (F2.33.43)

Na última entrevista, F. relata a sua decisão de não mais continuar a estudar na escola, por não ter conseguido ainda conciliar o horário do emprego com o horário do colégio. Decide também aceitar o convite de D. E., professora do Programa Brasil Alfabetizado, e continua a participar das suas turmas de alfabetização, pois lá o horário é mais flexível.

[...] não dá certo né, além de ficar três dias aqui, né, aí a A. chega tarde, aí eu, não dá pra eu ir mais, se eu me meter a ir lá pro colégio, só me matricular e tomar a vaga de outra pessoa, eu prefiro não ir, aí eu decidi que não ia mais. (F3.2.1-3)

Foi difícil, né, mas é o jeito tomar né, porque eu acho assim porque se uma coisa que não dá pra ir pra frente, aí não adianta tentar, né, não adianta eu ir no colégio num dia, dois não, dois dia, um não, porque eu já fico aqui três dias, né, aí faltou um dia, por exemplo, hoje se eu tivesse no colégio já não tinha ido, né (a patroa dela chegou tarde), aí tem dia que ela chega tarde, aí pronto, aí não adianta eu ir no meio do ano e voltar de novo né, mas aí tem essa situação né, três dias não dá certo! (F3.3.1-7)

[...] se eu chegar lá só pra ficar lá só olhando pro professor, estudo um pouco e aí fecho o caderno porque quando a pessoa tá com a cabeça cheia de problema né, não tem como e aí também, eu ia um dia, o outro não, um dia, o outro não, aí não dá! (F3.7.1-4)

[...] eu trabalhando três dias ali, eu tô trabalhando por uma semana, hoje eu lavei um monte de roupa, tô morta de cansada, eu não lavei nem a metade ainda, a roupa tudo mofada lá, aí quando chega de noite tem condição de você tomar um banho, vestir uma roupa, ir pro colégio e quando chegar lá, você ter paciência de pegar um livro e estudar, escrever, aí vem o cansaço, vem o sono, aí tudo isso faz você perder a vontade, eu posso até voltar a estudar, né, mas só se daqui pro meio do ano melhorar alguma coisa pra mim porque do jeito que eu tô trabalhando, eu tenho condição não, eu não posso estudar em Maranguape porque é só dois dia lá, aí aqui três dias nesta situação. (F3.18.16-24)

[...] A D. E. me chamou para ficar indo pra lá três dias, aí quando dá fé não dá pra ficar no colégio lá, o horário não dá pra eu ir porque ela só chega em casa depois de oito horas, se eu tivesse estudando no colégio, eu ia entrar no colégio depois de oito horas da noite? (F3.12.11-14)

Lá não tem horário pra chegar não, sabe, mas aí é assim, tem dia que a A. (patroa dela) chega cedo, tem dia que ela chega tarde, aí quando ela chega eu já to assim, irritada mesmo, sabe? De tanto esperar! Aí eu perco a vontade de sair, aí perco um dia, né, aí pra tá faltando um dia, dois, não dá, adianta eu ir? O que é que eu vou aprender? Nada! É só pra ir! (F3.13.1-5)

A professora adotou uma metodologia diferenciada para acolher os alunos que já tinham passado pela primeira etapa do processo de alfabetização, favorecendo a continuidade da aprendizagem dos alunos veteranos.

Eu disse pra ela que sempre eu ia lá, mas ela tá ensinando a alfabetização de novo, o pessoal que não sabe de nada, mas eu já disse a ela que eu queria aprender só mais alguma coisa, o que eu já aprendi lá, eu não sabia não e o que eu já sabia, não adiantava eu continuar. (F3.33.1-5)

[...] ela tá fazendo assim, ela tá ensinando a metade ao pessoal que tá menos, que não sabe de quase nada mesmo e quem sabe mais, ela já tá ensinado outra coisa. (F3.34.1-3)

É, mas eu não desisti bem ainda não, acho que desistir é desistir totalmente, né, dizer assim “eu não vou mais e pronto!”, de vez em quando vem aquela vontade, aí eu vou, é que nem uma religião que você tem, né, você diz assim “não, não vou mais não”, aí tal dia que dá vontade de ir, aí você vai, eu acho que tá desse jeito. (F3.31.1-5)

Em muitos momentos, percebe-se que o sonho de ser professora ou, pelo menos, de concluir o Ensino Médio e conseguir um trabalho melhor, mobilizam-na a não desistir e insistir em continuar estudando, mesmo com tantas limitações estruturais e psicológicas.

[...] eu já fui chamada várias vezes, desde muito tempo, essa história, desde que eu tinha dezoito anos, apareceu emprego bom pra mim, aí perguntavam “Você tem o segundo grau?” ou “Pelo menos o primeiro?” Eu não tinha! E aí o que é que adiantava? Eu não tinha estudado. (F2.11.1-4)

Queria por causa do trabalho, pra arranjar um trabalho melhor. Queria né, mas tem hora que eu acho que não dá mais (choro), não quero desistir totalmente não, sabe, eu fico nesse emprego mesmo [...] (F2.24.1-3)

Várias vezes e agora mesmo, né, a minha colega disse que ia arranjar emprego pra mim lá na dakota, fábrica de calçado, ela chegou: “Mulher, eu vou arrumar um emprego pra tu, mas tem que ter o segundo grau”. (F2.12.1-3)

A sua identidade pessoal foi positivamente metamorfoseada nesse processo até então, mesmo que a persistência das impossibilidades seja determinante neste momento. Essas determinações exteriores são passíveis de serem transformadas em autodeterminações e a metamorfose continua...

A **adulta-alfabetizanda-que-pode-aprender** nesse momento sofre por não mais poder estudar e vê ameaçado o seu sonho de ser professora. Podemos deduzir o quanto foi difícil a F. se permitir sonhar, o quanto teve que mobilizar força e esperança para reconhecer-

se como capaz de aprender e vislumbrar a perspectiva de tornar-se professora. Imaginemos então que seja mais difícil ainda não mais vislumbrar esta perspectiva e, em alguns momentos, perder a esperança tão duramente conquistada. Porém, o sonho persiste, bem como o sonho de ter um emprego melhor. Talvez, sejam estes sonhos que atrairão F., apesar de todas as limitações de sua existência, a continuar tentando.

Mulher, eu não tenho mais esperança não, eu não tenho mais esperança não! Eu acho assim que pra gente ser professora tem que estudar muito, né, tem que estudar muito e tem que ter muita paciência e paciência é o que eu não tô tendo mais, né, um fala uma coisa e outro fala outra e aí a gente fica sem paciência, aí eu chego aqui no trabalho, do mesmo jeito! (F2.6.1-5)

É, porque muitas pessoa me deu conselho, principalmente a minha primeira professora, a D. E., né, eu dizia a ela que achava que não ia mais porque não ia aprender e ela me deu força, aí eu pensei vou continuar porque pode ser que um dia eu realize o meu sonho que eu tenho, quem não tem, né? (F2.10.1-4)

São estas possibilidades e impossibilidades que revelam a dinâmica de seu processo de alfabetização e as construções de sentido daí decorrentes que transformam a sua Identidade Pessoal.

8. DISCUTINDO O MOVIMENTO DA IDENTIDADE DO SER ALFABETIZANDO

Neste capítulo, iremos discutir alguns aspectos analisados nas histórias de vida dos participantes, entrelaçando-as e construindo pontes com os estudos teóricos para aprofundarmos nosso objeto de análise.

Discorreremos sobre os determinantes sociais e os caminhos do analfabetismo, relacionando-os às mazelas sociais que são neles refletidas. Destacaremos a vergonha de ser analfabeto como vivência significativa na vida de nossos alfabetizados. Relacionaremos os principais papéis e personagens vivenciados e abandonados durante o processo de alfabetização. Por fim, relataremos os aspectos positivos que contribuíram para a transformação positiva da Identidade Pessoal a partir deste processo.

8.1. Identidade Pessoal: o desvelar das histórias de vida dos adultos analfabetos refletindo os dilemas da sociedade.

“[...] Assim fala o pobre do seco nordeste,
com medo da peste, da fome feroz [...]”
(Assaré, 2001, p.50)

Eu não tive a oportunidade de estudar porque eu não conheci pai, fui criado com os meus avô, meus avô era dos 38, eles não se interessava pra ninguém estudar, tinha que trabalhar, eles disse que não ia dar de comer a ninguém não, tinha que trabalhar, não tinha outra oportunidade, [...] (P1.1.1-4)

Quando eu era criança, era diferente né, muito diferente, eu tinha vontade de ir pro colégio, tinha interesse, mas era aquilo que eu falei, vivia trabalhando, tinha que ajudar o pai [...] (F3.9.1-3)

Para Ciampa (1998), a realidade é uma possibilidade já realizada e a possibilidade é uma realidade potencial, ou seja, a realidade existe como possibilidades concretas e já realizadas e, também, como possibilidades a serem futuramente realizadas. Nesse dinâmico e dialético jogo de possibilidades, são forjadas as identidades humanas.

A identidade pessoal é a concretização da humanidade total, negando-a através da determinação de si mesmo como indivíduo que a nega para se construir, mas não deixa de ser parte dela. Não podemos nos remeter ao ser humano sem nos remetermos à humanidade e sua realidade de possibilidades realizadas e potencialmente realizáveis.

Ao analisarmos o movimento da Identidade Pessoal dos participantes da pesquisa, observamos o desvelar da humanidade em que vivem, das forças sociais que os determinam em direção ao sucesso e ao fracasso, das possibilidades e impossibilidades de superação do analfabetismo, da determinação dos papéis que devem assumir e da autodeterminação de si mesmo.

Analisemos um pouco esta humanidade e sua realidade. Nossos participantes vêm de uma realidade opressora e excludente, de miséria e negação de possibilidades dignas de existência.

Para Wanderley (2001), essa exclusão tem suas origens na crise do Estado-Providência, que se tornou impotente no controle das conjunturas sociais. Se analisarmos mais profundamente a realidade brasileira, veremos que a marca da escravidão revela-se no histórico da sociedade como também responsável pela geração das grandes mazelas sociais, excluindo contingentes populacionais do mundo do trabalho e das relações sociais, ocasionando vários produtos, entre eles o analfabetismo.

Sawaia (2001) ressalta que a exclusão só pode ser compreendida a partir da dialética exclusão/inclusão social, pois a inclusão não elimina a exclusão, apenas disciplina os excluídos, mantendo a ordem econômica através da balança da desigualdade social que constitui a estratégia histórica para a manutenção da ordem capitalista.

Compreendendo os obstáculos que impediram estes adultos de serem alfabetizados durante a infância, observamos as várias mazelas sociais que os atingem: relações de trabalho exploradoras durante a infância e a vida adulta, luta pela sobrevivência e violência de quase todos os direitos.

[...] aí tudo era difícil, lá colégio era só praqueles que era rico, tinha o ginásio, pobre não podia estudar, não era como hoje não moça que você tem tudo, você só não vai para o colégio se não quiser [...] (P1.7.2-4)

Eu carregava areia nos animal, tijolo, telha, tudo, areia pro cemitério, o velho não deixava ninguém parado [...] (P1.3.1-2)

[...] Aí eu não tinha tempo pra nada mesmo não! Aí ele plantava e quando ele plantava, eu tinha que ajudar a ele a limpar o mato, a plantar o milho e o feijão, eu não tinha tempo pra nada. Quando era de noite, nem que tivesse colégio à noite, eu não tinha coragem né, porque quando é uma pessoa adulta, a pessoa diz assim “eu vou fazer aquilo”, faz mesmo, né, mas quando a pessoa é criança não tem aquela coragem, diz “Não, eu tô cansada, eu não vou!”. [...] (F2.19.10-15)

Aí chegou um certo tempo que eu tinha 11 anos e a gente foi morar numa fazenda, aí quando chegou lá tive que trabalhar, aí não fui estudar porque não tinha colégio à noite. (F3.9.10-12)

Sentia nada bem né, porque ia trabalhar e não podia estudar à noite porque não tinha colégio, me sentia bem não né, aí o que é que eu podia fazer, né? Tinha que aceitar as coisas do jeito que era [...] (F3.10.1-3)

Vygotsky (1996; 2001) afirma que o analfabetismo não é um fenômeno natural, resulta das condições históricas, econômicas e sociais geradoras de relações injustas e opressoras.

Ferrero (1990) também conclui que os adultos analfabetos apresentam toda uma história de vida marcada pela exclusão, pela violência de direitos, pela marginalização social e econômica e que essa história deve ser considerada para compreendermos o sujeito que está sendo alfabetizado. Daí a importância de compreendermos o movimento da identidade do alfabetizando e sua relação com os acontecimentos ao longo de sua vida.

Ambos não puderam estudar durante a infância, pois eram crianças trabalhadoras que enfrentaram desde cedo a luta pela sobrevivência. Crianças que não tinham seus direitos garantidos de estudar e se desenvolver satisfatoriamente.

A história de vida de F. nos mostra que, desde o início de sua vida, as relações trabalhistas de seu pai com os seus patrões e com ela própria, bem como a situação econômica precária de sua família, foram fatores limitantes à vivência de uma infância saudável e digna que lhe possibilitasse o mínimo de educação escolarizada e a tornasse alfabetizada.

Eu não ia porque não tinha tempo, o trabalho tomava o meu tempo todo, todo, não tinha folga. Aí pra que é que eu ia dizer que ia, eu ia estudar só em casa e eu aprendia alguma coisa? [...] (F2.19.1-3)

E a história de vida de P. revela que no momento histórico em que viveu não havia possibilidade de pobre ir à escola, porque o seu avô o obrigava a trabalhar sem descanso, não compreendendo a importância da escolarização, além do que não havia políticas públicas voltadas para a pobreza na época da ditadura militar. É ele próprio que compreende as relações opressoras que desejavam manter o analfabetismo como mais um instrumento de opressão e manutenção do coronelismo.

[...] não é mole não você ter oito anos e se levantar bem cedo e ir atrás de animal com pé no chão, que não tinha chinela não, chinela era uma chinela que botava de gavetão e quebrava, não era japonesa, era outro sistema né? e aí você tinha que ir nos carrapicho com pé no chão atrás de animal, a minha vida foi essa! (P1.9.7-10)

[...] Tinha tantas pessoas que não sabia ler, no passado eles não queria não, eles queria que a pessoa ficasse todo tempo analfabeto pra trabalhar pros filho dele, os coronéis, os generais, os ricão, eles iam querer ninguém saber ler? Eles queria que nós fosse como uns animal pra trabalhar pra eles, né? (P2.22.6-10)

P. analisa os personagens assumidos por ele durante a infância como fruto das condições sociais e históricas em que viveu, relacionando-as à sua estrutura familiar e à época social, política e histórica daquele momento de sua vida.

Ciampa (1998) analisa o aspecto histórico da Identidade ao compreender o sujeito como se desenvolvendo em um contexto sócio-histórico, singularizando-se a partir dos condicionantes materiais de sua realidade social, através da concretização singular das múltiplas possibilidades daí advindas. Para Seve (19--), o homem é uma variável histórica.

[...] isso foi só depois da mudança desses governante, porque antes eu não tive essa oportunidade quando eu era pequeno, se tivesse essas escola que esse pessoal tem hoje que era pra ser formado porque tudo que, tudo tem [...] (P3.1.44-47.)

Atualmente, ele reconhece outras perspectivas de escolarização, onde a acesso à escola é mais facilitado. P. até tentou tornar-se estudante, mas não conseguiu concretizar esse

desejo, pois quando teve a oportunidade era um jovem que trabalhava muito e não conseguiu conciliar o trabalho com o estudo.

O trabalho na vida dessas pessoas nunca foi questão de opção, sempre foi a única forma de manter a sobrevivência e, por várias vezes, quando surgia a opção entre trabalhar ou estudar, a necessidade de trabalhar sempre era preponderante, pois a fome sempre foi uma ameaça e o alimento assume um significado especial na vida de nossos participantes.

Quando F. afirma que uma de suas irmãs, ao vir trabalhar como doméstica em Fortaleza, vivia em um mar de rosas, talvez queira se referir não só a um trabalho menos árduo, mas também a uma alimentação digna. Relata também em sua fala o fato de ter que correr atrás das vacas para ter leite e alimentar sua família.

[...] aí a minha irmã era, muito nova foi pra Fortaleza, pra casa da minha tia lá, ficou lá no mar de rosas e eu no interior [...] (F2.18.7-9)

Já P. sempre se refere à merenda da escola com alegria e satisfação, sinônimo de melhoria das condições da vida, já que antes, segundo ele, ninguém dava comida a ninguém, até as crianças tinham que trabalhar para comer, principalmente ele, que não tinha pai.

[...] não é como hoje não que todo o pessoal tem tudo, você chega num colégio desse tem merenda, olha aí, rapaz que beleza! Eu não tive essa felicidade, se eu tivesse tido essa oportunidade na minha infância agora eu tinha certeza que eu era outra pessoa! (P1.3.2-5)

É tanto que o P. só pôde estudar depois que foi aposentado devido à hanseníase, possibilitando a ele ter sua sobrevivência e a de sua família garantidas pela aposentadoria, o que proporcionou a P. ser estudante e realizar o sonho de ser alfabetizado.

[...] aí eu tomei o remédio por dois anos, sarou tudo e pronto, aí eu me aposentei em 96, aí surgiu essa oportunidade, eu tô aqui e eu vou a frente, eu vou se Deus quiser. (P1.16.5-7)

Já com F., as possibilidades de escolarização sempre estiveram presentes desde a infância, mas o trabalho impossibilitou a continuidade dos estudos. E somente na vida adulta,

após romper com o mito de que não teria mais possibilidade de ser alfabetizada, é que F. conseguiu conciliar o trabalho com o estudo e obter o apoio da patroa para estudar, porém não por muito tempo, pois atualmente, mais uma vez, além das preocupações familiares, o principal impasse continua sendo o trabalho e a atitude de sua patroa

Uma diferença que observamos em relação aos obstáculos da escolarização na vida adulta de F. e P., é que F., enquanto mãe, enfrenta uma série de problemas familiares que atrapalharam a continuidade dos estudos e o trabalho continua a ser prioridade.

É preocupação com filho, é preocupação com dinheiro, é preocupada com tudo, porque eu só fiz começar de novo, estudei a metade do ano, terminei nem o ano, isso preocupa a pessoa né. (F2.33.1-3)

[...] mas depois eu fui perdendo a vontade, sabe, eu achava assim que com tanto problema que eu tava na minha cabeça, não tinha sentido pra mim passar o dia todo trabalhando, e quando era de noite vestir a roupa e ir pro colégio, ficar lá e não aprendia nada, minha cabeça em outro canto, né, quando você já tá com problema, a cabeça já fica em outro canto, né, aí como juntou muito problema na minha cabeça não tinha como, mesmo que você esteja interessado. O professor falou pra mim “F., se interesse!”, não sei né, fiquei dois dias numa boa mesmo e quando dá fé volta, né, chegava lá né, além do cansaço, tinha dia que eu chegava lá tão cansada dum jeito que eu ficava dormindo (F3.12.1-9)

[...] aí lá se vem problema na sua cabeça de novo porque quando eu era pequena, eu não estudava porque tinha aquele problema que o pai vivia se mudando e agora é por causa dos meus filho, porque, os meus filho e o trabalho, vem a dificuldade logo do trabalho, cansaço porque eu acho que a pessoa cansada não consegue nada, passa o dia todin trabalhando e quando chega de noite dá um cansaço terrível que você não consegue fazer nada. (F3.18.10-15)

Diferente de F., P. está vivendo uma escolarização mais positiva, haja vista que o principal obstáculo à alfabetização na especificidade de sua vida e de sua profissão era mesmo o horário e as condições de trabalho. Porém, não era o único, pois os adultos analfabetos também enfrentam uma série de preconceitos em relação à retomada dos estudos na vida adulta, considerada uma fase de estabilidade e estagnação.

Para Durante (1998), a negação desse estigma se dá através do reconhecimento de que o ser humano está construindo-se pelas mediações sociais, o que não cessa em nenhuma fase da vida.

A mudança de postura diante da sua capacidade-incapacidade de aprender aconteceu através da tomada de consciência facilitada pela sua primeira professora, ela favoreceu uma nova leitura do mundo em F., aflorando as suas potencialidades e resgatando sua auto-estima, sua capacidade de aprender, mesmo não sendo mais criança.

P. relata que sempre esperou pela oportunidade de estudar e até já havia tentado depois que se aposentou e superou o obstáculo do trabalho, mas a escola não recebia pessoas analfabetas, além do que sua família sempre o incentivou e sua esposa concluiu os estudos depois de adulta, o que despertou nele um olhar diferenciado em relação a ser adulto e ser estudante.

Ferrero (1990) considera importante conhecermos o alfabetizando em sua complexidade: as suas motivações, as suas concepções acerca da aquisição da leitura e da escrita e, acima de tudo, o seu projeto de vida relacionando-o ao seu desejo de ser alfabetizado.

Também precisamos verificar quais fatores foram motivadores para que eles enfrentassem os preconceitos e decidissem ser alfabetizados.

Nos dois casos, vimos que o incentivo dos professores foi fundamental, bem como o exemplo e elogio dos colegas e amigos.

[...] quando foi um dia desse, eu tava lá e veio uma conta lá de dividir e eu terminei e o pessoal tudo sem saber atrás de mim e eu disse com é que pode se eu to aprendendo e o professor lá “P. ensina aqui!” como é que pode se eu to aprendendo e o professor “Rapaz, você sabe que você é inteligente mesmo!” [...] (P3.2.45-49.)

Para F., o projeto de vida de conseguir melhorar o seu nível de escolaridade e conseguir um emprego melhor foi um grande motivador, já que perdeu várias oportunidades de trabalho. Porém, o seu projeto de vida continua assombrado pela opressão e miséria de seu contexto social.

Pois é, também, né, porque eu acho assim, eu ainda penso ainda que se eu tivesse o meu estudo mesmo, tinha muita coisa boa. Eu volto assim, eu penso assim, se eu voltar a estudar, aprender a escrever porque eu sei ler, muito ler, sabe, mas escrever, eu escrevo pouco, eu tenho vontade só assim de escrever, né muito não sabe, terminar o segundo grau já era uma boa. (F3.18.1-5)

[...] porque eu fico vendo as dificuldade sabe, eu posso até tá pensando errado, sabe? Mas eu fico vendo as dificuldades do povo, de quem já terminou os estudo. (F3.17.1-3)

Para P., a vergonha de ser analfabeto, ser hostilizado por isso, e mostrar a sua capacidade de superação, foi um grande motivador, que o fez incluir em seu projeto de vida a conquista do certificado do ensino fundamental e despertou a vontade de aprender, bem como o amor pelo conhecimento.

[...] Eu levei um nome, uns certo dia aí quando eu era mais novo, o pessoal da minha família disse “não, isso é um analfabeto véi, ignorante”, tá guardado aqui dentro de mim, mas não é por vingança não sabe, eu tô lutando pra se Deus quiser eu ter o prazer de chegar “ta aqui, ó, o meu certificado!” [...] (P3.2.35-39.)

8.2. Vivendo como analfabeto: um “papel vergonhoso” para um adulto

[...] a gente aprende a mais falar, a gente vai, sabe chegar num canto né e a pessoa que não sabe de nada, ele é um ... mesmo que um anima, quando eu era assim é porque eu não tinha jeito de conversar com ninguém, agora eu já tenho, né? [...] (P1.10.4-7)

[...] você sabendo ler e escrever, eu acho assim quem tem um estudo tem mais facilidade porque é uma vergonha, você escrever uma carta, assinar uma folha, você não sabe, “não, não sei escrever não”. (F3.19.12-14)

[...] É ser analfabeta. Eu acho que eu desde pequena, sempre tive vontade de assim, ir prum canto “assine aquilo”, um documento e eu assinar, a minha mãe nunca aprendeu nem a ler e escrever. (F3.20.1-3)

Para Wanderley (2001), a exclusão social não é só material, ela é também simbólica e se reflete nas relações sociais. Uma das suas manifestações é a discriminação, a partir da qual ocorre um impedimento dos sujeitos excluídos de desempenhar certos papéis ou *status*, impedimento este diferencialmente negativo. (JODELET, 2001). Os mediadores das reações sociais são os preconceitos e estereótipos daí advindos.

O significado social do analfabetismo é compreendido como uma falha na personalidade humana. A mesma sociedade que gera o analfabetismo, com suas relações opressoras de fome e miséria, é a mesma sociedade que condena os analfabetos e os desqualificam como preguiçosos e incapacitados.

Para Jodelet (Idem), a interiorização dos preconceitos e imagens negativas veiculadas na sociedade refletem sentimentos comuns em vários grupos socialmente excluídos, gerando a construção de uma percepção negativa de si mesmo.

[...] É nos sujeitos que se objetivam as várias formas de exclusão, a qual é vivida como motivação, carência, emoção e necessidade do eu. [...] É o indivíduo que sofre, porém, esse sofrimento não tem a gênese nele, e sim em intersubjetividades delineadas socialmente. (SAWAIA, 2001, p. 98-99)

Esta autora defende ainda que o sofrimento é dor mediada pelas injustiças sociais. É a dor de ser analfabeto em uma sociedade que gera o analfabetismo em suas formas de exclusão e gera também preconceitos e estereótipos negativos da condição por ela criada. Na gênese desse sentimento, está a consciência do desvalor, de ser deslegitimado socialmente, do desejo de conquistar uma condição humana digna.

Esses significados são internalizados através dos sentidos que cada pessoa dá a esta vivência e reflete a discriminação e marginalização do sujeito em relação aos outros e a si mesmo.

As condições restritivas de vida e humanização que os impedem de desenvolver o seu potencial humano, em algumas circunstâncias, são fontes deste sofrimento. (Idem)

A vergonha de ser analfabeto é um aspecto marcante na vida de nossos participantes, refletindo em autodepreciação, falta de crença na própria capacidade, dificuldade de estabelecer relações sociais positivas, sentimento de inferioridade.

Na vida de F., ser analfabeta sempre foi vergonhoso, o que ela procurou esconder dos próprios filhos, das pessoas que a ofereciam trabalho, do namorado. Para ela, era difícil ser analfabeta, se assumir como tal e arcar com as conseqüências disso. Sempre procurou outros argumentos que justificassem a sua incapacidade de auxiliar os filhos nas tarefas escolares, de trabalhar em um emprego melhor.

[...] é a força de vontade da pessoa né, é a coisa melhor que tem é a gente saber ler, quando os meus filho tava fazendo dever e me perguntava alguma coisa, eu não sabia, e dizia “agora não, que eu tô ocupada”, inventava que tava fazendo as coisa, porque eu tinha vergonha de dizer que não sabia, ficava me sentindo mal. (F1.13.1-5)

[...] Não sei porque que eu, porque eu não era pra ter vergonha, era pra ter dito, né, eu achava assim que ele tinha estudo e tudo, né, era...ele não ia aceitar, né, ficar comigo, besteira minha mesmo! [...] (F2.14.1-3)

[...] Aí eu fico meio, aliás, eu tenho vergonha sabe de falar, eu tô falando pra ti porque... mas eu não gosto não, eu digo “Não, eu já terminei!” Às vez, eu fico até assim, sabe! Eu cheguei na, um emprego lá, nem e disse eu tenho até a oitava [...] (F2.14.5-8)

F. acreditava que não seria aceita, amada, valorizada e compreendida ao revelar a sua condição de analfabeta.

Para P., o analfabetismo e o modo como ele vivenciava a sua condição de analfabeto também sempre foi vergonhoso, relata que era ignorante, sentia-se como um animal, um índio, um burro, não tinha jeito de conversar com ninguém, nem de fazer amizade, nem de namorar uma pessoa com um nível de escolaridade superior ao seu. Na percepção de si, também estavam inclusos sentimentos de incapacidade, principalmente nas relações sociais. Ele relata que teve sorte, pois escolheu a profissão de padeiro, haja vista que, mesmo analfabeto, tinha a arte que o beneficiava, apesar das dificuldades limitantes de não dominar a leitura e a escrita em seu dia-a-dia.

[...] Ela era formada, né, e eu era meio ignorante, não sabia e não dá certo juntar quem sabe com quem não sabe e aí pronto não deu certo e por isso ficou, né [...]
(P3.3.17-27)

[...] eu me senti muito triste porque o meu sonho era ser, naquela época, eu tinha maior vontade de ser um soldado, eu tinha maior vontade de ser autoridade, mas infelizmente eu não tive essa oportunidade, não tinha estudo [...] (P3.2.1-3.)

Talvez, a mais dolorosa consequência do analfabetismo em sua vida tenha sido a impossibilidade de ser admitido no Exército, pois passou em todos os exames, mas por não ter estudo algum foi dispensado. A frustração e a tristeza tiravam-lhe a profissão com que sonhara, o maior projeto de vida, tão grande que o fez sentir-se pequeno, incapaz de poder alcançar.

8.3. Papéis e personagens na construção da Identidade de alfabetizando

Nervoso mesmo, muito nervoso mesmo porque você chegar numa multidão de gente daquele sem saber de nada e os outros sabendo e você tipo papagaio fazendo o que os outros manda, porque tá certo, dever você faz todo mundo copiando, mas cego, cego, cego mesmo, cego na gíria de quem não sabe ler é cego [...] (P2.11.1-5)

P. no início do processo de alfabetização assumiu o personagem de **alfabetizando-nervoso-com-medo**, que ainda tinha muito preconceito com o fato de não saber de nada e estar entre tantas pessoas em uma sala de aula. Sentia-se um **alfabetizando-cego-papagaio**, cego porque não conseguia ler nada, olhava as letras, as palavras e não compreendia a linguagem escrita e papagaio porque ficava só repetindo o que os outros diziam, sem conhecimento e segurança para ousar construir. Mesmo assim, era um **alfabetizando-muito-satisfeito**, um **alfabetizando-que-nunca-pensou-em-ter-essa-oportunidade**. A sua satisfação em estar realizando um projeto de vida, que para ele era um sonho, foi um dos motivadores para que abandonasse os personagens que assumiu inicialmente e se dedicasse aos estudos, investindo tempo e determinação.

O **alfabetizando-interessado** logo se transformou em um **alfabetizando-que-se-garante**, que lê as lições em público, afirmando aspectos do seu Valor Pessoal e Poder Pessoal (Góis, 1994; 2003). Seu destaque na capacidade de se expressar em público e de desenvolver habilidades de leitura, escrita, produção textual, expressão de idéias faz com que ele seja reconhecido pelos colegas e professores, assume então a personagem **alfabetizando-inteligente-reconhecido-promovido**, passando para o nível superior ao seu, legitimando o seu avanço pelos professores.

[...] Você chega num canto e falar uma coisa, né? Se garante, né? Que quando a gente não se garante, a gente fica se escondendo pra ninguém chamar a gente, né? Assim, né? A gente fica com medo de não dar certo, eu não, eu vou logo ali, se eu não souber direito, tudo bem, eu aprendo, me ensinam que eu não nasci aprendido, eu tenho que aprender, eu vou mesmo, eu tenho essa coragem, eu aprendi a desenvolver, a perder o medo, eu no passado eu não fazia isso [...] (P2.13.6-12)

Este reconhecimento pelos outros o tornou um **alfabetizando-vaído-garotão**, que tem prazer de assumir o seu papel de alfabetizando ao usar a sua carteira de estudante no ônibus, ao se vestir para ir à escola e ao usar uma bolsa da moda jovem, sendo elogiado pelos vizinhos e sentindo-se admirado pela sociedade.

[...] eu vinha ali e o cara disse assim “olha aí, rapaz! O cara parece um garotão!” Sempre porque eu vinha com estas bolsa assim de lado, né, porque eu me cuido, porque eu sou velho eu tenho que me cuidar pra acompanhar a turma né, porque eu sou estudante, eu tenho o maior prazer do mundo [...] (P3.1.57-61)

Para Luria (1990), a autoconsciência é construída socialmente, pois o julgamento que o sujeito faz de si mesmo é influenciado pelo julgamento que os outros fazem a respeito dele e estão relacionados aos valores de seu contexto e à demanda social. P. construiu sua identidade de alfabetizando a partir de julgamentos positivos e negativos das outras pessoas acerca do que representa para a sociedade um adulto decidir começar a estudar, mesmo sem perspectiva de melhorar a sua vida profissional, o que é uma demanda da sociedade moderna, mas apoiado em uma outra demanda: a demanda do conhecer, que o fez superar a vergonha de ser um adulto que não sabe de nada em um colégio, sem perspectiva futura de investir em carreira profissional por estar em uma fase da vida socialmente inadequada para tanto. A demanda na qual se apóia é o desejo de conhecer, elaborando uma cerca de sentimentos positivos acerca de si mesmo como adulto em processo de alfabetização. Em cima desses sentimentos, constrói a consciência de si mesmo acerca da nova identidade que assume.

Atualmente, avalia o seu processo de alfabetização como satisfatório e manifesta a preocupação de não ser mais um analfabeto funcional, se esforça para uma compreensão profunda do que estuda, almejando sempre uma aprendizagem significativa.

O seu processo de alfabetização é satisfatório e dinâmico. No entanto, em alguns momentos, a fragilidade e a insegurança inicial o atingem, principalmente agora, que está iniciando o ano em uma nova turma, de pessoas jovens e conhecimentos mais amplos, os preconceitos retornam e ele sente-se incomodado. Porém, a capacidade de superação é evidente, o seu entusiasmo e determinação nos indicam que essa é mais uma fase de enfrentamento das dificuldades para uma constante reafirmação das suas capacidades.

Já F., não tinha mais a pretensão de ser alfabetizada, achava que depois de adulta não conseguiria mais aprender. Foi a professora do Brasil Alfabetizado que facilitou a sua decisão e a convenceu de que era possível ser alfabetizada na vida adulta.

A professora passou aqui, tava passando nas casa, aí ela vei aqui e eu disse que não ia, eu tinha muito revolta de não ter aprendido quando eu era pequena, sabe? Porque eu achava que se a gente não aprendia quando era pequena, porque o pessoal dizia que depois que crescesse, não aprendia mais nada. Se não aprendesse quando era pequena, grande é que não aprendia. (F1.8.1-5)

O desejo de ser alfabetizada sempre coexistiu com a revolta de ter sido **uma menina-que-nunca-pôde-estudar**. Essa revolta era alimentada pela idéia de que nunca mais iria aprender a ler e escrever, porque não era mais uma criança e de que, enquanto adulta, não seria mais capaz. A idéia era que a chance de ser alfabetizado estava restrita à infância e uma vez perdida, não mais a teria novamente. A **menina-que-nunca-pôde-estudar** manteve essa idéia cristalizando a personagem **adulto-que-nunca-mais-vai-aprender**.

Mesmo assim, F. continua se deparando com as impossibilidades de ser alfabetizada na vida adulta, apesar de se reconhecer como capaz de aprender, atentando para as diferenças de ser **alfabetizada-criança** e **alfabetizada-adulta**.

Eu acho assim, que quando a gente é pequena, a gente tem mais interesse, aí? Mas pra começar mesmo, como a gente começou do zero, eu acho assim porque no começo, eu tinha muito interesse, sabe? Mas eu acho assim que é uma coisa que você pejeja, pejeja e não consegue. Eu acho que a gente por tá com tanto problema na cabeça, não consegue! Por mais que você queira, não consegue de jeito nenhum! (F3.15.1-6)

A conclusão em relação às possibilidades e impossibilidades de ser alfabetizada na vida adulta leva F. a pensar que é possível sim ser alfabetizada, mas que há problemas que dificultam o andamento dos estudos, como trabalho, filhos, preocupações financeiras.

O caminho e os descaminhos no acesso à escola fizeram com que ela assumisse várias personagens: de **menina-que-nunca-pôde-estudar** e **adulto-que-nunca-mais-vai-aprender**, transformou-se em **adulto-alfabetizada-que-pode-aprender**.

[...] quando foi no começo, começo que eu comecei, né. Era assim uma vontade tão grande de estudar, era uma força de vontade medonha, eu não faltava nem um dia, fazia meu dever. Aí neste ano, eu tava indo duas, três vezes só na semana, com estes problema na cabeça pra resolver, atrapalhou tudo. Mas esse ano, eu vou continuar.
(F1.19.22-26)

Vencendo os preconceitos, chegou na escola e enfrentou as dificuldades do início, com garra e determinação, sempre dando força para que os colegas continuassem e não desistissem.

Essa mesma alfabetizanda, que dava força aos colegas de turma, enfrenta uma série de dificuldades familiares e profissionais que a fazem com que deixe de vivenciar as personagens **alfabetizanda-determinada-que-tem-força-de-vontade** e assumir as de **mãe-preocupada-depressiva-que-não-tem-paz-de-espírito** e **alfabetizanda-faltosa-desgostosa** que chega a desistir de estudar.

Mesmo assim, ela tenta construir um projeto de vida que concilie trabalho e estudo, para realizar um sonho que considera distante, mas mesmo assim a mobiliza, o sonho de ser professora. Ou, pelo menos, conseguir um emprego melhor.

8.4. Ser alfabetizando: Identidade positivamente metamorfoseada

“[...] cantar e cantar e cantar
a beleza de ser um eterno aprendiz [...]”
(Gonzaga JR.)

Não, é porque quando a gente começa a se desenvolver, a aprender mesmo, você é outra pessoa, você é uma pessoa que presta mais atenção nas coisas e é mais um pouco educado, aprende a falar, tudo, tudo é completamente diferente, o P., ou o M., que muitos me conhece por P., o P. de dois anos atrás era um e esse P. de agora é outro, é outro que graças a Deus, eu..., quando a professora diz “quem quer falar aqui?”, eu sou um que diz “quem vem?”, eu sou o primeiro, ó, porque eu vou lá e falo mesmo [...] (P3.3.1-7)

Paulo Freire (1980, 1987) afirma que a alfabetização significativa permite um maior aprofundamento de consciência e facilita o desvelamento da realidade, possibilitando ao sujeito uma análise mais complexa das situações que o oprimem.

Para Vygotsky (1996; 2001), aquisição da linguagem escrita proporciona níveis cada vez mais complexos de reflexividade e criticidade.

Luria (1990) afirma que, ao ampliarmos os processos cognitivos, passamos a ter uma maior capacidade de julgamento de si mesmo, dos outros e do entorno social, aprofundamos a consciência de si mesmo e do mundo, desenvolvemos a Consciência Social.

P. diz não saber o que o liberou, mas fala de liberdade. É Paulo Freire também que compreende o homem como ser inconcluso, que busca constantemente a libertação e a humanização. P. diz ter fome de conhecimento e o busca com amor e dedicação.

Ele sente-se um **grande cidadão**, que sabe cumprimentar e tratar as pessoas, sente-se incluído nas relações sociais como **alfabetizando-liberto**, que se considera uma outra pessoa que pôde enxergar através das letras e das palavras uma maior leitura e compreensão do mundo e de si mesmo.

[...] Porque eu já me acho um cidadão porque eu já olho lá e já sei ler, eu já sei ler e no passado eu não sabia [...] (P3.14.1-7)

Tinha um bocado de gente que não sabia ler, eles queriam aquilo ali e graças a Deus, não sei o que me liberou, tive outra oportunidade, pra aprender a ler e escrever, que bom, né? [...] (P2.22.6-12)

Ao aprender ler e escrever o próprio nome, assinando *sem um pingão de vergonha*, F. transforma a sua condição de **adulta-analfabeta-envergonhada-que-se-sentia-mal** para a de **alfabetizada-orgulhosa**.

Compreendo muito diferente, é muito bom saber ler. Você chega num canto, “me arranje a sua identidade” e chega em outro canto, “assine seu nome aqui”, aí eu assino, assino sem um pingão de vergonha você assina o seu nome todin. Eu acho que todos era pra saber ler e escrever, só que tem que saber mais[...] (F1.17.1-4)

Outro fator que contribuiu para que ela desenvolvesse uma percepção mais positiva de si mesma foi o recebimento do diploma ao concluir o programa Brasil Alfabetizado, primeira etapa do seu processo de alfabetização.

Luria (1990) conclui que a consciência de si é adquirida através da relação com os outros, onde as próprias peculiaridades subjetivas ficam mais acessíveis à consciência, permitindo ao sujeito uma melhor capacidade de compreensão de si mesmo.

Vigotsky (1996; 2001) afirma que a possibilidade de análise da consciência, que é um reflexo ativo da realidade compartilhada, se dá através do significado social e do sentido pessoal. Para Silvestri e Blanck (1993), o sentido pessoal serve de base para o posicionamento do sujeito diante de si mesmo e do mundo.

O diploma, enquanto significado social compartilhado, funciona como uma legitimação da educação e da sociedade, o que se reflete positivamente no sentido pessoal de ser alfabetizada, contribuindo para a autovalorização de si mesma, do seu modo de se perceber e agir no mundo.

[...] E aí nós fomos receber o papel lá né, tinha que assinar o nome. Só recebia quem assinasse o nome todin, aí eu assinei o meu nome lá e recebi também. (F1.9.3-5)

O significado social de ser alfabetizada reflete-se em um novo sentido pessoal, ampliando a autoconsciência de suas motivações e potencialidades em relação a sua possibilidade de transformação e aprimoramento pessoal, aspectos inerentes ao desenvolvimento do Valor Pessoal (Góis, 1994; 2003) e Poder pessoal (Góis, 1994; 2003), sem os quais a busca da superação da condição de analfabeta não seria possível.

F. amplia também o seu projeto de vida e rompe com o fatalismo, ao crer no seu potencial de transformação. Se antes achava que nem iria ser alfabetizada na vida adulta, hoje revela o sonho de ser professora.

As situações da vida em que ela pode se posicionar mais firmemente como capaz aumentam a sua inclusão no mundo letrado e tecnológico.

[...] Ajuda assim, você pode assinar seu nome sem ter que botar o dedo, vai num canto e sabe pegar um ônibus, fulano vai aqui ou ali, você vai, sabe ir no banco pagar uma coisa, aí você tá sabendo onde é que você vai né, aí você não sabendo de nada, pode resolver porque você não sabe de nada. Aí tendo, né, torna tudo mais fácil. (F1.18.4-7)

O aspecto que transforma significativamente o sentido pessoal de ser alfabetizada é o fato de perceber nos outros e, talvez mais dificilmente, em si mesma, que os adultos, à maneira dos papagaios velhos, podem aprender a falar, a falar de si, a falar do mundo, a compreender a si e a compreender o mundo, lendo o mundo e, ao mesmo tempo, a si mesma.

Foi, ele aprendeu agora no tempo que eu entrei, ele era tão interessado que ele, o pessoal que dizia que, como é que se diz que “papagaio velho não aprende a falar”, né? Mas ele aprendeu e aprendeu muito! Ela disse que ele tá ensinando o pessoal lá no interior, ele viaja pro Canindé e quando chega lá, fica ensinando o pessoal lá e o pessoal diz que a gente só aprende quando é novo, né? (F3.23.1-5)

Paulo Freire (1987) compreende o homem como um ser inacabado, em busca constante de libertação, humanização do *ser-mais*. F. encontrou a opressão em sua situação familiar, na pobreza, na exploração, na violência física e psicológica, nas relações opressoras de trabalho, no relacionamento conjugal, na infância que não teve e no fato de nunca ter podido estudar satisfatoriamente. Talvez por isso, muitas vezes se julgue uma pessoa sem

sorte, mas nem por isso ela deixe de sonhar e de admitir que tem força de vontade e que tem capacidade para conseguir continuar, tentando elaborar estratégias de continuar a trabalhar, conciliando com o estudo, mesmo com tantas limitações e tão poucas possibilidades. Talvez, em função dessa persistência, ela esteja inclinada a não desistir. É a sua *vocação humana* manifestando-se.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propunha a compreender o movimento da Identidade Pessoal dos alfabetizandos durante o processo de alfabetização, relacionando-o às suas óticas de vida, buscando conhecer as influências do processo no movimento da identidade através dos papéis e personagens vivenciados, abandonados, reassumidos na dinâmica do nosso objeto.

Para tanto, foram combinadas a metodologia da história de vida com a análise de discurso na busca da apreensão dos sentidos construídos durante a vida deles, atentando para as questões que se relacionavam com as possibilidades e impossibilidades que os levaram a chegar à vida adulta sem ser alfabetizados.

As questões metodológicas que envolveram mais esforços foram as referentes à condução da análise devido ao desafio do movimento das personagens, de forma que elas refletissem o aspecto processual do objeto proposto.

A coleta de dados em três momentos distintos impossibilitou o cumprimento do prazo do projeto de pesquisa, pois a nossa participante teve muitas dificuldades de continuar na escola e de ceder as entrevistas na casa onde reside em Fortaleza, haja vista que era o seu local de trabalho. Uma das entrevistas necessitou ser realizada em Maranguape, na casa de nossa participante.

O analfabetismo foi considerado como produto social e fruto de uma realidade opressora, como evidenciado nas falas e confirmando os estudos de Ferrero (1990) e Paulo Freire (1980; 1987). Foi enfatizada a alfabetização que facilita a conscientização como libertadora e a superação da condição de opressão (Idem), de autodeterminação, de ampliação e desenvolvimento das capacidades cognitivas mais complexas (VYGOTSKY, 1996; 2001 ; LURIA, 1990.). Foram feitas leituras que relacionam alfabetização, cognição e linguagem, para que apoiássemos a compreensão desses temas para a importância e contextualização de estudar as transformações da Identidade Pessoal dos alfabetizandos.

O referencial teórico utilizado para a compreensão da Identidade Pessoal foi o de Ciampa (1998) e Góis (2002), onde foi enfatizado o aspecto metamórfico e a Identidade como sentimento de presença, referendando o Valor Pessoal e Poder Pessoal.

O referencial teórico proposto incitou também o desafio de referendar os aspectos sociais sem perder de vista as peculiaridades de cada participante.

Os objetivos foram alcançados à medida que conseguimos identificar os vários papéis e personagens que foram vividos, abandonados e reassumidos durante a história de vida dos participantes, relacionando-os à vivência singular do analfabetismo na vida de cada um deles, das possibilidades e impossibilidades da realidade na qual as suas Identidades foram forçadas e na construção dos sentidos daí decorrentes.

O nosso maior desafio seria apreender esse movimento durante o processo de alfabetização e a nossa maior preocupação era contextualizá-los com os outros fatos vivenciados na infância, juventude, vida familiar e profissional de cada um deles, pois compreendemos que não seria possível analisar o processo de alfabetização de forma estanque, isolada de todos os condicionantes sociais em que nossos alfabetizados foram construídos.

Diante do que já foi analisado e discutido, podemos entender que a Identidade Pessoal reflete os condicionantes sociais, políticos e econômicos na vida de cada um de nossos alfabetizados. A realidade de miséria e opressão na qual desenrolaram as suas trajetórias, na qual traçaram os seus planos e sonhos e na qual sofreram violência, exploração e desvalorização, os conduziram ao analfabetismo, porém não os determinaram.

Ser analfabeto foi significado por eles como vergonhoso, como se fossem inferiores aos demais e excluídos de uma sociedade preconceituosa, onde não se sentiam aceitos, amados e valorizados.

Durante o processo de alfabetização, as marcas desta violência e exploração refletem-se na insegurança, vergonha, medo, no não acreditar na própria capacidade. Porém, a vivência de um clima escolar satisfatório favoreceu mais que a aprendizagem, eles desenvolveram julgamentos e sentimentos positivos acerca de si mesmo.

A capacidade de autodeterminação frente aos condicionantes exteriores com a facilitação dos professores, amigos e familiares ampliando a consciência de si mesmo, resgatando o Valor Pessoal e Poder Pessoal, foi crucial para dar os primeiros passos na busca pela superação da condição de analfabeto.

Essa superação implica mudanças profundas na compreensão e julgamento de si mesmo, ampliando o seu projeto de vida, elevando a auto-estima, a crença nas próprias

capacidades, a possibilidade de estabelecer relações sociais positivas, satisfatórias, a vivência da inclusão em um mundo do qual foram deixados à parte e que agora os faz sentirem-se outras pessoas e vivenciarem a tão famosa cidadania.

Foi constatado que a Identidade Pessoal deles foi positivamente modificada, mas que não está pronta após assumirem o papel de alfabetizado, nem nunca vai estar. O processo continua, a metamorfose também, os condicionantes sociais continuam a atuar e a exercer influência sobre a possibilidade de continuar ou não a ser estudante. Algumas vezes, os personagens inseguros e envergonhados do passado voltam e são reassumidos, nada está fadado, tudo está em movimento e este é mais um processo de muitos outros que irão acontecer.

Este trabalho traz uma contribuição da Psicologia à Alfabetização de Adultos com um estudo qualitativo sobre aspectos subjetivos que podem auxiliar a compreensão dos educadores sobre o ser alfabetizando e sua interação com a escola, família e sociedade. Pode contribuir também como orientação para o planejamento de políticas públicas nesta área por fornecer material para a análise destes processos vivenciados na alfabetização e que acabam por influenciar a trajetória escolar dos adultos alfabetizados.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSARÉ, Patativa do. **Antologia Poética**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

_____ **Cordéis**. Fortaleza: UFC Edições, 1999.

ARAÚJO, R.C. O Processo de Inserção em Psicologia Comunitária: Ultrapassando o nível dos papéis. In: BRANDÃO & BOMFIM (Orgs.) **Os Jardins da Psicologia Comunitária: escritos sobre a trajetória de um modelo teórico-vivencial**. Fortaleza, Pró-Reitoria de Extensão da UFC/ ABRAPSO, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BARBOSA, Maria I. S. Psicologia Comunitária do Ceará: sua especificidade e o lugar de sua práxis. In: BRANDÃO & BOMFIM (Orgs.) **Os Jardins da Psicologia Comunitária: escritos sobre a trajetória de um modelo teórico-vivencial**. Fortaleza, Pró-Reitoria de Extensão da UFC/ ABRAPSO, 1999.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BERGER, Peter e LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. Vozes, Petrópolis, 1999.

CIAMPA, Antônio da C. **A estória do Severino e a estória da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

CODO, Wanderley. Relações de trabalho e transformação social. In: LANE, M. S. T. e CODO, W. **Psicologia Social: O Homem em Movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DIOGO, Nara M. F. **Sísifo e Pandora: Identidade pessoal e a primeira inserção profissional de dois jovens do município de Maracanaú, 2003**. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2003.

DURANTE, Marta. **Alfabetização de adultos:** leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ERIKSON, Erik. **Juventude:** Identidade e crise. 1976.

FERRERO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: Editora Cortez, 1990.

FIEC. **Indicadores.** Disponível em: www.fiec.org.br. Acessado em 20.nov.05.

FRANCO, M^a Amélia S. **História de Vida:** uma abordagem emancipatória aliando pesquisa e formação de professor reflexivo. Disponível em www.educacaonline.pro.br/art_historia_de_vida.asp?f_id_artigo=500 Acessado em 10.mar.06.

FREIRE, Paulo. **Conscientização.** 1980.

_____ **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

FURTADO, O e GONZALEZ REY, Fernando L (orgs.) **Por uma epistemologia da subjetividade:** um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2003.

GERHARDT, Ana Flávia L. M. **Brasil Alfabetizado:** a mimese do sistema pelo popular. 2004.

GILL, Rosalind. Análise de discurso In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2003.

GÓIS, C. W. L. **Psicologia Comunitária:** atividade e consciência. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.

_____ **Psicologia Comunitária no Ceará: Uma caminhada.** Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2003

_____ **Biodança: Identidade e Vivência.** Fortaleza: Edições Instituto Paulo Freire do Ceará, 2002.

_____ **Noções de Psicologia Comunitária.** Fortaleza: Viver, 1994.

GOFFMAN, Erving. **A representacao do eu na vida cotidiana.** Petropolis: Vozes, 1975.

GONÇALVES, M. G. M. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, A. M. M. et. al. (Orgs.) **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2001.

GONZALEZ REY, Fernando L. **Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

HADDAD & PIERRÔ. **Aprendizagem de jovens e adultos: avaliação da década da educação para todos.** Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo: vol.14, no.1, Jan./Mar, 2000.

HAGUETTE, Teresa M^a. **Metodologias qualitativas na sociologia.** Petrópolis: Vozes, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2000.** Disponível em <[http: www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)> Acesso em: 30 abr 2005.

JACQUES, M.G.C. Identidade. In: JACQUES et.al. (orgs.) **Psicologia Social Contemporânea.** Petrópolis: Vozes, 1998.

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

KLEIMAN, Ângela B. **Programas de Educação de Jovens e Adultos e pesquisa acadêmica:** a contribuição dos estudos do letramento. Revista Educação e pesquisa. São Paulo, Vol. 27, nº 2, Jul/Dez, 2001.

LAURENTI, Carolina & BARROS, Maria N. de. Identidade: **Questões práticas e conceituais.** Revista Psicologia Social e Institucional – Universidade Estadual de Londrina. Vol. 2, nº1. Jun/2000.

LEONTIEV, A. **O Desenvolvimento do Psiquismo.** Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LURIA, A. R. **Desenvolvimento cognitivo:** seus fundamentos culturais e sociais. Ícone: São Paulo, 1990.

MARTIN-BARÓ, I. **Psicología de la Liberación para America Latina.** Guadalajara, 1990.

MACEDO, Donaldo. **Alfabetização, linguagem e ideologia.** Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol.21, no.73, Dez/2000.

MANINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em análise de discurso.** Campinas: Pontes, 1997.

MINAYO, M.C.S. (org.) **Pesquisa Social:** Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Brasil Alfabetizado.** Disponível em: <www.mec.gov.br/secad> Acessado em 05.05.2005.

MOURA, Tânia M. de M. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos:** contribuições de Freire, Ferrero e Vygotsky. EDUFAL: Maceió, 1999.

PATTO, M^a Helena de S. **A produção do fracasso escolar:** histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.

PAULILO, M^a Ângela S. **A pesquisa qualitativa e a história de vida.** SERVIÇO SOCIAL EM REVISTA. Vol. 2, nº, Jul/Dez, 1999.

PIERRÔ, Maria Clara Di. **Descentralização, focalização e parceria:** uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de jovens e adultos. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, vol.27, no.2, , Jul/Dez, 2001.

PINSKY, Jaime. **Cidadania e educação.** São Paulo: Contexto, 1998.

RIBEIRO, Vera M. M. (Org.) **EJA: uma proposta curricular para o primeiro segmento do Ensino Fundamental.** São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1997.

RICHARDSON, R.J. (org.) **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas.** São Paulo: Atlas, 1985.

SAWAIA, Bader. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética Exclusão/ Inclusão. In: SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

SEVE, Lucien. A personalidade em gestação. (19- -). (Bibliografia incompleta).

SILVESTRI, Adriana e BLANCK, Guilherme. **Bajtín y Vigotski:** la organización semiótica de la conciencia. Barcelona: Anthropos, 1993.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ: Sistema de bibliotecas. **Guia para normalização de trabalhos acadêmicos de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).** Fortaleza 2003. CD Rom.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____ **A Construção do Pensamento e da Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WANDERLEY, Mariângela B. Refletindo sobre a noção de exclusão. SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

ANEXOS

***ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO PARA A
PESQUISA***

ANEXO B – Submissão ao comitê de ética

O projeto de pesquisa desta dissertação foi submetido ao comitê de Ética em setembro de 2005. A coleta de dados foi iniciada posteriormente e concluída em maio de 2006. Foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecimento para a participação na pesquisa (vide anexo A).

ANEXO C - Quadro 2 - Papéis e personagens de P.

PAPÉIS	PERSONAGENS
Criança	Filho-sem-pai
	Criança-que-não-teve-a-oportunidade de estudar
	Criança-trabalhadora
	Menor-que-não-tinha-vez
	Pobre-que-não-tinha-vez
	Pobre-que-não-podia-estudar
Jovem	Jovem-imigrante
	Jovem-dispensado-do-Exército
	Oficial-do-Exército-que-não-foi
	Jovem-que-nunca-teve-mordomia
	Jovem-novão-bem-parecidão
	Jovem –que-sempre-trabalhou
	Jovem-estudante
	Jovem-analfabeto-que-não-tem-condições-não
	Jovem-apaixonado-meio-ignorante
Adulto	Pessoa-que-não-sabe-de-nada
	Mesmo-que-um-animal
Analfabeto	Analfabeto-envergonhado
Negro	Pessoa-que-não-tem-jeito-de-conversar-com-
	Ninguém
	Índio-burro
	Nego-ruim-envergonhado-que-não-vale-nada
	Negro-orgulhoso-consciente-de-seus-direitos
Teabalhador	Criança-trabalhadora
	Imigrante
	Jovem-que-nunca-teve-mordomia
	Padeiro-artista
Trabalhador	Portador de hanseníase

	Aposentado-parado
Estudante-alfabetizando	Alfabetizando –nervoso-com-medo
	Alfabetizando-papagaio-cego
	Alfabetizando-que-nunca-pensou-em-ter-essa-Oportunidade
	Alfabetizando-muito-satisfeito
	Alfabetizando-que-assina
	Alfabetizando-que-se-garante
	Alfabetizando-inteligente-reconhecido-promovido
	Alfabetizando-interessado
	Alfabetizando-determinado
	Alfabetizando- vaidoso-garotão
	Alfabetizado
Grande cidadão	
Estudante-determinado	

PAPÉIS	PERSONAGENS de F.
Criança	Menina-esperta
	Menina-que-perambulava
	Menina-trabalhadora
	Menina-estudante
	Menina-trabalhadora-estudante
	Menina-que-nunca-pôde-estudar
Jovem	Jovem-imigrante
	Jovem-que-trabalha-em-casa-de-família
	Jovem humilhada e violentada
	Jovem-mãe
	Jovem-esposa
	Jovem dona-de-casa
	Esposa-amada
Adulta Mãe Analfabeta	Mulher violentada e humilhada
	Mulher-separada-com-dois-meninos-para-criar
	Mãe-trabalhadora
	Adulta-que-nunca-mais-vai-aprender
	Analfabeta-que-não-assumia
	Mãe-Analfabeta-envergonhada
	Analfabeta-envergonhada-que-se-sentia-mal
Estudante- alfabetizanda	Adulto-alfabetizanda –que-pode-aprender
	Alfabetizanda-determinada
	Alfabetizanda-orgulhosa-que-assina-sem-um-pingo-de-vergonha
	Alfabetizanda-que-tem-força-de-vontade
	Alfabetizanda-que-sonha-em-ser-professora
	Alfabetizanda-depressiva-preocupada
	Alfabetizanda-faltosa-desgostosa
	Mãe-alfabetizanda-preocupada-sem-paz-de-espírito
	Alfabetizanda-desistente
	Alfabetizanda-que-quer-um-emprego-melhor
	Adulta-alfabetizanda-que-não-pode-mais-estudar

ANEXO E – QUADRO 4 - FALAS DOS PERSONAGENS DE P.

FILHO-SEM-PAI	[...] não tive uma oportunidade , não é mole não, você ser filho... não ter pai, filho de uma mulher que também não podia [...] (P1.1.19-20)
CRIANÇA-TRABALHADORA	Eu carregava areia nos animal, tijolo, telha, tudo, areia pro cemitério, o velho não deixava ninguém parado [...] (P1.3.1-2) Eu não tive a oportunidade de estudar porque eu não conheci pai, fui criado com os meus avô, meus avô era dos 38, eles não se interessava pra ninguém estudar, tinha que trabalhar, eles disse que não ia dar de comer a ninguém não, tinha que trabalhar, não tinha outra oportunidade, [...] (P1.1.1-4)
MENOR-QUE-NÃO-TINHA-VEZ/ POBRE-QUE-NÃO-TINHA-VEZ	[...] tudo não é como hoje não, você, todo mundo dá um prato de comer a gente, o de menor naquela época não tinha vez não, aí chegou o regime militar, aí pronto acabou com tudo, pobre não tinha vez. (P1.1.20-23)
POBRE-QUE-NÃO-PODIA-ESTUDAR	[...] aí tudo era difícil, lá colégio era só praqueles que era rico, tinha o ginásio, pobre não podia estudar, não era como hoje não moça que você tem tudo, você só não vai para o colégio se não quiser [...] (P1.7.2-4)
JOVEM-IMIGRANTE	[...] aí em 1968 eu vim pra Fortaleza, comecei a trabalhar em padaria, que eu sou padeiro [...] (P1.1.4-5)
JOVEM-DISPENSADO-DO-EXÉRCITO	[...] Era só separando e quem tinha pouco estudo botava pro outro lado e eu lá passei em tudo e esperando, “tá dispensado!” e eu era um negão bem forte, marra mesmo, mas cadê o estudo do homem? Eu não sabia fazer nem o meu nome direito. (P3.1.76-79.)
OFICIAL-DO-EXÉRCITO-QUE-NÃO-FOI	[...] Mas se eu tivesse aquela oportunidade agora desses meninos que tem de hoje, eu tinha certeza que eu era um bichão desse do exército aí. (P2.21.6-8)
JOVEM-QUE-NUNCA-TEVE-MORDOMIA/ JOVEM-QUE-SEMPRE-TRABALHOU	A minha juventude foi uma juventude... eu nunca tive mordomia na minha vida não [...] (P1.6.1-2)
JOVEM-ESTUDANTE	[...] aí ela foi atrás de uma escola pra mim estudar, mas só que eu não agüentei não, só um pedaço, trabalhava e ia de noite, agüentei só uns três me e não fui mais não, eu nem aprendi a fazer meu nome direito [...]
JOVEM-ANALFABETO-QUE-NÃO-TEM-CONDIÇÕES-NÃO	[...] eu era um cara bem parecido né, novão né, mas dizia o cara é analfabeto, não tem condições não. (P1.8.1-2)
ÍNDIO-BURRO	[...] quando eu não tava no colégio, era índio, não falava com ninguém,

	era todo tempo com aquela carona, magoado, agora não, isso tudo foi embora [...] (P3.21.12-14)
NEGO-RUIM- ENVERGONHADO-QUE- NÃO-VALE-NADA	É porque as pessoas diziam “isso é um nego ruim”, “um nego desse aí é muito ruim mesmo” (P3.23.1)
	[...] eu nem esquento não, eu sei que dá processo, mas eu nem liguei não, eu tenho é prazer de dizer “chegou o negão aí”, antigamente eu chorava, sofria e não podia, mas hoje nem, não vale nada, [...] (P3.23.4-6)
PADEIRO-ARTISTA	[...] Eu recebia mais que os outros, eu tava trabalhando com um patrão lá e eu cheguei a ganhar três salários e um cara lá chegou e disse “rapaz, tá errado, o cara que não sabe fazer nem o nome dele ganhar três salários?” Até que bancário na época não ganhava esse dinheiro, só que eu tinha uma profissão, né? Era a arte! [...] (P2.22.21-25)
PORTADOR DE HANSENÍASE	[...] aí fica uns resto isolado por lá, eu dormia por cima, aí eu peguei aquela doença do rato que chamava antigamente, agora é ranseniana, ransenia... (P1.14.3-4) [...] aí eu tomei o remédio por dois anos, sarou tudo e pronto, aí eu me aposentei em 96, aí surgiu essa oportunidade, eu tô aqui e eu vou a frente, eu vou se Deus quiser. (P1.16.5-7)
APOSENTADO- PARADO	[...] quando foi em 96 eu falei pra minha esposa pra arranjar uma vaga pra mim porque eu tava parado (P1.1.7)
ALFABETIZANDO- NERVOSO-COM-MEDO	Bom, quando eu cheguei lá o primeiro dia, eu fiquei muito nervoso, né? Porque eu vi aquela multidão de gente, aquele pessoal que tudo sabia e eu sem saber de nada naquela sala. [...] (P2.1.1-3)
ALFABETIZANDO- PAPAGAIO-CEGO	Nervoso mesmo, muito nervoso mesmo porque você chegar numa multidão de gente daquele sem saber de nada e os outros sabendo e você tipo papagaio fazendo o que os outros manda, porque tá certo, dever você faz todo mundo copiando, mas cego, cego, cego mesmo, cego na gíria de quem não sabe ler é cego [...] (P2.11.1-5)
ALFABETIZANDO- QUE-SE-GARANTE	[...] Você chega num canto e falar uma coisa, né? Se garante, né? Que quando a gente não se garante, a gente fica se escondendo pra ninguém chamar a gente, né? Assim, né? A gente fica com medo de não dar certo, eu não, eu vou logo ali, se eu não souber direito, tudo bem, eu aprendo, me ensinam que eu não nasci aprendido, eu tenho que aprender, eu vou mesmo, eu tenho essa coragem, eu aprendi a desenvolver, a perder o medo, eu no passado eu não fazia isso [...] (P2.13.6-12)
ALFABETIZANDO- DETERMINADO/ ESTUDANTE- DETERMINADO	[...] aí lá eu li, com aquela coragem, aquela garra, aquele multidão de gente, você pra chegar no lugar como eu tava que não era acostumado [...]

GRANDE-CIDADÃO	[...] mas graças a Deus eu posso me considerar um cidadão e eu to muito satisfeito [...] (P1.9.14)
----------------	--

ANEXO F – QUADRO 5 - FALAS DOS PERSONAGENS DE F.

PERSONAGENS	FALAS
MENINA-ESPERTA	(..) Porque achava que eu era a mais esperta, né, assim pra ajudar na... no interior, né, os menino ficava em casa, eu ajudava lá [...] (F1.6.2-3)
MENINA-QUE-PARAMBULVA	[...] ficava só mudando de colégio, quando dava fé o pai dizia que a gente ia embora, “ nós vamo embora daqui!”, antes do meio do ano, ele dizia que ia embora, aí eu perdia o ano, saia do colégio (F3.9.4-6)
MENINA TRABALHADORA	[...] Aí eu fui lá pra casa dessa mulher, trabalhava o dia todin [...] lá eu era tão humilhada lá, eu lá (F2.18.17) fazia comida, eu com onze ano de idade, [...] eu tinha idade de (F2.18.18) fazer comida? De fazer tudo? Não tinha! Eu cozinhava, eu varria, eu lavava, fazia tudo! ((F2.18.16-18; 21)
MENINA TRABALHADORA-QUE-NUNCA-PÔDE-ESTUDAR	[...] eu sei que eu não pude estudar quando eu era pequena, eu nunca pude estudar. (F1.6.4-5)
JOVEM-IMIGRANTE	[...] com 13 anos eu vim pra casa da minha tia e aí trabalhava, né, pra ajudar, né (F1.6.10-11)
JOVEM-QUE-TRABALHA-EM-CASA-DE-FAMÍLIA	[...] depois passei uns tempo lá no Maranguape, trabalhava em casa de família, foi a primeira casa de família que trabalhei foi no Maranguape, fora a casa da minha tia (F1.6.12-13)
JOVEM HUMILHADA E VIOLENTADA	[...] fui muito homilhada lá, até apanhar, apanhei, porque o meu patrão queria fazer coisa comigo e eu não queria, aí ele me batia [...] (F1.6.14-15)
JOVEM-MÃE	[...] aí quando dei fé engravidei e aí tive a M. que agora já tem 17 anos. [...] (F1.6.16)
JOVEM-ESPOSA	[...] No começo, ele foi ruim comigo, ele e quando foi no fim, aí foi que ele piorou e não deu mais certo [...] (F1.6.16-17)
MULHER VIOLENTADA E HUMILHADA	[...] até o leite do menino que agora tem 15 anos, ele dizia que não tinha, não tinha dinheiro, quando eu ia falar, ele batia em mim e aí logo depois nós nos separemo. (F1.7.5-7)
MULHER-SEPARADA-COM-DOIS-MENINO-PARA-CRIAR	[...] E eu não suportei mais ele e fui embora com dois menino pequeno. (F1.7.8-9)

MÃE-TRABALHADORA	[...] Porque é o jeito porque eu tenho que sustentar aqueles meus filho, mas se não fosse! (F3.16.4-5)
ADULTA-QUE-NUNCA-MAIS-VAI-APRENDER	[...] Porque eu achava que se a gente não aprendia quando era pequena, porque o pessoal dizia que depois que crescesse, não aprendia mais nada. [...] (F1.8.3-4)
ANALFABETA-QUE-NÃO-ASSUMIA	[...] Aí eu fico meio, aliás, eu tenho vergonha sabe de falar, eu tô falando pra ti porque... mas eu não gosto não, eu digo “Não, eu já terminei!” As vez, eu fico até assim, sabe! Eu cheguei na, um emprego lá, nem e disse eu tenho até a oitava.[...](F2.14.5-8)
MÃE-ANALFABETA-ENVERGONHADA/	[...] quando os meus filho tava fazendo dever e me perguntava alguma coisa, eu não sabia, e dizia “agora não, que eu tô ocupada”, inventava que tava fazendo as coisa, porque eu tinha vergonha de dizer que não sabia, ficava me sentindo mal. (F1.13.2-5)
ALFABETIZANDA-ORGULHOSA	Compreendo muito diferente, é muito bom saber ler. Você chega num canto, “me arranje a sua identidade” e chega em outro canto, “assine seu nome aqui”, aí eu assino, assino sem um pingão de vergonha você assina o seu nome todin. (F1.17.1-4)
ALFABETIZANDA-QUE-TEM-FORÇA-DE-VONTADE	[...] Era assim uma vontade tão grande de estudar, era uma força de vontade medonha, eu não faltava nem um dia, fazia meu dever. (F1.19.22-24)
ALFABETIZANDA-QUE-SONHA-EM-SER-PROFESSORA	Uma coisa né, que eu ainda não fiz até hoje, né e que eu ainda quero fazer, eu acho que nunca é tarde pra gente fazer o que tem vontade de fazer, né. Eu acho muito bonita a profissão de professor. (F1.19.1-3)
ALFABETIZANDA-DEPRESSIVA-PREOCUPADA	É preocupação com filho, é preocupação com dinheiro, é preocupada com tudo, porque eu só fiz começar de novo, estudei a metade do ano, terminei nem o ano, isso preocupa a pessoa né. Ontem eu tava tão nervosa de um jeito que eu tomei uma banda de calmante [...] (F2.33.1-4)
ALFABETIZANDA-FALTOSA-	ligava dizendo que não dava pra chegar

DESGOSTOSA	cedo [...] que ia chegar atrasada e que eu ia ter que faltar, aí eu fui me desgostando porque quando eu tava fazendo prova, ela não chegava, aí quando era no outro dia tinha que fazer um monte de prova, tudo de uma vez, as prova que era pra ter feito num dia, fazia tudo no outro, aí juntava, como é que eu podia continuar? Ficava mais (F2.20.10) difícil! (F2.20.6-10)
MÃE-ALFABETIZANDA- PREOCUPADA-SEM-PAZ-DE-ESPÍRITO	[...] tudo é difícil, tudo é difícil pra uma pessoa só, né, aí eu fiquei sem cabeça pra nada, quando a gente tem problema na família, não tem cabeça pra nada, só pra chorar, eu sei ler de todo jeito, eu sinto vontade de ler, aí eu pego um livro pra ler, se eu leio pelo menos umas três folha, é muito, sabe, mas porque tem aquelas concentração, eu não me concentro, sabe porque pra pessoa ler, ler tem que ter paz de espírito, né e eu não to tendo paz de espírito, né, é muita preocupação, e com tudo isso, eu acho que pra pessoa estudar mesmo, tem que ter a cabeça bem (F2.33.19-26)
ALFABETIZANDA-DESISTENTE	Queria por causa do trabalho, pra arranjar um trabalho melhor. Queria né, mas tem hora que eu acho que não dá mais (choro), não quero desistir totalmente não, sabe, eu fico nesse emprego mesmo. [...] (F2.24.1-3)
ALFABETIZANDA-QUE-QUER-UM- EMPREGO-MELHOR	Queria por causa do trabalho, pra arranjar um trabalho melhor. [...] (F2.24.1)
ADULTA-ALFABETIZANDA-QUE- NÃO-PODE-MAIS-ESTUDAR	[...] e não aprendia nada, minha cabeça em outro canto, né, quando você já tá com problema, a cabeça já fica em outro canto, né, aí como juntou muito problema na minha cabeça não tinha como, mesmo que você esteja interessado. (F3.12.5-7)

ANEXO G – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Sr. P., Sexo masculino, 60 anos
1ª entrevista – 10/11/05

O senhor quando era criança não teve a oportunidade de estudar?

P1.1: (P1.1.1) Eu não tive a oportunidade de estudar porque eu não conheci pai, fui criado (P1.1.2) com os meus avô, meus avô era dos 38, eles não se interessava pra ninguém (P1.1.3) estudar, tinha que trabalhar, eles disse que não ia dar de comer a ninguém não, (P1.1.4) tinha que trabalhar, não tinha outra oportunidade, aí em 1968 eu vim pra (P1.1.5) Fortaleza, comecei a trabalhar em padaria, que eu sou padeiro, de lá pra cá até (P1.1.6) agora 85, 95, 2005 quem trabalha de padeiro é [...] um de dia e outro de noite, (P1.1.7) quando foi em 96 eu falei pra minha esposa pra arranjar uma vaga pra mim porque (P1.1.8) eu tava parado, mas só podia se tivesse o quarto ano, quando foi agora esse ano (P1.1.9) que passou aí eu tive essa oportunidade que tava dando, o EJA, né? Aí eu mandei (P1.1.10) brasa e graças a Deus eu to muito feliz porque eu já tô sabendo ler que eu não (P1.1.11) sabia de nada, certo dia eu passei a maior vergonha do mundo, eu cheguei, eu fui (P1.1.12) comprar uma bicicleta e um senhor foi e chegou no momento e mandou eu olhar (P1.1.13) uma nota fiscal da bicicleta e eu não sabia, aí ele olhou pra mim e disse: “Ô (P1.1.14) rapaz, eu também não sei, ô vergonha!”. Nesse dia eu fiquei muito desgostoso e (P1.1.15) botei na minha cabeça “quando tiver uma oportunidade, eu pulo dentro!” e (P1.1.16) graças a Deus to aqui, eu vim...o meu sonho era ler jornal, agora eu não quero (P1.1.17) mais lê jornal, eu vou até quando Deus me der vida eu quero chegar lá, não é pra (P1.1.18) arranjar emprego nem nada não, é porque eu não quero mais passar a vergonha (P1.1.19) que aconteceu comigo, não tive uma oportunidade, não é mole não, você ser (P1.1.20) filho... não ter pai, filho de uma mulher que também não podia, porque tudo não é (P1.1.21) como hoje não, você, todo mundo dá um prato de comer a gente, o de menor (P1.1.22) naquela época não tinha vez não, aí chegou o regime militar, aí pronto acabou (P1.1.23) com tudo, pobre não tinha vez.

Aí o senhor trabalhava com o quê?

P1.2: (P1.2.1) Eu sou padeiro, eu.

Quando o senhor era criança?

P1.3: (P1.3.1) Eu carregava areia nos animal, tijolo, telha, tudo, areia pro cemitério, o (P1.3.2) velho não deixava ninguém parado, não é como hoje não que todo o pessoal tem (P1.3.3) tudo, você chega num colégio desse tem merenda, olha aí, rapaz que beleza! Eu (P1.3.4) não tive essa felicidade se eu tivesse tido essa oportunidade na minha infância (P1.3.5) agora eu tinha certeza que eu era outra pessoa!

A sua mãe não criou o senhor, o senhor foi criado pelos seus avós?

P1.4: (P1.4.1) Não ela criou, mas você sabe que aquele pessoal daquela época, o destino (P1.4.2) deles era botar a gente pra trabalhar, assim quase como escravo...

Desde pequenininho ?

P1.5: (P1.5.1) Era, na idade de 8 anos, em 58 eu tinha parece que era 10 ou era 12 anos, (P1.5.2) era igual a hoje que tem tudo, um colégio bom, tudo de bom, por exemplo todo dia (P1.5.3) aqui eu não preciso jantar, eu venho e janto aqui, eu tô muito satisfeito aqui, (P1.5.4) sinceramente, eu nunca pensei... o meu sonho era um dia saber, aprender mas eu (P1.5.5) achava difícil, e um dia que eu arranjei uma namorada e a namorada trabalhava na (P1.5.6) firma e eu era bem parecidão e ela olhou lá o meu nome, só aqueles garranchos, eu (P1.5.7) não sabia direito, ela me incentivou, só que eu só agüentei 06 meses e não fui mais, (P1.5.8)

mas hoje to aqui, graças a Deus já tô sabendo ler e escrever, todo tempo eu me (P1.5.9) interesse a ler.

E a sua juventude como foi?

P1.6: (P1.6.1) A minha juventude foi uma juventude..., eu nunca tive mordomia na minha (P1.6.2) vida não, só trabalho, dia de domingo quando eu tinha folga eu tinha que ir atrás (P1.6.3) dos animal pra botar água, você sabe, eu acho que eu já contei como era a minha (P1.6.4) vida.

E o senhor era de onde?

P1.7: (P1.7.1) Eu sou do Rio Grande, de Ipu, eu sou de lá, aí eu cheguei lá menino, com 01 (P1.7.2) ano, eu nasci mesmo em Tambureto, aí tudo era difícil, lá colégio era só praqueles (P1.7.3) que era rico, tinha o ginásio, pobre não podia estudar, não era como hoje não moça (P1.7.4) que você tem tudo, você só não vai para o colégio se não quiser, às vezes, a (P1.7.5) mulher... cinco e meia eu já estou tomando banho, é 10 minutos dali pra cá, aí eu (P1.7.6) me ajeito todin e quando é seis e meia eu venho embora pra cá pro colégio, porque (P1.7.7) eu tenho amor, eu tenho certeza de que vou chegar lá, não é por interesse não, é (P1.7.8) porque eu quero aprender e quero amostrar pra minha família que eu não sou (P1.7.9) analfabeto, porque eles me chamavam de analfabeto, né...

Quem chamava o senhor de analfabeto ?

P1.8: (P1.8.1) É minha família, primo né, eu era um cara bem parecido né, novão né, mas (P1.8.2) dizia o cara é analfabeto, não tem condições não.

E assim, como era ouvir isto? quando as pessoas diziam que o senhor era analfabeto, o que é que o senhor sentia?

P1.9: (P1.9.1) Opa! Isto é uma dor muito grande que a gente sente né, eu sou uma pessoa (P1.9.2) que eu sou... sou muito humilde, eu sou o tipo da pessoa que quando alguém diz (P1.9.3) alguma coisa comigo eu aguardo, não pra vingar fazer mal a alguém porque eu (P1.9.4) não sou disso mas eu gosto de aprender pra poder dizer : “Ora se eu era isso agora (P1.9.5) eu não sou!”, minha filha, é desse jeito, eu não tive a mordomia que a minha (P1.9.6) família tem não! Graças a Deus tudim já sabe mas eu sempre digo a eles. Moça, (P1.9.7) não é mole não você ter oito anos e se levantar bem cedo e ir atrás de animal com (P1.9.8) pé no chão que não tinha chinela não, chinela era uma chinela que botava de (P1.9.9) gavetão e quebrava, não era japonesa, era outro sistema né? e aí você tinha que ir (P1.9.10) nos carrapicho com pé no chão atrás de animal, a minha vida foi essa! Mas você (P1.9.11) sabe que assim mesmo eu não tem mágoa, não tem mágoa não, que graças a (P1.9.12) Deus eu sou muito feliz, tenho paz na minha vida, sou um grande cidadão, eu não (P1.9.13) devo nada a ninguém, sou limpo, eu não sou perfeito porque ninguém é perfeito, (P1.9.14) mas graças a Deus eu posso me considerar um cidadão e eu to muito satisfeito, (P1.9.15) no começo eu tava com preconceito porque muita gente dizia assim “o que é que (P1.9.16) um véi desse quer estudar ?” E o que é que tem? É melhor aprender do que não (P1.9.17) saber de nada, né? aprender a conversar, falar, né? Eu tava lendo um texto ali, (P1.9.18) né? Cidadania, eu tava lendo num livro, eu lá sabia o que era cidadania, né que (P1.9.19) tem aqui no livro, eu tava lendo, né? que bom, né moça a gente saber nè? Pois é (P1.9.20) a minha vida foi assim...

Então quando o senhor vê alguma coisa, lê algum assunto que o senhor sabe o que é, o senhor fica satisfeito?

P1.10: (P1.10.1) Eu fico porque ... muita gente às vezes não se ligam, a televisão ela é (P1.10.2) muito educativa, muita coisa importante passa ali, ali é igual colégio, então se (P1.10.3) você se ligar naquilo ali você sabe notícia do mundo inteiro, às vezes quando eu

(P1.10.4) tô meio em dúvida eu vou e pergunto ao professor, né? e por aí vai... a gente
 (P1.10.5) aprende a mais falar, a gente vai, sabe chegar num canto né e a pessoa que não
 (P1.10.6) sabe de nada, ele é um ...mesmo que um anima, quando eu era assim é porque eu
 (P1.10.7) não tinha jeito de conversar com ninguém, agora eu já tenho, né? eu presto bem
 (P1.10.8) atenção quando as pessoas fala porque não é todo mundo que fala o português
 (P1.10.9) correto né mas eu procuro ir bem devagarzinho quando eu dou fé tô lá, às vezes
 (P1.10.10) eu digo frase que o professor acha é graça mesmo né, não sei o que é que eu
 (P1.10.11) disse uma palavra, que o professor disse assim... aí que eu tava procurando
 (P1.10.12) umas palavra lá ele viu, né , por aí vai né pois moça eu to muito satisfeito graças
 (P1.10.13) a Deus, né? já tô quase lendo e escrevendo, já e vou pra frente porque eu gosto,
 (P1.10.14) o meu sonho era esse, já pensou a gente olhar prum quadro cheio de nome e a
 (P1.10.15) pessoa não saber de nada, já pensou o cara chega, eu chego num canto, o cara
 (P1.10.16) “p. tu mora aonde?” porque me chamam p né? Aí eu respondo: “rapaz, eu moro
 (P1.10.17) lá na Vila Manuel Sátiro”, aí ele não sabe o nome, “rapaz, é que eu queria o
 (P1.10.18) endereço lá”, aí eu digo “pois me dá a caneta aí” e aí eu vou e boto o nome da
 (P1.10.19) minha rua e boto o nome do meu bairro e boto o CEP, tudo, tudo eu sei na
 (P1.10.20) cabeça, e já sei fazer tudo isso, sei botar o nome da minha cidade é uma benção
 (P1.10.21) muito grande, né? é sim porque é interesse meu, eu tava no EJA I o ano passado
 (P1.10.22) quando foi agora em maio aí houve lá um problema de professor lá, aí a
 (P1.10.23) professora disse “não, pode ir para o três que você tem capacidade” aí eu disse:
 (P1.10.24) “eu!”, “você mesmo pode ir que eu sei que você tem” e os professor sabe
 (P1.10.25) mesmo da vida da gente, né? e eu to aí no meio dos sabidão lá, claro! é só
 (P1.10.26) interesse que a pessoa começa... eu cheguei aqui não sabia o nome do colégio,
 (P1.10.27) eu via aquele nome todim ali, eu lá sabia, quando a gente tem interesse aprende
 (P1.10.28) em qualquer canto, é impressionante, né não? Pois é moça, é desse jeito.

Seu Manuel, então o senhor hoje em dia mora com a sua família?

P1.11: (P1.11.1) É , é eu, a minha mulher e mais duas filha e um rapaz e minha mãe de 93
 (P1.11.2) anos, ela já tem 93, mas dá um problema, mas é coisa da vida mesmo, né?

O senhor continua trabalhando como padeiro?

P1.12: (P1.12.1) Não, moça, graças a Deus eu me aposentei, eu.

Tá aposentado?

P1.13: (P1.13.1) Houve um problema no meu passado, aí que eu não sei se eu posso dizer
 (P1.13.2) pra você...

Pode falar...

P1.14: (P1.14.1) Não, é que eu trabalhava em padaria e padaria.. agora não, porque tá
 (P1.14.2) completamente diferente, tinha uns tabuleiro lá, tabuleiro era onde botava o pão,
 (P1.14.3) aí fica uns resto isolado por lá, eu dormia por cima, aí eu peguei aquela doença
 (P1.14.4) do rato que chamava antigamente, agora é ranseniana, ransenia...

Ranseníase

P1.15: (P1.15.1) Aí eu enchi o meu coró de, de tudo, eu botei até facha aqui, aqui estorou
 (P1.15.2) tudo moça, aqui eu vou te mostrar aqui, você ta vendo aqui... mas tem cura, de 98
 (P1.15.3) pra cá tem cura.

O senhor fez tratamento?

P1.16: (P1.16.1) Moça, eu passei, eu passei... dois anos tomando remédio, aí quando eu fui
 (P1.16.2) dar fé meu corpo papocou tudo e eu fiquei internado lá por aquele Cura Dares de
 (P1.16.3) Maracanaú, aí eu passei lá, aí o médico disse: “Rapaz, se você tomar o remédio
 (P1.16.4) direitinho com dois anos você fica bom”, quando a gente toma o remédio fica

(P1.16.5) desta cor aqui, preto, preto, aí eu tomei o remédio por dois anos, sarou tudo e (P1.16.6) pronto, aí eu me aposentei em 96, aí surgiu essa oportunidade, eu tô aqui e eu (P1.16.7) vou a frente, eu vou se Deus quiser.

O senhor disse que já está sabendo ler e escrever, né?

P1.17: (P1.17.1) Moça, eu sei.

E isso contribuiu para o senhor na vida com a sua família, com os vizinhos?

P1.18: (P1.18.1) Ora moça a minha esposa estudou aqui os meus filhos tudinho passaram (P1.18.2) por aqui, tudinho, às vezes eu, eu falo também porque você vê que quando a (P1.18.3) gente tá começando a gente não se garante bem, né? Aí eu vou aqui pego a (P1.18.4) caneta assim aí eu boto aqui tantos quilos de arroz, tantos quilos de café, café, (P1.18.5) açúcar, aí boto tudim e aí digo “Olha aí, se ta certo.” e ela diz assim, na (P1.18.6) linguagem da gente : “Olha o bicho, rapaz, o bicho já sabe ler mesmo”, isso não (P1.18.7) é uma riqueza? Pra mim é, pra mim é mesmo, eu já sei fazer tudo isso! Né?

O senhor se sente bem quando alguém elogia?

P1.19: (P1.19.1) Mas é claro que eu me sinto, já pensou moça, eu pegar um caderno aqui e (P1.19.2) tá lendo aqui, eu saber sem pedir uma pessoa pra ler, pode até uma coisa de (P1.19.3) errado e a gente acreditar, né? Moça, pra mim era o sonho da minha vida, eu não (P1.19.4) esperava não ter essa oportunidade não e graças a Deus surgiu esta oportunidade (P1.19.5) e eu vou até o fim porque não tinha no passado, não tinha não!

E os seus planos pro futuro, quais são?

P1.20: (P1.20.1) Não.. os meus planos pro futuro é saber, quero ver se eu termino e se der (P1.20.2) para continuar, eu vou, enquanto eu viver, eu vou, porque é a única coisa que a (P1.20.3) gente não divide com ninguém, a gente leva, né? Já pensou moça se eu terminar, (P1.20.4) agora que mudou a oitava, agora é outro né que tem? Chama agora outro nome, (P1.20.5) eu terminar a oitava e receber o certificado que pulo eu não vou dar, né? Eu vi (P1.20.6) um senhor lá no meio do pessoal, que tudo terminou a oitava e tava aquele (P1.20.7) aquele véi de mais de 70 anos vibrando na maior alegria do mundo e eu só (P1.20.8) olhando, e hoje eu tô aqui, meu sonho, agora isso vai acontecer comigo, vai (P1.20.9) porque eu não desisto, eu não falto, eu não gosto de faltar de jeito nenhum, (P1.20.10) porque é que eu não chego lá? Depende de mim, primeiro de Deus, né? É de (P1.20.11) mim, né? eu não desisto. É tanto que quando eu olho pro relógio e dá cinco e (P1.20.12) meia, eu já vou logo tomar banho, já me visto ali e me mando, pois é, é desse (P1.20.13) jeito, todo mundo diz: “Rapaz, tu é muito inteligente” , já muita gente que diz (P1.20.14) assim: “rapaz pra que é que tu quer estudar? Se tanta gente já terminou e não (P1.20.15) tem emprego”, eu digo : “Rapaz, eu quero aprender porque eu quero aprender”, (P1.20.16) eu não me interesso da vida de ninguém não, se quero saber porque quando eu (P1.20.17) terminar eu não tenho emprego eu quero saber é de mim, né? Pois é moça, é (P1.20.18) desse jeito, eu, o maior prazer do mundo quando a moça disse assim, a (P1.20.19) professora disse: você vai pro EJA III, aí eu não acreditei não, né? Aí o (P1.20.20) professor disse assim : “Rapaz, tu começa copiando que tu acompanha!” e eu tô (P1.20.21) acompanhando, um bocado de dever lá, sou obediente, respeito ele, porque um (P1.20.22) professor, a gente tem que ver que ele é quase um pai da gente, a gente tem que (P1.20.23) respeitar porque tem muita gente que não quer nada, às vezes eu dizia: “Rapaz, (P1.20.24) não sabe o que eu passei não, porque eu não tive a oportunidade que vocês (P1.20.25) tiveram”, não é mole não moça, você ter vontade de estudar e não poder, hoje (P1.20.26) tudo melhorou do passado à vista de colégio, você não saber é se não quiser, (P1.20.27) mas a oportunidade nosso governante está dando aí, o pessoal tem o negócio de (P1.20.28)

escolhambar, de queimar o nosso governante, quer que o nosso governante (P1.20.29) mande dinheiro pra gente e ainda quer que pegue na nossa mão e leve a gente (P1.20.30) pro colégio, assim também é demais, né? È porque o pessoal não agrada, graças (P1.20.31) a deus nós estamos numa época muito boa que, isso a gente vive numa época (P1.20.32) que a gente pode dizer o que quiser né, vive numa democracia que você pode (P1.20.33) dizer o que bem entende, não? Eu não gosto de criticar ninguém não porque (P1.20.34) ninguém agrada ninguém, né? Mas...

Mais alguma coisa que o senhor queria falar?

P1.21: (P1.21.1) Não, não.

Muito obrigada!

Sr. P, sexo masculino, 60 anos

2ª entrevista - 13/01/2006

P., o senhor já havia me falado que começou a estudar a dois anos. Como é que foi este começo na escola?

P2.1: (P2.1.1) Bom, quando eu cheguei lá o primeiro dia, eu fiquei muito nervoso, né?? (P2.1.2) Porque eu vi aquela multidão de gente, aquele pessoal que tudo sabia e eu sem (P2.1.3) saber de nada naquela sala. Aí naquele momento eu fiquei lá e comecei a olhar lá o (P2.1.4) nome lá do colégio, né? Lá vendo, né? mas eu não sabia o que era aquilo ali não, (P2.1.5) sei que era o nome lá, né? Aí a professora, que é a C. disse assim: “não, pode ficar (P2.1.6) à vontade, que aqui é só um teste” e quando foi no outro dia apareceu uma moça lá (P2.1.7) e disse pra mim “não se preocupe não, que o que eu poder fazer por você, eu lhe (P2.1.8) dou uma força”, e aí eu disse assim “tudo bem”, aí eu fiquei só assim comigo, aí eu (P2.1.9) pensei se eu for pro colégio só pra conversar com os outros eu não vou aprender (P2.1.10) nada né? Aí eu comecei a olhar e aí eu cheguei e quando eu tava com três mês aí (P2.1.11) eu aprendi a fazer o nome do colégio todin e até agora mesmo se eu for fazer, aí (P2.1.12) comecei a fazer por ali devagarzinho, sem saber de nada, aí quando foi com, na (P2.1.13) faixa de 7 meses a 8 meses, aí tinha um, a professora fez um dever lá e aquele (P2.1.14) dever, aí eu olhei assim e olhei pro dever, aí eu disse pro rapaz “rapaz, eu sei ler (P2.1.15) isso aí”, aí eu cheguei pra professora e disse “professora dá pra senhora me dá (P2.1.16) uma consultada pra ver se eu leio isso que tem no dever?”, aí ela disse “sim”, aí lá (P2.1.17) eu li, com aquela coragem, aquela garra, aquele multidão de gente, você pra (P2.1.18) chegar no lugar como eu tava que não era acostumado, que eu tava porque tem (P2.1.19) moleque, mais é moleque, tem uns que não querem estudar não porque eles não (P2.1.20) querem aprender, querem é bagunçar e eu li tudin, aí a professora ficou assim (P2.1.21) parece que nervosa, eu sei que ela ficou muito emocionada, muito mesmo, sabe e (P2.1.22) aí disse “rapaz, eu não esperava que você lesse isso aí”, aí disse “rapaz, você já (P2.1.23) estudou?”, aí eu disse “não, não estudei não porque eu não tive a oportunidade (P2.1.24) porque quando eu era pequeno eu fui criado sem pai, fui criado com o meu avô”, (P2.1.25) porque o meu avô era de 38, sabe? Ele não queria negócio de ninguém estudar, (P2.1.26) não é como hoje que a gente tem essa oportunidade, né? E não estuda se não (P2.1.27) quiser. Ele dizia “você tem que trabalhar para comer que eu não vou dar de (P2.1.28) comer a vagabundo não!” Agora o vagabundo, 8 anos, né? Aí eu comecei por ali, (P2.1.29) quando passou uma temporada eu vim pra Fortaleza, aí eu arranjei o emprego de (P2.1.30) padeiro, trabalhei em padaria e em padaria, não tem esse negócio de estudo (P2.1.31) porque é um de dia e outro de noite, aí fiquei por ali, quando foi nesse ano agora

(P2.1.32) de 2004, aí eu falei pra mulher “puxa vida, minha família toda sabe ler e eu não (P2.1.33) enxergo”, ela foi lá e falou lá com aquela F., aí tá, mas só que o que me (P2.1.34) incentivou mais foi quando eu fui comprar uma bicicleta e no momento em que (P2.1.35) eu cheguei o homem pegou o documento da bicicleta e mandou eu olhar, aí eu (P2.1.36) disse “não rapaz, eu não sei não”, aí ele disse “rapaz, eu eu também não sei não, (P2.1.37) como é que pode um negócio desse a gente ser cego?” Aquilo me doeu dentro, (P2.1.38) né? Aí eu me incentivei bem e aí surgiu essa oportunidade e eu pulei dentro né? E (P2.1.39) aí eu tô até hoje, já tô fazendo, tô no EJA III, eu não sei como é que tá lá a (P2.1.40) turma, eu não queria nem, se dissesse assim que você vai passar, eu não queria (P2.1.41) não, eu quero continuar pra eu poder saber, né? Porque a coisa melhor que tem é (P2.1.42) você pegar um livro e ler, né? Que eu não sabia, eu pego um livro desse aqui eu (P2.1.43) leio, aí quando eu tiro as dúvidas, aí eu chamo a mulher, quando não dá certo o (P2.1.44) professor me dá muita força e eu digo “ô, professor, o senhor pode copiar fique à (P2.1.45) vontade a frente da sua turma aí”. Graças a Deus, tô aí, e eu vou a frente, o meu (P2.1.46) sonho era ler um jornal, eu achava “Ah meu Deus, ah se eu pudesse ler um (P2.1.47) jornal!”, agora eu não quero mais o jornal, eu já quero terminar a oitava e até (P2.1.48) mais né?

O seu sonho tá crescendo?

P2.2: (P2.2.1) Tá, tá e veja bem, você vê que é uma coisa tão importante de um jeito que eu (P2.2.2) vi o pessoal criticar porque grupo não ensinava ninguém e porque é que eu tô (P2.2.3) aprendendo? Né? Porque é interesse, força, garra, amor, por aquilo ali, a coisa que (P2.2.4) eu tinha a maior vontade no mundo era aprender a ler, e hoje eu pego um livro (P2.2.5) desse eu já sei leio, né? Eu nem enrolo mais, essas palavras aí tudin diferente eu já (P2.2.6) sei, esse livro é muito bom, é um livro pesado, leio e pego a caneta e faço também, (P2.2.7) já boto o nome da minha rua, do meu bairro. Há dois anos eu acho já acho que eu (P2.2.8) já to, né? Que só o poder mesmo de Deus pra dar força de vontade a gente porque (P2.2.9) não é mole não, moça, eu fui criado sem pai, eu nunca tive uma força de ninguém (P2.2.10) não, não é como hoje que a gente vai pro colégio e merenda aquela merenda que (P2.2.11) tem lá, não tem fome, no passado não tinha isso não, no tempo que existia os (P2.2.12) coronel que eles não queria que ninguém aprendesse não, só os ricos que tinha (P2.2.13) condição, você vê que não tinha aula nos colégio, não tinha essa oportunidade (P2.2.14) que tem hoje porque antigamente só podia estudar quem já tinha o quarto ano, (P2.2.15) hoje não, eu vejo o pessoal chamarem e que ninguém quer ir. Moça, eu chamo (P2.2.16) tanta gente pra estudar, porque eu não quero só pra mim não, eu quero pra todo (P2.2.17) mundo, “umbora gente, estudar!” E eu ainda fui meio vaiado no começo, o (P2.2.18) pessoal dizia “tu vai estudar, tu é doido, tu não aprendeu no tempo de novo, vai (P2.2.19) aprender no tempo de velho”, eu digo “mas só eu não tive essa oportunidade (P2.2.20) quando eu era novo e tá surgindo essa oportunidade e eu vou aproveitar”. Aí (P2.2.21) aproveitei e quero ir até, quem sabe, né? Porque tá nas mãos de Deus, enquanto (P2.2.22) eu puder estudar, eu vou estudar. Eu já aprendi já a fazer, eu não sabia aquelas (P2.2.23) contas, eu não sei bem, que toma emprestado dez, que é de dividir, eu já sei (P2.2.24) tudin, eu tenho uma memória muito boa, eu vou fazer a feira eu já sei o tanto que (P2.2.25) dá, e aí agora eu sabendo é que é mais, né? Eu já posso chegar num canto e (P2.2.26) assinar, pegar minha caneta ali e escrever, botar meu nome, e não é uma benção (P2.2.27) muito grande, né? É uma coisa mandada por Deus mesmo, eu não sei nem, rapaz, (P2.2.28) eu fico emocionado quando é seis horas eu vou logo, tomo um banho, e fico logo (P2.2.29) esperando e quando é quinze pras sete eu vou e chego lá, sento lá na minha

(P2.2.30) cadeira, cumprimento a turma todinha, mas nada de querer conversar, né? (P2.2.31) Quando é às vezes a professora quer uma pessoa pra falar, eu chego logo lá, (P2.2.32) comecei a desenvolver no meio daquele multidão de gente porque pra gente falar (P2.2.33) não é todo mundo não, eu tive pensando assim, às vezes a gente chega, mora na (P2.2.34) rua, um cara briga com a gente, a gente esculhamba ele e diz um monte de nome (P2.2.35) fêi e não tem coragem de desabafar no colégio, o que é pra ser, né? Por isso a (P2.2.36) turma diz “fala aí seu P.”, uns chama P. outros chamam M. e aí diz “fala aí”, eu (P2.2.37) vou mesmo, com o maior prazer do mundo, eu falo e o pessoal fica olhando.

Como é que o senhor se sente quando o senhor tá falando?

P2.3: (P2.3.1) É a maior emoção do mundo! Aquele amor, aquela força, parece que dá (P2.3.2) vontade de soltar mais, o que eu puder dizer, eu digo. Aí eu fico me perguntando (P2.3.3) “puxa vida, como é que Deus é tão bom pra mim, poder falar com uma multidão (P2.3.4) de gente daquele”, porque não é todo mundo não, moça, que tem coragem de falar, (P2.3.5) a turma toda não tem, então eu me acho, não é, querendo ser melhor não, eu já sou (P2.3.6) melhor do que eles porque até isso, eu já tive coragem e eu não tinha no passado, (P2.3.7) eu era uma pessoa ignorante, não dava atenção a ninguém, não tava nem aí, agora (P2.3.8) não chega uma pessoa, eu digo “bom dia, tudo bem”, eu cumprimento, se não (P2.3.9) quiser cumprimentar, não tem problema, né? Já tenho toda a educação, peço (P2.3.10) licença, não leva a mal e por aí vai indo, eu não tinha isso, não, eu era um cara (P2.3.11) muito cheio de estupidez e hoje não, eu sou outra pessoa. Já pensou eu visto (P2.3.12) aquela calça ali, aquela blusa do colégio, quando eu vou pro centro passo ali tiro (P2.3.13) a minha carteira pago só meia, acontece que o pessoal fica olhando, aquilo ali (P2.3.14) você nem sabe, parece que eu fico é cheio, parece que encheram eu e eu fico do (P2.3.15) tamanho do mundo, é um amor muito grande, não é mole não! Eu chamo todo (P2.3.16) mundo que eu vejo pois moça, eu vi aí uma entrevista aí no jornal, no Brasil tem (P2.3.17) no sei quantos mil analfabetos e nós temos a nossa oportunidade e não (P2.3.18) aproveitamos, eu não tive no passado. Se eu tivesse a oportunidade que meus (P2.3.19) filho têm hoje, eu tinha me formado, é porque eu não tive, foi minha mãe quem (P2.3.20) me criou, lavando roupa, vestindo a roupa dos outros, sofrendo, com pé no chão, (P2.3.21) não tinha nem essas chinela, ela chegou em 1970 foi que apareceu, a chinela que (P2.3.22) a gente usava era aquela que o pessoal rebojava no mato ou dava a gente, mas (P2.3.23) não era como hoje não, tudo era difícil, a gente usava aquela roupa velha do (P2.3.24) tempo da gazeteira, é porque você não se lembra, eu inteirei 56 anos agora em (P2.3.25) dezembro, eu sei muita coisa, coisa boa e coisa ruim, às vezes eu relembro à (P2.3.26) turma aqui, mas eles não querem saber isso não, é moça, eu fui criado sem pai e (P2.3.27) sem nada. Agora não, mas no passado você chegava assim e falava “rapaz eu não (P2.3.28) agüento mais morar com este homem não, que ele me bate muito!”, sabe o que é (P2.3.29) que ele dizia? “Volte para casa porque se não o cumpade vai saber e ele não vai (P2.3.30) gostar!”. Hoje se eu tacar a mão na cabeça de um menino desse que é de menor, (P2.3.31) chamam logo a polícia pra mim, era completamente diferente de hoje, não é mole (P2.3.32) não, eu nunca esperei eu chegar aonde eu já tô porque eu não sei de nada ainda (P2.3.33) não, mas pelo que eu comecei com dois anos, eu já sei de muita coisa.

E lá na escola com 7 meses já começou a ler né?

P2.4: (P2.4.1) É, a professora ficou emocionada.

E depois como é que foi?

P2.5: (P2.5.1) E depois daquilo ali, eles começaram a botar fé em mim, né? Eu comecei a (P2.5.2) perder aquele medo, quando a gente chega no começo, a gente é nervoso e aí (P2.5.3) depois que começa a se soltar mesmo, a se garantir, aí pronto, o medo acaba. Você (P2.5.4) vê que agora no final, eles trouxeram lá um quadrozin e veio me amostrar, o que é (P2.5.5) que eu achava daquela cidade e aí eu olhei e vi que aquele quadro não era original (P2.5.6) e aí veio aquela idéia e eu disse “professor, não leve a mal não, mas se eu pudesse (P2.5.7) dar uma nota para este quadro eu dava zero, porque não tá certo isso aqui não, (P2.5.8) muito apagado, muito atrasado, né?” E aí a mulher começou a conversar comigo (P2.5.9) “rapaz, sabe que tu é do tipo de homem inteligente” e quase que não deixa mais de (P2.5.10) conversar comigo né? Aí eu vou me soltando porque eu sou o tipo da pessoa que (P2.5.11) quando eu começo a conversar, começa a entrar idéia na minha cabeça, de (P2.5.12) repente, é como o professor falou “rapaz, você começa a escrever, de repente (P2.5.13) você vai criando, vai produzindo e você vai escrevendo”. E é assim que eu faço, (P2.5.14) porque não é mole não moça, eu vejo muita gente ali enrolado mesmo, não sabe (P2.5.15) de nada e pra mim, agora no mês de novembro, uma senhora chegou pra nós e (P2.5.16) veio me pedir pra ensinar a fazer a conta dela, como é que pode? Não é uma (P2.5.17) benção muito grande, né?

O senhor se sente bem ajudando os colegas?

P2.6: (P2.6.1) Eu sinto o maior prazer do mundo, agora eu sou desse tipo de gente (P2.6.2) que eu gosto de ajudar, mas sempre eu tenho medo de alguém dizer “olha o besta, (P2.6.3) querendo saber mais do que os outros” porque sempre tem um que critica a gente, (P2.6.4) tem gente que não se bota a aprender, aí fica com raiva quando vê que a gente (P2.6.5) sabe, né? E eu não, eu chego lá, pego o meu livro e vou dar a lição lá na frente do (P2.6.6) professor e mando brasa, eu pego um livro e começo a olhar aqui e quando vejo (P2.6.7) que não tá certo eu chamo a mulher, chego lá e mando brasa, leio tudin. Uma vez (P2.6.8) eu tava lendo lá o texto do Gilberto Gil e a moça perguntou “por que é que tu só lê (P2.6.9) estes texto aí”, e aí eu fui e “é porque eu sou do sertão, do interior e eu gosto (P2.6.10) muito de ouvir e ver o que é certo, porque vocês não sabe de nada”, aquilo ali foi (P2.6.11) uma crítica pra mim, mas eu não levei a sério não porque ela não se garantiu e eu (P2.6.12) me garanti, né?. Bom, o professor disse “rapaz você tá muito bom, a sua letra tá (P2.6.13) muito boa, já tô entendendo”, né? Mas é uma coisa maravilhosa, já pensou se eu (P2.6.14) estudar 5 anos, eu, em que altura eu não vou ficar né? E eu vou a frente, vou não (P2.6.15) é porque ninguém me dá força não, vou porque eu quero, eu tenho amor, sou dos (P2.6.16) primeiros que chega e eu fico lá, lá na frente, fico olhando pra lousa todo o (P2.6.17) tempo, uma vez o professor disse assim “rapaz, o que é que tu tem que tá com os (P2.6.18) olhos tão arregalado pras letra?”, aí eu disse “é porque eu quero aprender”. Mas (P2.6.19) eu li tudin com sete meses de estudo porque eu comecei em março, na? E quando (P2.6.20) já foi do mês de setembro pra outubro, eu já leio aquilo ali tudin, é porque eu me (P2.6.21) ligo, eu presto bem atenção, eu me enrolei mais foi na família do “lh”, mas (P2.6.22) depois que entrou na minha cabeça, acabou-se, as palavras, aí depois que (P2.6.23) eu aprendi, pronto, não me enrolo mais de leito nenhum não. Aí pronto, muitas (P2.6.24) coisas eu já sei fazer, eu não me enrolo mais não graças a Deus e foi uma luta e (P2.6.25) um incentivo, e eu faço até uma confusão por alguém que não quiser aprender, eu (P2.6.26) digo assim “rapaz, vamos aprender que é bom pra nós porque é a última herança (P2.6.27) que você não divide com ninguém”. Já pensou, moça eu chegar e o homem me (P2.6.28) mostrar os documentos da bicicleta e eu olhar pros

documentos da bicicleta e não (P2.6.29) saber o que é o nome das pessoa, agora não, embora seja muito difícil, mas (P2.6.30) gaguejando e enrolando eu desenrolo aquilo porque eu já sei ler e escrever um (P2.6.31) pouco né? Porque até agora eu não sabia porque é dois anos só, é dois anos, né? (P2.6.32) E é porque dizem que o colégio não presta, ó? Eu já to cansado de dizer: “o (P2.6.33) colégio é muito é bom, não aprende quem não quer!” Deixa só eu lhe mostrar (P2.6.34) aqui o caderno. (desligo o gravador enquanto ele pega o caderno)

E o senhor também estuda em casa?

P2.7: (P2.7.1) Estudo, todo tempozinho que eu tenho é aqui, eu não bebo, eu não fumo e aí (P2.7.2) quando eu tã de folga, eu mando brasa, se é de eu tá ouvindo besteira, eu pego o (P2.7.3) meu livro ali e o pessoal diz que eu tô é doido, mas não é não, é porque eu tô com (P2.7.4) aquela fome de aprender, existe a fome de boca, de coisa, pois existe, existe aquela (P2.7.5) fome, aquela vontade de comer aquile pedaço de pão ou um pedaço de carne, né? (P2.7.6) Pois do mesmo jeito é a fome que eu sinto de ler e de escrever.

E como é que as pessoas vêem essa fome do senhor?

P8.1: (P2.8.1) Ah, todo mundo, a própria minha mulher se admira mesmo, diz “ô, como ele (P2.8.2) faz bem direitinho, separa bem direitinho”, no começo, eu não fazia não, agora eu (P2.8.3) separo as palavras tudim, aí quando ela diz isso, pois é o meu negócio é ir (P2.8.4) separando pras pessoas entenderem as palavras tudim, no começo eu ia escrever (P2.8.5) um negócio aqui e aí fazia tudo junto, aí não dava pra entender, às vezes quando (P2.8.6) uma pessoa fica perto, eu faço um quadradozinho pra pessoa saber que aquilo ali é (P2.8.7) uma palavra, tudo emendado não dá, só se a pessoa souber muito ler, mas tudo (P2.8.8) emendado não voga, né?.

E aí o senhor tá criando um jeitinho?

P2.9: (P2.9.1) É pra pessoa entender, eu [...] não sei se é porque eu não faço muito bem, (P2.9.2) faço bem direitinho que é pra pessoa vê, agora é que eu to fazendo aquelas (P2.9.3) palavras bem espaçoso que é pra pessoa entender, não tem problema se ta gastando (P2.9.4) caderno ou não, o importante é a pessoa ler e entender, não adianta a pessoa (P2.9.5) escrever só numa folha e você não entender nada, você não concorda não com o (P2.9.6) que eu to dizendo? Porque você sabe, eu não tenho experiência, eu comecei agora, (P2.9.7) pra quem tá com 2 anos de colégio, não é como quem tem um horror de ano, quem (P2.9.8) tem experiência, eu gosto de aprender, eu gosto que alguém me explique que isso (P2.9.9) pra mim ainda é melhor porque eu já to sabendo.

E o senhor me falou que já ta sabendo ler e escrever e também se interessa por alguns tipos de textos. Que tipo de coisa o senhor já leu?

P2.10: (P2.10.1) Eu tenho uma paixão muito grande, tenho uma paixão muito grande por (P2.10.2) uns texto que eu sempre olho aí, que sempre eu leio ele, que é aquele texto do (P2.10.3) Patativa do Assaré e assim, diz que ele era poeta e ele não sabia ler, né? Assim (P2.10.4) diz, eu não sei bem certo não, né? E eu sou apaixonado pelos textos dele e tem (P2.10.5) aqui no livro e eu olho muito e leio ele e acompanho ele pra ver como é que é a (P2.10.6) vida do sertão, eu lá sabia o que era imigrante, agora eu já sei, imigrante é aquela (P2.10.7) pessoa que sai daqui e vai até mesmo no Brasil, se eu chego em São Paulo, eu não (P2.10.8) sou paulista, eu sou cearense. Esse ano, ele fez umas provas aí, ele fez pra gente (P2.10.9) saber sobre a cultura do Nordeste, da gente, eu já sabia um pouco, mas você sabe (P2.10.10) que a sempre a gente vai aprendendo mais, aí eu aprendi já tudo sobre o sistema (P2.10.11) de Belém, né? Porque Belém, lá é Norte, Norte e Nordeste, Norte não é (P2.10.12) Nordeste, é Norte, né?, Sul, Norte, eu também já sei, sei tudo de cabeça, lá, do

(P2.10.13) que veve, né? Tudo eu já sei, já sei tudin, né?, Eu não sabia botar aquelas (P2.10.14) palavras, de Norte, Nordeste, grande , Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, (P2.10.15) eu sei ler o mapa do Brasil porque no livro aí tem e tudo eu já sei, já porque pra (P2.10.16) mim era muito importante eu conhecer o mapa do meu país, hoje eu sei tanto ler, (P2.10.17) como sei escrever, eu sei ler e sei escrever tudo isso, Pernambuco, Recife, (P2.10.18) depois que a gente vai começando a entender mesmo, tudo é fácil. Aí é minha (P2.10.19) velhinha de 93 anos (aponta para a mãe que ia passando), aí eu deixo a minha (P2.10.20) velha mais a mulher e vou pra lá e vou seguir, você vai ver se eu não morrer até (P2.10.21) lá, se Deus quiser nós vamos se encontrar e eu vou dizer pra você “olha aí, (P2.10.22) terminei a oitava!”.

Vamos sim. E o senhor quando chegou diz que tinha medo, tinha vergonha, aquele monte de gente. E o que é que o senhor sentia?

P2.11: (P2.11.1) Nervoso mesmo, muito nervoso mesmo porque você chegar numa (P2.11.2) multidão de gente daquele sem saber de nada e os outros sabendo e você tipo (P2.11.3) papagaio fazendo o que os outros manda, porque tá certo, dever você faz todo (P2.11.4) mundo copiando, mas cego, cego, cego mesmo, cego na gíria de quem não sabe (P2.11.5) ler é cego, aí quando eu comecei a fazer, pronto, eu chegava lá, com a professora (P2.11.6) C. depois saiu, foi no segundo semestre saiu e ficou a M., professora muito boa, a (P2.11.7) professora , aí eu comecei a ler e escrever, antes dela voltar eu já tinha feito, já, a (P2.11.8) primeira coisa que eu chegava era pra fazer o nome do colégio, tudinho, né? Aí (P2.11.9) eu ficava esperando pra botar, quando eu botava, ela olhava porque a gente (P2.11.10) sempre não se garante no começo, no começo você não sabe direito, sabe, mas (P2.11.11) fica com medo, agora não, eu não tenho mais medo não, eu faço, né? Eu perdi o (P2.11.13) medo porque eu já me garanto, né? Já pensou moça, é pra mim não dá nem pra... (P2.11.14) Um certo dia eu cheguei num canto de uma moça ali no Conjunto Ceará e ela, (P2.11.15) eu pedi o endereço da rua que ela mora e ela não soube, eu entendi assim, ela (P2.11.16) chamou outra moça porque se ela soubesse, ela tinha feito, você pode nem (P2.11.17) concordar comigo, mas eu penso assim porque se a pessoa chegar aqui e aí diz (P2.11.18) “P.como é o nome dessa rua?” Aí eu digo “é rua Manuel da Nóbrega e tal”, aí (P2.11.19) ela diz assim “P. dá pra tu botar aí?” Ó, moça eu tenho o maior prazer, ó, eu (P2.11.20) pego ali a a caneta e boto tudin, quase todo dia eu faço o nome da rua pra não (P2.11.21) perder o ritmo, o nome da rua, o nome do bairro, o nome do CEP, o nome do (P2.11.22) Ceará que nós veve e o nome do meu país, eu tenho o maior prazer de dar o (P2.11.23) nome do meu país, Brasil, acredita isso, eu fico emocionado (choro) quando eu (P2.11.24) pego na caneta, que eu termino e termino Ceará, Brasil, quando eu pego a caneta (P2.11.25) e boto aqui, boto Brasil, eu fico emocionado.

Por que é que o Senhor se emociona tanto?

P2.12: (P2.12.1) Porque eu não sabia, moça , eu lá sabia o que era Brasil, Brasil todo (P2.12.2) mundo sabe, quem não sabe ler sabe Brasil, mas botar é diferente, já pensou eu (P2.12.3) botar o nome do meu presidente, do Brasil, Lula ou qualquer outro que seja, saber (P2.12.4) fazer, não é maravilhoso, chega eu fico emocionado e fico mesmo porque eu não (P2.12.5) esperava isso não tão cedo na minha vida, todo mundo se admira. Já pensou (P2.12.6) quando eu tô na aula e o pessoal diz “esse cara é inteligente demais, ele é um (P2.12.7) gênio”.

Você fala da escola?

P2.13: (P2.13.1) Diz, diz, todo mundo diz, eu fiz aí um dever do, do como é o nome dele, (P2.13.2) Cezar Andrade, parece que é, eu peguei o texto lá e eu leio todinho, aí a (P2.13.3)

professora que tava lá, tava estagiando, disse “ele sabe mesmo !” Eu tava (P2.13.4) ouvindo ela dizendo essas palavra aí e aí que eu fiquei mais cheio mesmo, né? (P2.13.5) Mas cheio não é com orgulho não, né? É emocionado de saber porque é muito (P2.13.6) bom a gente saber das coisas, né? Você chega num canto e falar uma coisa, né? (P2.13.7) Se garante, né? Que quando a gente não se garante, a gente fica se escondendo (P2.13.8) pra ninguém chamar a gente, né? Assim, né? A gente fica com medo de não dar (P2.13.9) certo, eu não, eu vou logo ali, se eu não souber direito, tudo bem, eu aprendo, me (P2.13.10) ensinam que eu não nasci aprendido, eu tenho que aprender, eu vou mesmo, eu (P2.13.11) tenho essa coragem, eu aprendi a desenvolver, a perder o medo, eu no passado (P2.13.12) eu não fazia isso.

Hoje o senhor acredita mais na sua capacidade?

P2.14: (P2.14.1) É sim, se eu for falar naquele multidão de gente, disse assim “quem quer (P2.14.2) falar qualquer coisa aqui!”, “o que é que você acha”, tem gente que fica por ali, se (P2.14.3) escondendo, eu vou, eu vou mesmo logo de gaiato, eu vou, eu não deixo nem o (P2.14.4) pessoal querer ir não, eu sou desse jeito e eu não era assim.

O senhor se sente bem quando dá a sua opinião?

P2.15: (P2.15.1) Mas é claro que eu sinto rapaz, pra mim é a maior riqueza do mundo, (P2.15.2) aquilo ali, não que eu tenha ganância por riqueza não, por estudo, eu tenho mais (P2.15.3) porque dinheiro não é tudo na vida não, eu fico emocionado, quando eu tenho um (P2.15.4) tempinho aqui, eu pego logo a caneta ali e mando brasa logo porque eu tinha um (P2.15.5) medo, eu fazia tudo errado, é rapaz, eu , graças a Deus, eu até agora com a ajuda (P2.15.6) de Deus, eu sei que ele vai me alumiar e vai me dar força pra eu aprender, se (P2.15.7) Deus quiser, se Deus quiser ele vai me dar mesmo, eu vou poder dizer assim eu (P2.15.8) sou um homem que já terminei a alfabetização, apesar de eu tá achando que eu já (P2.15.9) sei muito já porque eu não sabia, é um salto muito grande moça, já pensou eu tá (P2.15.10) lá no EJA I e passar pro II e no meio do ano, já me botar pro III, eu no meio (P2.15.11) daqueles home, tudo sabe ler já e eu acompanhar eles, é muita força de vontade (P2.15.12) porque tudo é força de vontade, porque se você tiver amor e força de vontade, (P2.15.13) tudo você tem que ter amor por aquilo ali que vai fazer porque se não tiver, não (P2.15.14) adianta.

Quando o senhor chegou lá na escola, quais foram as dificuldades que o senhor enfrentou pra começar a aprender a ler e escrever?

P2.16: (P2.16.1) Não, é porque eu não sabia né? Eu não sabia e eu com aquele medo de (P2.16.2) pedir a professora pra se tiver errado e aí no meu caso aí, tinha, apareceu aquela (P2.16.3) moça que disse “não, pode ficar, se um dia você precisar, eu lhe ensino”. Eu (P2.16.4) fiquei até com medo e ela me deu muita força e por coincidência essa semana eu (P2.16.5) encontrei com ela lá no terminal da Parangaba, não do Siqueira, e ela disse assim (P2.16.6) “P. tu ainda lá?” eu disse “to” e ela disse assim “eu não fui mais não”, “por (P2.16.7) que?”, “porque acabou meu contrato”, e eu disse assim “rapaz, a gente vai um (P2.16.8) dia não entra bem, mas outro dia entra”, eu disse “eu já sei escrever um bocado (P2.16.9) de coisa, já sei escrever o seu nome” e ela disse “ó, eu quero que você faça uma (P2.16.10) carta pra mim!” e eu disse “a carta eu me garanto em fazer, agora eu não tenho (P2.16.11) ainda aquela dedicação de fazer tudin”, porque eu sei fazer “querida, amor, (P2.16.12) felicidade, eu te amo”, agora porque sempre a gente tem que dizer as palavras (P2.16.13) tudin e eu não sabia, fazer um bilhete, e eu não sabia, né? Uma comparação, eu (P2.16.14) faço um bilhete pra moça, né? “Ei, querida, eu gostaria de falar com você às 8 (P2.16.15) horas da noite”, e aí eu já sei botar ali o “h” e o “o” de “hora”, né? Tudo aquilo

(P2.16.17) eu já sei fazer e eu não sabia, né? “Eu te amo”, eu sei fazer, né? É bom de mais, (P2.16.18) “querida”, eu boto tudin mas não é por interesse de nada não, é porque tem que (P2.16.19) ser curioso, como é que eu vou aprender se eu não me botar a aprender? Quando (P2.16.20) eu vejo que ta errado, eu chamo a minha menina, a mulher, digo “olha aí”, ela (P2.16.21) diz “tá certo”, mas eu tô achando que ta ligeiro demais, viu?

Então a curiosidade tá lhe ajudando?

P2.17: (P2.17.1) Ta, tá demais, ta, eu acho que a pessoa com dois anos de estudo já fazer (P2.17.2) isso tudo.

O senhor esperava que fosse tão rápido?

P2.18: (P2.18.1) Eu tinha uma idéia porque eu pensava “ah, meu Deus, como é que eu vou (P2.18.2) aprender a ler?” Como é que pode, tinha hora que eu ficava agoniadin, aí a (P2.18.3) mulher dizia “tem calma, rapaz, que tu vai aprender”, aí a professora disse “ó, (P2.18.4) aonde você chegar e tiver um nome você começa a olhar e aí se você não souber (P2.18.5) você pede a uma pessoa pra dizer, que tava sem óculos” Professora é demais, né? (P2.18.6) E aí eu, aonde eu chego numa praça, eu olho, toda a parte da família do lh, do h, (P2.18.7) do j, no início, só ta faltando mais uma coisinha, eu chego lá.

O que é que ainda tá faltando?

P2.19: (P2.19.1) Ainda tá faltando, ainda tá faltando mais umas coisas que eu tô me (P2.19.2) perdendo, às vezes com quatro palavras, eu me perdo, o que eu tô mais enrolado (P2.19.3) é, por exemplo o “s” e o “c”, o “e” e o “c” eles são quase parecido e aí quando (P2.19.4) tem o “e” eu já, agora que eu tô começando a entender, na semana passada que eu (P2.19.5) tô entendendo que tem algumas palavras que é com “s”, ou é com “c”, agora não, (P2.19.6) que eu já tô começando a enxergar, entender, né? Eu vou ali por volta e e ali eu (P2.19.7) olho e por aí vai. Aquela palavra que termina com “ão” né? que é o “ão” né? Que (P2.19.8) tem o tilzin? Eu aprendi ligeiro também, eu já sei botar nome de bairro, de toda (P2.19.9) rua por aqui, Pan Americano, Rua Maranhão, Minas Gerais, tudin, aqui no mapa, (P2.19.10) eu olho aqui no mapa, foi como eu vim desenvolver porque aí nesse livro tem o (P2.19.11) mapa do todin do Brasil, tudin eu aprendi, que eu não sabia, eu não me enrolo (P2.19.12) mais, só o que eu me enrolei agora é naquele lugar, aquele país que tem o “s”, o (P2.19.13) “r”, o “a” e o “e”, não sei se é Acre, que tem o “e”, Acre, qual é, eu acho que é (P2.19.14) bem assim que eu não tô bem lembrado, enrolado com três, tem três letras só (P2.19.15) esse país, esse estado, os outros tudo eu já aprendi, Minas Gerais, Goiás, (P2.19.16) Rondônia, Amazonas, nada disso eu sabia, eu lá sabia que o país, o estado maior (P2.19.17) que tinha no Brasil era Amazonas, eu sabia que era grande, mas não sabia, eu (P2.19.18) não sabia que o país mais pequeno era o Sergipe e é, tem aí no livro tudin. Viu (P2.19.19) como é bom a gente ler? A gente sabe.

E como é que o senhor se sente sabendo de todas essas coisas?

P2.20: (P2.20.1) Ora mais, porque o professor, eu tava dizendo pra ele porque sempre ele (P2.20.2) gosta muito de conversar comigo, ele disse que eu sou um cara muito interessado (P2.20.3) e que eu procuro muito saber, disse “rapaz, tem gente que se você disser assim (P2.20.4) qual é o nome do CEP da sua rua?” e não sabe, eu sei, é uma pessoa que tem (P2.20.5) muita diferença, né? Porque um dia, eu cheguei no Centro pra tirar o tal de CPF e (P2.20.6) não sabia qual o CEP da minha rua, aí quando eu cheguei, toda vida eu faço o (P2.20.7) dever e boto o nome da rua e do CEP, que é o 60713-580, no instante eu digo, (P2.20.8) bem ligeirinho, né? É tudo que eu aprendi, né? Já pensou se eu tivesse começado (P2.20.9) no começo, hein? Bem novinho, hein? É, mas ta bom né? Talvez eu fosse outra (P2.20.10) coisa porque meu sonho desde menino era ser oficial do exército, eu era doido

(P2.20.11) pra ser um coronel, um oficial com a farda do exército (choro), mas infelizmente (P2.20.12) eu não tive essa oportunidade, o que é que eu posso fazer? É o que Deus quer, (P2.20.13) né? Eu era doido pra ter a farda, quando eu via a farda do exército, aquela farda (P2.20.14) verde, ah meu Deus, se eu fosse uma autoridade, né? Mas infelizmente eu não (P2.20.15) tive o direito que os outros teve, o que é que eu posso fazer? (choro) É o (P2.20.16) seguinte, eu também sou filho de Deus, que ele pode me dá oportunidade, que o (P2.20.17) meu sonho era ser um do Exército, eu não queria ser muita coisa não, eu queria (P2.20.18) vestir a farda, mas infelizmente eu não tive e oportunidade.

A farda do exército lhe chamava atenção?

P2.21: (P2.21.1) É porque na época a farda era um verde muito vivo, desse verde, a minha (P2.21.2) mãe lavava a farda de um homem, um senhor lá do Ipu, aquele verde, passava (P2.21.3) aquele grude, ficava aquele verde, era a coisa mais linda do mundo, eu via desde (P2.21.4) menino, mas é isso mesmo, o que é eu posso fazer? A gente todo não é o que (P2.21.5) quer, deixar correr né? Deus é quem sabe, mas infelizmente eu não pude, mas só (P2.21.6) eu tá sabendo ler um pouquinho já é muita coisa que eu não sabia, né? Mas se eu (P2.21.7) tivesse aquela oportunidade agora desses meninos que tem de hoje, eu tinha (P2.21.8) certeza que eu era um bichão desse do exército aí.

Então, faltou só a oportunidade?

P2.22: (P2.22.1) É, só a oportunidade porque eu sou muito doido por farda, farda mas não é (P2.22.2) de poliça não que eu não gosto de poliça não, é do exército, tenho a maior paixão, (P2.22.3) ó, mas infelizmente eu não tive essa oportunidade, o que é que eu posso fazer, é (P2.22.4) esperar. Graças a Deus que o nosso governante tá muito bom, abriu este espaço (P2.22.5) pra nós, liberou pra botar todo mundo pra estudar, eu acho que já é muita coisa, (P2.22.6) que às vezes as pessoas criticam o nosso governante, né? Tinha tantas pessoas (P2.22.7) que não sabia ler, no passado eles não queria não, eles queria que a pessoa ficasse (P2.22.8) todo tempo analfabeto pra trabalhar pros filho dele, os coronéis, os generais, os (P2.22.9) ricão, eles iam querer ninguém saber ler? Eles queria que nós fosse como uns (P2.22.10) animal pra trabalhar pra eles, né? Tinha um bocado de gente que não sabia ler, (P2.22.11) eles queriam aquilo ali e graças a Deus, não sei o que me liberou, tive outra (P2.22.12) oportunidade, pra aprender a ler e escrever, que bom, né? E o pessoal fala mal (P2.22.13) do colégio ainda, quando não tem merenda, eu digo “pessoal deixa pra lá que (P2.22.14) amanhã tem, só em nós ta aprendendo de graça”, eles dá livro, dá caderno, tem (P2.22.15) lápis, tudo de graça, nunca vi, o pessoal ainda acha ruim. Nós tamo numa época (P2.22.16) que nós temo que aprender, porque se a pessoa não souber de nada, ele vai (P2.22.17) sofrer. Hoje em dia, pra uma pessoa pra trabalhar no carro do lixo tem que ter o (P2.22.18) segundo grau, só praquilo ali, né? Ainda bem que eu tive a felicidade, apesar de (P2.22.19) eu ser, no passado, eu ser analfabeto, que eu não me considero analfabeto não, (P2.22.20) que eu sei escrever meu nome, né? E já leio alguma coisa, eu não sou mais (P2.22.21) analfabeto. Eu recebia mais que os outros, eu tava trabalhando com um patrão lá (P2.22.22) e eu cheguei a ganhar três salários e um cara lá chegou e disse “rapaz, tá errado, (P2.22.23) o cara que não sabe fazer nem o nome dele ganhar três salários?” Até que (P2.22.24) bancário na época não ganhava esse dinheiro, só que eu tinha uma profissão, né? (P2.22.25) Era a arte! E com isso aí eu... O que me incentivou mais também moça, foi (P2.22.26) agora que eu me lembrei, é que eu fui, eu sou padeiro, sabe? Aí eu fui trabalhar (P2.22.27) aí na Zé Bastos, aí chegou um forno de São Paulo e aí aquele forno era tipo um (P2.22.28) computador, liga e desliga e não sei o que mais e cadê o homem? Pra ligar o (P2.22.29) botão? Aí quando eu cheguei lá o forno chegou, forno bonito, parecia um

(P2.22.30) computador, apertava num dedo a luz acendia, apertava num dedo o nome
 (P2.22.31) desliga, no outro o vapor, acendia a luz e eu sem saber de nada, aí o cara me
 (P2.22.32) ensinou bem direitinho e eu contando tudin onde era, sem saber de nada, né? Aí
 (P2.22.33) eu digo “eu vou a aprender a ler”. Cadê, bote agora um forno daquele pra ver se
 (P2.22.34) eu não ligo agora tudin bem direitinho, o forno agora é moderno pra botar pão,
 (P2.22.35) você olha, ele é tipo um computador, não precisa de gás, nem de nada, não
 (P2.22.36) precisa de fogo, nem de nada, é só ir apertar os dedo naqueles botão, é não sei
 (P2.22.37) quantos botão, aqueles botão que o pessoal conta.

Então se o senhor fosse trabalhar hoje como padeiro já tinha mais facilidade?

P2: (P2.23.1) Eu tinha porque eu chegava lá, né, eu sei ler, eu sei ligar. Liga, já sei que é
 (P2.23.2) com “l” e com “i”, né? Desliga, eu já sei que é com “d”, né? Aí vapor, já sei que é
 (P2.23.3) com “r”, né? Va-por, e outros nome que tiver, eu sei, eu sei mesmo, eu já sei
 (P2.23.4) mesmo, nem me enrolo mais. E no passado, o rapaz ficava lá pra me ensinar. Eu
 (P2.23.5) não sei não, e no emprego, outro dia, o rapaz me chamou lá pra contar o pão e
 (P2.23.6) notar, eu disse “não rapaz não dá pra eu ficar não que eu não sei”, por exemplo
 (P2.23.7) cinqüenta pão, eu tinha que botar lá o cinqüenta e a palavra do pão, eu não sabia
 (P2.23.8) lá o que era pão, pão agora não, eu já sei, é só botar o “p” com o “a” e o til com
 (P2.23.9) “o” atrás, no passado eu não sabia né? Agora eu já sei, viu como é bom estudar,
 (P2.23.10) eu não tô certo a palavra não é essa mesmo pão? O “p” e o “a” e aquele tilzin,
 (P2.23.11) né? Pois é, eu não sabia, sabia lá o que era aquilo, né? Se fosse agora não, eu já
 (P2.23.12) sei botar o nome da pessoa né? Aí eu botava cinqüenta pão e botava o “p” aqui e
 (P2.23.13) o “a” e o “o” e o tilzin, escrevo a palavra pão.

E quando o senhor não sabia?

P2.24: (P2.24.1) Ah, aquilo ali, eu fazia só gravar na cabeça, mais era, ainda bem que a
 (P2.24.2) minha cabeça era até bem, eu já sabia tudin, mas não é como na caneta, né?

A caneta ajuda mais?

P2.25: (P2.25.1) A caneta, é claro! A caneta é igual a um computador, você nota aqui e
 (P2.25.2) acabou-se, você pode até ficar bebo, cair no chão, dormir aculá, quando é no
 (P2.25.3) outro dia, que você chegar, você sabe tudo o que fez porque tá tudo notado, é uma
 (P2.25.4) diferença muito grande, não tem nem comparação, não tem não, não tem, você
 (P2.25.5) bota tudo de memória na cabeça, tudo bem, mas você esquece e no caderno não,
 (P2.25.6) tá tudo escrito, já pensou eu pegar um caderno e notar tudin, o nome da pessoa e
 (P2.25.7) tal e tal. “Came, feijão”, que eu escrevo tudo isso aí. Às vezes quando eu vou pro
 (P2.25.8) mercantil, eu boto “arroz”, tudo, tudo, tudo mesmo, é melhor do que eu ir de
 (P2.25.9) cabeça que eu já sei o que eu vou comprar, aí eu chamo a mulher “olha aí mulher,
 (P2.25.10) vê se tá certo”, ela olha “é ta”, agora não que eu já sei, né? Quantos quilos de
 (P2.25.11) arroz, eu já sabia que botar arroz era com “r”, dois “r” no meio, um z lá no fim,
 (P2.25.12) “arroz”. É moça, é bom demais estudar, é bom, eu jamais vou desistir de um
 (P2.25.13) negócio desse, eu quero aprender porque eu fico emocionadinho, rapaz (choro),
 (P2.25.14) é bom demais, não tem comparação não, rapaz, eu digo pro meus companheiro
 (P2.25.15) “umbora”, mas ninguém quer ir, o que é que eu posso fazer? Tô fazendo a
 (P2.25.16) minha parte, eu não quero só pra mim não, eu quero pra todos, tem um rapaz ali
 (P2.25.17) que é motorista, não sabe nem fazer o nome dele, tirou a carteira na marra aí, eu
 (P2.25.18) digo “vamo com a gente estudar aí”, “não, eu não sei”, “vamo macho, tu vai
 (P2.25.19) precisar”, porque tem motorista de caminhão que chega numa rua, sabe nem o
 (P2.25.20) nome da rua, o cara fica atolado e eu leio já, né? Eu vou dizer uma coisa eu leio

(P2.25.21) mesmo, eu leio mesmo, graças a Deus, eu só com dois anos. Eu me aposentei (P2.25.22) ano passado, né? Eu sou aposentado, já.

Foi ano passado?

P2.26: (P2.26.1) Ano retrasado, que eu entrei, eu tava trabalhando numa firma, não deu (P2.26.2) certo, aí eu sou aposentado por invalidez, aí não, eu vou estudar mesmo, me deu (P2.26.3) aquela vontade e aí surgiu a oportunidade, até hoje, eu tô e vou continuar, quando (P2.26.4) eu tô parado, eu tô copiando todo dia, tô copiando ali, vou pra cozinha, vou ali e (P2.26.5) começo a escrever ali, e vou indo, vou pra frente, né?

Mais alguma coisa que o senhor queria falar?

P2.27: (P2.27.1) Não, tudo bem. Eu quero só agradecer a oportunidade que você tá tendo (P2.27.2) esta consideração por mim, pra mim é uma honra muito grande, que eu não (P2.27.3) esperava isso, sabe?

Sr. P, Sexo masculino, 60 anos.

3ª entrevista- 17/02/06

P.. o senhor me falou que quando começou a estudar era um estudante envergonhado, cego ((cheio de preconceito)), que tava cheio de preconceito e hoje o senhor é um estudante que se garante (me garanto!), é inteligente, as pessoas reconhecem a inteligência do senhor porque o senhor se interessa, tem força de vontade de estudar. Como é que foi essa mudança desde que o senhor começou a estudar até agora?

P3.1: (P3.1.1) Bom, depois que, antes d'eu começar a estudar eu era uma pessoa ignorante, (P3.1.2.) não falava muito, não respondia o pessoal direito, quando eu comecei a botar os (P3.1.3.) pé dentro daquele colégio, eu comecei a desenvolver e comecei falar com o (P3.1.4.) pessoal, aprendi falar, aprendi respeitar, cumprimentar que eu não sabia, né? E (P3.1.5.) hoje eu graças a Deus, eu entro em qualquer canto e eu sei, eu dou um de maus (P3.1.6.) que já sabe ler, né, aí eu passei a, me interessei mais a assistir o jornal nacional, aí (P3.1.7.) foi que eu aprendi mais porque você vê que esses homem que fala em jornal é um (P3.1.8.) pessoal sabido, né, eu já to acompanhando eles, às vezes eu me admiro de mim (P3.1.9.) mesmo, né, das palavras, das frase que eu digo porque no passado era completamente (P3.1.10.) diferente, eu não entendia nada, era vamo dizer assim direitinho (P3.1.11.) um burro, né, um burro mesmo, mas hoje, graças a Deus, onde eu chego, eu sei (P3.1.12) falar com qualquer pessoa, se eu chegar num canto, se for pela manhã eu digo (P3.1.13.) “Bom dia! Eu queria falar com fulano de tal, você pode fazer o favor de chamar (P3.1.14.) fulano?” aí se não tiver, eu digo “com licença, eu posso entrar?” tudo isso aí eu (P3.1.15.) não dizia no passado e agora eu digo. Eu desenvolvi muito e eu aprendi, e eu já (P3.1.16.) tô sentindo que quando a pessoa fala e fala errado, eu já quero reclamar, mas (P3.1.17.) quem sou eu, eu não tenho direito de condenar ninguém, eu quero fazer por mim. (P3.1.18.) E, moça, eu, graças a deus, nesses dois anos eu, no colégio já vai fazer dois (P3.1.19.) anos, eu aprendi muita coisa como eu já falei pra você, eu to escrevendo e to (P3.1.20.) entendendo tudin, né eu já aqui em casa, escrevo o nome de todo mundo, quando (P3.1.21.) eu faço o nome do meu país todin, que é que eu tinha a maior vontade do mundo, (P3.1.22.) qualquer capital que tiver eu boto Pernambuco, Recife, Bahia, Minas Gerais, (P3.1.23.) Brasília que é a capital federal que é, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, (P3.1.24.) Rio Grande do Sul, tudo eu já sei e pra mim, graças a Deus eu acho que já subi (P3.1.25.) muito ligeiro porque dois anos, não é mole não porque quando eu cheguei (P3.1.26.) naquele colégio que eu vi a professora botar “Colégio Henriqueta Galeno”, eu lá

(P3.1.27.) sabia o que era aquilo ali, eu sei que era um nome, né, eu conhecia o “a”, mas (P3.1.28.) não sabia ajuntar, e hoje eu tenho a capacidade de escrever todin ou qualquer (P3.1.29.) nome, né e eu não sabia chamar Henriqueta Galeno não, sabe como é que eu (P3.1.30.) chamava? Era de etiqueta Galeno, olha! Pra você vê que como a gente estudando (P3.1.31.) e se interessando a gente vai se desenvolvendo né, vai ver quanta rata eu não (P3.1.32.) disse, né? Mas hoje graças a Deus reconheci o erro e to aqui, né e eu to satisfeito (P3.1.33.) e vou a luta, eu, se deus quiser eu chego lá porque meu sonho era ler um jornal e (P3.1.34.) hoje eu leio jornal porque a pessoa não saber é muito ruim, né, eu hoje não, eu já (P3.1.35.) me garanto porque se eu pegar um jornal, eu leio porque eu já sei o nome de (P3.1.36.) muita gente, muita pessoa, o nome do meu estado, da minha capital do Ceará, eu (P3.1.37.) acho que não dá pra mim me enrolar mais não, não, eu acho que dá pra mim me (P3.1.38.) desenrolar já porque moça, eu era uma pessoa que quase como um cego, já (P3.1.39.) pensou uma pessoa ver um nome e não sabe nem fazer direito, né, hoje eu chego (P3.1.40.) e se precisar assinar, eu já assino, no passado, eu não sabia direito, é muito bom (P3.1.41.) quando a pessoa sabe ler, a pessoa que sabe ler é uma pessoa rico, porque ser (P3.1.42.) rico não é só ter dinheiro não, pra mim o estudo, fora da saúde, pra mim é a (P3.1.43.) maior riqueza do mundo, sabe a pessoa chega num canto “ei, assina aqui” e a (P3.1.44.) pessoa não saber, tacar o dedo, né mas isso foi só depois da mudança desses (P3.1.45.) governante porque antes eu não tive essa oportunidade quando eu era pequeno se (P3.1.46.) tivesse essas escola que esse pessoal tem hoje que era pra ser formado porque (P3.1.47.) tudo que, tudo tem, já pensou agente chegar naquele colégio ali e tem janta, né, (P3.1.48.) eu chamo janta, hoje tem tudo e no passado não tinha não, essa veinha aí (aponta para a mãe) (P3.1.49.) foi quem trabalhou pra mim, pra me criar e aí como eu fui criado (P3.1.50.) com os meus avô, quando foi com nove anos, minha mãe quis me botar no (P3.1.51.) colégio, o véi “não!tem que trabalhar pra comer, botar ninguém em colégio não” (P3.1.52.) o que é que eu pude fazer? Aí eu tive paciência, paciência, eu nem esperava e aí (P3.1.53.) quando foi um dia, eu fui fazer um negócio com a bicicleta do homem ali e o (P3.1.54.) homem mostrou o documento a mim e eu não sabia, né, ele disse “puxa vida, dois (P3.1.55.) cego aqui!” e surgiu essa oportunidade no grupo, fui com vergonha, passei ali e o (P3.1.56.) pessoal “pra onde esse véi vai?” mas eu não me acho véi não, né? E aí eu fui e o (P3.1.57.) pessoal me deixaram em paz e é isso aí, já essa semana, eu vinha ali e o cara (P3.1.58.) disse assim “olha aí, rapaz! O cara parece um garotão!” sempre porque eu vinha (P3.1.59.) com estas bolsa assim de lado, né, porque eu me cuido, porque eu sou velho eu (P3.1.60.) tenho que me cuidar pra acompanhar a turma, né porque eu sou estudante, eu (P3.1.61.) tenho o maior prazer do mundo porque eu tenho dois caderno, tudo eu tenho ali (P3.1.62.) porque eu fico olhando, eu pesquiso quando eu não sei, eu chamo aí a mulher pra (P3.1.63.) vê se ta certo mesmo e aí eu mesmo pelejo pra poder eu aprender porque se eu (P3.1.64.) não pelejar, ensinar não adianta porque o nã adianta você ta fazendo o dever ali e (P3.1.65.) aí eu não faço direito, fulano vem fazer e eu não sei o que foi que aconteceu, pra (P3.1.66.) mim, não me interessa, não é com orgulho não, é porque se não eu não aprendo, (P3.1.67.) como é que eu vou pegar um dever aqui, “não, fulano, deixa eu fazer aqui que eu (P3.1.68.) faço ligeiro”, sem eu saber o que foi feito, quem tem que fazer sou eu mesmo (P3.1.69.) porque se eu não aprender, é bom pra eles que já sabem, mas pra mim não é, de (P3.1.70.) jeito nenhum, pois graças a Deus eu to muito satisfeito, é isso mesmo, né, mas a (P3.1.71.) minha vida não foi mole não, eu nunca encontrei moleza, não, como essa (P3.1.72.) garotada tem hoje não, que tem tudo na vida. Se eu tivesse a oportunidade que os (P3.1.73.) meus filhos tiveram, teve, eu era formado, eu cheguei aqui e fui me apresentar no

(P3.1.74.) Exército, quando cheguei lá, passei em todos os exames, mas como eu era (P3.1.75.) analfabeto, não podia, aquele pessoal tudin lá porque na época, era o científico, (P3.1.76.) “quem tem o segundo científico?” Era só separando e quem tinha pouco estudo (P3.1.77.) botava pro outro lado e eu lá passei em tudo e esperando, “tá dispensado!” e eu (P3.1.78.) era um negão bem forte, marra mesmo, mas cadê o estudo do homem? Eu não (P3.1.79.) sabia fazer nem o meu nome direito.

E como é que o senhor se sentiu quando foi dispensado?

P3.2: (P3.2.1.) Não, eu me senti muito triste porque o meu sonho era ser, naquela época, eu (P3.2.2.) tinha maior vontade de ser um soldado, eu tinha maior vontade de ser autoridade, (P3.2.3.) mas infelizmente eu não tive essa oportunidade, não tinha estudo, o que é que eu (P3.2.4.) posso fazer, né? Agora se fosse agora naquela idade era outra coisa, apesar de ser (P3.2.5.) difícil, mas quando você quer nada é difícil, mas eu não tive a oportunidade e (P3.2.6.) naquela época, como eu lhe disse, com o quinto ano, a pessoa já era... já podia (P3.2.7.) ficar, hoje, não porque tem esse negócio de internet, a coisa mudou muito, muita (P3.2.8.) gente sabe ler demais e não tem vaga, mas naquela época, já pensou se eu tivesse (P3.2.9.) um estudo bom naquela época, eu tinha a maior vontade de ser autoridade, ó! Eu (P3.2.10.) achava bonito uma farda, um menino véi lá do interior, mas é isso aí mesmo, eu (P3.2.11.) não tinha que ser isso aí mesmo, o que é que eu posso fazer? Isso é assim (P3.2.12.) mesmo, mas Deus é quem sabe, mas de qualquer maneira, eu to muito satisfeito (P3.2.13.) porque só em eu já ta sabendo ler, eu não to sabendo ler bem assim não, mas eu (P3.2.14.) já me garanto, eu já chego num canto, eu leio e meu professor e as professora lá (P3.2.15.) que eu passei por elas, ela disse que todo papel que eu pegasse, eu olhasse, já (P3.2.16.) aprendi e taí, e é bom mesmo porque a gente não se esquece, eu não sei que (P3.2.17.) aquela voz parece que veio foi de Deus, que bateu dentro dela e disse “olha, (P3.2.18.) rapaz, você olha, nem que seja uma placa e você fala nem que você não saiba, (P3.2.19.) gagueja, mas faça que tá lendo e diga rapaz, olha aí que eu to sem óculos”, foi a (P3.2.20.) professora, dizendo isso pra mim e eu comecei e comecei pelejar e fui fazendo (P3.2.21.) um bocado de coisa, eu pego o meu caderno e olho tudin, eu tava lendo aqui no (P3.2.22.) meu caderno tem um nome professor eu sabia lá o que era professor, né, o nome, (P3.2.23.) né, e hoje eu sei fazer né e sei ler, ler é mais fácil do que escrever, mas muita (P3.2.24.) coisa eu sei fazer já, às vezes eu me perco numa palavra com “ma”, ou numa (P3.2.25.) letra com “n”, mas eu to lá pelejando e to batalhando e se Deus quiser eu quero (P3.2.26.) vê se seu termino e eu quero terminar é no grupo, se Deus quiser porque se você (P3.2.27.) tem interesse de aprender, você aprende, mas se for pra bagunçar não adianta, (P3.2.28.) não, se for pra bagunçar, não adianta ta no colégio porque você ta atrapalhando (P3.2.29.) os outro e ta dando problema pro professor, né e no colégio a gente tem a (P3.2.30.) professora da gente e tem que ter um grande respeito por ela porque você já (P3.2.31.) pensou, um certo dia o cara disse assim “não, o estudo é uma coisa que você não (P3.2.32.) deixa pra ninguém”, deixa, deixa sim, se for por isso o professor não ia ensinar o (P3.2.33.) que ele sabe pra mim, o que ensinaram pra ele, ele ensinou pra mim por isso que (P3.2.34.) eu agradeço muito, eu pelejo muito e to aí, o pessoal diz “o bicho já ta lendo, (P3.2.35.) já!”, pra quem não sabia, né? Eu levei um nome, uns certo dia aí quando eu era (P3.2.36.) mais novo, o pessoal da minha família disse “não, isso é um analfabeto véi, (P3.2.37.) ignorante”, ta guardado aqui dentro de mim, mas não é por vingança não sabe, eu (P3.2.38.) to lutando pra se Deus quiser eu ter o prazer de chegar “ta aqui, ó, o meu (P3.2.39.) certificado!”, já pensou se esse dia chegar, esse dia vai chegar, vai porque como (P3.2.40.) eu falei, eu to naquela sala ali, mas eu to entendendo tudo, tudo o que passou no

(P3.2.41.) ano passado eu já to sabendo, eu to sabendo de tudo já, é bom e aí eu, graças a
 (P3.2.42.) Deus, ta certo, o começo foi muito duro pra mim, eu sofri muito, a gente sofre
 (P3.2.43.) quando a gente começa que não sabe de nada, a gente vendo o pessoal tudo
 (P3.2.44.) diferente, a gente pelejando pra, às vezes coça a cabeça e não dá, ó, é muito bom
 (P3.2.45.) quando a gente entende, quando foi um dia desse, eu tava lá e veio uma conta lá
 (P3.2.46.) de dividir e eu terminei e o pessoal tudo sem saber atrás de mim e eu disse com é
 (P3.2.47.) que pode se eu to aprendendo e o professor lá “P. ensina aqui!” como é que pode
 (P3.2.48.) se eu to aprendendo e o professor “Rapaz, você sabe que você é inteligente
 (P3.2.49.) mesmo!”, na matemática, eu vou, antes de eu estudar, eu já sabia mais ou menos
 (P3.2.50.) quanto dava em uma conta no mercantil, quando eu comecei a pegar a caneta mesmo
 (P3.2.51.) foi que melhorou e eu to aprendendo a comprar, a mulher ainda vai me ensinar
 (P3.2.52.) ainda porque conta de mercearia é ruim, tem que ter o zero, né? Com o professor
 (P3.2.53.) lá e eu to pelejando, se Deus quiser, eu tenho fé em Deus, você vai ver como eu
 (P3.2.54.) vou ter o maior prazer do mundo de chegar pra você e vou dizer “eu terminei”,
 (P3.2.55.) como Deus é grande! Tem que ter força de vontade, quando um professor vê que
 (P3.2.56.) a pessoa quer mesmo, ele passa a ser, ele passa a ser quase um pai da gente, tem
 (P3.2.57.) aquele carinho “como é que ta?”, ele dá força mesmo, esses dois anos que eu
 (P3.2.58.) tava nesse colégio eu percebi que o professor sente amor mesmo quando a
 (P3.2.59.) pessoa ta aprendendo mesmo porque é bom pra ele né porque ele tá ensinando
 (P3.2.60.) também. Um dia desse o pessoal tava esculhambando o colégio e eu disse “não é
 (P3.2.61.) assim, isso é porque a pessoa quer criticar os outro e não quer saber da verdade”,
 (P3.2.62.) não é porque no grupo não ensina ninguém, é porque não quer aprender, não
 (P3.2.63.) ensina a quem não quer aprender, mas querendo aprender, chega lá. Agora o
 (P3.2.64.) pessoal não vai pra aprender, vai só pra falar da vida alheia e falar de namorada e
 (P3.2.65.) aí não dá, eu não chego lá com o meu livro lá e pego a minha caneta. Márcia, eu
 (P3.2.66.) tava lá e quando eu não sei, eu pergunto ao professor e por aí vai, mas Graças a
 (P3.2.67.) Deus e por aí vai, mas Graças a Deus, eu to muito bem, ô.

E essas mudanças no estudo porque o senhor disse que antes não sabia de nada, mudou alguma coisa no modo como o senhor se vê, no que o senhor pensa de si mesmo?

P3.3: (P3.3.1.) Não, é porque quando a gente começa a se desenvolver, a aprender mesmo,
 (P3.3.2.) você é outra pessoa, você é uma pessoa que presta mais atenção nas coisa e é mais
 (P3.3.3.) um pouco educado, aprende a falar, tudo, tudo é completamente diferente, o P., ou
 (P3.3.4.) o M., que muitos me conhece por P., o P. de dois anos atrás era um e esse P. de
 (P3.3.5.) agora é outro, é outro que graças a Deus, eu..., quando a professora diz “quem
 (P3.3.6.) quer falar aqui?”, eu sou um que diz “quem vem?”, eu sou o primeiro, ó, porque eu
 (P3.3.7.) vou lá e falo mesmo porque eu tava imaginado um dia aqui mesmo, tem um
 (P3.3.8.) bocado de gaiato ali com a a maior bagunça do mundo, esculhamba o outro e
 (P3.3.9.) quando é pra falar pro bem da gente mesmo não tem coragem, por isso é que eu
 (P3.3.10.) não tenho medo, chego lá, “você quer falar alguma coisa?”, eu vou lá e falo
 (P3.3.11.) mesmo! Mas é falar no modo do que é bom, não negócio de confusão com
 (P3.3.12.) ninguém, porque outro dia eu chego lá e falo e pronto, eu gosto de divulgar
 (P3.3.13.) mesmo, um dia desse eu tava falando isso pro professor, ele disse “vamo rapaz”,
 (P3.3.14.) eu peguei o caderno e disse as palavra lá, divulgar, aí ele disse “divulgar!”, pois é
 (P3.3.15.) rapaz eu lá sabia o que era divulgar, eu não sabia disso aí, divulgar é um trabalho
 (P3.3.16.) que a pessoa ta divulgando aquelas palavra, né, eu não sabia disso aí, nem sabia o
 (P3.3.17.) que era, você sabe que a pessoa que não sabe de nada, né. Eu tava trabalhando
 (P3.3.18.) uma firma e eu arranjei uma namorada lá, eu tinha 18 anos, e ela era formada já,

(P3.3.19.) eu não sei o que ..., ela foi olhar no meu livro de, não tem que a gente assina, né?
 (P3.3.20.) Ela disse assim: “P. tu não sabe fazer o teu nome direito não?”, aí ela foi atrás de
 (P3.3.21.) uma escola pra mim estudar, mas só que eu não agüentei não, só um pedaço,
 (P3.3.22.) trabalhava e ia de noite, agüentei só uns três me e não fui mais não, eu nem
 (P3.3.23.) aprendi a fazer meu nome direito, às vezes eu me lembro, já pensou se eu
 (P3.3.24.) chegasse a encontrar com ela, “rapaz, eu já sei ler e escrever um pouco”, como
 (P3.3.25.) ela ia ficar satisfeita, né? Ela era formada, né e eu era meio ignorante, não sabia e
 (P3.3.26.) não dá certo juntar quem sabe com quem não sabe e aí pronto não deu certo e por
 (P3.3.27.) isso ficou, né, mas eu to muito satisfeito. Agora surgiu essa oportunidade muito
 (P3.3.28.) grande e eu, Deus ter dado essa oportunidade a mim no colégio aí, ó, porque a
 (P3.3.29.) gente chegar no colégio sem saber de nada e deixar a pessoa ficar né, é muita
 (P3.3.30.) sorte, eu acho que foi muita sorte minha. Né, porque eu sem saber de nada,
 (P3.3.31.) escrevendo aqueles garrancho e hoje graças a Deus já sei né, não sei bem não
 (P3.3.32.) porque aí já é demais, né, mas eu já me garanto um pouco, graças a Deus, às
 (P3.3.33.) vezes eu sempre digo, dou um depoimento lá no meio da multidão lá, todo o
 (P3.3.34.) pessoal é chamado, aquele pessoal jovem que não quer de nada, que eu não acho
 (P3.3.35.) certo um rapaz de quinze anos ta no meio dum véi, igual com os véi, eu digo
 (P3.3.36.) “rapaz, preste atenção pelo amor de Deus, você ta jogando o seu tempo perdido
 (P3.3.37.) fora, depois você vai atrás e você não vai mais conseguir”, eu não porque graças
 (P3.3.38.) a Deus, eu já to aposentado, o que eu ganhar ta bom, isso aqui (refere-se a casa)
 (P3.3.39.) é meu, eu não quero mais ir atrás de nada não, se a sorte vier pra mim, é bem
 (P3.3.40.) vindo, mas também se não tiver, eu to satisfeito, eu sou um cara tranqüilo, eu já
 (P3.3.41.) era tranqüilo, agora é que eu sou mesmo, eu sou tranqüilo porque é só eu pegar
 (P3.3.42.) aqui o livro. Às vezes o pessoal chegava lá do jogo Ceará e Fortaleza, olhando
 (P3.3.43.) no jornal e eu só olhando no papel sem saber o que tinha acontecido, é triste...
 (P3.3.44.) porque no passado eu não tive não, mas se ele se interessar um pouquinho, ele
 (P3.3.45.) vai a frente só se ele não quiser mesmo, eu to muito satisfeito porque eu, você é
 (P3.3.46.) uma pessoa que se interessou um pouco por mim, porque a moça... a mim, apesar
 (P3.3.47.) de eu não saber nem quem é você, veio dar muita força a mim, apesar de eu tá
 (P3.3.48.) interessado, a minha menina falou “essa professora é de lá”, a minha menina já
 (P3.3.49.) terminou no colégio aí e assim mesmo o pessoal diz que o grupo não presta né,
 (P3.3.50.) não presta quando a gente não quer, né. Sim e o que é que você acha é bom eu
 (P3.3.51.) ficar mais a C. ou ir para o meu canto onde eu estava mesmo? (ao marcar a
 (P3.3.52.) entrevista por telefone, ele havia me falado que estava pensando em voltar para o
 (P3.3.53.) EJA II, pois estava estranhando a turma do EJA III deste ano)

Eu acho que o senhor deve conversar com os professores para eles ajudarem o senhor a decidir, lembrando que é sempre bom a gente melhorar de nível.

P3.4: (P3.4.1.) Mas eu achei a mesma coisa.

É porque às vezes demora um pouquinho pra gente se acostumar, a gente acha diferente no começo do ano, mas aos pouquinhos vai se acostumando.

P3.5: (P3.5.1) Não, é que eu caí na fraqueza, eu disse a professora “dá pra eu ficar aqui?” e
 (P3.5.2) eu não era pra ter perguntado isso pra ela. Aí eu não era pra ter perguntado a ela,
 (P3.5.3) né, era pra eu ter deixado pra ver onde é que ia dar, “não se incomode não, fique na sua”.

Mas se o senhor perguntou é porque tava confuso.

P3.6: (P3.6.1) É porque é só chegando gente e ela mandando pra outra sala teve um rapaz
 (P3.6.2) que chegou na sala dela e parece que ele não sabia fazer o nome dele direito, aí ela

(P3.6.3) já mandou pra outra. Chegou outra, nesta semana, nesses três dia que eu fui, já foi (P3.6.4) bem uns cinco que saiu de lá e eu ficando, mas eu to acompanhando, eu não (P3.6.5) consigo pegar os mais adiantado que já ta com dois anos, três anos não, mas eu to (P3.6.6) acompanhando as coroa que tem lá, só que eu não gostei da minha letra, eu me (P3.6.7) apavorei, é porque tem que escrever ligeiro, porque tem que escrever com as letra (P3.6.8) bem separado que é pra poder entender, né e graças a Deus que você chegou (P3.6.9) mesmo na hora certa, aí você que é uma pessoa que tem experiência na vida, eu (P3.6.10) queria que você me desse uma força aí, o que que você acharia? Se é bom eu ir (P3.6.11) pra lá ou voltar não, né ou esperar que ela me mande?

Por que é que o senhor não fala com o professor?

P3.7: (P3.7.1) Antes de ir pra ele? Eu já falei, ele disse na hora que for é bem vindo.

Mas é pro senhor pedir a opinião dele, se ele acha que é melhor o senhor ficar ou voltar porque ele já acompanhou o senhor e sabe bem direitinho o seu aprendizado, né?

P3.8: (P3.8.1) Sabe, sabe.

Então ele é a melhor pessoa para lhe orientar porque ele passou o ano com o senhor.

P3.9: (P3.9.1) Foi, ele me dá a maior força do mundo, eu cheguei lá, ele.

O senhor confia nele, na opinião dele?

P3.10: (P3.10.1) Confio.

Então converse com ele.

P3.11: (P3.11.1) Eu confio porque aquele homem eu, ele me deu uma grande oportunidade (P3.11.2) porque eu tava lá no meio da sala, eu passei do I para o II, eu tava no II, aí a (P3.11.3) professora disse que não ia continuar mais que ia mudar de professor, aí eu to (P3.11.4) tendo dificuldade com essa professora agora no momento, ela ensina lá no CIES, (P3.11.5) uma forte, eu esqueci o nome dela, é Márcia, o nome dela é Márcia também, (P3.11.6) parece que é Márcia, aí eu saí lá do I, aí chegou lá, quando eu cheguei porque eu (P3.11.7) passei um ano, tinha uma moça lá, aí eu tava no I, aí a moça foi, uma professora (P3.11.8) lá, uma coroa, aí pegou umas três palavrinhas, parece que era “casa”, “família” e (P3.11.9) parece que “doce”, qual é essa aqui?”, eu disse “família”, “e essa aqui?”, “casa”, (P3.11.10) “e essa aqui?”, “doce”, aí ela disse “você não é mais pra ta nessa sala aqui não e (P3.11.11) eu disse “por que?”, aí parece que eu fiz foi dar um vôo assim, né, fiquei (P3.11.12) emocionadin né, aí fui do mês de março até maio e aí quando foi em maio ela (P3.11.13) desistiu, né e ela disse assim, ela disse pro professor V. “você pode ficar e não é (P3.11.14) mais pra voltar pra lá não”, ela disse mesmo e eu agradeço a ela. “fique mais (P3.11.15) você que dá pra ele acompanhar”, ela chegou pra mim e disse “P.”, não P. não (P3.11.16) que ela chama M. “seu M. se interesse bem que o senhor vai acompanhar o V., (P3.11.17) pode ir que eu me garanto, também ela tem vinte anos de estudo já de (P3.11.11) (P3.11.18) professora, ela me deu uma força, não sei se ela viu que eu tinha capacidade, né, (P3.11.19) de escrever uma palavra e aí eu fiquei com o V. até dezembro e quando é agora, (P3.11.20) eu sei que eu não tinha passado mesmo porque já é demais, né, eu fui procurar (P3.11.21) meu nome e tava na sala dela, ela se dá muito comigo, a C., mas só que eu ainda (P3.11.22) acilo muito com o jeito dela, sabe, mas eu vou ficar lá mesmo, eu vou ficar e (P3.11.23) vou esperar o que é que ela, se eu ficar mais ela ali é melhor né, pelo menos ela, (P3.11.24) não vou desgostar nenhum, nem outro, né, eu vou falar com ele, ele já disse “é (P3.11.25) pra tu ficar aí rapaz, qualquer coisa aí se a gente fizer uma festinha tu ta lá no (P3.11.26) meio de nós”, eu não sei o que houve não, nós viramo lá, uma família lá, todo (P3.11.27) mundo lá, bem uns dez que a gente é muito respeitador e nós se demo muito (P3.11.28) com ele, ele deu muita força, aí quando eu cheguei eu achei muito diferente, só

(P3.11.29) eu, eu e outro rapaz que chegou ontem, não chegou quarta-feira, só nós dois que (P3.11.30) chegou pra lá, da nossa sala e aí eu achei estranho. Como é que pode? Só eu e (P3.11.31) esse rapaz da nossa sala? Esse rapazinho sabe ler um pouco também, sabe mais (P3.11.32) do que eu e foi só eu e ele que ficou e aí eu fui primeiro e ele foi depois, agora (P3.11.33) eu to meio assim com a professora C. que ela ensina bem, mas eu to meio (P3.11.34) nervoso, quando eu vejo a mulher falando, eu fico logo, porque ela é bem dura (P3.11.35) mesmo, tem que ser mesmo, mas...

O senhor vai se acostumando, né?

P3.12: (P3.12.1) Eu acho que é. Foi só três dias, mas dá pra acompanhar, dá pra acompanhar. (P3.12.2) Agora eu perguntei pro professor este nível que eu to, não é o (P3.12.3) mesmo seis? Rapaz, aí ela gaguejou e eu não, eu não entendi o que ele quis dizer, (P3.12.4) se é porque não quis dizer nada pra mim, né. “Mas me diga uma coisa, por que é (P3.12.5) que botaram nós pro três?”, ele disse “é porque houve uma mudança aí, não sei o (P3.12.6) quê, não sei o quê...”, aí também eu não quis continuar e entrar mais em detalhe (P3.12.7) não, eu disse a ele, mas eu não entendi o que ele quis dizer, né, é por isso que eu (P3.12.8) não sei se aquelas sala tudo né igual, eu acho que não, a da C. é mais forte, pelo (P3.12.9) que eu percebi, eu acho que é, mas dá pra levar tudin, dá porque eu to entendendo (P3.12.10) tudin, eu já sei ler as palavras tudin, eu já sei ler, só que eu to escrevendo (P3.12.11) devagar, que bom né, eu saber ler um pouco, né?

Que coisa boa! E aprender a ler e escrever trouxe o quê pra vida do senhor?

P3.13: (P3.13.1) Trouxe porque eu já sei pegar um livro e ir lendo porque eu sou muito (P3.13.2) curioso, eu, eu pego o caderno e fico lendo porque no começo eu sofri muito com (P3.13.3) a família do “lh”, sabe, com a família do “lh” eu sofri, eu passei uns quatro mês (P3.13.4) pelejando e agora foi que eu comecei a aprender porque o “lh” é uma palavra que (P3.13.5) eu me atrapalhava com a palavra “chá” que é o “ch” com “a”, né? Não tinha o “l” (P3.13.6) no meio, aí eu me confundia e outra palavra também que eu confundia também, (P3.13.7) vamos dizer assim “Maranhão”, e no fim do Maranhão, aquele h que tem no meio (P3.13.8) não voga porque se é o “n”, aí você tem que começar do “n” pro fim porque é (P3.13.9) “ao”, né? Maranhão, né? Aí ali foi que eu comecei a aprender, pronto aí a família (P3.13.10) do “lh” só ta eles dois, quando tem uma palavra com a família do “lh” tem que (P3.13.11) ter os dois, toda vez é mudo o “h”, mas tem que tá ali porque toda palavra que (P3.13.12) tem o “lh”, eu não sabia, aí lá fui eu pensava que era um “l”, é diferente e hoje (P3.13.13) eu já sei o que é a família do “lh”, do “ch”, do “cha”, né, é só uma palavra que (P3.13.14) separa a sílaba chapéu, né. Hoje como eu já sei, né, foi bem ligeirinho, né, aí eu (P3.13.15) separei as sílaba tudin, é trissílaba como se diz, eu suava pra aprender a palavra (P3.13.16) “cachorro”, pelejava pra fazer, já sei fazer porque não sabia no passado, o (P3.13.17) “cachorro” é com “c” com “a” e o “h” com “r” e “o”, eu não sabia, viu como é (P3.13.18) bom a gente saber. A gente se garante em dizer com a maior tranquilidade, eu (P3.13.19) não sabia de nada disso aí, aí eu aprendi com a L. uma palavra que tinha no (P3.13.20) dever, aí ela botou o “q” com “e”, aí disse “que palavra é essa aqui?”, eu vou (P3.13.21) botar querida, aí eu vim botar “querida”, aí daquele dia nunca mais saiu daqui de (P3.13.22) dentro, eu não sabia, eu lá sabia que querida era daquele jeito que se escrevia (P3.13.23) por “q” e “e” e “r-i-do”, pronto! Só isso aí que eu já sei fazer, ler, porque ler é (P3.13.24) mais fácil, né, escrever é que é mais difícil, mas eu to chegando lá.

E o senhor me falou da outra vez que o senhor se sentia um grande cidadão, isto tem a ver com saber ler e escrever?

P3.14: (P3.14.1) Tem sim porque você ser uma pessoa cidadão não é só a pessoa andar sem (P3.14.2) fazer desordem com ninguém e brigando não, eu me considero um cidadão (P3.14.3) porque eu sou uma pessoa que eu em tudo o que eu me envolver, eu já posso (P3.14.4) chegar em qualquer cidade e me garantir, é por isso que eu digo que eu sou um (P3.14.5) cidadão porque se eu procurar qualquer um desse canto aí que fala na televisão, (P3.14.6) eu já vou bater em cima. Por quê? Porque eu já me acho um cidadão porque eu já (P3.14.7) olho lá e já sei ler, eu já sei ler e no passado eu não sabia, agora eu assisti uma (P3.14.8) entrevista aí e foi bom pra mim essa entrevista porque eu tava ouvindo ele (P3.14.9) dizendo no jornal nacional que o brasileiro ele é uma pessoa que ele é muito, ele (P3.14.10) sabe ler, mas não se garante, ele ta vendo uma palavra, mas não ta, tem que (P3.14.11) perguntar, ele tem que se garantir, ele dizendo e outro também que me deu mais (P3.14.12) uma força pra eu me interessar mais foi que eu assisti uma pesquisa aí que (P3.14.13) parece que 70% entendia e 30% não entendia nada, é por isso que eu não quero (P3.14.14) fazer dever de ninguém no colégio que é pra tá “ei, deixa eu fazer isso aqui?”, (P3.14.15) como é que eu vou aprender?

O senhor quer entender mesmo?

P3.15: (P3.15.1) Tô entendendo mesmo! Quando eu não entendo lá, eu chego em casa aqui (P3.15.2) e fico, fico, aí quando não consigo, digo “ei, olha aqui”, é por isso que eu, que eu (P3.15.3) tô escrevendo mais que é pra poder aprender bem direitinho a palavra. Não é (P3.15.4) melhor assim, né? Porque eu nunca pensei em aprender, é uma satisfação muito (P3.15.5) grande! Porque tem muitas coisas que a gente não sabe, a minha mulher terminou (P3.15.6) segundo grau e não sabe nem quanto é que dá as compra, porque aí eu sou bom (P3.15.7) na matemática, mas graças a Deus eu chego lá, eu chego lá!

Tá chegando, né, P..

P3.16: (P3.16.1) É e eu agradeço muito a você aí porque você tá me dando muita força (P3.16.2) apesar de nem lhe conhecer, se preocupa em me ajudar. Se Deus quiser, Deus (P3.16.3) vai fazer mais por você. Que hoje em dia o pessoal não se interessa em ajudar (P3.16.4) ninguém não, viu moça, ninguém faz pra ninguém qualquer favor, você falou e (P3.16.5) eu disse “puxa vida, a Márcia, que bom, né!” porque é difícil a gente se dá com (P3.16.6) uma pessoa, né, porque eu sou o tipo da pessoa que se eu sentir qualquer coisa, (P3.16.7) eu gosto de desabafar, eu não gosto de guardar nada dentro de mim, eu gosto de (P3.16.8) desabafar porque eu fico livre, eu tava lá com um português e ele disse assim “P., (P3.16.9) você tem um grande defeito, mas por outro lado você é uma pessoa muito sincero (P3.16.10) porque quando você quer uma coisa você diz mesmo, você não vai esconder (P3.16.11) não!”, é de mim mesmo, quando eu quero, eu tenho que desabafar, enquanto eu (P3.16.12) não desabafo, né, porque graças a Deus você véi e eu desabafei até pelo telefone (P3.16.13) o negócio das professora, mas só que dá pra acompanhar, mas eu to sentindo um (P3.16.14) negócio meio estranho, você disse aí que é começo, né, que eu to com medo, (P3.16.15) você é que tá certa porque se eu ficar é melhor pra mim que eu aprendia mais, (P3.16.16) né, se eu acompanhar tudo bem lá e se eu não acompanhar eu pego o beco, né (P3.16.17) porque quando eu chego aqui agora e pego um livro ali...

Eu lembro que o senhor falou que quando começou a estudar tinha medo, era envergonhado no começo. E nesse começo de ano, como está na nova turma?

P3.17: (P3.17.1) Eu não to com vergonha, eu não to com vergonha, eu to achando o (P3.17.2) ambiente, assim o ambiente estranho! Mas mesmo assim já tem uma pessoa que (P3.17.3) chegou pra mim e conversa comigo, assim cumprimente, né, mas eu não to nem (P3.17.4) aí não, tá certo, eu to achando que eu sou e idade, então tem gente mais velho e (P3.17.5) tem

gente novo, quem tem que ter vergonha é eles, por que é que eles não (P3.17.6) aprenderam quando era novo pra tá no meio dos véi, né? O meu problema é só (P3.17.7) esse mesmo, mas vergonha lá eu não tem não, por que que eu vou ter vergonha? (P3.17.8) No começo, eu tinha. Agora eu tenho prazer de pegar a minha bolsa ali, boto as (P3.17.9) minhas coisa ali e saio, quando eu pego minha carteira e apanho o ônibus, faço só (P3.17.10) mostrar a minha carteira pro trocador, quando eu mostro minha carteira pra mim (P3.17.12) é uma felicidade muito grande, pois é. Graças a Deus, eu já tive muito (P3.17.13) preconceito, não é mole não rapaz, você sair dum colégio e vê um pessoal tão (P3.17.14) besta porque todo mundo estuda, eu ir prum colégio, mas pra que que você quer (P3.17.15) ir se não quer aprender? Eu ficava por ali mesmo, eu fui comprar uns pão, o (P3.17.16) rapaz perguntou pra mim “cadê tá no colégio?”, aí uma mulher chegou e disse (P3.17.17) assim “pra que véi estudando?”, aí veio assim dentro de mim eu lá vou dizer (P3.17.18) nada, eu já tenho um pouco de educação, aí eu não disse nada não, né, isto é a (P3.17.19) postura dela, quem tá perdendo é ela, todo mundo que eu vejo, eu digo vamo pro (P3.17.20) colégio, rapaz, vamo aprender, o pessoal não vai porque eu não quero só pra mim (P3.17.21) não eu quero pra todo mundo, mas é isso mesmo, né.

Então daqui pra frente o senhor quer estudar mais né?

P3.18: (P3.18.1) Eu não posso, eu não posso parar, por que o que eu vou fazer, ficar só (P3.18.2) aqui assistindo televisão, quando eu vou pra lá tem os colega, aquilo faz bem a (P3.18.3) gente, a gente desabafa, quando começa a conversar com um, conversar com (P3.18.4) outro, a gente diz “ó, rapaz, não é assim e tal”, por que o que é que eu vou ficar (P3.18.5) fazendo aqui, nada, eu vou porque eu quero aprender! Porque eu quero chegar lá (P3.18.6) se Deus quiser, eu quero sair daquela turma aplaudido lá no dia que eu receber (P3.18.7) meu certificado, igual a um que eu vi lá, eu não sei não se acontecer isso, o (P3.18.8) pessoal vai me chamar é de doido! Eu vou gritar lá, aplaudir, sabe!

E vai ser um grito de muita alegria.

P3.19: (P3.19.1) De muita alegria! Eu vou gritar na hora, só de alegria porque eu já to com (P3.19.2) dois anos e eu não vou desistir de jeito nenhum, você vê que eu ainda to meio (P3.19.3) cismado porque quando a pessoa sai da sala ali, eu sabendo já, eu to sendo um (P3.19.4) covarde, eu fiz você viu aí, não tá bonito não, agora eu to com um pensamento (P3.19.5) meu que eu to sendo covarde! Você sabe porque é que eu to sendo covarde ? (P3.19.6) Porque tem gente lá que sabe igual a mim e tem gente lá que não sabe nem igual (P3.19.7) a mim e eu to sendo covarde na frente deles, agora é que eu vou mesmo, (P3.19.8) segunda-feira, eu vou lá e pego o meu caderno, minha caneta e mando brasa (P3.19.9) porque tudo o que passa lá na lousa eu sei fazer porque é que eu vou bancar o (P3.19.10) covarde porque eu tava sendo covarde mesmo, agora eu to com raiva de mim (P3.19.11) mesmo, agora! Eu to sendo um covarde, a senhora pode dizer, eu não to sendo (P3.19.12) não? Eu to quase como quando eu comecei, taí eu já não fui hoje, mas eu vi que (P3.19.13) eu to sendo covarde, eu vi gente lá que não sabe, se ela não me quiser lá, pronto! (P3.19.14) Não tem problema, eu quero é estudar! Eu quero é estudar, eu quero é aprender! (P3.19.15) E até uma menina que eu tenho aqui me deu uma força, “é pai pelo que eu to (P3.19.16) vendo o senhor vai passar de nós!”, mas olha, aí eu achei graça, ó, né bom, (P3.19.17) graças a deus tudo tá me ajudando, tudo são bem vindo, me dá força, pois é, (P3.19.18) moça, eu não vou desistir não. Se Deus quiser, eu vou terminar, eu pego meu (P3.19.19) certificado, porque eu vi um véi falando com a Fátima Bernardes, bem velhinho, (P3.19.20) disse assim “ó, Fátima, eu também sou jornalista!”, nem falar direito ele falava, (P3.19.21) mas ele lutou e chegou lá, porque é que eu não vou lutar? Moça, eu tenho tudo (P3.19.22) aí pra mim, não pago colégio,

não pago nada, porque é que eu não vou? Se fosse (P3.19.23) meno pago, como no passado, mas tudo não é de graça? Eu vou visto a minha (P3.19.24) calça, minha farda, tá tudo novo agora, branco... pois é, se Deus quiser, eu (P3.19.25) termino, se Deus quiser!

Já hoje em dia o senhor é um estudante elogiado, as pessoas reconhecem a sua capacidade.

P3.20: (P3.20.1) É, eu arranjei boas amizade lá, né, até os próprio professor, as professora (P3.20.2) gosta de mim fala comigo antes d`eu chegar lá, reparando em eu, né, todos eles (P3.20.3) eu respeitava eles, né, aprendi falar né, cumprimento todo mundo “Boa noite!” (P3.20.4) antes do colégio, eu lá cumprimentava ninguém, né, agora onde eu chego, antes (P3.20.5) do pessoal chegar eu já falo, né, eu cheguei aqui na loteria aqui, cheguei lá e (P3.20.6) disse “Bom dia!, a moça olhou pra mim e disse “Bom dia!” porque quem tem que (P3.20.7) dizer é eu, né, que to chegando, não ela que tava lá, se responder bem, se não tá (P3.20.8) certo, a gente tem que cuidar é da gente!

Tem mais alguma coisa que o senhor gostaria de falar?

P3.21: (P3.21.1) Não, o que eu gostaria de falar é que eu só quero que, eu só quero que se (P3.21.2) você pudesse me dá uma forcinha, pra mim é maravilhoso, já tá quase certo já, (P3.21.3) mas de vez em quando me dá uma forçazinha lá, porque você é professora de lá, (P3.21.4) faça isso por mim porque Deus vai achar quem faça por você, não é negócio de (P3.21.5) querer babar, nem nada não, é porque é melhor mesmo, né. Você conhece o V., (P3.21.6) professor. Quando você tiver uma oportunidade, pergunte a ele que ele fala quem (P3.21.7) sou eu porque vocês me respeita, né? Eu sou tratado como um cidadão, uma (P3.21.8) pessoa direita, todo mundo me considera, taí eu moro aqui há, desde 74, não (P3.21.9) tenho nada com ninguém, eu não sou santo não porque ninguém é santo, mas sou (P3.21.10) o tipo da pessoa que não bebo, não fumo, não converso com ninguém, fico na (P3.21.11) minha casa mesmo, agora quando a gente começa a estudar, começa a aprender (P3.21.12) falar com os outro, quando eu não tava no colégio, era índio, não falava com (P3.21.13) ninguém, era todo tempo com aquela carona, magoado, agora não, isso tudo foi (P3.21.14) embora, é como diz aquela música manda a tristeza ir embora, qualquer um, (P3.21.15) cumprimento todo mundo, todo tipo de pessoa “oi, tudo bem? Bom dia! Tudo (P3.21.16) bom? Beleza e tal” eu lá fazia isso no passado, agora não!

Então o senhor hoje se sente melhor?

P3.22: (P3.22.1) É claro, outra pessoa, outra pessoa, mesmo! To assim em qualquer canto, (P3.22.2) falo e pronto! Antigamente, eu tinha preconceito, vergonha, eu era muito cheio de (P3.22.3) preconceito! Eu fui criado numa família muito pequeno, né e teve a época do (P3.22.4) regime militar, muita gente me chamava de nego e eu era moreno, era muito (P3.22.5) criticado no interior, agora hoje não tem mais isso, eu era muito desligado do (P3.22.6) povo porque eu peguei aquela época ainda que o nego não valia nada né, hoje (P3.22.7) não, né, é tudo direito, nós é de outra era, né, de outra geração, mudou muito, né!

O senhor acabou tendo também esse preconceito e o senhor relamente se sentia sem valor porque as pessoas diziam isso?

P3.23: (P3.23.1) É porque as pessoas diziam “isso é um nego ruim”, “um nego desse aí é (P3.23.2) muito ruim mesmo”, mas como tudo mudou, eu nem esquento não, eu sei que dá (P3.23.3) processo, mas eu nem liguei não, eu tenho é prazer de dizer “chegou o negão aí”, (P3.23.4) antigamente eu chorava, sofria e não podia, mas hoje nem, não vale nada, hoje tá (P3.23.5) tão bom que a gente só vale o que tem, antigamente o negro ele podia ser cheio (P3.23.6) de dinheiro, ele era negro, ela não tinha valor nessa época. Hoje mudou, se você (P3.23.7) tem um carro, você vale um carro, se não tem nada, mas também não é porque a

(P3.23.8) gente é pobre que ninguém vai sair por aí tirando o que é dos outro não, a gente (P3.23.9) tem que ser um cidadão, honesto, como é bom a gente ser honesto, já pensou se a (P3.23.10) viatura vem ali pra mim é um qualquer outro carro, to nem vendo, quem deve (P3.23.11) fica preocupado, eu não! Pois é, eu já vivi muita coisa depois que comecei a (P3.23.12) estudar, você sabe, a pessoa que não sabe de nada, ele é um animal, ele é um (P3.23.13) animal mesmo! A pessoa não sabe conversar, num sabe quando cumprimentar a (P3.23.14) pessoa, né, é do jeito que eles querem lá e pronto!

Pois P., muito obrigada!

P3.24: (P3.24.1) De nada! Eu é que agradeço! Olha aí como é bom, né, saber ler. Eu vi o (P3.24.2) cara dizer na televisão “muito obrigado” e outro “não, eu é que agradeço!”.

Sr^a. F., sexo feminino, 35 ANOS.

1^a entrevista - 25/01/2006

Como é que foi a infância da senhora?

F1.1: (F1.1.1) Minha infância foi... foi muito boa não, quer dizer tive que trabalhar, né, pra (F1.1.2) ajudar meu pai a sustentar em casa, nós morava na fazenda, aí eu tinha que (F1.1.3) trabalhar com uma mulher lá, patroa dele, aí não foi muito boa não, foi mais ou (F1.1.4) menos.

E onde era a fazenda?

F1.2: (F1.2.1) É pro lado de Canindé.

No interior?

F1.3: (F1.3.1) É.

E o que e é que a senhora fazia?

F1.4: (F1.4.1) Eu trabalhava na casa, ajudava, varria né, lavava, fazia até comida lá, desde (F4.1.2)pequena, desde 11 anos.

E como era a sua família?

F1.5: (F1.5.1) Era o pai e a mãe e mais quatro fora eu, quatro irmãos.

E todos trabalhavam?

F1.6: (F1.6.1) Não, era assim... porque o pai parece assim que ele escolhia só eu pra ajudar, (F1.6.2) sabe? Porque achava que eu era a mais esperta, né, assim pra ajudar na... no (F1.6.3) interior, né, os menino ficava em casa, eu ajudava lá, aí depois a gente só vivia se (F1.6.4) mudando de fazenda em fazenda, aí eu ia também limpar mato mais ele, eu sei que (F1.6.5) eu não pude estudar quando eu era pequena, eu nunca pude estudar. Assim, porque (F1.6.6) ele botou a gente no colégio, né. Aí quando o colégio não dava o material, né (F1.6.7) quando faltava, né, aí não tinha condições porque ele não tinha dinheiro pra (F1.6.8) comprar, aí pronto, ficava parado, aí eu vi que não dava certo... e resolvi só (F1.6.9) trabalhar, eu já trabalhava né, trabalhar pra ajudar ele. Aí com 14 anos, eu vim pra (F1.6.10) Fortaleza, né. Não, com 13 anos eu vim pra casa da minha tia e aí trabalhava, né, (F1.6.11) pra ajudar, depois passei uns tempo lá no Maranguape, trabalhava em casa de (F1.6.12) família, foi a primeira casa de família que trabalhei foi no Maranguape, fora a (F1.6.13) casa da minha tia, né e fui muito homilhada lá, até apanhar, apanhei, porque o (F1.6.14) meu patrão queria fazer coisa comigo e eu não queria, aí ele me batia... aí sai (F1.6.15) dessa casa e aí quando dei fé engravidei e aí tive a M. que agora já tem 17 anos. (F1.6.16) No começo, ele foi ruim comigo, ele e quando foi no fim, aí foi que ele piorou e (F1.6.17) não deu mais certo, aí de lá voltei de novo pro Maranguape pra trabalhar, aí a M. (F1.6.18) ficou com a avó dela no Maranguape, voltou, ele foi lá, fez uma briga, tomou a (F1.6.19) M. de mim e trouxe

a M. pro Maranguape. Aí o P. é que ficou com a minha mãe e (F1.6.20) com o meu pai lá no interior e com a minha irmã cuidando também. Aí eu fui (F1.6.21) trabalhar, de quinze em quinze dia eu tinha que tá lá levando dinheiro pra (F1.6.22) comprar as coisa pra ele. Aí quando foi com 5 anos, eu mudei pra cá e eu inventei (F1.6.23) de estudar.

E o seu companheiro, como ele era?

F1.7: (F1.7.1) Ele era bom no começo, a gente conhece uma pessoa depois que a gente vai (F1.7.2) morar com aquela pessoa, né, eu achava que ele era uma pessoa boa, né, aí depois (F1.7.3) que eu passei a morar com ele, foi que...ele saía, me deixava só, o dinheiro que (F1.7.4) ganhava, gastava com festa quando era no outro dia que eu ia pedir dinheiro pra (F1.7.5) fazer as compra pras menina e pro menino, até o leite do menino que agora tem 15 (F1.7.6) anos, ele dizia que não tinha, não tinha dinheiro, quando eu ia falar, ele batia em (F1.7.7) mim e aí logo depois nós nos separemo. Nós vivemo 7 anos porque um ano eu (F1.7.8) namorei com ele e passei seis anos vivendo junto com ele. E eu não suportei mais (F1.7.9) ele e fui embora com dois menino pequeno. Aí com pouco tempo, ele foi lá no (F1.7.10) Canindé e fez uma briga medonha lá comigo, bateu no meu irmão e tomou a M. (F1.7.11) de mim e levou lá pra mãe dele, foi a mãe dele quem criou ela, ela terminou os (F1.7.12) estudo por causa da mãe dele porque se fosse por ele, aí o outro vai terminar (F1.7.13) ainda a terceira, quarta, a quinta, vai estudar à noite porque tá com 15 anos e não (F1.7.14) tem mais horário não, tem que tá o tempo todo com ele porque...Agora em (F1.7.15) Maranguape, eles tão morando em Maranguape, eu tô pagando aluguel né, eu não (F1.7.16) posso morar lá porque lá não tem emprego que pague bem porque pra gente (F1.7.17) pagar aluguel, a gente tem que ganhar ao menos um salário, né? Se não, aí eu to (F1.7.18) trabalhando aqui e todo final de semana indo pra lá, eu vou sexta-feira, passo (F1.7.19) sábado e domingo lá com eles e segunda tem que tá aqui de novo.

E como decidiu voltar a estudar?

F1.8: (F1.8.1) A professora passou aqui, tava passando nas casa, aí ela vei aqui e eu disse (F1.8.2) que não ia, eu tinha muito revolta de não ter aprendido quando eu era pequena, (F1.8.3) sabe? Porque eu achava que se a gente não aprendia quando era pequena, porque o (F1.8.4) pessoal dizia que depois que crescesse, não aprendia mais nada. Se não aprendesse (F1.8.5) quando era pequena, grande é que não aprendia.

E sentia revolta?

F1.9: (F1.9.1) Sentia, eu pensei não vou aprender, “não vou me meter não”, aí a professora (F1.9.2) veio, falou, falou “vamo estudar, tu vai aprender”. A minha dificuldade mesma é (F1.9.3) de escrever. E aí nós fomos receber o papel lá né, tinha que assinar o nome. Só (F1.9.4) recebia quem assinasse o nome todin, aí eu assinei o meu nome lá e recebi (F1.9.5) também. Aí eu passei a estudar no colégio Henriqueta Galeno, aí agora esse ano eu (F1.9.6) tive uns problema de família, fiquei com a cabeça muito cheia e aí quase desisti.

A senhora ta no EJA I ou II?

F1.10: (F1.10.1) No EJA II. Aí fiquei meio sem cabeça pra estudar.

Como é que a senhora se sentia, se via, antes de começar a ler e escrever?

F1.11: (F1.11.1) Eu ficava naquela tristeza, né? Porque é muito triste, um diz uma coisa e (F1.11.2) outro diz outra, que eu não aprendia mais, fiquei meio confusa, né porque se eu (F1.11.3) tivesse começado no tempo que eu entrei aqui, né?

Como foi o começo?

F1.12: (F1.12.1) O começo foi muito difícil, muito difícil pra mim e pra outras porque tem (F1.12.2) uma colega minha que mora ali, acredita que ela chegava lá, ela ficava tão sem (F1.12.3) jeito que ela ia embora, eu dizia “vai não mulher, fica” e ela não ficava, ela dizia

(F1.12.4) “é difícil demais!”. E muitas pessoas desistiram no meio do ano, no meio do ano (F1.12.5) não porque foi alfabetizado só em 6 meses, foi alfabetizado um bocado.

E saber ler e escrever trouxe alguma contribuição pra vida da senhora?

F1.13: (F1.13.1) Trouxe porque é a força de vontade da pessoa né, é a coisa melhor que (F1.13.2) tem é a gente saber ler, quando os meus filho tava fazendo dever e me perguntava (F1.13.3) alguma coisa, eu não sabia, e dizia “agora não, que eu tô ocupada”, inventava que (F1.13.4) tava fazendo as coisa, porque eu tinha vergonha de dizer que não sabia, ficava me (F1.13.5) sentindo mal.

Por quê?

F1.14: (F1.14.1) Porque a gente sente vergonha, né? Eu já aprendi muita coisa, mas ainda (F1.14.2) tem muita coisa pra aprender ainda. Esse ano eu quase desisti. Mas eu acho (F1.14.3) assim, que não é só alfabetizar e tá bom pra pessoa né, ser alfabetizado e ficar só (F1.14.4) na alfabetização, acho que tem que ir mais adiante, quem tem a força de vontade (F1.14.5) vai, quem não tem... eu conheço ali tem um rapaz ali que ele disse assim: “se eu (F1.14.6) aprendi a assinar meu nome, tô bem!” eu não acho que é assim não, acho que (F1.14.7) você tem que aprender mais.

E o que a senhora pensa pro futuro?

F1.15: (F1.15.1) Eu acho que com 35 anos dá pra fazer muita coisa ainda, ir mais além e eu (F1.15.2) vou mais adiante, mais adiante. Tem um homem lá no colégio que ele não sabia (F1.15.3) de nada e disse que não desistia, não desistia nunca e hoje tá sabendo demais, já, (F1.15.4) muito mesmo e começou agora na nossa turma. Pra tu ver, né. Esse aí ta... Aí tem (F1.15.5) outra que, acredita que eu fui olhar o caderno dela, a letra tão linda, escreve tão (F1.15.6) bem, mas era dum jeito que escrevia e depois ela não sabe nem o que foi que (F1.15.7) escreveu, a letra tão linda! E esse home, acho que ele tem uns quarenta e tanto já, (F1.15.8) ele disse que sabe escrever demais. E é por isso que eu vou continuar, é muito (F1.15.9) bom. E eu ainda vou aprender mais se Deus quiser. E é por isso que eu acho (F1.15.10) assim, vale a pena né, vale a pena você tentar.

Já conseguiu muito?

F1.16: (F1.16.1) Eu já, acho que eu já aprendi já muito mesmo que eu não sabia de nada. (F1.16.2) Eu gosto muito de ler, agora escrever eu faço meio errado, eu peço pra uma (F1.16.3) pessoa fazer e aí eu vejo e faço.

Depois que a senhora começou a ler, a senhora compreende as coisas do mundo de uma forma diferente?

F1.17: (F1.17.1) Compreendo muito diferente, é muito bom saber ler. Você chega num (F1.17.2) canto, “me arranje a sua identidade” e chega em outro canto, “assine seu nome (F1.17.3) aqui”, aí eu assino, assino sem um pingo de vergonha você assina o seu nome (F1.17.4) todin. Eu acho que todos era pra saber ler e escrever, só que tem que saber mais, (F1.17.5) tá difícil até pra quem sabe lê muito, né, ta difícil até pra quem terminou, (F1.17.6) terminou o 3º ano.

E saber ler e escrever te ajuda nas tarefas do dia-a-dia?

F1.18: (F1.18.1) Ajuda, ajuda quando tem que anotar um recado, né, fulano ligou. Tem que (F1.18.2) anotar bem direitinho pra entregar a patroa. Aí ajuda muito, né, eu acho que ajuda (F1.18.3) muito. Ajuda assim, você pode assinar seu nome sem ter que botar o dedo, vai (F1.18.4) num canto e sabe pegar um ônibus, fulano vai aqui ou ali, você vai, sabe ir no (F1.18.5) banco pagar uma coisa, aí você ta sabendo onde é que você vai né, aí você não (F1.18.6) sabendo de nada, pode resolver porque você não sabe de nada. Aí tendo, né, torna (F1.18.7) tudo mais fácil.

E a senhora tem algum plano pro futuro em relação ao estudo?

F1.19: (F1.19.1) Uma coisa né, que eu ainda não fiz até hoje, né e que eu ainda quero fazer, (F1.19.2) eu acho que nunca é tarde pra gente fazer o que tem vontade de fazer, né. Eu (F1.19.3) acho muito bonita a profissão de professor. Eu acho muito bonita ser professor, a (F1.19.4) pessoa que ensina os outro, eu acho muito bonita profissão, era a profissão que (F1.19.5) eu queria desde pequena, quer dizer se eu continuar o meu estudo, quer dizer eu (F1.19.6) nunca mudei a minha cabeça sabe, de querer tentar fazer outra coisa, o meu (F1.19.7) pensamento sempre foi esse. Esse meu professor desse ano agora, eu tenho a (F1.19.8) maior admiração por ele porque ele é muito paciente, muito paciente, ele é muito (F1.19.9) paciente com as pessoa, aliás, ele trata todo mundo do mesmo jeito, sabe? Não (F1.19.10) tem esse negócio de dizer aquele ali é o meu preferido, sabe. É uma pessoa (F1.19.11) demais. Aliás, ele já mandou um bocado de recado pra mim, que eu fosse lá, pra (F1.19.12) ver o que tava acontecendo, várias vezes, eu já falei pra ele que estava com (F1.19.13) vontade de desistir porque eu chegava na sala com um bocado de problema e (F1.19.14) ficava chorando na sala, eu ia e não escrevia nada, ficava só olhando, sabe? (F1.19.15) Então eu fiquei mais sem vontade, aí um tempo parei e ele mandou um bocado (F1.19.16) de recado já pelas colega, dizendo que eu fosse pra aula, não desistisse não. (F1.19.17) Várias vezes, ele falou: “minha filha, você não desista! Não é porque você tem (F1.19.18) mais de 30 anos que vai desistir não, veja o exemplo do P.”, é um home que (F1.19.19) tem lá, “você faça sempre cópia”, eu entrei de férias e ele mandou eu fazer (F1.19.20) cópia. Aí quando eu chegava em casa, já passava o dia trabalhando, aí juntava o (F1.19.21) cansaço com os problema na cabeça, né e aí não tinha vontade de fazer. Mas aí (F1.19.22) quando foi no começo, começo que eu comecei, né. Era assim uma vontade tão (F1.19.23) grande de estudar, era uma força de vontade medonha, eu não faltava nem um (F1.19.24) dia, fazia meu dever. Aí neste ano, eu tava indo duas, três vezes -só na semana, (F1.19.25) com estes problema na cabeça pra resolver, atrapalhou tudo. Mas esse ano, eu (F1.19.26) vou continuar.

E a senhora falou que estava com alguns problemas na família que atrapalharam os estudos. A senhora pode falar um pouco sobre estes problemas?

F1.20: (F1.20.1) É foi com o meu filho lá no interior. Ele tava com, tava lá com a minha (F1.20.2) mãe e com a minha irmã, aí fazia bem um ano que o meu pai tinha morrido, né? (F1.20.3) Aí, o meu irmão levou ela pra lá, minha mãe, tava muito doente, até hoje ela (F1.20.4) ainda ta doente, aí quando dá fé, depois ela ligou pra mim dizendo que eu tinha (F1.20.5) que arranjar um canto pra botar meus filho, aí eu tava sem saber o que fizesse, aí (F1.20.6) eu peguei o P. e trouxe ora morar com o pai dele, ele foi morar com o pai dele, (F1.20.7) ele nunca tinha dado nada a ele, né? Aí eu disse “Marcos, você vai ter que ficar (F1.20.8) com o P.”, aí ele disse “por que?, por que é que ta acontecendo isso?”, eu disse (F1.20.9) “eu não to conseguindo nem trabalhar com a minha cabeça cheia de problema”, (F1.20.10) aí ele “traga ele pra cá”. O menino passou quatro mês com ele, acredita quatro (F1.20.11) mês? Foi horrível! Qualquer coisinha que o menino, por exemplo dinheiro, se (F1.20.12) chegava com a metade do dinheiro, porque ele inventou uns din-din lá pra ele (F1.20.13) vender, apanhava! Aí eu não agüentei não, além de tudo ele nem tomava conta (F1.20.14) dele, a avó dele é quem tomava, aí ainda levava dinheiro pra comprar, inteirar as (F1.20.15) coisa, ele tava com o menino só pra como é que se diz? Pra dar um apoio moral, (F1.20.16) né? Apoio de pai, né? Porque ele nunca teve! aí ele não conseguiu. Consegui (F1.20.17) foi apiorar o menino, o menino ficou numa revolta terrível, o menino até hoje (F1.20.18) ele tem medo dele. Aí eu peguei e levei o menino de volta, quando eu chego lá,

(F1.20.19) a minha irmã disse “não, não dá certo não, não dá certo porque o P. é muito (F1.20.20) zangado e ele vai começar a brigar com o R.”, esse que é o marido dela, né? Ela (F1.20.21) ta morando com o marido dela e com a minha mãe, minha mãe ta morando na (F1.20.22) casa dela, né. Aí tem dois salário, que é o do meu pai que ficou e o dela, são (F1.20.23) dois salários mínimo. Ela disse “não, não dá certo não, o A. tudo bem, mas o (F1.20.24) P.não”, o A. é o mais novo, que é obediente, mas o P. não. Aí eu arranjei uma (F1.20.25) casa lá, botei uma mulher pra cuidar, aí ela botou o marido dentro de casa, o (F1.20.26) irmão, quer dizer foi cinco pessoa, né, haja comida! Usando água e luz e quando (F1.20.27) chegava a hora de pagar... levava a feira e os menino ainda tava passando fome! (F1.20.28) Aí a minha cabeça com isso tudo, não dava pra estudo, tava trabalhando a força (F1.20.29) mesmo porque trabalhar a gente não pode parar, né? Aí eu cheguei a parar de (F1.20.30) vez mesmo de ir pro colégio porque eu tava indo assim dois dia sim, três dia (F1.20.31) não, dois sim, três não. Aí depois, eu vi que não tava dando certo com a mulher (F1.20.32) lá, né, porque tudo era comigo, aí eu peguei, falei com a minha ex-sogra que já (F1.20.33) morreu, né? E trouxe eles pra cá, tudin, aí a minha filha, a minha sogra tava (F1.20.34) bem pertinho de morrer já né, porque ave Maria, minha filha quase morreu de (F1.20.35) sofrer. Aí eu botei ela lá na minha casa, que é a minha né, que eu tinha feito pra (F1.20.36) mim morar com o M. e com a M., aí começamo a morar lá, a filha dela tomou (F1.20.37) de conta da casa, a filha dela mais nova, aí eu morava no quintal, sendo (F1.20.38) humilhada pelo povo, aí eu não agüentei mais, parei de vez de ir pro colégio, (F1.20.39) mandei até dizer pro V. que não ia mais pra aula. Mesmo pra todo mundo, sabe (F1.20.40) todo mundo dizia pra eu não parar de vez, mas eu não tinha condição com muito (F1.20.41) problema na cabeça, tem que ter a cabeça muito... pra continuar a estudar, aí (F1.20.42) perguntavam “por que é que tu parou?”, “Parei porque eu não agüentei”. Não (F1.20.43) adiantava ir pra aula e ficar lá só inventando que tava escrevendo.

A senhora participa de algum grupo na comunidade? De alguma igreja?

F1.21: (F1.21.1) Por enquanto, eu não to participando de nada não, nada, nada. Muito antes (F1.21.2) de isso acontecer, eu sempre ia à missa, sabe?

Aqui?

F1.22: (F1.22.1) Eu ia no interior. Eu to muito afastada..

A senhora tem mais contato com a vizinhança daqui ou com a de lá?

F1.23: (F1.23.1) De lá, com as pessoa que são de lá, sabe, o pessoal daqui da rua com (F1.23.2) nenhum eu falo.

Mais alguma coisa que a senhora queria falar?

F1.24: (F1.24.1) Não, não.

Sr^a F, sexo feminino, 35 anos.

2^a entrevista – 06/03/06

D. Antônia, a senhora tinha me falado da vez passada que pensava que nem ia mais aprender porque já tinha estudado quando era criança e não pôde continuar, aí a senhora achava que depois de adulta não poderia mais aprender?

F2.1: (F2.1.1) É porque de muito tempo, né, eu tô tendo problema né, muita coisa pra (F2.1.2) resolver no trabalho porque quando você é criança é diferente, né, porque é só (F2.1.3) estudo né, aí depois que a gente cresce, aí vem trabalho, vem filho e preocupação (F2.1.4) né e fica mais difícil, fica muito difícil... e também aqui eu comecei a estudar,

(F2.1.5) comecei com a D. E., aí eu tava indo bem direitinho, todo dia eu ia na hora (F2.1.6) certa, né, aí depois eu passei pro colégio...pro grupo, né? Henriqueta Galeno! Aí (F2.1.7) atrasava, quando dava fé a A. chegava aqui depois de sete horas, sete e meia, ela (F2.1.8) chegava sete e meia, aí eu chegava lá, batendo lá e não deixava eu entrar dizia que (F2.1.9) era por causa da hora, aí eu levei o papel, como é que chama? Declaração! Aí ela (F2.1.10) demora mais ainda, quando dava fé eu chegava lá oito horas da noite, aí faltava, (F2.1.11) faltava, ia faltando, aí com os problema de casa, quando dava fé os menino ligava (F2.1.12) e dizia que tinha que ir, um ano estudei no Henriqueta, aí comecei o outro ano né (F2.1.13) até o meio do ano e quando foi no meio do ano eu não agüentei mais porque era (F2.1.14) muita coisa na minha cabeça, quando eu chegava lá, ficava sem saber, olhava (F2.1.15) assim, fazia era fechar o caderno, aí não escrevia nada e aí passava o tempo lá só (F2.1.16) pra dizer que tava presente, né, realmente eu acho que não tem... que não tem (F2.1.17) futuro, certo! Eu tinha um pensamento que se eu fosse estudar, que o povo falava (F2.1.18) que nunca é tarde pra começar, né, eu tinha o pensamento que se eu fosse, que (F2.1.19) pudesse dá certo, né, mas aí foi tudo diferente, né!

Mas, durante um tempo deu certo?

F2.1: (F2.2.1) É, aí depois começou este negócio, né, chegando tarde, ela chegando tarde e (F2.2.2) eu faltando aula, aí pedi pra ela, ela não, ele, ele trouxe uma declaração, aí (F2.2.3) deixava eu entrar, aí ela deixou até a menina aqui pra ficar com ele (o filho da patroa), (F2.2.4) né, e a menina se mandava também, né quando eu procurava, foi ali e aí (F2.2.5) pronto, eu com esse problema na minha vida, aí juntou tudo, uma coisa com a (F2.2.6) outra, aí eu não tinha vontade nem de sair de casa, aí pronto tive que parar porque (F2.2.7) agora não dá porque eu vou passar só a metade da semana aqui, né, eu vou pro (F2.2.8) colégio, estudo segunda, terça, mesmo que eu vá estudar quarta, né, aí eu venho (F2.2.9) pra cá, durmo, quinta-feira ainda vou pro Maranguape e nem estudo nem quinta, (F2.2.10) nem sexta, aí adianta ir pro colégio desse jeito, não adianta! Eu não sei se eu vou (F2.2.11) ficar aqui, eu vou pegar, vou me matricular no colégio, e quando chegar lá pro (F2.2.12) meio do ano é capaz até dela me dizer que não dá mais me pagar nem o que ela tá (F2.2.13) me pagando agora, aí eu tenho que parar de novo.

Da outra vez também, você me falou que tinha um sonho que era ser professora e como é que fica este sonho?

F2.3: (F2.3.1) Eu pensei assim, em ser professora de adulto, sabe, porque eu tenho (F2.3.2) paciência, mas eu tenho paciência até um certo ponto, mas se eu fosse professora (F2.3.3) de criança, eu acho que não dava não pra mim, porque eu vivo assim cuidando, (F2.3.4) cuidei desse menino, cuidei dos meu, aí eu não tenho mais paciência não.

E por que ser professora?

F2.4: (F2.4.1) Porque é muito bom, porque quando a pessoa, né, por exemplo a Dona E., (F2.4.2) ela ensinou muito, né, as pessoa que estudou com ela, certo, não sabiam nada, né e (F2.4.3) foi tudo alfabetizado, eu acho que é muito bom ser professora.

Por que você ajuda os outros a aprender?

F2.5: (F2.5.1) Pois é, eu acho que eu aprendi, né, muita coisa com ela, né, e também lá no (F2.5.2) colégio Henriqueta também eu aprendi muita coisa, né, por esses anos que eu (F2.5.3) passei lá, agora esse ano que eu passei só até o meio do ano, não tem futuro não, (F2.5.4) porque eu ia só por ir, aí tinha problema na minha cabeça. Quando dava fé eu tava (F2.5.5) lá chorando, pensando. O sonho de ser professora eu acho que se foi, né?

Mas se foi por um tempo ou se foi para sempre?

F2.6: (F2.6.1) Mulher, eu não tenho mais esperança não, eu não tenho mais esperança não!
 (F2.6.2) Eu acho assim que pra gente ser professora tem que estudar muito, né, tem que
 (F2.6.3) estudar muito e tem que ter muita paciência e paciência é o que eu não tô tendo
 (F2.6.4) mais, né, um fala uma coisa e outro fala outra e aí a gente fica sem paciência, aí eu
 (F2.6.5) chego aqui no trabalho, do mesmo jeito! Um fala uma coisa. Outro fala outra, lá
 (F2.6.6) vem o problema das coisa, que eu sei que todo mundo tem problema, né, mas a
 (F2.6.7) gente não se acostuma com os problema, é muito difícil a gente se acostumar. Aí
 (F2.6.8) eu tava pensando em ir me inscrever de novo, aí tem um emprego que lá pro lado
 (F2.6.9) da Aldeota, eu não vou tomar a vaga de outra pessoa, né, que esteja lá e não ir. E ir
 (F2.6.10) só a metade da semana, tem condição? Não tem! Vou segunda, terça e quarta,
 (F2.6.11) três dias, aí faltou dois dias.

Neste momento tá difícil.

F2.7: (F2.7.1) Difícil demais.

E no momento em que você começou, como é que tava a sua cabeça, a sua vida? Assim que você começou lá com a Dona E.?

F2.8: (F2.8.1) Tava bem, tava muito bem, eu aprendi, aprendi muito, quando eu estudava
 (F2.8.2) lá, aí tem uma colega minha que estudava lá....como é o nome dela? (neste, (F2.8.3)
 momento, chega a patroa da entrevistada e nos cumprimenta, ela voltou mais cedo (F2.8.4)
 do trabalho inesperadamente porque estava doente e a entrevistada preferiu interromper a
 entrevista.)

Você não pode continuar não, né?

F2.9: (F2.9.1) Não sei, acho melhor depois.

Sr^a F., sexo feminino, 35 anos.

2^a entrevista- continuação - 23/03/06

Você tinha me falado que antes pensava que um adulto não poderia aprender a ler e escrever depois de grande, que só aprendia quando era criança, aí você começou a estudar, aprendeu que poderia aprender e despertou até um sonho antigo que você tinha que era o sonho de ser professora. Como é que foi essa mudança de achar que nem podia aprender a ler e escrever até sonhar novamente em ser professora?

F2.10: (F2.10.1) É, porque muitas pessoa me deu conselho, principalmente a minha (F2.10.2)
 primeira professora, a D. E., né, eu dizia a ela que achava que não ia mais porque (F2.10.3)
 não ia aprender e ela me deu força, aí eu pensei vou continuar porque pode ser (F2.10.4) que
 um dia eu realize o meu sonho que eu tenho, quem não tem, né? Aí veio essa (F2.10.5)
 história agora que disseram pra mim que o professor mandou um recado pra mim, (F2.10.6) a
 menina hoje, foi hoje? Foi, não, foi ontem de manhã, a minha colega passou lá (F2.10.7) e
 me chamou, tá até estudando, né, ela nunca desistiu, ela que dizia que ia (F2.10.8) e quem
 desistiu fui eu, aí eu terminei desistindo, aí ela disse assim: “A., vem cá! (F2.10.9) É porque
 o professor Vinícius é todo tempo perguntando por ti, aí eu disse pra (F2.10.10) ele que tu
 não ia estudar mais não.” Aí eu pensei bem, sabe, eu acho que eu vou (F2.10.11) ficar por
 aqui mesmo e vou estudar estes três dias, segunda, terça e quarta, mas (F2.10.12) aí eu tô
 pensando já, se eu entrar nesse emprego (nova proposta de trabalho que (F2.10.13) recebeu
 em um bairro distante da escola) não vai dar mais pra mim estudar lá (F2.10.14) porque é lá
 no Bairro de Fátima, aí eu tô pensando bem se eu for pra lá mesmo, (F2.10.15) eu vou
 procurar lá porque em todo canto tem, né, aí chegar lá eu vou continuar, (F2.10.16) né,
 porque assim a gente estudando, a gente passa o dia trabalhando e vai (F2.10.17) estudar a

noite, aí os problema fica tudo de lado, não dá tempo nem da gente (F2.10.18) pensar, né, nos problema, aí continuar, né, porque a pessoa sem estudo não é (F2.10.19) nada, eu já perdi de... várias coisa por causa disso, emprego que eu já perdi.

Já te chamaram e não deu certo?

F2.11: (F2.11.1) Sim, porque aqui em Maranguape mesmo, eu já fui chamada várias vezes, (F2.11.2) desde muito tempo, essa história, desde que eu tinha dezoito anos, apareceu (F2.11.3) emprego bom pra mim, aí perguntavam “Você tem o segundo grau?” ou “Pelo (F2.11.4) menos o primeiro?” Eu não tinha! E aí o que é que adiantava? Eu não tinha (F2.12.5) estudado.

E isso aconteceu várias vezes?

F2.12: (F2.12.1) Várias vezes e agora mesmo, né, a minha colega disse que ia arranjar (F2.12.2) emprego pra mim lá na dakota, fábrica de calçado, ela chegou: “Mulher, eu vou (F2.12.3) arrumar um emprego pra tu, mas tem que ter o segundo grau”. Aí outra vez, eu (F2.12.4) tava agora gostando de um rapaz lá em Fortaleza e ele tava trabalhando num (F2.12.5) negócio lá e ele disse que ia arranjar um emprego pra mim e eu disse pra ele que (F2.12.6) tinha terminado os estudo. Tu acredita que eu menti pra ele? Ele disse assim: “A. (F2.12.7) eu vou arrumar um emprego pra ti lá!”, não sei onde era, ele era gerente lá, era (F2.12.8) gerente, eu não sei se agora ainda tá não, aí “Eu vou arranjar um emprego pra ti (F2.12.9) de recepcionista”, aí ele pensava que eu tinha terminado os estudo, pensava assim (F2.12.10) que eu tava trabalhando na casa da Ana porque não tinha, né, não tinha outra (F2.12.11) oportunidade, você acredita que eu não disse pra ele que não tinha terminado os (F2.12.12) estudo, eu não sei, com vergonha mesmo! Pra ele era muito fácil arrumar (F2.12.13) emprego, aí eu disse: “Não, eu não vou sair não porque eu tô lá na minha prima, (F2.12.14) ela é muito boa pra mim.”

Você teve vergonha de falar?

F2.13: (F2.13.1) Foi, tive né.

Por quê? O que significava dizer que não tinha terminado os estudos?

F2.14: (F2.14.1) Não sei. Não sei porque que eu, porque eu não era pra ter vergonha, era (F2.14.2) pra ter dito, né, eu achava assim que ele tinha estudo e tudo, né, era...ele não ia (F2.14.3) aceitar, né, ficar comigo, besteira minha mesmo! Era pra ter dito pra ele que não (F2.14.4) tinha terminado, “Não, não arrume emprego pra mim não porque não terminei! (F2.14.5) Não posso!” Aí eu fico meio, aliás, eu tenho vergonha sabe de falar, eu tô falando (F2.14.6) pra ti porque... mas eu não gosto não, eu digo “Não, eu já terminei!” Às vez, eu (F2.14.7) fico até assim, sabe! Eu cheguei na, um emprego lá, nem e disse eu tenho até a (F2.14.8) oitava. Quando eu era criança, né, era assim porque o meu pai botava a gente no (F2.14.9) colégio, quando dava fé, o pai dizia assim: “Eu vou embora! Arrumei outra (F2.14.10) morada!” Lá se vai a gente embora, aí lá se vai a gente sair do colégio e arrumar (F2.14.11) outro colégio, outras vez é porque o colégio era muito longe e ele tinha medo (F2.14.12) de deixar a gente ir: “Não, não vão não porque é muito longe!” aí quando foi (F2.14.13) depois...

E a senhora aprendeu alguma coisa quando era criança?

F2.15: (F2.15.1) Aprendi pouco, muito pouco. Pra falar a verdade, agora, eu não aprendi (F2.15.2) essas coisa, sabe, mas aprendi, a minha dificuldade mesmo é na escrita, né que (F2.15.3) chamam escrita, tenho dificuldade. Eu não sei porque eu consigo ler tudo, tudo, (F2.15.4) tudo, mas quando eu vou fazer uma carta, eu me atrapalho.

E quando você era criança que tava numa fazenda, numa morada e o seu pai dizia “Vocês vão ter que sair da escola e morar em outro local!” ou então chegava num local

que a escola era longe e ele não deixava vocês ir, como é que você se sentia quando era criança e não podia estudar?

F2.16: (F2.16.1) Eu sentia muito, sentia aquela tristeza (se emociona), mas era o jeito.

Nesta época, você também trabalhava, né?

F2.17: (F2.17.1) Trabalhava muito, muito, muito!

E o trabalho também atrapalhava o estudo?

F2.18: (F2.18.1) Atrapalhava. Atrapalhava porque assim quando eu fui pra fazenda lá (se emociona). (F2.18.2) Eu tô meio deprimida! (segura o choro). Sim, quando eu morava lá na (F2.18.3) fazenda, tinha a dona da casa, aí ele chegava e dizia: “A., você vai ter que sair do (F2.18.4) colégio!” E esse negócio era só comigo, os outro não estudaram porque não (F2.18.5) queria, certo, o L. não estudou porque não queria, mas só a pessoa indicada, eu (F2.18.6) acho que era porque eu era uma pessoa muito esperta, ele achava que se falasse (F2.18.7) comigo pra fazer aquilo, eu fazia né, e os outro, aí a minha irmã era, muito nova (F2.18.8) foi pra Fortaleza, pra casa da minha tia lá, ficou lá no mar de rosas e eu no (F2.18.9) interior, só com o pai, o L. era preguiçoso (risos), não queria ir pro colégio e nem (F2.18.10) queria trabalhar. Aí ele lá não estudava. Sim, não tinha colégio à noite no tempo (F2.18.11) que nós morava lá, só tinha de dia, ou de manhã ou de tarde, quando eu tava (F2.18.12) animada no colégio, acontecia isso nera, comprava um caderno pequeno pra nós (F2.18.13) e nós todo interessado, a gente ia, os menino ia no começo, aí depois faltava, e (F2.18.14) nem todo dia ia, os menino, ele tirava os menino do colégio, eles nem sentia, os (F2.18.15) meus irmão, mas eu... Aí eu fui lá pra casa dessa mulher, trabalhava o dia todin (F2.18.16) lá, à noite não podia estudar porque não tinha, lá eu era tão humilhada lá, eu lá (F2.18.17) fazia comida, eu com onze ano de idade, tu acha! 10, 11 anos, eu tinha idade de (F2.18.18) fazer comida? De fazer tudo? Não tinha! Aí queimava as coisa e ela se danava (F2.18.19) comigo. Um dia, mulher, ela jogou foi uma panela de caroço de jaca nos meus (F2.18.20) pés, com raiva porque eu tinha deixado queimar. Eu cozinhava, eu varria, eu (F2.18.21) lavava, fazia tudo! Aí nós se mudamo pra outro canto, nesse mesmo canto eu (F2.18.22) tinha que trabalhar também na casa dessa pessoa, aí tinha a casa e tinha também (F2.18.23) uma mercearia, lá se vai eu trabalhar lá feito uma....não tinha tempo, né.

E não sobrava tempo pra escola?

F2.19: (F2.19.1) Eu não ia porque não tinha tempo, o trabalho tomava o meu tempo todo, (F2.19.2) todo, não tinha folga. Aí pra que é que eu ia dizer que ia, eu ia estudar só em casa (F2.19.3) e eu aprendia alguma coisa? Não ia. Aí foi do mesmo jeito, o pai ficava doente, (F2.19.4) além deu trabalhar lá, eu ficava cuidando lá dos gado, pra tu ver, pegava as coisa, (F2.19.5) cortava, forrava lá, botava no motor e dava pros gado, ia buscar os gado no mato (F2.19.6) sozinha, era assim tipo um... E o meu irmão que eu ia direto folgado? Eu dizia (F2.19.7) “L., vai buscar o gado porque senão amanhã não tem leite pra gente!”, aí ele não (F2.19.8) ia, quem ia era eu, o pai doente, o pai só vivia doente, sabe? Eu acho que era (F2.19.9) aquele cigarro que ele fumava, pegava umas gripe que só faltava não ficar bom. (F2.19.10) Aí eu não tinha tempo pra nada mesmo não! Aí ele plantava e quando ele (F2.19.11) plantava, eu tinha que ajudar a ele a limpar o mato, a plantar o milho e o feijão, (F2.19.12) eu não tinha tempo pra nada. Quando era de noite, nem que tivesse colégio à (F2.19.13) noite, eu não tinha coragem né, porque quando é uma pessoa adulta, a pessoa (F2.19.14) diz assim “eu vou fazer aquilo”, faz mesmo, né, mas quando a pessoa é criança (F2.19.15) não tem aquela coragem, diz “Não, eu tô cansada, eu não vou!”. Com a dona E. (F2.19.16) eu estudei seis mês, aí nós recebemo até o diploma, sabe? Aí depois eu estudei (F2.19.17) mais um ano no colégio lá, foi um ano, aí estudei mais seis mês lá de novo, aí eu

(F2.19.18) parei, parei de ir pro colégio, eu mudei até de casa, quando dava fé tava lá os
 (F2.19.19) meus filho com problema, problema de dinheiro, quando não era a Ana chegava
 (F2.19.20) tarde, aí não dava mais tempo, aí o marido dela arrumou até um papel pra mim
 (F2.19.21) entrar mais tarde, uma declaração, aí eu entrava, aí quando era depois chegava
 (F2.19.22) mais tarde ainda, certo, aí não dava pra eu sair oito horas de casa pra ir pro
 (F2.19.23) colégio e o colégio era pra entrar até sete e meia, no máximo até sete e meia, aí
 (F2.19.24) eu fui me desgostando...

Diferente do começo, quando você falou que tava muito empolgada.

F2.20: (F2.20.1) No começo tava porque ela (a patroa) me dava a maior força, me dava a
 (F2.20.2) maior força mesmo, eu não sei o que foi que aconteceu, chegava cedo, quando
 (F2.20.3) não era mandava aquela filha dela ficar com o menino, né, e eu ia pro colégio
 (F2.20.4) normal, cedo mesmo, mas depois foi que começou a história, eu chegava tarde e
 (F2.20.5) depois chegava mais tarde, ligava dizendo que não dava pra chegar cedo em casa,
 (F2.20.6) que ia chegar atrasada e que eu ia ter que faltar, aí eu fui me desgostando porque
 (F2.20.7) quando eu tava fazendo prova, ela não chegava, aí quando era no outro dia tinha
 (F2.20.8) que fazer um monte de prova, tudo de uma vez, as prova que era pra ter feito num
 (F2.20.9) dia, fazia tudo no outro, aí juntava, como é que eu podia continuar? Ficava mais
 (F2.20.10) difícil!

Então mais uma vez você entrou na escola, quando era criança entrava e não podia ir porque tinha que trabalhar e agora novamente o trabalho está atrapalhando a escola.

F2.21: (F2.21.1) Exatamente. (se emociona)

E hoje como você está, você falou que no começo estava muito empolgada, muito disposta a aprender coisas novas. Falou que não bastava só ser alfabetizada, que tinha que ir mais adiante, até pra realizar o sonho de ser professora.

F2.22: (F2.22.1) É e até pra ter um trabalho bom, né?

E todas essas dificuldades atrapalharam os seus estudos. Você falou que tá com muita dificuldades, familiares e não poder estudar é mais um problema que está lhe afetando de que forma?

F2.23: (F2.23.1) É o problema pior! (chora)

Você queria muito poder estudar?

F2.24: (F2.24.1) Queria por causa do trabalho, pra arranjar um trabalho melhor. Queria né,
 (F2.24.2) mas tem hora que eu acho que não dá mais (choro), não quero desistir totalmente
 (F2.24.3) não, sabe, eu fico nesse emprego mesmo. Eu tava pensando assim, se eu
 (F2.24.4) continuasse lá na A., eu ia, continuar lá pra continuar estudando, sabe, aí esse
 (F2.24.5) negócio, né, que tirou a metade da minha semana (a patroa reduziu seu salário
 (F2.24.6) quase pela metade e ela passou a trabalhar só 3 dias na semana, viajando em
 (F2.24.7) seguida para o interior), aí eu vou estudar três dias lá e quando for dia de prova,
 (F2.24.8) eu vou ficar lá onde? Eu vou ficar lá na casa dela, trabalhando de graça? Eu falei
 (F2.24.9) com a D. minha colega, sabe, lá perto de casa, ela disse aprendeu muita coisa.
 (F2.24.10) Mulher, fico invocada, sabe, porque ela dizia que ia desistir e só vivia faltando,
 (F2.24.11) sabe, eu ia e ela faltava, eu chamava e ela dizia que não ia, agora, aí pro final,
 (F2.24.12) ela passava lá, me chamava e eu dizia que não ia, que não tava com cabeça pra
 (F2.24.13) ir sabe, quando não era, a A. não chegou, eu vou esperar que a A. chegue... Eu
 (F2.24.14) não sei os problema que ela tem, que ela tem muito problema também, que ela
 (F2.24.15) se trata, sabe. Aí eu não sei se vai dar pra mim continuar.

Vai depender muito do seu trabalho, né.

F2.25: (F2.25.1) É, eu já tenho 36 anos, né, aí se eu começar agora, eu tava pensando um (F2.25.2) dia desse se eu começasse com 36, eu ia terminar com quanto? Agora tem um (F2.25.3) negócio aí que a gente faz logo os três anos, né, aí eu tava querendo ir pra isso aí (F2.25.4) né, porque é os três anos, se for assim, né, agora se for começar estudando do (F2.25.5) zero não dá, sempre eles querem começar do zero, eu tava pensando assim se (F2.25.6) fosse pra fazer os três anos junto, né, se eu tivesse um emprego assim que eu (F2.25.7) pudesse falar com a minha patroa pra eu continuar estudando, certo, tudo (F2.25.8) direitinho, em dezembro, né, se eu não ficasse faltando porque eu acho assim, (F2.25.9) que estudo é assim, a gente tem que, ali é que nem um trabalho, se você entra (F2.25.10) você tem que tá ali todo dia, certo.

O compromisso?

F2.26: (F2.26.1) É um compromisso, né, no trabalho a gente tem que tá todo dia, né, eu (F2.26.2) acho que o estudo também é do mesmo jeito, certo. Aí quando chega o dia das (F2.26.3) prova, se você não estudou todo dia, se você faltou uma semana, duas, você não (F2.26.4) omplica? Você não sabe de nada, né, aí eu faltar uma semana e aí quando eu ia (F2.26.5) fazer as prova fica tudo mais difícil. Ó, quando eu estudava com a D. Eridan eu (F2.26.6) passei 6 mes, lá a gente podia entrar mais tarde, até oito hora, às vezes eu tava no (F2.26.7) emprego, aí sete horas vai pro colégio, e podia entrar até oito hora lá, deu certo, (F2.26.8) né, agora no colégio não, a gente tem horário pra entrar, é que nem eu digo, é que (F2.26.9) nem um trabalho, se você não chega no horário, você não entra, você não entra na (F2.26.10) firma, né, é aquele horário que a pessoa marcou, lá era assim mesmo, eu (F2.26.11) chegava lá era mais de sete e meia, aí “Hoje não entra, certo!”, “hoje, não dá pra (F2.26.12) você entrar porque já tá passando da hora, ordem é ordem!” Certo né, também (F2.26.13) ele não tinha culpa, né, ele já era mandado por outra pessoa. É, se for pra mim (F2.26.14) continuar pra começar do zero, eu prefiro não continuar! Eu acho assim que eu (F2.26.15) já sei muito, já sei muito, né, eu tenho que ir adiante, mais adiante ainda porque (F2.26.16) o pessoal diz que nunca é tarde pra pessoa aprender, né, eu estudava com a D. (F2.26.17) Eridan e tinha um senhor de idade lá, aí ele era muito dedicado, sabe, todo dia (F2.26.18) ele tava, não tinha um dia que ele faltava, não tinha um dia, e o esposo da D. (F2.26.19) Eridan, ele estudava com ela e ele é muito bom!

E você se sentia como sendo estudante, podendo estar estudando?

F2.27: (F2.27.1) No começo que eu entrei lá, eu achava tão bom, foi um tempo bom, aí não (F2.27.2) sei o que foi, começou as dificuldade de novo, né, aí eu já vi que não é pra mim (F2.27.3) mesmo não, sabe! Eu não tive sorte com homem, né, não tive sorte com marido, (F2.27.4) emprego, desde o começo que é desse jeito e é porque eu não tive, não foi nem (F2.27.5) falta de vontade porque os meus irmão pode dizer que não foram porque não (F2.27.6) quiseram, né, tudin, a S., mais velha do que eu, ela foi lá pra A., passou nove (F2.27.7) ano lá, cuidava daquela menina e aí começou a estudar, pra tu ver o desinteresse (F2.27.8) dela também viu, ela não tinha interesse quando ela era pequena e quando era (F2.27.9) grande do mesmo jeito, ela dizia que ia pro colégio e ia namorar, se fosse assim, (F2.27.10) eu tinha feito do mesmo jeito, né, mas todo dia eu ia pro colégio, vestia a minha (F2.27.11) farda e eu ia pro colégio, eu só não ia no dia que não dava certo, que tinha (F2.27.12) alguma coisa, acontecia alguma coisa. E com todas essas dificuldade você fica, (F2.27.13) não tem mais aquela vontade e termina desistindo, você vê aquela coisa difícil, (F2.27.14) eu sei que na vida tudo é difícil, certo? E pra começar, nós não começamo a (F2.27.15) estudar quando era nova não porque toda criança com três ano já começa, né, (F2.27.16) dois, três ano, né, nós começamo a estudar depois de muito tempo e é porque a

(F2.27.17) gente insistia muito com o pai, sabe, eu tô culpando ele não sabe, eu não tô
 (F2.27.18) culpando ele não porque ele sempre morou nas propriedade dos outro, né, ele
 (F2.27.19) sempre foi sujeito a, a trabalhar e nós tinha que ajudar ele, certo, eu não tô
 (F2.27.20) culpando ele não e o... esse ano mesmo eu tô pensando ainda, se eu vou pra esse
 (F2.27.21) emprego a semana todinha e falar com o pessoal porque em todo canto tem, né,
 (F2.27.22) pra continuar, é bom porque, assim, a gente aprende e por outro lado porque a
 (F2.27.23) gente se distrai, não fica pensando bobagem, né, passa o dia trabalhando e de
 (F2.27.24) noite vai estudar, e quando chega não dá tempo nem de pensar nada, chega
 (F2.27.25) cansada, né, pelo menos eu tô fazendo alguma coisa.

E este período que você estava estudando e tava dando tudo certo pra este tempo antes de você estudar, o que mudou? Antes de você estudar, antes da D. E. ir lá e conversar contigo, você só trabalhava, né, não estudava, morava lá, mas só trabalhava, o que você pensava em relação ao estudo?

F2.28: (F2.28.1) Eu pensava assim, que eu não tinha pensado ainda sabe, aí quando a D.
 (F2.28.2) E. foi lá, me deu maior força, aí ela fez minha cabeça, né, aí eu fui, aí a A. disse
 (F2.28.3) “Vá, vai estudar porque nunca é tarde pra gente aprender! Nunca é tarde pra
 (F2.28.4) nada!” Aí eu fui, né, passei 6 mês, nós fomo até pra receber o diploma, lá no, foi
 (F2.28.5) tão bom! Ela disse “Não, mulher, vai se matricular num colégio” Porque nessa
 (F2.28.6) época ela já estudava no colégio. “Tu não vai matricular não?” Aí eu disse “eu
 (F2.28.7) vou!”, até que eu fiz o EJA I, aí depois que eu entrei pro EJA II, acharam que eu
 (F2.28.8) tava muito adiantada, aí me botaram pro Vinícius.

Como você se sentiu mudando de sala porque tava sabendo mais?

F2.29: (F2.29.1) Eu me senti bem, também porque o professor é ótimo.

Foi uma conquista, né?

F2.30: (F2.30.1) Ele me dava a maior força, aliás ele mandou me dizer que queria me ver
 (F2.30.2) lá, aí eu disse até pra D. eu vou lá, pra e dizer. Eu já tentei arrumar emprego
 (F2.30.3) lá na Vila Manuel Sátiro, mas não tem de um salário, eu não vou sair da casa da
 (F2.30.4) A. eu não vou sair de lá pra ganhar menos ou pra ganhar do mesmo tanto num
 (F2.30.5) pessoal desconhecido, aí é o tempo que eu fico com ela, eu não sei se ela tem
 (F2.30.6) algum problema, ela, tem as pessoa que tem problema e diz que não tá, não quer
 (F2.30.7) dizer, não sei. Porque a exigência já é grande lá e depois que ela tirou esses dois
 (F2.30.8) dia meu foi pior, porque quando eu tava a semana todinha lá, ela não ficava
 (F2.30.9) assim, sabe, agora tu acredita que ela chega, fica olhando as coisa, ela fica
 (F2.30.10) olhando: “Olha faça isso e faça aquilo, aí tu vai e faz, aí vai, aí ninguém limpa
 (F2.30.11) nem quinta, sexta, nem sábado, nem domingo, aí uma casa que fica quinta,
 (F2.30.12) sexta, sábado e domingo sem limpar, como é que fica na segunda-feira? A
 (F2.30.13) poeira e as roupas acumulada, é muita coisa pra fazer, mesmo que eu volte a
 (F2.30.14) estudar lá, eu tenho que arranjar outra coisa pra fazer na quinta e sexta, certo?
 (F2.30.15) Não dá porque segunda-feira eu vou pra lá e chego lá cansada, Quinta tem que
 (F2.30.16) vim pra cá que é hoje e se eu tiver uma faxina pra fazer aqui, eu não tenho que
 (F2.30.17) vim pra cá quarta-feira não? Pra tá aqui na quinta-feira cedo? E se eu tiver na
 (F2.30.18) quinta-feira lá tem coisa pra mim fazer de manhã, aí eu só saio de lá depois que
 (F2.30.19) faço, né, semana passada eu cheguei era quase meio-dia aqui, é pra continuar lá,
 (F2.30.20) não dá, pra continuar lá, estudando, não dá, mesmo que eu queira, que eu tenha
 (F2.30.21) vontade, não vai dar e quando for pra outro canto, eu não sei porque tem muita
 (F2.30.22) gente que bota a gente, né, pode dizer “Não, você vai ter que ficar em casa!”,
 (F2.30.23) pode ter outra dificuldade também: “Eu chego tarde do trabalho”, aí você tem

(F2.30.24) que olhar se tiver criança, né, não dá pra estudar, aqui não dá pra estudar dois (F2.30.25) ia, fica difícil, estudar lá e estudar aqui, não dá, dois dias só, estudo lá e estudo (F2.30.26) aqui, não dá mesmo. Se for por isso sempre tem uma dificuldade no meio.

Vai depender muito de ajeitar o emprego.

F2.31: (F2.31.1) Eu também tenho que falar com as pessoa, né, se vai dar certo!

Mais alguma coisa que você queria falar?

F2.32: (F2.32.1) Eu tô com muita coisa na minha cabeça.

E a preocupação com os filhos?

F2.33: (F2.33.1) É preocupação com filho, é preocupação com dinheiro, é preocupada com (F2.33.2) tudo, porque eu só fiz começar de novo, estudei a metade do ano, terminei nem o (F2.33.3) ano, isso preocupa a pessoa né. Ontem eu tava tão nervosa de um jeito que eu (F2.33.4) tomei uma banda de calmante, hoje do mesmo jeito, tem dia que eu não tomo, (F2.33.5) sabe por que? Porque eu acho que esses comprimido avicia a gente, né? Aí pra (F2.33.6) ficar tomando, a pessoa fica tão viciada de um jeito que no dia que você (F2.33.7) não tomar você se sente mal aí eu tomei agora e fiquei tão tranqüila e hoje do (F2.33.8) mesmo jeito, eu tava tão nervosa, aí quando não é isso, eu pego e faço um chá e (F2.33.9) melhora, pode até pensar que é frescura da pessoa, não, é porque é frescura, é (F2.33.10) porque preocupação demais deixa você doente mesmo, mas agora não dá porque (F2.33.11) a minha mãe vive doente numa cama, depende dos outro pra tudo, né, a minha (F2.33.12) irmã é que recebe os dois dinheiro dela, dois salário, agora eu não posso contar (F2.33.13) com ela pra nada, quem é que recebe dinheiro? Minha irmã, cuida dela e é ela (F2.33.14) quem tem o direito mesmo, é ela que vive cuidando, não é eu que vivo (F2.33.15) cuidando, né, é ela quem tem direito. Taí quando foi nesse tempo, quem viu eu (F2.33.16) gostar de ir pro colégio, foi todo dia eu ia pro colégio chorar, todo dia, chorar, (F2.33.17) aí eu dizia eu acho que eu vou pra casa. Aí minha irmã disse que ia mandar o (F2.33.18) dinheiro da passagem pra eu passar a semana santa lá, ia mandar pros meu (F2.33.19) menino, aí eu tinha que arrumar, tudo é difícil, tudo é difícil pra uma pessoa só, (F2.33.20) né, aí eu fiquei sem cabeça pra nada, quando a gente tem problema na família, (F2.33.21) não tem cabeça pra nada, só pra chorar, eu sei ler de todo jeito, eu sinto vontade (F2.33.22) de ler, aí eu pego um livro pra ler, se eu leio pelo menos umas três folha, é (F2.33.23) muito, sabe, mas porque tem aquelas concentração, eu não me concentro, sabe (F2.33.24) porque pra pessoa ler, ler tem que ter paz de espírito, né e eu não to tendo paz de (F2.33.25) espírito, né, é muita preocupação, e com tudo isso, eu acho que pra pessoa (F2.33.26) estudar mesmo, tem que ter a cabeça bem, pra estudar de novo, mas fica aquela (F2.33.27) história, sabe, da pessoa ter que desistir, eu não vou fazer mais aquilo, é mais (F2.33.28) difícil, certo! Por exemplo se eu disser eu não faço mais isso, eu não faço (F2.33.29) porque tem gente que bebe, né, aí diz “Ah, eu não posso parar porque eu não (F2.33.30) posso parar de beber, eu não consigo”, certo! Mas eu sou uma pessoa boa assim (F2.33.31) de botar na minha cabeça, eu não faço mais isso, se eu fumasse, que eu nunca (F2.33.32) fumei, eu não vou fumar, certo? Aí eu acho assim que eu tenho uma cabeça boa, (F2.33.33) se eu vou insistir, eu vou, se eu digo não vou, eu não vou, certo? Quando eu (F2.33.34) disser que não, desistir mesmo só... que nem relacionamento, né, quando eu (F2.33.35) deixei o Marcos, eu disse eu não vou querer mais o Marcos, tem gente que (F2.33.36) separa e volta de novo, isso não acontece comigo não, não é querendo me (F2.33.37) orgulhar, não, sabe? Nem querendo dizer que eu sou a... mas quando eu digo (F2.33.38) não dá mais certo, até um dia desse eu tava gostando de um cara agora quando (F2.33.39) eu vi que ele bebia e botava boneco, primeira vez que ele começou a botar (F2.33.40) boneco comigo, eu já disse assim não dá mais certo, eu pensei

assim se eu levar (F2.33.41) isso adiante vai ser ruim pra mim depois. Antes, se for mesmo adiante você vai (F2.33.42) se dá bem, aí se não é ruim, não quero mais. Eu digo comigo, mas os outro, eu (F2.33.43) não sei, mas os outro, é os outro, né. Então eu não desisti ainda!
Muito obrigada!

Sr^a F, sexo feminino, 36 anos.
3^a entrevista – 16/05/06

F, de lá pra cá, você teve alguma novidade em relação ao estudo?

F3.1: (F3.1.1) Não, eu não pensei mais.

Preferiu não pensar! Por que?

F3.2: (F3.2.1) Porque não dá certo né, além de ficar três dias aqui, né, aí a A. chega tarde, (F3.2.2) aí eu, não dá pra eu ir mais, se eu me meter a ir lá pro colégio, só me matricular e (F3.2.3) tomar a vaga de outra pessoa, eu prefiro não ir, aí eu decidi que não ia mais.

E como foi tomar esta decisão?

F3.3: (F3.3.1) Foi difícil, né, mas é o jeito tomar né, porque eu acho assim porque se uma (F3.3.2) coisa que não dá pra ir pra frente, aí não adianta tentar, né, não adianta eu ir no (F3.3.3) colégio num dia, dois não, dois dia, um não, porque eu já fico aqui três dias, né, aí (F3.3.4) falto um dia, por exemplo hoje se eu tivesse no colégio já não tinha ido, né (F3.3.5) (a patroa dela chegou tarde), aí tem dia que ela chega tarde, aí pronto, aí não (F3.3.6) adianta eu ir no meio do ano e voltar de novo né, mas aí tem essa situação né, três (F3.3.7) dias não dá certo!

E você continua pensando em conseguir outro trabalho que pudesse dar certo com o estudo?

F3.4: (F3.4.1) Não, aparecer, apareceu, só que eu não queria assim pra trabalhar... como é (F3.4.2) que se diz, eu não, eu já to acostumada muito ali, né, muito acostumada, eu tenho (F3.4.3) medo de entrar em outro emprego porque por aí o pessoal só quer explorar a gente, (F3.4.4) eu sei que lá na A. eu trabalho muito, né, mas eu to acostumada a fazer as coisa, lá (F3.4.5) eu fico só e sabe que por aí o pessoal fica no pé o tempo todo, né, quando eu (F3.4.6) trouxe a M, a pobrezinha vei e passou só três dias e foi se embora.

Por que?

F3.5: (F3.5.1) Não, é porque ela não se acostumou, assim mesmo eu fiquei pensando...

E os outros filhos ficaram lá sozinhos?

F3.6: (F3.6.1) Ficaram, aí eu fico pensando se eu for pra outro emprego, às vezes a pessoa (F3.6.2) também não quer deixar a gente sair pra estudar, né, não chega no horário certo, aí (F3.6.3) eu tive que tomar esta decisão, né. Aí não deu mais, não deu, pronto!

E se as coisas mudassem, você retornaria?

F3.7: (F3.7.1) Eu não sei, se eu chegar lá só pra ficar lá só olhando pro professor, estudo (F3.7.2) um pouco e aí fecho o caderno porque quando a pessoa tá com a cabeça cheia de (F3.7.3) problema né, não tem como e aí também, eu ia um dia, o outro não, um dia, o (F3.7.4) outro não, aí não dá! Eu tô tão perturbada de um jeito que até pra trabalhar lá tá (F3.7.5) difícil, tá horrível, pra tu ver, né que naquele dia eu te falei que eu acordava de (F3.7.6) madrugada, ontem do mesmo jeito, eu me acordo de madrugada e fico até não sei (F3.7.7) que hora acordada, sem conseguir dormir pensando nos problema, de dinheiro, (F3.7.8) porque é muita coisa, sabe? Assim, pra pessoa estudar mesmo, pra passar e tudo,

(F3.7.9) tem que ter a cabeça boa, tem que tá muito despreocupada, né e aí é por isso que (F3.7.10) eu acho que é meio difícil depois, a gente estudar depois de adulto porque quando (F3.7.11) a gente é criança, a gente não tem aqueles problema porque quem tem é mesmo (F3.7.12) que nada! Diferente de quem já tem estudo, já faz curso e tudo, até que é boa, né, (F3.7.13) mas que nem eu que mal comecei, pra mim continuar com os problema o tempo (F3.7.14) todo na minha cabeça, aí eu acho que não é futuro! Eu vou passar o ano todin, o (F3.7.15) resto que vem do meio do ano, vou passar este ano todin indo lá pro colégio, (F3.7.16) cansada, quando chega de noite, eu to tão cansada trabalhando estes três dias na (F3.7.17) A. que eu não tenho coragem pra nada, se eu tivesse... (risos), que por enquanto (F3.7.18) eu não tenho agora, se eu tivesse com namorado, eu acho que não tinha saco nem (F3.7.19) pra namorar, quer dizer adianta eu chegar lá e ficar lá só vendo o pessoal (F3.7.20) estudando e eu com este desinteresse medonho, não adianta!

Isto faz tempo né que tá assim?

F3.8: (F3.8.1) Faz muito tempo, logo quando eu comecei, eu tava bem, tava indo bem, eu (F3.8.2) tava com a minha cabeça mais descansada, aí depois veio aquelas preocupação, fui (F3.8.3) perdendo a vontade, o interesse, aí pronto! Eu ia pro colégio só por ir, você fazer (F3.8.4) uma coisa só por fazer não adianta, né. Pra você fazer uma coisa tem que ter (F3.8.5) vontade pra fazer aquela coisa, tudo o que você vai fazer se você não fizer com (F3.8.6) gosto, não dá, né, tudo, tudo, se você não fizer com boa vontade não sai direito, né, (F3.8.7) é que nem o estudo, eu acho assim se a pessoa não tiver interesse, não adianta, é só (F3.8.8) perda de tempo!

E quando você era criança, você tinha interesse de estudar?

F3.9: (F3.9.1) Quando eu era criança, era diferente né, muito diferente, eu tinha vontade de (F3.9.2) ir pro colégio, tinha interesse, mas era aquilo que eu falei, vivia trabalhando, tinha (F3.9.3) que ajudar o pai, ficava só mudando de colégio, quando dava fé o pai dizia que a (F3.9.4) gente ia embora, “ nós vamo embora daqui!”, antes do meio do ano, ele dizia que (F3.9.5) ia embora, aí eu perdia o ano, saia do colégio, é que nem meus filho, o P., ele tá (F3.9.6) atrasado que só por causa disso também. Aí sempre a gente mudava e quando (F3.9.7) mudava, ele botava a gente de novo no colégio, aí quando botava a gente no (F3.9.8) colégio longe que ele dizia que: “não, não dá pra vocês ir não que é muito longe, é (F3.9.9) perigoso”, aí ele era desse pessoal antifo, né e não deixava a gente ir, aí não dava (F3.9.10) certo, aí ia pra outro canto. Aí chegou um certo tempo que eu tinha 11 anos e a (F3.9.11) gente foi morar numa fazenda, aí quando chegou lá tive que trabalhar, aí não fui (F3.9.12) estudar porque não tinha colégio à noite.

Quando você era criança e não podia estudar porque não tinha colégio à noite e tinha que trabalhar, como é que você se sentia?

F3.10: (F3.10.1) Sentia nada bem né, porque ia trabalhar e não podia estudar à noite porque (F3.10.2) não tinha colégio, me sentia bem não né, aí o que é que eu podia fazer, né? Tinha (F3.10.3) que aceitar as coisas do jeito que era. Bem, só que eu, eu com esses problema (F3.10.4) todo, eu não acho que eu consiga aprender mais nada não.

E desde que você entrou na escola depois de adulta até hoje, o que aprendeu?

F3.11: (F3.11.1) Aprendi um pouco, não aprendi muito, muito não porque lá no colégio (F3.11.2) Henriqueta, aí lá já aprendi menos porque já começaram os problema e eu passei (F3.11.3) um ano até mais ou menos, ia e fazia a tarefa. Sim, e quando chegava o dia das (F3.11.4) prova, lá se vai, ficava faltando, quando era de noite, a minha cabeça tava tão (F3.11.5) cheia de um jeito, cansada que eu ficava faltando direto, faltava, aí depois assim

(F3.11.6) no outro dia eu ia, aí não conseguia recuperar, né, as notas da prova, aí não (F3.11.7) passava.

E modificou alguma coisa em você ter voltado na escola agora depois de adulta?

F3.12: (F3.12.1) No começo, sim, mas depois eu fui perdendo a vontade, eu achava (F3.12.2) assim que com tanto problema que eu tava na minha cabeça, não tinha sentido (F3.12.3) passar o dia todo trabalhando, e quando era de noite vestir a roupa e ir pro (F3.12.4) colégio, ficar lá e não aprendia nada, minha cabeça em outro canto, né, quando (F3.12.5) você já tá com problema, a cabeça já fica em outro canto, né, aí como juntou (F3.12.6) muito problema na minha cabeça não tinha como, mesmo que você esteja (F3.12.7) interessado. O professor falou pra mim “F. se interesse!” , não sei né, fiquei dois (F3.12.8) dias numa boa mesmo e quando dá fé volta, né, chegava lá né, além do cansaço, (F3.12.9) tinha dia que eu chegava lá tão cansada dum jeito que eu ficava dormindo, mas (F3.12.10) foi bom, mesmo com isso foi bom, entrar aí, me animei pra ir, ficar no colégio. (F3.12.11) A dona E. me chamou para ficar indo pra lá três dias, aí quando dá fé não dá pra (F3.12.12) ficar no colégio lá, o horário não dá pra eu ir porque ela só chega em casa (F3.12.13) oito horas, se eu tivesse estudando no colégio, eu ia entrar no colégio depois (F3.12.14) de oito horas da noite?

E na d. E., qual é o horário?

F3.13: (F3.13.1) Lá não tem horário pra chegar não, sabe, mas aí é assim, tem dia que a A. (F3.13.2) chega cedo, tem dia que ela chega tarde, aí quando ela chega eu já to assim, (F3.13.3) irritada mesmo, sabe? De tanto esperar! Aí eu perco a vontade de sair, aí perco (F3.13.4) um dia, né, aí pra tá faltando um dia, dois, não dá, adianta eu ir? O que é que eu (F3.13.5) vou aprender? Nada! É só pra ir!

Ela te convidou, a professora?

F3.14: (F3.14.1) Foi, já hoje ela foi lá me chamar. Já a A. tem dia que chega cedo, tem dia (F3.14.2) que chega tarde de uns tempo pra cá, quando eu ia pro colégio ela chegava cedo, (F3.14.3) aí só dava certo assim se eu fosse estes três dia, né, se eu fosse todo dia, não (F3.14.4) faltasse nem um dia. É cinco dias, né, por semana, aí se você falta três dias, vai só (F3.14.5) dois ou um, aí não adianta, entrar no colégio pra fazer o que? Aí eu tô pensando (F3.14.6) daqui pro meio se ela chegar mais cedo, mas em outro canto... não é todo mundo (F3.14.7) que aceita, nessa mulher que eu tô tirando folga lá da menina, disse logo que não (F3.14.8) dá pra estudar lá, também tem a outra menina. E também a folga lá é sempre de (F3.14.9) quinze em quinze, eu vou só tirar a folga dela, aí não adianta eu ir, eu fico (F3.14.10) doidinha ali, dentro daquele apartamento, eu sou uma pessoa assim que eu gosto (F3.14.11) de ficar livre e também tem os meninos lá no Maranguape que eu tenho que (F3.14.12) ficar todo tempo olhando! O P. tá bem melhor! A M. não quer qualquer (F3.14.13) emprego, tu acha? Pra pessoa começar tem que entrar em uma coisa pouca (F3.14.14) mesmo né, mas adiante vai subindo, ela diz que não quer entrar em qualquer (F3.14.15) emprego.

A senhora falou que quando começou a estudar tava com a cabeça melhor, era tudo mais tranquilo, né e as coisas forma se complicando até chegar o ponto de não pensar mais nem em ir pra escola, mas assim ser estudante agora, depois de adulta modificou alguma coisa em você?

F3.15: (F3.15.1) Eu acho assim, que quando a gente é pequena, a gente tem mais interesse, (F3.15.2) aí? Mas pra começar mesmo, como a gente começou do zero, eu acho assim (F3.15.3) porque no começo, eu tinha muito interesse, sabe? Mas eu acho assim que é uma (F3.15.4) coisa que você pelega, pelega e não consegue. Eu acho que a gente por tá com

(F3.15.5) tanto problema na cabeça, não consegue! Por mais que você queira, não consegue (F3.15.6) de jeito nenhum!

Você me falou que queria ter um emprego melhor! Ainda continua pensando assim?

F3.16: (F3.16.1) Sinceramente, de um tempo pra cá, eu não tinha pensado mais não, sabe, (F3.16.2) eu já pensei, pensei, mas de um tempo pra cá eu não tenho pensado mais não (F3.16.3) porque é tanta coisa na minha cabeça que eu só tô conseguindo trabalhar porque é (F3.16.4) o jeito! Porque é o jeito porque eu tenho que sustentar aqueles meus filho, mas se (F3.16.5) não fosse! Eu posso até ainda pensar né.

No futuro?

F3.17: (F3.17.1) Não, pensei mais não porque eu fico vendo as dificuldade sabe, eu posso (F3.17.2) até tá pensando errado, sabe? Mas eu fico vendo as dificuldades do povo, de (F3.17.3) quem já terminou os estudo.

E você falou que já perdeu algumas oportunidades?

F3.18: (F3.18.1) Pois é, também, né, porque eu acho assim, eu ainda penso ainda que se eu (F3.18.2) tivesse o meu estudo mesmo, tinha muita coisa boa. Eu volto assim, eu penso (F3.18.3) assim, se eu voltar a estudar, aprender a escrever porque eu sei ler, muito ler, (F3.18.4) sabe, mas escrever, eu escrevo pouco, eu tenho vontade só assim de escrever, né (F3.18.5) muito não sabe, terminar o segundo grau já era uma boa. Eu penso assim porque (F3.18.6) eu já tenho 36 anos, fazer aquele curso que a pessoa faz e no instante a pessoa (F3.18.7) termina, né. Aí termino, aí tem a história da faculdade, aí eu não sei se eu vou ter (F3.18.8) paciência de estudar até lá. Adianta você estudar um ano lá, passar um bocado de (F3.18.9) tempo e começar de novo, aí você vai, estuda de novo, aí para, estuda até a (F3.18.10) metade do ano, aí lá se vem problema na sua cabeça de novo porque quando eu (F3.18.11) era pequena, eu não estudava porque tinha aquele problema que o pai vivia se (F3.18.12) mudando e agora é por causa dos meus filho, porque, os meus filho e o trabalho, (F3.18.13) vem a dificuldade logo do trabalho, cansaço porque eu acho que a pessoa (F3.18.14) cansada não consegue nada, passa o dia todin trabalhando e quando chega de (F3.18.15) noite dá um cansaço terrível que você não consegue fazer nada. Três dias, quer (F3.18.16) dizer, eu trabalhando três dias ali, eu tô trabalhando por uma semana, hoje eu (F3.18.17) lavei um monte de roupa, tô morta de cansada, eu não lavei nem a metade ainda, (F3.18.18) a roupa tudo mofada lá, aí quando chega de noite tem condição de você tomar (F3.18.19) um banho, vestir uma roupa, ir pro colégio e quando chegar lá, você ter (F3.18.20) paciência de pegar um livro e estudar, escrever, aí vem o cansaço, vem o sono, (F3.18.21) aí tudo isso faz você perder a vontade, eu posso até voltar a estudar, né, mas só (F3.18.22) se daqui pro meio do ano melhorar alguma coisa pra mim porque do jeito que eu (F3.18.23) tô trabalhando, eu tenho condição não, eu não posso estudar em Maranguape (F3.18.24) porque é só dois dia lá, aí aqui três dias nesta situação.

Você queria aprender a ler e escrever. Qual a importância disso para você?

F3.19: (F3.19.1) Eu acho assim que ler, escrever é muito bom porque mesmo que você não (F3.19.2) arranje um emprego bom, tudo, sabe, eu acho assim que se você quer escrever (F3.19.3) carta pra uma pessoa, certo, aí você não sabe escrever, aí tem que mandar uma (F3.19.4) outra pessoa escrever e é um assunto particular, aí você diz “fulano, escreve essa (F3.19.5) carta pra mim”, aí você tem que dizer tudo ali, eu acho que é uma boa, se você (F3.19.6) quer escrever uma carta, quer escrever um bilhete, uma coisa aí se você não sabe, (F3.19.7) aí tem que mandar uma outra pessoa escrever. Uma carta, se você recebe uma (F3.19.8) carta e você não sabe ler, aí “fulano, leia essa carta aí pra mim”, uma coisa sua e (F3.19.9) você tem que mandar uma outra pessoa fazer, eu acho que a importância de ler e

(F3.19.10) escrever é essa, tirando a pessoa saber ler e escrever, tirando assim negócio de (F3.19.11) emprego, né, que eu acho que também é muito importante um emprego bom! Aí (F3.19.12) você sabendo ler e escrever, eu acho assim quem tem um estudo tem mais (F3.19.13) facilidade porque é uma vergonha, você escrever uma carta, assinar uma folha, (F3.19.14) você não sabe, “não, não sei escrever não”.

O que é que causa vergonha?

F3.20. (F3.20.1) É ser analfabeta. Eu acho que eu desde pequena, sempre tive vontade de (F3.20.2) assim, ir prum canto “assine aquilo”, um documento e eu assinar, a minha mãe (F3.20.3) nunca aprendeu nem a ler e escrever. O pai sabia, o pai escrevia, mas ele não (F3.20.4) terminou os estudo não, ele estudou bem pouquin, mas o pai era muito (F3.20.5) inteligente, ele lia um livro todin se desse um livro todin pra ele ler, ele lia, todin (F3.20.6) mesmo e escrevia bem que só sem ter que tacar o dedo lá pra assinar, eu aprendi (F3.20.7) logo a assinar meu nome. Aí agora eu acho assim que eu não aprendi essas coisa (F3.20.8) toda porque eu não sei escrever direito, eu queria até que alguém explicasse pra (F3.20.9) mim, eu não entendo porque é que eu sei mais ler do que escrever, aí até hoje eu (F3.20.10) tenho essa curiosidade, eu digo assim “eu vou estudar pra mim saber que (F3.20.11) história é essa!” Eu não sei escrever, eu só sei pouca coisa, agora se disser (F3.20.12) assim: “Escreve uma carta !”, eu não sei escrever, agora ler, eu já leio bem, mas (F3.20.13) escrever é mais difícil. A d. E. disse que é porque eu não praticava, a história da (F3.20.14) escrita, né, ela disse que eu não praticava, o professor V. dizia assim, tem um (F3.20.15) bocado de aluno que nem eu lá, né, “faça cópia, faça bastante cópia que você vai (F3.20.16) aprender a escrever e sua letra vai ficar bonita, né”. Só que quando eu chegava (F3.20.17) em casa não me interessava em escrever, pagava o livro e ia ler, só ler, só ler, só (F3.20.18) ler, mais nada, eu acho que é por isso que eu não sei escrever, quando eu era (F3.20.19) pequena do mesmo jeito, na hora de ler eu achava muito bom, mas na hora de (F3.20.20) escrever, eu acho que por isso eu não sei bem escrever...

Daquela época da escola, você tem encontrado os seus colegas?

F3.21. (F3.21.1) Quem? Desse tempo agora?

Da d. E. e do Henriqueta.

F3.22. (F3.22.1) Não, eu não encontrei com eles não, mas a d. E. disse que Seu... tem um (F3.22.2) homem lá que ele tá ensinando, ele aprendeu, ele era tão interessado que ele tava (F3.22.3) ensinando os amigo dele lá de Canindé, o que ele aprendeu lá com a d. E. ele tá (F3.22.4) passando pros amigo dele.

E ele aprendeu agora também?

F3.23. (F3.23.1) Foi, ele aprendeu agora no tempo que eu entrei, ele era tão interessado que (F3.23.2) ele, o pessoal que dizia que, como é que se diz que “papagaio velho não aprende (F3.23.3) a falar”, né? Mas ele aprendeu e aprendeu muito! Ela disse que ele tá ensinando o (F3.23.4) pessoal lá no interior, ele viaja pro Canindé e quando chega lá, fica ensinando o (F3.23.5) pessoal lá e o pessoal diz que a gente só aprende quando é novo, né?

E ele aprendeu!

F3.24. (F3.24.1) Pois é. Quando foi agora uma colega minha, que mora ali, eu tava (F3.24.2) pensando que eu aprendi muita coisa, né e ela estuda e não aprende, eu não (F3.24.3) entendo isso aí, eu acho que é a força de vontade da pessoa, né, se a pessoa tem (F3.24.4) força de vontade aprende!

Quer dizer que é a força de vontade que contribui pra pessoa aprender ou não. Então quer dizer que depende da força de vontade?

F3.25: (F3.25.1) É.

E o exemplo deste senhor mostra que a pessoa pode sim aprender depois de adulto, que o papagaio velho pode aprender a falar?

F3.26: (F3.26.1) Mesmo depois de velho, é o que o povo fala. Mas eu acho que...

Mudou o que a senhora pensava sobre aprender depois de adulto?

F3.27: (F3.27.1) Mudou um bocado de coisa. Hoje eu penso diferente, eu sei lá, eu já tentei (F3.27.2) tanto, sabe! Ler, eu sei, eu sei ler mesmo, mas na hora de escrever eu tenho (F3.27.3) dificuldade. Sim, e também na hora de ler, tu acredita que eu leio melhor pra (F3.27.4) mim, só pra mim, sabe. Se disser “leia aqui pra todo mundo”, eu acho que eu me (F3.27.5) atrapalho. Eu não sei se é vergonha ou é porque eu me atrapalho mesmo. Aí eu (F3.27.6) começo a ler e começo logo a errar, aí eu fico doidinha.

Quando a professora pedia pra você ler na frente de todo mundo, você lia?

F3.28: (F3.28.1) Lia, mas quando era pequeno, quando não era assim um texto bem grande, (F3.28.2) sabe? Eu não conseguia ler em voz alta, aí assim já tinha essa dificuldade (F3.28.3) também, mas ela disse que é só falta de prática, negócio de escrever, ela disse que (F3.28.4) se a pessoa praticar a escrever, a fazer cópia que a pessoa aprende, basta querer, é (F3.28.5) só força de vontade mesmo. Tem dia que vem aquela vontade em mim e ao (F3.28.6) mesmo instante vem aquele esmurecimento, sabe? Aquela coisa que parece que é (F3.28.7) mais forte do que eu, aí pronto eu paro e não faço mais nada, eu vou pra lá, (F3.28.8) escrevo, a minha letra fica bem bonitinha, fico toda interessada, sabe? Aí depois (F3.28.9) eu digo “não dá mais dá certo não!”

Você tá indo de vez em quando pra D. E?

F3.29: (F3.29.1) Tô, de vez em quando eu vou, toda semana, tô voltando aos pouco, pode (F3.29.2) ser que eu consiga!

Não teve vontade de voltar foi pro colégio?

F3.30: (F3.30.1) Tive não e também porque aquela sala que eu estudava, tinha muita gente (F3.30.2) que eu não gostava, tinha muita gente chata, sabe e também tinha aquela história (F3.30.3) de mudar de professor, quando entrou o professor V. até que durou, né, ele ainda (F3.30.4) tá lá, mas era todo tempo mudando de professora, cada professora que entrava, já (F3.30.5) entrava ensinando de outro jeito, você já tá acostumada com uma coisa, aí já (F3.30.6) atrapalha tudo. Eu já tava assim com dois mês com um professor quando dava fé (F3.30.7) chegava outro, eu dizia “vala minha nossa senhora, a professora foi embora e já (F3.30.8) tem outra no lugar dela!” E já chegava ensinando diferente, certo? Aí o que você (F3.30.9) aprendeu com a outra, né já ficava tudo pra trás.

Você disse que desistiu de estudar, mas tá frequentando de vez em quando. Você desistiu de estudar só no colégio?

F3.31: (F3.31.1) É, mas eu não desisti bem ainda não, acho que desistir é desistir (F3.31.2) totalmente, né, dizer assim “eu não vou mais e pronto!”, de vez em quando vem (F3.31.3) aquela vontade, aí eu vou, é que nem uma religião que você tem, né, você diz (F3.31.4) assim “não, não vou mais não”, aí tal dia que dá vontade de ir, aí você vai, eu (F3.31.5) acho que tá desse jeito.

É melhor assim porque não tem aquela obrigação?

F3.32: (F3.32.1) É, porque no colégio todo dia tem que tá ali e no dia que não der certo (F3.32.2) pra eu ir? Aí como é que eu vou, aí eu fico pensando como é que eu vou entrar no (F3.32.3) colégio se é só três dia que eu tô aqui, três dia na semana e no dia que não der (F3.32.4) certo pra ela e chegar tarde, aí eu já vou faltar mais um dia, fica mais difícil!

E é a mesma turma ou outra turma?

F3.33: (F3.33.1) Eu disse pra ela que sempre eu ia lá, mas ela tá ensinando a alfabetização (F3.33.3) de novo, o pessoal que não sabe de nada, mas eu já disse a ela que eu queria (F3.33.4) aprender só mais alguma coisa, o que eu já aprendi lá, eu não sabia não e o que (F3.33.5) eu já sabia, não adiantava eu continuar.

Não está sendo repetitivo não?

F3.34: (F3.34.1) Tá não, ela tá fazendo assim, ela tá ensinando a metade ao pessoal que tá (F3.34.2) menos, que não sabe de quase nada mesmo e quem sabe mais, ela já tá ensinado (F3.34.3) outra coisa.

Então ela tá dando aula pras duas turmas?

F3.35: (F3.35.1) É, aí eu tô tentando, hoje foi um dia que ela chegou lá atrás de mim e não (F3.35.2) tinha aparecido só ninguém, o pessoal não tinha aparecido, é assim vem um dia, (F3.35.3) quando chega a segunda-feira, o pessoal vem na segunda-feira, quando é no outro (F3.35.4) dia já não vão.

E por que é que acontece isso?

F3.36: (F3.36.1) Eu acho que o pessoal não tem interesse mesmo, começa, aí depois se (F3.36.1) desinteressa, são assim que nem eu, né, pensa em ir e aí vai um dia, no outro dia (F3.36.1) já tá sem vontade de ir e aí não vai.

E também é a vida de adulto?

F3.37: (F3.37.1) É, a gente se preocupa com muitas coisas, todos com muito problemas, eu (F3.37.2) acho que é muito problema na cabeça de uma pessoa.

Mas alguma coisa que você queria falar?

F3.38: (F3.38.1) Não, não. Acho que não.